UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS COMPARADOS
DE LITERATURAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

SUILLAN MIGUEZ GONZALEZ

A REDE LITERÁRIA DE TIMOR

São Paulo

2018

SUILLAN MIGUEZ GONZALEZ

A REDE LITERÁRIA DE TIMOR

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para a obtenção do título de Doutora em Letras.

Área de Concentração: Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa.

Orientador: Prof. Dr. Emerson da Cruz Inácio

São Paulo

2018

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

G635r Gonzalez, Suillan
 A Rede Literária de Timor / Suillan Gonzalez ;
 orientador Emerson Inácio. - São Paulo, 2018.
 218 f.

Tese (Doutorado)- Faculdade de Filosofia, Letras
e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo,
Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas. Área
de concentração: Estudos Comparados de Literaturas de
Língua Portuguesa.

1. Timor-Leste. 2. Literatura. I. Inácio,
Emerson, orient. II. Título.

GONZALEZ, S. M. **A Rede Literária de Timor.** Tese apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para a obtenção do título de Doutora em Letras.

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof. Dr.

Instituição:

Julgamento:

Assinatura:

Instituição:

Prof. Dr.

Assinatura:

Julgamento:

Prof. Dr.

Instituição:

Assinatura:

Julgamento:

Prof. Dr.

Instituição:

Assinatura:

Julgamento:

Aos timorenses, poetas de palavras soltas

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais, Rosana Martins Miguez Gonzalez e José Antonio Sanches Gonzalez (*in memoriam*), pelo amor e por já predestinar, na escolha de meu nome, minha relação com a Ásia.

Ao meu marido, Mateus de Sá Barreto Barros, pela parceria e apoio, principalmente, nos momentos de maior angústia e ansiedade.

A minha irmã gêmea, Suellen Miguez Gonzalez, por ser o outro lado da dicotomia e fortaleza dos piores dias.

A Maria Emília, Fernando, Fernando Jr., Cybele, Ester e Eli, família que ganhei, por acrescentarem suas individualidades a minha.

Ao meu sobrinho, Heron Gonzalez Gomes, pelo carinho de sempre.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Emerson da Cruz Inácio, que não se desviou do encontro com Timor e que com muita lucidez se fez mentor.

A minha supervisora, Prof. Dra. Teresa Cunha, pela grata surpresa de ser também Teresa Amal e por me receber em sua rede emancipatória.

Às professoras mexicanas Ana Elena Gonzalez e Irene Artigas por me receberem na Universidad Nacional Autónoma de México – UNAM. E aos mexicanos pelas provas de resistência e politização.

Às instituições UNISAL e FATEC, por permitirem minha breve estada na Universidade de Coimbra.

À CAPES, que por três vezes financiou minhas incursões para primeiro fazer de Timor objeto de estudo, depois apoiar parcialmente a pesquisa doutoral e por último oportunizar o doutorado-sanduíche na Universidade de Coimbra, em Portugal.

Ao PQLP, pela oportunidade de me fazer presente em Timor em programa de cooperação internacional Brasil – Timor-Leste.

Ao INFORDEPE, instituição timorense que me acolheu como professora.

A todos os amigos e alunos timorenses (povo timorense que me povoa) que significaram motivação para meus esforços e conclusão desta tese.

*(...) a procura do que já lá está mas que é uma obscuridade epistemológica
pela sua lógica não-dominante ou, simplesmente, pela incapacidade de os
nossos termos reconhecerem outros termos em que pensamentos,
conhecimentos, tecnologias, línguas e discursos existem e se afirmam.*
(Teresa Cunha)

*Quando perguntaram a Ho Chi Minh como ele, em regime
prisional, tinha produzido tão belos poemas de amor, ele
respondeu: «Desvalorizei as paredes». A estratégia da poesia
será, afinal, sempre essa: a de desqualificar o escuro.*
(Mia Couto)

*Aceito o teu duelo de morte, soldado,
Leão amaldiçoado do meu Povo.*
(João Aparício)

*De monte a monte, o meu grito
Soa, soa, como voz
De um eco do infinito
Ecoando em todos nós.*

*Timor cresce como um grito
Ecoando em todos nós.*
(Ruy Cinatti)

RESUMO

Esta pesquisa reivindica a capacidade de aglutinação de escritores das literaturas de língua portuguesa por Timor-Leste, e com isso, a leitura do fazer literário poder ocorrer pela dimensão das relações. Nelas, entende-se a fragilidade de um rizoma (baseado na conceituação de Deleuze e Guattari) passível de ser analisado nas obras entre si, na prática da intertextualidade e nos índices paratextuais reunidos, porque se interlocucionam por Timor. Para isso, evidencia-se o encadeamento da textualidade flagrada entre os escritores de língua portuguesa, que um a um cavam a própria capilaridade no rizoma-Timor, transmutado em Rede Literária de Timor. Pelo menos vinte escritores se interconectaram rizomaticamente a três escritores-nós, Ruy Cinatti, Xanana Gusmão e Luís Cardoso, fazendo dessa dinâmica de produtividade o flagrante da Rede Literária de Timor. Observou-se que o trânsito de literatas foi a ocorrência mais acionada, ao passo que a permanência-pertença foi gratamente evidenciada em Luís Cardoso, Joana Ruas e Teresa Amal.

Palavras-chave: Rede Literária; Timor-Leste; Relações Literárias; Rizoma.

ABSTRACT

This research claims the agglutination capacity of writers of Portuguese-language literatures by East Timor, and with this, the reading of literary making can occur through the dimension of relationships. In them, it is understood the fragility of a rhizome (based on the conceptualization of Deleuze and Guattari) possible to be analyzed in the works among themselves, in the practice of intertextuality and in the paratextual indexes gathered, because they promote interlocution by Timor. For this, it shown the evident linkage of textuality caught between Portuguese-speaking writers, who one by one dig the very capillarity in the rhizome-Timor, transmuted into the Timor's Literary Network. At least twenty writers interconnected rhizomatically to three writers-knot, Ruy Cinatti, Xanana Gusmão and Luís Cardoso, making this productivity dynamic the flagrant of the Timor's Literary Network. It was observed that the traffic of literates was the most frequent occurrence, while the permanence-belonging was gracefully evidenced in Luís Cardoso, Joana Ruas and Teresa Amal.

Key Words: Literary Network; East Timor; Literary Relations; Rhizome.

SUMÁRIO

Ser habitada por Timor – o <i>meu</i> Timor e a tese.....	10
1. PARA PENSAR LABIRÍNTICO-RIZOMATICAMENTE A ABUNDÂNCIA SUBTERRÂNEA DA PRODUÇÃO LITERÁRIA.....	21
1.1 No emaranhado do rizoma, abre-se passagem para a literatura comparada.....	32
1.2 A potência rizomática de Timor-Leste transfere-se à literatura.....	36
2. DALAN TIMOR – A ROTA DAS RELAÇÕES LITERÁRIAS DE TIMOR.....	42
2.1 A viagem: terra estranha à vista!.....	43
2.2 <i>É preciso resistir!</i> – Pelas jornadas de resistência do povo timorense, conhece-se Timor.....	51
2.3 As vias de passagem da língua portuguesa em Timor.....	63
2.4 À primeira vista: Timor!.....	67
3. LIAN-NAIN – A REDE LITERÁRIA DE TIMOR.....	79
3.1 Ruy Cinatti – densificador de enraizamentos.....	81
3.2 Xanana Gusmão – efeito de ser caixa de ressonâncias.....	95
3.3 Luís Cardoso – <i>Mata Dalan Timor</i>	104
3.4 No emaranhado de vozes – Ruas, Lautén, Cinatti, Sylvan e Saramago.....	111
4. FETO TIMOR NAIN TOLU– RUAS, AMAL E GUTERRES.....	117
4.1 Joanas Ruas – a História de Timor-Leste na literatura.....	118
4.1.1 De Joana Ruas para Timor: <i>A Batalha das Lágrimas</i>	122
4.1.2 De Joana Ruas para Timor: <i>Crônicas timorenses</i>	128
4.1.3 De Joana Ruas para Timor: <i>Os Timorenses (1973-1980)</i>	137
4.2 Teresa Amal (Cunha) e Fátima Guterres – “Liberdade é pouco”.....	142
4.2.1 Teresa Cunha sendo Amal: <i>Ukun rasik a’na</i>	142
4.2.2 Fátima Guterres – a nossa irmã guerrilheira, (<i>feto Timor aten brani</i>).....	152
4.3 Emaranhar-se por Timor.....	161
Considerações finais.....	164
Referências bibliográficas.....	168
ANEXO A – PREFÁCIOS E EPÍGRAFES.....	187
ANEXO B – POESIAS.....	199
ANEXO C – FOTOS DE TIMOR-LESTE, ACERVO PESSOAL.....	202

SER HABITADA POR TIMOR¹ – O *MEU* TIMOR-LESTE E A TESE

A literatura de viagem, em que há um narrador-viajante que aborda uma cultura estrangeira e gera imagens literárias do outro civilizacional, mesmo ambíguo e tendencioso por ter que comunicar o que poderia interessar ao rei, ativou em mim o interesse pelos longos deslocamentos humanos, mas o fascínio empreendido era pelo flagrante do olhar inaugural, sempre descrito de forma contrastante e inquietante, por isso, verdadeiramente refundador do outro (torna-se simplesmente índio) no mundo (inventado). Entretanto, o meu imaginário desejava alcançar a versão dos observados, a cosmovisão intacta, a cena e o cenário de vidas no momento histórico e irreversível de serem o outro para o um (e vice-versa). A ideia era protagonizar algo que me desterritorializasse e arremessasse a outra cadência lógica de mundo, ainda que eu como mundo (e com o meu mundo) fosse a interferência.

Esta pesquisa partiu da necessidade pulsante pelo des-conhecido (o que *eu* poderia enxergar além de), seja pela trajetória improvável para um lugar a que sempre esteve disponível, mas geograficamente inalcançável; seja pela efervescência de se fazer presente, com olhos e corpo transferidos para viver o cotidiano insular novamente². Desta vez, seria o Timor-Leste póstumo de todos os interstícios políticos divulgados.

A jornada não tinha o propósito de se tornar uma investigação acadêmica, dizia respeito à atuação como docente para a confirmação e a continuidade da reinserção da língua do colonizador, a língua portuguesa. Para isso, integrei a missão de 2012 da Cooperação Brasileira em Timor-Leste, cuja chegada se deu no dia 16 de janeiro e que possibilitou seis meses de experiência no Oriente, na Ásia, no Sudeste da Ásia, em Timor-Leste.

Estava desejosa de fazer desta viagem uma oportunidade para o surgimento de novo objeto de estudo para mim. Por isso, nos meses anteriores à chegada a Díli, tentei adquirir nas principais livrarias brasileiras obras que pudessem me preparar para uma realidade com poucas referências registradas, ainda que presumisse que a herança histórica dos povos colonizados pelos portugueses fosse de nosso escopo. Não foi com surpresa que constatei a ausência de livros sobre Timor ou de timorenses circulando por nossas livrarias e, em contrapartida, a presença de alguns deles nos sebos (reduto que acaba por concentrar a *margem*, por adquirir obras sem grande apelo mercadológico e disponibilizá-las para a compra).

¹ Expressão utilizada por José Eduardo Agualusa no prefácio escrito para a obra *Crónica de uma Travessia*, de Luís Cardoso.

² Nascida e criada em Ilhabela, estado de São Paulo.

Neste sentido, três obras compuseram uma espécie de formação inicial, ainda que incipiente, e de antemão, recrutou-me à causa da nação-lar-razão-empenho que significava Timor, porque estavam pautadas no período de dominação da ilha pelo exército indonésio. *Timor Leste: este país quer ser livre* (1997), organizado pelo brasileiro Sílvia L. Sant'Anna; *Um Cancioneiro para Timor* (1996) do português Ruy Cinatti e *Mar Meu* (1998) do timorense Xanana Gusmão, transferiram-me a um mosaico cultural e histórico inesperado e que me garantiram a aventura (ou enfrentamento de mim) a que estava disposta a passar (esvaziei-me o máximo que pude, porque queria transbordar-me do que não fosse posto, do pouco tateado).

Conheci, por intermédio destas leituras, o *maubere*, a resistência, a guerrilha, o líder da guerrilha, a invasão indonésia, o Massacre do Cemitério de Santa Cruz, os dois timorenses Nobel da Paz, poetas timorenses, obras sobre Timor de escritores estrangeiros. Este conhecimento prévio apontou para a certeza de que lutariam para reaver a pátria até o último suspiro do último timorense (duas das obras foram escritas e são contextualizadas no período da tomada da ilha pelos soldados do ditador Suharto), assim como gerou um certo incômodo, talvez porque a prerrogativa e o costume da passividade tenham ficado mais evidentes ao ativismo convicto deles. Via-me vezes atraída, vezes repelida ao futuro contato.

Quando inteirada do conjunto da obra de Ruy Cinatti sobre Timor e do trânsito entre o literário e o acadêmico suscitado nele pela novidade com que reconheceu o valor da ilha e do povo leste-timorense, isto possibilitou a percepção das conexões provenientes e abundantes desdobradas pela relação estabelecida, desta vez, sob a orientação da horizontalidade. A sempre menção a Cinatti ao se falar sobre Timor, inclusive, pelos próprios timorenses, a exemplo dos discursos e entrevistas do diplomata Ramos-Horta, incutiu-me a perseguir o efeito ou a tentar acompanhar o encadeamento de vozes que formavam uma cadeia de colaboração e afeto. Entretanto, havia pouco material disponível para a confirmação de tal hipótese, havendo a expectativa de adquirir mais obras quando em solo da parte oriental da ilha.

Neste ensejo, o Timor no qual pisei já somava dez anos de independência, apesar da presença dos soldados da ONU para a manutenção da segurança nacional (das fronteiras). O então primeiro-ministro, Xanana Gusmão, ex-guerrilheiro da resistência e ex-prisioneiro dos indonésios, lutava, agora, para acelerar a estruturação do Estado. Assim, fui, aos poucos, dimensionando a importância de Gusmão para a relação mantida entre o país e a forte demanda para que houvesse a comunicação da causa de seu povo, em busca da sensibilização da comunidade internacional. Nitidamente, procurou interlocutores que multiplicassem a

própria voz, encontrando respostas solidárias na literatura, como a de Mia Couto no prefácio de *Mar Meu*.

Outro exemplo da dispersão do chamado à luta foi uma entrevista concedida por Gusmão, em 1992, ao jornalista Rui Araújo, nas montanhas de Timor, poucos dias antes de ser preso pelo exército indonésio. Ao ser indagado sobre o motivo pelo qual a Indonésia não tenha conseguido acabar com a guerrilha, responde, sob a perspectiva do *devir*: “Diz-se que a guerra em Timor Leste é um projeto dos generais indonésios, que não estão interessados que a guerra termine depressa. Pode ser essa a explicação. Se acreditarmos que existe uma capacidade global de resistência, aí...” (SANT’ANNA, 1997, p.111).

Sabia que estava inclinada a uma militância evocada pelas leituras realizadas, mas entendi que deveria atenuá-las para conseguir enxergar melhor o país, já livre e independente. No primeiro mês vivendo em Díli, optei por observar com o intuito de vislumbrar o compasso de vida que levavam, por isso, caminhava sem pretensão de chegar a lugar algum, até que em um desses dias me deparei com uma escola, em pleno sábado, que estava oferecendo aos estudantes aula de ginástica, cujo áudio ritmava os movimentos dos braços (aprendi a contar em tétum).

Não consegui me comunicar nas línguas que dominava, porque as crianças não falavam e nem entendiam Português, no entanto, soltavam boas gargalhadas quando viam a imagem delas captada na câmera fotográfica (pedia permissão em tétum para flagrá-las: *belle?*, queria dizer “posso?”). De pronto, a primeira informação atualizada: os vinte e quatro anos de opressão militar apagaram em pelo menos três gerações a fluência em língua portuguesa, ainda que fosse um dos idiomas oficiais do país (e antes disso, a língua utilizada pela resistência). Mais uma ausência constatada: a de biblioteca na escola, não havia livros naquela unidade, mas ruídas provocadas pelos incêndios causados pela saída contrariada do invasor.

Regressei, mais pela experiência, de *microlet* rosa-bebê – repleta de pôsteres de jogadores de futebol brasileiros (como Neymar) e portugueses (como Cristiano Ronaldo) e sonoridade peculiar para anunciar a passagem – trata-se de transporte coletivo destinado aos timorenses, mas que pude entrar por estar vazia. Logo na entrada, rachei a cabeça em uma ponta sobrando no teto, coisa de *malai*³, que não possui as dimensões necessárias para naturalmente caber no veículo. As figuras coladas no meio de locomoção atestavam o gosto pelo futebol compartilhado entre os três países em questão e que promovia o interesse em

³ Em tétum, significa estrangeiro ou forasteiro.

acessar o vocabulário da língua portuguesa para expressar a afinidade: apontavam para os jogadores e curiosamente diziam “bonito”.

Ao invés de ensinar vocabulário e regras gramaticais da língua portuguesa do Brasil, em verdade, ia acrescentando ao meu repertório e hibridizando a minha variante de língua às incorporações naturalmente feitas a partir do tétum, com a inserção de palavras na elaboração de frases corriqueiras (inclusive, tornando-as mais enxutas, como em tétum), como *malai*, *uma lulik*, *lafaek*, *obrigado barak*, *microlet*, *belle?*, *ba*.

De repente, o impacto cultural que inicialmente deveria resultar em aquisição do Português, foi diluído, invertido e ritmado pela relação ocorrer *in locu*, indissociada das demandas contextuais de Timor. E sobre isto, a pergunta cabal sempre era feita: qual pronúncia dever ser adotada, a de Portugal ou a do Brasil? A que resultar de Timor (mas primeiro, precisa ser falado por timorenses – de toda a ilha e não apenas pela população de Díli e Baucau – de tal maneira que se acomode).

A difusão da música brasileira, principalmente, a do gênero sertanejo, permitia que a língua portuguesa entrasse em cena oportunamente no contexto de vida dos timorenses. As letras que se remetiam à história de vida de pobreza, à distância da família para a realização de um sonho e à saudade faziam enorme sucesso. A mais cantada, com letra decorada por adultos e crianças, era “No dia em que saí de casa” (composta por Marco Brasil) interpretada pela dupla de cantores Zezé Di Camargo e Luciano. Talvez, pela identificação com a trajetória de dificuldades entre o brasileiro retirante e a diáspora timorense que ainda distancia famílias.

Para além das andanças e tentativas de integração (comunicação) ao contexto timorense, precisava fazer uso de alguns serviços essenciais, como abrir conta bancária em uma agência local (o banco indonésio Mandiri) para receber o pagamento da bolsa CAPES e sacá-lo, já que as transações comerciais em Díli se davam somente em dinheiro (em notas de até dez dólares; as moedas eram os centavos timorenses). E foi aí que o incompreensível saltou aos meus olhos ocidentais, de brasileira, principalmente. Digo isto, porque havia pilhas de notas de dólares sistematicamente alinhados nos balcões do banco, dinheiro a ser contabilizado pelos funcionários. Tudo muito exposto e inviável em nosso contexto de fortificação de tudo. Os timorenses que tinham comércio caminhavam nas ruas com sacolas plásticas transparentes com o rendimento do mês para depósito, sem qualquer tensão ou preocupação com roubo. Algo despertou em mim, talvez a possibilidade de acreditar no reencantamento do mundo.

A difícil situação de reconstrução do país, cuja população – maioria de crianças – vive/sobrevive/desvive abaixo da linha da pobreza, não abre mão dos valores, de uma tradição voltada para a honra e cumprimento da palavra. Percebi que nem mesmo os anos de opressão indonésia foram capazes de mudar um sentido maior de integridade. A voz de Cinatti, nos muitos momentos de silêncio profundo do meu pensamento, visitou-me em “Os vínculos timorenses”, poesia que embalou a minha já devoção ao povo timorense: “Timor cresce como um grito/ecoando em todos nós” (CINATTI, 1996, p.127).

O grande interesse de Cinatti em nos apresentar as verdades culturais timorenses despertou certo entusiasmo e consequente aceite ao convite feito por uma colega brasileira para acompanhá-la a *uma lulik*⁴, onde estava ocorrendo o ritual da colheita do milho, momento de oferecer, aos antepassados, oferendas para garantir a fertilidade na agricultura e alimento para a família.

O anúncio do início do ritual acontecia por meio do sopro do chifre de búfalo pelos mais velhos, que se apresentavam em traje tradicional (tais) e permaneciam guardando as mais diversificadas oferendas. As mulheres se encontravam cozinhando o milho colhido na cortina de fumaça densa de uma área coberta. O porco sacrificado estava sendo limpo do lado de fora para a composição do banquete de mais tarde. Já as crianças brincavam, corriam sempre livres e constantes na alegria. Ainda bem!

Essas imagens muito bem substituíram a desenhada pelo meu imaginário a partir da leitura da poesia “Meninos e Meninas” de Fernando Sylvan, poeta militante da independência de Timor:

Todos já vimos
nos livros, nos jornais, no cinema e na televisão
retratos de meninas e meninos
a defender a liberdade de armas na mão.

Todos já vimos
nos livros, nos jornais, no cinema e na televisão
retratos de cadáveres de meninos e meninas
que morreram a defender a liberdade de armas na mão.

Todos já vimos!

E então? (SANT’ANNA, 1997, 241).

⁴ Em tétum, significa casa sagrada, onde os antepassados, verdadeiramente, vivem.

Os relatos compartilhados por colegas de docência timorenses sobre o dizimar da família pelos soldados indonésios ou mesmo as torturas, a vivência nos buracos das montanhas como guerrilheiros, presenciar a destruição de distritos inteiros, para então testemunhar a conquista pela independência, fez com que um amigo timorense se interessasse pela História do Brasil e realizasse a provocadora pergunta desconcertante: qual é o herói da independência do Brasil? Constrangida, disse que não havia um que pudesse corresponder à História da restauração da independência de Timor, já que nem mesmo o povo brasileiro participou de tal evento histórico. Percebi, de pronto, que meus colegas timorenses ficaram com uma expressão confusa no rosto gerada pela minha resposta, e que, no íntimo, não acreditaram em mim por não conceberem uma Nação ou Pátria que não lutasse pela própria libertação.

Um pouco mais imersa na rotina da comunidade, porque circulava por entre os mercados, as feiras, as praças e caminhava muito até a praia, fui encontrando os mesmos rostos e eles o meu. Minha simpatia obviamente era gratuita, portanto, gesticulava para me fazer comunicar, o que demonstrava a minha satisfação por estar em Timor. Fruto disto foi o inesperado convite para participar de um casamento timorense, digo inesperado porque a minha comunicação com Ana (não consegui identificar qual das línguas distritais ela falava) se dava apenas por mímica, sorrisos, expressão facial, não encontramos uma língua em comum, o que não impediu que a amizade florescesse.

Compareci ao casamento com colegas brasileiros realizado primeiro obedecendo a cerimônia na Igreja Católica e seguido de festa timorense no interior do *suco*⁵. Fomos muito bem tratados ao ponto da pequena banda nos homenagear com músicas brasileiras em um português arrastado (letra decorada). Havia uma organização para a dança, os homens faziam o pedido às mulheres que esperavam sentadas. As comidas e refrigerantes estavam meticulosamente postos, duas filas se formaram naturalmente e de forma paciente todos se serviram. Galinhas caramelizadas emprestaram forma com seus pescoços encostados como coração centralizado à mesa, houve discurso da família para os noivos, assim como a dança especial deles, tudo seguindo a pertinência das formalidades da cerimônia. Eu e meus colegas decidimos presentear o casal com um álbum de fotos que registrou o momento. Ana gostou, deu-me um abraço.

⁵ Em tétum, o equivalente a bairro ou comunidade.

Na tradição timorense, é necessário que se pague o *barlak*⁶, de certa forma equivalente ao dote, para a família da noiva, a depender do distrito a que a pretendente se origina, o montante variava para mais ou menos. Algumas questões pertinentes à cultura ora se sobressaíam, como a indagação curiosa feita por uma colega recém-chegada a Timor a algumas jovens timorenses: “Vocês já encontraram o príncipe encantado?”. Nesta ocasião, constatei o quão idealizamos o amor, tão mais praticado em Timor, ao mesmo tempo que acordado socialmente.

Quanto à minha contribuição para a Educação, fui designada para trabalhar com docentes em uma escola do Ensino Secundário (nosso Ensino Médio) da periferia de Díli, em que a maior dificuldade foi a falta de fluência da Língua Portuguesa destes e dos estudantes. A infraestrutura era condizente com a retaliação realizada pela Indonésia em sua saída devastadora, já que atearam fogo em tudo. Para o mínimo funcionamento da unidade escolar, repararam as salas de aula, não havendo sanitários ou qualquer outro espaço de convivência que não fossem ruínas. Cerca de 70 alunos preenchiam cada sala de aula e, ainda que a lotação fosse demasiada, a disciplina imperava.

A lousa e o giz ofereciam o conhecimento científico sob as diretrizes impostas pelos indonésios, principalmente nas Ciências Exatas, porque a maioria dos professores (andavam com folhas soltas na mão, das quais ali estava a delimitação dos conteúdos) seguia o escasso material oferecido pelo regime anterior. A retomada da aplicação do currículo timorense estava em processo, assim como a aquisição do Português. Via-se algumas lousas com conteúdos copiados em Português, sendo que os professores realizam a explicação completamente em tétum.

A não circulação de livros era fato no país como um todo. Em uma dada aula, perguntei aos meus alunos quantos livros possuíam em casa, apenas um timorense levantou a mão e disse que sua família tinha posse somente de um livro, a *Constituição de Timor-Leste*. No dia seguinte, este mesmo estudante me presenteou com o único livro que já possuiu na vida, e que de tanto o ler memorizou-o por completo. Eu e minhas colegas solicitamos à pequena biblioteca da Embaixada do Brasil no país alguns livros de literatura brasileira para distribuírmos aos nossos alunos. O que os fez de relíquias com rostos muito iluminados, quase como Clarice e seu livro *Reinações de Narizinho* expresso no conto “Felicidade Clandestina”.

Houve a providência de eu estar em Timor na ocasião da Feira do Livro de Díli, promovida pelo Instituto Camões, que garantiu a possibilidade de acesso a exemplares

⁶ Em tétum, seria a união entre famílias e não somente entre indivíduos.

publicados por editoras portuguesas, que por sua vez, não circulam no Brasil. Na verdade, os três dias de venda de livros são realizados com o intuito de incentivar a aquisição destes pelos timorenses, tanto que os dois primeiros dias há desconto e venda dos livros somente para os timorenses. É claro que chegando o terceiro dia, as bancas estavam praticamente com as pilhas de obras intactas, o livro mais barato da Feira (com desconto para um timorense) custava oito dólares. Este montante era absolutamente muito dinheiro, que poderia alimentar (com arroz) uma família por um mês.

Foi na oportunidade do terceiro dia que levei meus dois colegas, professores timorenses do projeto de co-docência dos cursos de ensino de Língua Portuguesa, para a Feira. Como presente não somente para eles, mas para a família como um todo (assim aceitariam o gesto), propus-me a comprar os livros pelos quais se interessassem. Mesmo não sendo autora das obras que os presenteei, pediram que eu escrevesse uma dedicatória a eles, o que prontamente fiz (e entendi o comprometimento do gesto, porque eu permaneceria ali, naquela dedicatória, para ser revisitada).

Sendo o terceiro dia autorizado para *malai* adquirir as obras, verdadeiramente, comprei tudo o que havia de escritores das literaturas de língua portuguesa desde que a temática fosse Timor. Nesta leva de compra, pude finalmente ler (ser apresentada a) Luís Cardoso, Joana Ruas, Pedro Rosa Mendes, Osório de Castro, Luiz Filipe Thomaz e D. Ximenes Belo. Também adquiri livros em que a novidade não era propriamente os autores, mas a relação com Timor, como José Eduardo Agualusa e Sophia de Mello Breyner Andresen.

Outros títulos foram garimpados em sebos do Brasil depois de meu retorno, como as duas obras de poesia do timorense João Aparício, a de Ponte Pedrinha a de Teresa Amal, entre outras de Cinatti. Consegui completar a coleção desejosa de obras muito postumamente à experiência de Timor, quando tive a oportunidade de uma curta estada (doutorado-sanduíche) em Portugal, na Universidade de Coimbra, sob a supervisão da pesquisadora Teresa Cunha (antes disso, tive a iluminação de entender que Teresa Amal e Teresa Cunha se tratava da mesma pessoa). Pude adquirir o último lançamento de Joana Ruas, o de Fátima Guterres e outro de Teresa Amal para começar a efetuar a análise e validação das relações na textualização do diálogo entre tais escritores, porque se reuniam em torno de Timor.

Retomando ao fio narrativo quanto à vivência em Timor, ainda com jornada de trabalho como docente para atuar, um curso especial teve que ser formulado, o de Língua Portuguesa e Cultura Brasileira, porque um grupo de estudantes timorenses deveriam ser preparados para virem às universidades do Brasil se graduarem. Tivemos que contextualizá-

los quanto às demandas acadêmicas, às tensões sociais e o cuidado com a possibilidade de serem assaltados, por exemplo.

Entretanto, o que nunca esquecerei foi a visita desses nossos estudantes a um restaurante de comida brasileira em Díli, custeado por nós, docentes. Grande parte deles nunca havia ido a um restaurante, muito menos, tido a oportunidade de comer algo diferente a que estavam acostumados. O sal e o feijão não os agradaram, mas se arriscaram a comer com garfo e faca e foram brilhantemente bem-sucedidos.

Depois de regressada, e talvez por um impulso um pouco materno, fui visitar parte de meus ex-alunos timorenses em Campina Grande. Alguns já tinham sido assaltados, outros providenciaram uma pequena horta com *kankun*⁷, enfim, estavam bem e se adaptando. O grupo de 33 timorenses que foram aceitos em diferentes cursos de graduação na UEPB, *campi* de Campina Grande e João Pessoa, claramente fazia uso da língua portuguesa no que diz respeito à interação com brasileiros. Entretanto, os comentários, brincadeiras, piadas e mesmo a própria entonação da gargalhada ocorriam em tétum, a língua que os confirmava timorenses e que sempre naturalmente os reagrupava nesta condição.

Em conversa com os jovens timorenses, estes não demonstraram interesse em permanecer no Brasil, ao contrário, sentiam saudades de Timor, onde mínimos são os recursos e as oportunidades, mas que oferece o que elencam ser a prioridade: a família, o cerne da propagação da cultura, das tradições e da resistência. E colocavam-se prontos para ao término dos estudos voltarem e contribuir para o processo de construção do país, porque é o lugar que verdadeiramente abriga a esperança de fazer a diferença (foi esta a sensação, a de que o mínimo empenho resoa).

Ainda estando em Timor, tão logo se passou o tempo e o encerramento dos cursos de cultura brasileira/língua portuguesa e formações de professores ganharam cerimônias. Em uma delas, dançamos em roda com trajes típicos presenteados pelos nossos queridos alunos, as vozes deles cantaram absolutamente harmoniosas, a ponto de um sentimento de paz surgir, somado a um fundo doloroso de despedida. Ganhei *tais* com meu nome, assim como peças antigas, de família, das quais guardo carinhosamente.

A cada cerimônia de encerramento, um esforço homérico era feito por mim para trancar as lágrimas, até que duas canções entoadas pelos estudantes romperam um rio represado, que reconhecia a minha pequenez em detrimento da *almamundo* (termo utilizado por Joana Ruas) de um povo que não se resignou diante do holocausto vivido, e que reservou

⁷ Gramínea comestível.

algumas lágrimas para chorar a minha insignificante partida frente aos inúmeros “adeus” em definitivo que foram forçados a dar.

Já sem surpresas eu estava avassaladoramente habitada por Timor (expressão de Agualusa). Dei a minha palavra de que regressaria a Timor. E assim o faço desde 29 de junho de 2012, quando retornei ao Brasil e trouxe comigo (ou será que me esqueci por lá?) todo o povo de Timor-Leste e “uma utopia que queremos que seja nossa” (GUSMÃO, 1998, p.6). Timor foi o meu despertar e profunda inspiração para propor esta pesquisa doutoral, que tem o intuito de flagrar a mobilização de escritores da “margem” – dinâmica em rede das relações literárias – para viabilizar e visibilizar vozes por Timor-Leste.

Na morte-vida de ser habitada por Timor é que bato em todos os metais para acordar os olhos fechados do sol, porque desconheço o eclipse solar e prefiro o imaginário cultural do povo timorense. Ou ainda, penso na naturalidade do gesto das crianças timorenses que se aproximaram de mim para tocar a minha pele branca, esfregar as mãozinhas em meus braços para pegar do pigmento e passar como um creme nos rostinhos e bracinhos, para, então, proporem a melhor solução, a de que eu experimentasse me bronzear de terra para me tornar mais escura e ser mais timorense e menos estrangeira. Nesta tese, estou bronzeada da terra de Timor, mas antes de mim, outros estavam, como o escritor Ruy Cinatti, e outras estão, como as escritoras Joana Ruas e Teresa Amal.

Minha tese é a conciliação de um nítido vínculo pessoal com Timor a uma perspectiva mais arriscada de tentar promover alguma abertura para a leitura do fazer literário poder ocorrer pela dimensão das relações. E nelas entender a fragilidade de um rizoma (baseado na conceituação de Deleuze e Guattari) passível de ser analisado/flagrado nas obras entre si, na prática da intertextualidade e nos índices paratextuais reunidos, porque se interlocucionam por Timor.

Quatro capítulos organizam o percurso para a fundamentação e a proposição do seja a Rede Literária de Timor. O primeiro deles apresenta a inclinação teórica adotada, vislumbrando a concepção de rizoma dos filósofos Deleuze e Guattari e a intermediação disto como lógica para evidenciar a comunicação de escritores pela margem.

O segundo recorre ao princípio da possibilidade dos encontros serem costurados a partir da viagem (e o relato), além de oferecer elementos históricos e contextuais que apontam o movimento da resistência ou da Rede Clandestina timorense como potência rizomática no sentido de avançar na consolidação das relações solidárias para vencer a contrapartida militar do inimigo. Arelado a isto a importância da língua portuguesa como via de passagem para o

alcance de uma rede sintonizada pela lusofonia, daí uma rota persistente pela qual escritores-viajantes navegaram: Timor-Leste.

O terceiro capítulo encadeia a textualidade flagrada entre os escritores de língua portuguesa, que um a um cavam a própria capilaridade no rizoma-Timor, transmutado em Rede Literária de Timor. O quinto e último capítulo é dedicado a duplamente visibilizar três escritoras da *Rede* (Joana Ruas, Teresa Amal e Fátima Guterres) por se triangularem sob a demanda de se fazerem escutar em seus projetos literários individuais e como mulheres.

Para o contato com as epígrafes, dedicatórias, prefácios e poemas que não foram citados por completo, utilizei do recurso pós-textual que é o anexo. Lá também compartilho fotos de meu acervo pessoal para ilustrar como é o *meu* Timor-Leste.

1. PARA PENSAR LABIRÍNTICO-RIZOMATICAMENTE A ABUNDÂNCIA SUBTERRÂNEA DA PRODUÇÃO LITERÁRIA

Na história da humanidade, o conhecimento nem sempre esteve sob o alcance dos homens, o saber era pertencente aos deuses, cabendo a nós apenas contemplá-lo, almejá-lo, mas jamais possuí-lo (CHAUÍ, 1994). Por certo, tal concepção foi metamorfoseada, levando em consideração os interesses de cada filósofo ou sociedade em particular. Platão, em *A República*, acreditava que o saber estava sob o domínio do filósofo, não dos homens e daí a ideia de que aqueles deveriam ser reis ou os reis deveriam se tornar filósofos para governar com a razão. A consequência disso foi a de que o conhecimento ultrapassou a condição de elemento contemplativo para passar a ser objeto de desejo.

O exercício do conhecimento acabou por significar a ativação do esclarecimento, ou seja, a anulação, de uma vez por todas, da perspectiva mítica. Ironicamente, o objeto almejado transformou-se no próprio mito, ainda mais se se considerar que se favorece muito mais o entendimento particular e enrijece-se com os aparatos culturais a compreensão da diversidade de saberes existentes (ADORNO e HORKHEIMER, 1947). Cria-se um abismo irreparável entre sociedades, uma vez que há pouca capacidade de aceitação do outro como tal, impõe-se um dado conhecimento pela força simbólica do capital, por exemplo, abalando qualquer tipo de diálogo (SANTOS, 2007).

A discussão se abala para o entendimento da colonialidade do poder esbarrar no recorte que se faz dos objetos de estudo, da formulação de teorias, de políticas abrangentes que se interessem em se descentralizar da lógica homogênea da economia. A origem deste elemento que tem maior vida útil e alcance que o colonialismo se dá na experiência europeia na América a partir do exercício de imposição de classificação racial/étnica. O mecanismo se remete aos critérios de uso da colonização, mas são mais complexos porque estão aliados e são propagados pelo sistema mundo capitalista (QUIJANO, 2009).

É claro que o enraizamento de novas identidades sociais da colonialidade perseveram designações inventadas, denominações vindas do olhar europeu, como *índio* para os habitantes das Américas (os povos camponeses do México se autodenominam povos originários para se livrarem da interferência histórica e de encerramento de identidade). Somado a isto uma geografia cultural provinda do mapeamento forjado pelo colonialismo dividiu o mundo em mundos, fazendo surgir *América*, *África* e *Oriente*, por exemplo. As relações históricas e depois econômicas (capitalismo) entre as delimitações estabelecidas implicam na dominação da hegemonia eurocentrada. Problema é o conjunto de intelectuais

que apenas conhecem ou naturalizam a ordem de um padrão de poder como totalidade do mundo. Anibal Quijano, para além de pensar em um movimento de desarticulação da dependência da produção do conhecimento sobre a América Latina vir de teorias europeias – decolonialidade⁸, aponta uma das consequências mais graves do discurso implementado: “uma concepção de *humanidade* segundo a qual a população do mundo se diferenciava em inferiores e superiores, irracionais e racionais, primitivos e civilizados, tradicionais e modernos” (QUIJANO, 2009, p.75).

A nucleação de saberes em instituições como os centros de pesquisa e universidades tendem a verter a tradição ocidental como o arcabouço teórico produzido pela Europa (e não pela América ou África). Um sistema fechado de ideias impõe a circularidade aos mesmos problemas, com variações modistas, mas inevitavelmente excludente de cosmologias culturais das mais diversas (como a de Timor-Leste, no Oriente). Esta é a hipótese que agrava (ou eleva ou inibe) o surgimento de proposições desviantes de um percurso muito bem traçado e esperado pela comunidade intelectual.

Nem sempre se tem autorização para arremeter o voo, cujo trajeto percorre um a um teóricos e concepções seguros, que garantem um pouso tranquilo pela pista de conhecimentos legitimados e facilmente coordenados para continuar alimentando um processo de mitificação e hierarquização da produção intelectual/cultural. E se houvesse a lucidez (que é também caótica) de partir do pressuposto/posto de que teorias, categorias, conceitos são invenções e práticas falíveis, como assim entendem Deleuze e Guattari, e por isso, a necessidade de um postulado disjuntivo. Reverências a parte, a dimensão experimental e exploratória deve fazer parte da dinâmica da construção do conhecimento, forçar os limites até colocar em risco as “verdades” de hoje.

⁸ De acordo com Barros (p.11-12) “o uso da palavra ‘decolonial’ ao invés de ‘descolonial’ foi proposta por Walter Mignolo para diferenciar os objetivos do grupo Modernidade/Colonialidade e da luta pela descolonização no momento imediato pós-Guerra Fria, assim como dos estudos pós-coloniais asiáticos”. Ainda de acordo com o autor “os estudos *decoloniais* diferenciam-se dos pós-coloniais, embora o último realizasse uma crítica ao ocidente, ainda era marcado por uma epistemologia científica estadunidense e europeia. Não obstante, os estudos pós-coloniais acabaram não cumprindo com os objetivos propostos. Os estudos decoloniais, por sua vez, procuram decolonizar a epistemologia latino-americana tão marcada pela influência europeia. Enquanto os pós-coloniais se aproximavam de autores pós-modernos e pós-estruturalistas, os *decoloniais* se assemelhavam mais aos teóricos da esquerda crítica, tendo como princípio condutor a emancipação, em todos os níveis de dominação, elaborando um rico diálogo interdisciplinar entre áreas do conhecimento humano, principalmente a econômica, política e cultural. Exemplifica, de maneira contundente, como as relações internacionais se estabelecem, uma vez que economia e cultura, para os *decoloniais*, não são dicotômicas, reproduzindo as relações imperiais constituídas historicamente”. Ver: BARROS, Mateus de Sá Barreto. **Labirinto da Colonização** – México, Território e “Destino Manifesto”. Tese (Doutorado em Ciências) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2017.

Neste ensejo é que o recorte que explica e direciona a discussão para a escolha do método aplicado a esta pesquisa tem como ponto de partida toda uma movimentação combativa ou pelo menos não passivizada diante dos pressupostos teóricos estruturalistas, que, por sua vez, engessavam a potência, o avanço e a liberdade para novas proposições menos totalizadoras. A reação à monotonia repercutiu de tal forma que houve espaço para a inusitada parceria intelectual de Deleuze e Guattari, e mais propriamente, a concepção do pensamento rizomático, que se acredita ser capaz de acompanhar a literatura em movimento, ou seja, as novas dinâmicas contemporâneas das relações literárias.

Antes mesmo de se ver os resultados no meio acadêmico, as manifestações socioculturais intensificaram-se a partir da década de 1960, impulsionaram a contestação sobre os padrões sociais da época: a libertação do corpo feminino; a relação com o próprio Estado; as manifestações mexicanas contra o governo de Gustavo Díaz Ordaz⁹; a luta contra as ditaduras militares em toda a América do Sul, Portugal e Espanha. A refutação não se limitaria à sociedade, mas adentraria na própria ciência, questionando o papel da universidade, do conhecimento propondo a libertação teórica do marxismo ortodoxo¹⁰, a utilização de novos métodos disciplinares¹¹ e a emancipação quanto ao megaparadigma que se tornou o estruturalismo para as ciências humanas.

Havia muito o que ser superado em se tratando da crítica cultural, contudo, valorizava-se a luta pela alforria no tocante ao estruturalismo, sua representação e significado científico, a conformação de outras formas de pensar e refletir heterodoxas e não hegemônicas, bem como a relação que possui com a arte. Haja vista os insistentes modelos, factíveis de serem reproduzidos ou devidamente cristalizados como a captação da expressividade máxima, da representatividade do gênio de um tempo. É interessante pensar o descompasso entre a potencialidade da força criadora e o olhar conservador de verificação que seleciona o que majoritariamente tem valor e pode ser considerado objeto artístico. Atrelado a isso, a visão economicista parece invadir campos estrangeiros, uma vez que impõe o discurso hegemônico e europeizante como conduta ideológica, utiliza índices, localização e posicionamento no mapa para definir as relações de poder, e, conseqüentemente, quem é o detentor da voz.

⁹ Apesar de o México nunca haver experienciado uma ditadura, o governo democrático de Gustavo Díaz Ordaz (1964-1970) mostrou-se autocrático e intransigente. Reprimiu com dureza as manifestações de outubro de 1968 o que resultou no conhecido Massacre de Tlatelolco.

¹⁰ Escola de Frankfurt, fundada em 1923, mas que possuiu forte influência nas décadas de 1960 e 1970.

¹¹ Escola de Annales, fundada em 1929.

Trata-se de um cenário que vem sendo colocado à prova, seja com propostas que reivindicuem outra epistemologia¹², seja a perspectiva de priorização do local com a decolonidade¹³, seja pela oposição a qualquer hegemonia na tentativa de avanço do pensamento: a teoria das multiplicidades, pelo método rizoma. É extremamente válido que o próprio processo de desenvolvimento teórico passe pela experimentação, pela manipulação do fugidio (desvinculando-se de hierarquias, estruturas e centralidades) e extrapole a nucleação dos saberes, os fatores de limitação e crie uma forma de resistência ética-estética-política.

A começar por problematizar a célebre distinção saussuriana entre língua e fala, geralmente explicada em termos definitivos quer por teóricos da literatura quer por linguistas ainda arreigados a modelos estruturais, tem sido um dos alvos privilegiados pela crítica pós-estruturalista. O dualismo de Saussure, que produz nada mais do que um sistema abstrato e idealista, omite um terceiro elemento na construção de linguagem, aquilo a que Michel Foucault vai chamar discurso. Na aparente união entre as palavras e as coisas, Foucault sugere que se podem descortinar regras que determinam e possibilitam as práticas discursivas. Recusou qualquer ligação categórica com o estruturalismo e a sua obra é de alguma forma a evidente crítica profunda dos pressupostos saussurianos. O pêndulo de Foucault inclina-se antes para o escrutínio da atividade da crítica literária, sugerindo a necessidade de uma autocrítica que pode começar pela sujeição da noção de autor à mesma investigação que se ocupa do significado do discurso.

A movimentação de ruptura com a concepção estruturalista entrecruza as experimentações propostas por Deleuze e Guattari, desta forma, é possível entender o objeto teórico comum à geração destes pensadores: o estruturalismo. Reconhecidamente, o primeiro texto crítico contra tal concepção foi a conferência proferida por Derrida, em 1966, intitulada “La structure, le sign et le jeu dans le discours des sciences humaines”, na Johns Hopkins University. Sendo que é em *De la grammatologie* (1967), em que constata que o pensamento ocidental e, principalmente, o discurso dominante francês ainda estava arraigado pelo estruturalismo, preso na estratificação dentro da metafísica, caracterizada pelo logocentrismo. O esforço era para se desviar do caminho monótono da teoria estrutural mesmo se comparada à abordagem do formalismo russo, da imersão dos elementos internos da obra literária bastar.

Ainda na conferência supramencionada, a questão complexa do valor da interpretação de um texto literário é discutida, Derrida considera ser de dois tipos: a que procura decifrar a

¹² *Epistemologias do Sul* - Boaventura de Sousa Santos.

¹³ A decolonidade também é uma proposta epistemológica. É uma narrativa a partir do colonizado e o reconhecimento dos saberes científicos anteriores ao período colonial.

verdade original, aprisionada a um jogo de regras obrigatórias; e a que não está dependente dessa procura original e condicionada, mas que é uma busca da verdade (para) além de, e que exige participar em um jogo aberto, que se identifica com o caminho já apontado por Nietzsche para isso, acrescentando que nenhuma interpretação está garantida em face da abertura do texto à pluralidade de leituras. Assim, o estudo sistemático do texto literário em moldes estruturalistas, que preveem um modelo universal de análise, é preterido em vista de um que conceba saber que se arrisca a ser ultrapassado pela sua própria formulação ou pragmática.

Roland Barthes é um dos teóricos que promove um reexame crítico do estruturalismo literário, revisando, *a priori*, sua posição e, como resultado disso, a publicação daquele que é considerado o primeiro trabalho da fase pós-estruturalista, *S/Z*, uma obra que tem vários pontos de contato com a crítica já então elaborada por Derrida quer na conferência da Johns Hopkins quer em *De la grammatologie* ou em *L'Écriture et la différence*. Barthes começa por repudiar a opção inicial pelo estruturalismo, recusando agora a pretensão de fazer corresponder todos os textos a uma única estrutura e estabelecer um modelo único de análise que ignore, na prática, as diferenças entre os textos.

Assim, considera-se bem sucedida a primeira crítica direta e consistente ao estruturalismo, a derridariana, e que acabou por marcar uma espécie de identificação de um momento “pós”. Neste compasso, houve o despertar de alguns teóricos para a revisão das posições teóricas iniciais, como Barthes, assim como outros pensadores vão encontrar espaço mais amplo para novas teorias que irão contribuir com a literatura e demais áreas do conhecimento, a exemplo da experimentação a quatro mãos de Deleuze e Guattari.

No campo da crítica literária, percebe-se que passa a se tornar doravante autorreflexiva, utilizando um discurso que se constrói e desconstrói em prol de si mesmo, afirmando-se, sobretudo, pelo fato de nunca se transformar em um método instituído em receitas mais ou menos científicas capazes de servir os comodismos de então. Não faz mais sentido uma teoria que seja um hipotético modelo de descrição ou pressupor que a teoria seja dissociável da prática, que a crítica seja uma mera caracterização, um comentário ou uma representação.

Para além do campo cultural, tem-se o entendimento de que o pós-estruturalismo foi tanto uma reação quanto uma fuga, dada as ressalvas, ao pensamento hegeliano. Isto quer dizer que se tratou de uma resposta filosófica específica, iniciada por Nietzsche e Heidegger, contra as pretensões científicas do estruturalismo. Sob a postura destes, buscou-se “descentralizar” a estrutura e a sistematicidade, em prol de rejeitar o megaparadigma instituído para as ciências humanas. Neste contexto de pressão pelo alargamento e reinvenção

do pensamento, Deleuze e Guattari ocupam um espaço não rotulável ou capaz de unicamente se definir no pós-estruturalismo.

Pensar em Deleuze e Guattari é vê-los como uma grata intersecção não necessariamente óbvia. Cada um dos envolvidos colocou à prova todo o percurso acadêmico e de interesse científico na formulação da expansão do pensamento ocidental. As diferenças eram consideráveis entre ambos, porém conciliados na perspectiva conceitual aberta, em um raciocínio de imanência, de interiorização extrema e avessos a considerável rigidez e caráter reprodutivo da História da Filosofia (décadas de 1950 e 1960).

Deleuze era um filósofo que falava em seu próprio nome, produzia uma leitura criativa quanto aos filósofos que lhe causavam empatia por defender que a invenção associada à arte é a mesma em se tratando de conceitos. No entanto, dois encontros foram fundamentais para seu percurso de pensamento, a saber: um com Michel Foucault, em 1962, em que a admiração era recíproca (uma vez que este afirmou ser o século XXI deleuziano) e o outro com Félix Guattari, em 1969, militante, político e psicanalista, formado e discípulo favorito de Jacques Lacan, ainda que tenha se rebelado contra seu mestre. Guattari trabalhava com Jean Ori, com experiências de saúde mental já na década de 80 em prol da campanha antimanicomial, buscando alternativas de tratamento.

Antes da fecunda parceria, ambos os pensadores possuíam dezenas de obras publicadas, acresceu-se a elas mais quatro: *O Anti-Édipo*; *Kafka, por uma literatura menor*; *Mil Platôs*; *O que é filosofia?*. Todas escritas a quatro mãos, justamente o devir de um encontro, com nítida potência extracorpórea, singular, original e inovadora, em que não se pode enquadrar em uma área do conhecimento em específico ou pré-estabelecida, indissociável de uma práxis transformadora, tendo em vista a luta contra toda forma de exploração e dominação e mistificação do homem pelo homem. Apresenta-se crítica por se opor a toda e qualquer hegemonia, seja a psicanálise, o estruturalismo, o marxismo, enfatizando, em contrapartida, a política dos movimentos singulares e marginais, liderando, em certo sentido, a prática política da verdade. Entende-se que o conjunto das obras funciona como um rizoma.

A materialidade do encontro entre o filósofo e o psicanalista se fez por meio da invenção de um território de escrita duo, inaugurado com a produção da obra *O Anti-Édipo*. Donatti é citado na biografia escrita por Dosse sobre os teóricos em questão, uma vez que traz a perspectiva de olhar mútuo entre os teóricos e revela que “Deleuze dizia que Félix era o descobridor de diamantes e que ele era o talhador. Portanto, era preciso apenas que lhe

enviasse os textos tal como os escrevia para que ele os arranjasse e foi o que ocorreu” (DONATTI apud DOSSE, 2010, p. 17).

Um dos termos utilizados para se abordar as obras de Deleuze e Guattari é o da esquizoanálise, principalmente pela relação entre capitalismo e esquizofrenia proposta em *O Anti-Édipo*, ainda que Guattari, um pouco antes de falecer, apontasse o entendimento de que a produção junto a Deleuze significou um “novo paradigma ético-estético”. Tal modo de pensamento se faz a partir da contingência de um encontro no qual a diferença é elevada a sua máxima radicalidade, a despeito dos limites de cada um dos pensadores. Nos dizeres de Deleuze: “o que complicará as coisas é que eu quero obter de Félix algo que ele nunca vai querer me dar, e ele, me empurrar em algum lugar para onde eu jamais gostaria de ir” (DELEUZE apud DOSSE, 2010, p. 23). Refere-se à prerrogativa de sua solidão e aos movimentos de Guattari, voltados às coletividades – demandas inconciliáveis que lançam ambos os pensadores na contingência das suas próprias órbitas.

Entretanto, o trabalho de pensamento parece ter efetivado sua potência na medida mesma do acontecimento no qual esses duplos e antagônicos limiares foram enfrentados. Parece haver uma condição trágica do encontro, a convocar um e outro a uma espécie de ultrapassagem de si, tendo em vista afirmar o tempo presente como ocasião de transbordamento de algo inédito que ali se anuncia virtualmente. Dessa inarredável e trágica contingência, emerge uma forma de pensamento singular, cuja natureza não remete ao horizonte dialógico, mas ao movimento rizomático. Com a produção da obra *Kafka: para uma literatura menor* (2003), materializa-se um modo de trabalho com a literatura, marcado pela experimentação, emergindo daí dois conceitos-chave no pensamento dos autores, a saber, o agenciamento e o rizoma.

Vislumbrando uma problematização do pensamento, o caráter de experimentação com a literatura é expressão mesma tanto do encontro de Deleuze e Guattari com a obra estética de Kafka quanto do encontro entre o filósofo e o psicanalista. Esse encontro não é expressão de um diálogo entre pensadores e literatura. A singularidade aqui remete à condição de que algo situado “entre” Deleuze, Guattari e a obra-Kafka – e disparado na situação contingencial de um encontro sempre de natureza ímpar – passa a emergir no horizonte do pensamento para colocar em cena questões acerca da linguagem e do próprio pensar. Eis o movimento aqui evocado como experimentação. Extrapolando tal fluxo para além da situação específica com a obra kafkiana, pode-se perceber a invenção de um *modus operandi* desses autores, cuja tônica se faz pela insistente remissão à imanência como condição mesma de um trabalho de experimentação de pensamento.

Na abertura da obra *Mil Platôs I*, Deleuze e Guattari (1995), a partir da criação de seu conceito de rizoma, fazem transbordar tal experimentação de pensamento forjada em um território intervalar, uma espécie de “entre”:

Um rizoma não começa nem conclui, ele se encontra sempre no meio, entre as coisas, inter-ser, intermezzo. A árvore impõe o verbo “ser” mas o rizoma tem como tecido a conjunção “e...e...e...” Há nessa conjunção força suficiente para sacudir e desenraizar o verbo ser. [...] Entre as coisas não designa uma correlação localizável que vai de uma para outra e reciprocamente, mas uma direção perpendicular, um movimento transversal que as carrega uma e outra, riacho sem início nem fim, que rói as margens e adquire velocidade no meio (DELEUZE e GUATTARI, 1995, p. 37, grifos dos autores).

A filosofia de Deleuze e Guattari é denominada pelos próprios autores de uma “teoria das multiplicidades”. Estas multiplicidades são a própria realidade, superando assim as dicotomias entre consciente e inconsciente, natureza e história, corpo e alma. Embora reconheçam que subjetivações, totalizações e unificações são “processos que se produzem e aparecem nas multiplicidades”, estas “não supõem nenhuma unidade, não entram em nenhuma totalidade e tampouco remetem a um sujeito” (DELEUZE e GUATTARI, 1995, p. 8). O “modelo de realização”, portanto, não é a hierarquia da árvore-raiz, mas a pluralidade do rizoma; Deleuze e Guattari, assim, constroem o seu pensamento através da significação do rizoma.

Assim sendo, entende-se o rizoma como uma proposta de construção do pensamento em que os conceitos não estão hierarquizados e não partem de um ponto central, de um centro de poder ou de referência aos quais os outros conceitos devem se remeter. O funcionamento disto ocorre através de encontros e agenciamentos, de uma verdadeira cartografia das multiplicidades:

Enquanto o modelo da árvore-raiz é “decalque”, reprodução ao infinito, o rizoma-canal e mapa, “voltado para uma experimentação ancorada no real”, aberto, desmontável, reversível, sujeito a modificações permanentes, sempre com múltiplas entradas, ao contrário do decalque, que “volta sempre ‘ao mesmo’”. (DELEUZE e GUATTARI, 1995, p. 22)

Esta proposta rizomática do pensamento busca se contrapor, mas sem negar, o pensamento arborescente, aquele que opera por hierarquização e pela centralidade, ou seja, estabelece um centro de origem (uma genealogia), como os autores exemplificam:

(...) qualquer ponto de um rizoma pode ser conectado a qualquer outro e deve sê-lo. E muito diferente da árvore ou da raiz que fixam um ponto, uma ordem. A árvore lingüística à maneira de Chomsky começa ainda num ponto S e procede por dicotomia. Num rizoma, ao contrário, cada traço não remete necessariamente a um traço lingüístico: cadeias semióticas de toda natureza são aí conectadas a modos de codificação muito diversos, cadeias biológicas, políticas, econômicas, etc., colocando em jogo não somente regimes de signos diferentes, mas também estatutos de estados de coisas (DELEUZE e GUATTARI, 1995, p.15).

A árvore remete-se a centros de poder, à hierarquia, estruturas e relações binárias e biunívocas. Os filósofos afirmam que “a lógica binária e as relações biunívocas dominam ainda a psicanálise (...), a lingüística e o estruturalismo, e até mesmo a informática” (DELEUZE e GUATTARI, 1995, p.13). Instituições e aparelhos de poder como o Estado, a escola e a fábrica também se organizam de forma arborescente.

Deleuze e Guattari chamam a atenção para a relação entre o rizoma e a árvore. Apesar de criticar a árvore, afirmam que existe uma relação entre os dois, por um transpassar o outro, modificando mutuamente a sua natureza. Isso significa dizer que, mesmo no rizoma, podem existir segmentos que vão endurecer e tornar-se árvore, ao mesmo tempo em que na árvore pode se dar a constituição de um rizoma. Exemplo disso é que “as sociedades primitivas têm núcleos de dureza, de arborificação, que tanto antecipam o Estado quanto o conjuram. Inversamente, nossas sociedades continuam banhando num tecido flexível sem o qual os segmentos duros não vingariam” (DELEUZE e GUATTARI, 1995, p. 90).

A obra dos filósofos é marcada por esse jogo de relações múltiplas, coexistentes e de certa forma, complementares. Não há um pensamento binário, de simples oposição entre os termos; não há oposição entre rizoma e árvore:

O que conta é que a árvore-raiz e o rizoma-canal não se opõem como dois modelos: um [a árvore] age como modelo e como decalque transcendente, mesmo que engendre suas próprias fugas; o outro [o rizoma] age como processo imanente que reverte o modelo e esboça um mapa, mesmo que constitua suas próprias hierarquias, e inclusive ele suscite um canal despótico (DELEUZE e GUATTARI, 1995, p.31).

O rizoma como um modelo de resistência ético-estético-político, acaba por se tratar de linhas e não de formas. Por isso, pode fugir, esconder-se, confundir, sabotar, cortar caminho. Assim, tem-se as linhas de fuga que são aquelas que escapam da tentativa totalizadora e fazem contato com outras raízes, seguem outras direções. Não é uma forma fechada, não há ligação definitiva, são linhas de intensidade.

Quanto ao agenciamento, é precisamente este crescimento das dimensões em uma multiplicidade que muda necessariamente de natureza à medida que ela aumenta suas conexões. Não existem pontos ou posições em um rizoma como se encontra na estrutura, na árvore, na raiz. O interessante é que existem somente linhas, múltiplos caminhos sem existir o certo e o errado a ser percorrido.

As estruturas rompem com a possibilidade do rizoma, aprisionam-no e o tornam estático, sem passagem. O recorrente a todas as teorias é que tendem a cortar as multiplicidades, acabam por reduzir seu objeto: *“Toda vez que uma multiplicidade se encontra presa numa estrutura, seu crescimento é compensado por uma redução das leis de combinação”* (DELEUZE e GUATTARI, 1995, p. 34). O rizoma não deve ser conduzido à unidade, coloca-se contra um fechamento, contra regras pré-estabelecidas, o pensamento rizomático se move e se abre e, potencialmente, está apto para trilhar em todas as direções.

O rizoma não se fecha sobre si, é aberto para experimentações, é sempre ultrapassado por outras linhas de intensidade que o atravessam. Como um mapa que se espalha em todas as direções, abre-se e se fecha, pulsa, constrói e desconstrói. Cresce onde há espaço, floresce onde encontra possibilidades, cria seu ambiente. São apenas agenciamentos, linhas movendo-se em várias direções, escapando pelos cantos, faz e desfaz alianças:

O que Guattari e eu chamamos rizoma é precisamente um caso de sistema aberto. Volto à questão: o que é filosofia? Porque a resposta a essa questão deveria ser muito simples. Todo mundo sabe que a filosofia se ocupa de conceitos. Um sistema é um conjunto de conceitos. Um sistema aberto é quando os conceitos são relacionados a circunstâncias e não mais a essências. Mas por um lado os conceitos não são dados prontos, eles não preexistem: é preciso inventar, criar os conceitos, e há aí tanta invenção e criação quanto na arte ou na ciência. (DELEUZE e GUATTARI, 1995, p. 55)

O caráter aberto e múltiplo da proposta de pensamento de Deleuze e Guattari é extremamente oportuno quando se pensa em dinâmicas contemporâneas de escrita e ampliação do território desta, porque se pode, com isso, deixar de produzir teorias que visem atingir uma sistematização fechada, para simplesmente, flagrar a movimentação das demandas e reação delas dentro de uma lógica não definitiva. O que aqui se considera como método-rizoma permitiu ler as interconexões literárias de uma organização de escritores e obras que se des-re-territorializaram para formarem uma constelação em que há trânsito e permanência, reinventados pelo crivo cultural do outro, que se converte, como resultado, em

si mesmo. A isto se chama de Rede Literária de Timor que se constitui da natureza rizomática discutida.

Tais filósofos franceses propõem o conceito de desterritorialização, importante característica da Rede Literária de Timor, a começar em *O Anti-Édipo*, desdobrado, sobretudo, em *Mil Platôs* (1980) e *O que é a filosofia?* (1991). Intentam para a conceituação disso como uma noção com pretensão nova, a de que não há território sem um vetor de saída do território, e não há saída do território, isto quer dizer que a desterritorialização é um esforço para se reterritorializar em outra parte. E é esse movimento a implicação para, de forma invisível ou não organizada, haver relações mantidas em um território não ocupado, subjetivado e concernente à vivência ou a que se projeta/deseja ser seu:

A noção de território aqui é entendida num sentido muito amplo, que ultrapassa o uso que fazem dele a etologia e a etnologia. Os seres existentes se organizam segundo territórios que os delimitam e os articulam aos outros existentes e aos fluxos cósmicos. O território pode ser relativo tanto a um espaço vivido, quanto a um sistema percebido no seio da qual um sujeito se sente “em casa”. O território é sinônimo de apropriação, de subjetivação fechada sobre si mesma. Ele é o conjunto de projetos e representações nos quais vai desembocar, pragmaticamente, toda uma série de comportamentos, de investimentos, nos tempos e nos espaços sociais, culturais, estéticos, cognitivos (GUATTARI e ROLNIK, 1986, p. 323).

Na concepção de território discursivamente construído como uno e com herdeiros de paradigmas culturais em comum, é que a colonização realizada pelos portugueses foi subvertida em intervenção mútua entre os povos vitimizados pela opressão de um sistema exploratório e anulador. A literatura foi o campo propício para o alargamento de relações clandestinas de identificação e solidariedade. A potência da comunicação pela arte produzida elevaria as distâncias e os acontecimentos à estância da militância ou da promoção da valorização das lutas individuais como coletivas.

Neste sentido, Deleuze e Guattari destacam a perspectiva do poeta diante da não passividade de ser somente homem, comumente abrigado em certezas e verdades. Ao contrário, destacam a decisão de romper com o conforto da visão una e libertar o caos, ainda que atenuado, possa haver a incidência de uma luz-chave para compreensão de algo maior, função esta a da literatura:

Os homens não deixam de fabricar um guarda-sol que os abriga, por baixo do qual traçam um firmamento e escrevem suas conversações, suas opiniões; mas o poeta, o artista, abre uma fenda no guarda-sol, rasga até o firmamento, para fazer passar um pouco do caos livre e tempestuoso e enquadrar, em uma

luz brusca, uma visão que aparece atrás da fenda, primavera de Wordsworth ou maçã de Cézanne, silhueta de Macbeth ou de Ahab, segue a massa dos imitadores, que remendam o guarda-sol, com uma peça que parece vagamente com a visão; e a massa dos glosadores que preenchem a fenda com opiniões: comunicação. (DELEUZE e GUATTARI, 1995, p. 64)

No campo literário, a arborescência em que se instituiu fazer representar a organização de obras em um sistema, com regras específicas de funcionamento e reconhecimento deste como tal, parte-se da visibilidade e apreensão da necessidade de um cânone suficientemente fixo e universal. Este condiciona interpretações para que sua força seja retumbante e redundante, ainda que seletivo e fechado o bastante para ser impermeável ao que cresce invisível para nunca arborescer, mas permear ou marginalizar quando no caminho. A instituição do clássico e do canônico exercita a edificação valorativa, a condução para se pensar mais em se ver oposições que transições.

Pela ideia da árvore fixar o verbo ser e por meio do rizoma a conjunção e... e..., é que se optou pelo labirinto de significações ao adotar a leitura rizomática para se compreender as relações literárias entre escritores das literaturas de língua portuguesa por Timor. Já não se pode mais percorrer o labirinto do Minotauro em que Ariadne deixa seu fio condutor para encontrar uma saída ou chegar a uma centralidade, é preciso um labirinto-rizoma, que seja a passagem, que transmute e se converta novo sempre.

1.1 No emaranhado do rizoma, abre-se passagem para a literatura comparada

O simples gesto de erguer o olhar, arraigado sob a burocratização dos contornos da soberania territorial e cultural individual, para voltar-se ao outro e neste outro encontrar a si mesmo reitera o alicerce sustentado pela diversidade de sujeitos e lugares de elocução. Isto é possível pela concepção de as relações literárias gerarem *corpora* desprendido dos respectivos sistemas literários e um a um formarem o tecido de uma rede contundente de vozes que dilata a densidade da literatura, como a Rede Literária de Timor.

De maneira geral, somente o que está à vista e cresce como tronco e copa de arbustos consolida-se na campanha de defesa e da preservação do engenho e arte. Isto quer dizer que quando o enquadramento ocorre como sistema literário, soterra-se escritores e obras; analisa-se insuficientes produções dentro das literaturas de língua portuguesa; ignora-se o conjunto de publicações de literatas deslocados de nacionalidades; e por fim, acredita-se que a maneira de realização organizada e inteligível da literatura de um país reconhecidamente advir culmina

no atendimento aos requisitos prescritos por Antonio Candido¹⁴ em *Formação da literatura brasileira*:

(...) a existência de um conjunto de produtores literários, mais ou menos conscientes de seu papel; um conjunto de receptores, formando os diferentes tipos de público, sem os quais a obra não vive; um mecanismo transmissor (de modo geral, uma linguagem, traduzida em estilos), que liga uns a outros (CANDIDO, 2009, p. 25).

A preocupação de Candido consistiu em também diferenciar pontualmente a “literatura propriamente dita” – isto é, um sistema de obras ligadas por denominadores comuns – do que chama de “manifestações literárias”, ou melhor, produções isoladas. Isso coloca em xeque a mensuração da consistência por meio do elemento a que determina como continuidade. Há a rigidez de um plano cartesiano voltado a reduzir a leitura do que seja literatura quando atrelada a sistema, uma vez que para atestar a sua existência é preciso se comportar previsivelmente ao longo do tempo para ser passível de tradução (no sentido de Boaventura de Sousa Santos).

Não é de se estranhar que Antonio Candido tenha feito uso da metáfora da ramificação para exprimir o lugar derivativo e hierárquico (inferior) a que colocou a literatura brasileira, fruto de um pensamento arborescente (em mais de um sentido): “nossa literatura é galho secundário da portuguesa, por sua vez arbusto de segunda ordem no jardim das Musas...” (CANDIDO, 2009, p. 9). Tal descrição incorreu, por muito tempo, como uma diretiva capaz de jamais emancipar, valorativamente falando, e por associação, as literaturas “surgidas” ou “firmadas” no século XIX e XX.

Outra proposta que se segue à clássica teorização de Candido e se distancia do sistema literário se ligar à ideia de nacionalidade é o projeto de integração regional para o estudo da literatura. Ángel Rama apresenta-se mais arrojado que Candido ao desenvolver a noção de “comarca literária” como possibilidade para que se compreenda a heterogeneidade da cultura latino-americana (RAMA, 2004 e 2008). Tal proposição entende que as regiões geoculturais do continente em questão possuem uma tradição cultural comum, mas que não necessariamente respeitam limites e fronteiras nacionais. Há uma inclinação de Rama em fazer uso de lupa para acessar a recorrência da literatura sob a unidade do regionalismo. Como exemplo disso, a comarca literária do pampa, em que se tem a literatura e a cultura produzidas na Argentina, no Uruguai e no sul do Brasil. A transnacionalidade (para usar

¹⁴ Crítico e teórico que primeiro trouxe e abordou no Brasil a questão do sistema literário.

termo ramaniano: transculturação¹⁵), neste caso, resulta na aproximação identitária e recorte de camadas representativas do ser pampa.

Como avanço à nítida referência ao padrão fixado que a estrutura candiana remonta e em certo sentido flertando com Rama, a teoria dos polissistemas quer abrir mais espaço para a flexibilidade do que se entende como sistema, partindo de um viés funcionalista (sistema dinâmico) pensado por Itamar Even-Zohar. Nota-se como o teórico israelense problematiza o caráter rigoroso da dinâmica que forja o sistema, uma vez que conduz para que se pense nas necessidades inerentes ou individuação do ponto de vista teórico deste: “Advogar pela inclusão ou exclusão de certas circunstâncias/caraterísticas no “sistema” não é uma questão da descrição sistêmica da literatura, mas um problema do maior ou menor êxito que pode se alcançar mediante um procedimento ou outro do ponto de vista da adequação teórica” (EVEN-ZOHAR, 2009, p.15).

A ideia de unidade, de coesão ou de linha condutora a que se deva existir para se chegar à definição de polissistema ainda não é suficientemente aberta, solta das amarras da categorização que pretende muito mais captar e preservar as relações que vê-las fugazes, múltiplas, imprevisíveis e mutantes. A pauta de Even-Zohar está nas relações sistêmicas significarem a rede, que por sua vez, é necessária para legitimar o todo organizado como “atividades chamadas literárias”:

A rede de relações hipotetizada entre uma certa quantidade de atividades chamadas “literárias”, e conseqüentemente, essas atividades observadas através dessa rede.

Ou:

O conjunto de atividades – ou qualquer parte dele – para que relações sistêmicas que fundamentam a opção de considerá-las “literárias” podem ser hipotetizadas. (EVEN-ZOHAR, 2009, p.14)

Ao contrário das proposições de Candido e Even-Zohar, é relevante considerar que para o rizoma toda relação, todo ponto de contato é equidistante em um perpétuo jogo de interações. A causalidade que há nisto é caótica e certamente mais fecunda e experimental que a verificação da presença ou ausência de relações para o consenso de um caráter sistêmico. A anarquia de um sem começo e de um sem fim de encadeamentos contempla outras territorialidades para a expressão do literário ocorrer.

¹⁵ Diferentemente da noção de *aculturação* utilizada pelo cubano Fernando Ortiz, que carrega aspectos semânticos negativos, relativos à dependência cultural, a noção de transculturação implica no transplante de aspectos culturais que são apropriados de maneira crítica e recontextualizados na nova cultura.

Por meio das relações invisíveis que pressupõem o rizoma-escritores de língua portuguesa, linhas de intensidade começaram a se fazer perceber quando no movimento de avestruz a perspectiva subterrânea das ramificações, entrelaçamentos e desvios foi espreitada. No lastro do flagrante, nenhum naufrago, nenhum isolamento ou descontinuidade, o que havia era a densidade da visão do meio, do emaranhado: de uma rede viabilizada pelas relações literárias se fundarem por Timor-Leste.

Não haveria faro e nem fresta com luz incômoda aos olhos para a hipótese da leitura rizomática das relações entre escritores lusófonos se antes não tivesse sido sedimentado o exercício epistemológico do comparatismo no campo de investigação dos estudos literários¹⁶. Os pressupostos de ultrapassar todas as fronteiras (é preciso fortalecer a imaginação para fixá-las no lugar onde foram colocadas), da recontextualização da literatura quanto ao histórico e social para a recuperação de questões de fundo como a função social desta e preocupações concernentes ao colonialismo¹⁷ que uma literatura ou cultura exerce sobre outra(s) fazem da atuação de tal área do conhecimento a potência transgressora, mutável e capaz de expandir-se, porque tece diálogos.

A sabida polêmica sobre a (in)definição do objeto de estudo da literatura comparada em detrimento da literatura “geral” não ser consenso desde a década de 1950 é o sintoma de que é polimorfa e que não cede ao conservadorismo e elitismo, demonstrado, por exemplo, pela vertente estadunidense responsável pelos relatórios apresentados à ACLA¹⁸. Somente com a virada multiculturalista, com a abertura formal para os estudos culturais, – ainda que isto tenha sido recepcionado como a fragilização da identidade institucional da literatura comparada como campo de investigação – é que se assumiu interesse por objetos de estudo até então restritos a outras disciplinas, seja da sociologia, da antropologia, da filosofia.

Infla-se as possibilidades de ação da literatura comparada em um mundo em que a crise está instaurada (e isto não é necessariamente ruim), que influxos originários dos feminismos, dos estudos pós-coloniais e da filosofia pós-estruturalista (para citar algumas correntes) podem ser apontados como contribuições bem-vindas para o alargamento e reformulação teórica. No entanto, a reflexão relevante para um real avanço é solucionar o forte poder das hegemonias acadêmicas diante de determinadas categorias (identidade cultural, nação, língua nacional e literariedade) construídas e imbuídas de/por marcas

¹⁶ Tendo em vista a concepção e desenvolvimento desta pesquisa.

¹⁷ René Etiemble, em *Comparaison n'est pas raison* (1963), foi um dos primeiros comparatistas que se preocupou com questões relacionadas ao colonialismo mencionado.

¹⁸ Sigla para American Comparative Literature Association, fundada em 1960.

históricas frágeis aos interesses de estudos que visam, agora, maior representatividade. Isto tem a ver com ir além das ficções conceituais e de girar em torno do cânone, é muito mais produtivo impulsionar a capacidade de uma revisão que force a crítica ao exercício da metacrítica, de maneira a instigar a problematização dos pressupostos paradigmáticos da própria teoria da literatura.

Por isso, consegue-se alinhar o método-rizoma à literatura comparada, porque se quer obter como resultado um processo de teorização e análise do artefato literário que implique na descolonização do imaginário, sem repatriá-lo. Seria, mais propriamente, redimensionar o atual (des)apreço da crítica cultural às tradições literárias não-europeias em vista do descortinamento de saberes e significações de mundos ignorados ou menosprezados, a saber: Timor-Leste. Entretanto, inseri-los à roda acadêmica não deixa de ser, até certo ponto, a ilusão de que, em verdade, se está a inventar, a partir do gesto interpretativo, o outro.

Levando em consideração o mito da transparência dos processos de tradução cultural, esconde-se uma lógica perversa que anula as diferenças. Se, como Susan Bassnet¹⁹ afirma, todo processo de tradução cultural pressupõe perdas e ganhos, deve-se restituir a importância de se potencializar os ganhos e, por meio da prática de enxergar as alteridades, prever que algo escapará do original. É justamente a lacuna não preenchida ou mesmo se é preenchida que mudará o *status* da relação no lidar com as idiossincrasias: conscientemente simbiótica (identificação, sentido de pertença) ou relutantemente afirmativa (o contraste com o outro me afirma no lugar em que estou/sou).

A (in)disciplina da literatura comparada é compatível com a do rizoma, em que se poderia falar em uma perspectiva de essência multidirecional sobre as relações e os textos. Seria o meio de povoar a inteligibilidade de visões de mundo disponíveis e não acessadas, revelar lugares de silêncio dentro da produção cultural mais geral, a cargo disto está a Rede Literária de Timor.

1.2 A potência rizomática de Timor-Leste transfere-se à literatura

Nota-se o esforço para o reconhecimento de a margem costurar de fora para dentro a própria integração no processo de abertura às diversidades literárias. A questão que se segue à legitimação da diferença cultural é a de que este saber por si só não basta, nestes termos, tem-se o exemplo da consolidação de cooperação entre países da lusofonia em torno do

¹⁹ *Translation Studies*. 4th Revised Edition. London: Routledge, 1998.

empreendimento da Comunidade de Países de Língua Portuguesa, a CPLP. E, no tocante a isto, embora Timor-Leste faça parte da iniciativa cimentada por meio das “pontes naturais” implicadas pela colonização portuguesa, é vítima da indiferença, porque não se tem garantia de que necessariamente o “encontro de culturas” não obedeça à cadeia de subordinação ou hierarquias ancoradas historicamente e academicamente.

O escopo das literaturas de língua portuguesa deveria atender às demandas de estudos quase inaugurais em se tratando da produção literária de alguns países como São Tomé e Príncipe e Timor-Leste. No entanto, percebe-se forte tendência a escanteá-los ao invés de elevá-los e o motivo tem brigada nas dificuldades acarretadas por toda a sorte de empecilhos alegados: geográficos, linguísticos²⁰, de ordem política, problemas com a circulação de obras, dificuldade de teorização quando a referência são os sistemas literários seculares da literatura escrita ocidental.

Acomoda-se as produções literárias concernentes a Timor-Leste em um não-lugar, em que aleatoriamente rotas desconectadas são traçadas apenas para a comprovação, mais uma vez, de que não se deve despendar fôlego diante do que não possui o encaixe resolutivo da tradição de um projeto de literatura nacional nítido, conciliado, proporcionalmente, às investidas das literaturas africanas.

Como complementação ao discurso circular da fragmentação, obscuridade e ausência de qualidade literária em se tratando das produções da *literatura timorense*, discussões a respeito do termo apropriado para designar e diferenciar o artefato literário local do estrangeiro promovem, ao menos, alguma repercussão. Estão a serviço de sinalizar algumas das singularidades esperadas para a explicitação da autenticidade da des-re-territorialização envolvida nas relações literárias, mesmo assim não se empreende investigação sobre isso.

Em *Um brevíssimo olhar sobre a Literatura de Timor* (2004) de João Paulo T. Esperança – considerado primevo estudo sobre o panorama de autores, principalmente timorenses – de pronto, faz um alerta sobre o sentido que a escolha dos restritivos junto à palavra literatura (de Timor ou timorense) pode sugerir quanto à exclusão/inclusão de escritores, a considerá-los externos e não filiados a um projeto de literatura nacional:

Antes de mais um esclarecimento se impõem. Porquê literatura “de Timor” e não “timorense”? É que não pretendo limitar-me aqui aos autores nacionais, mas sim incluir também um pouco daquilo que há para ler de naturais de outras paragens que tenham tomado Timor como tema literário. (ESPERANÇA, 2004, p.1)

²⁰ Ainda que Timor-Leste tenha adotado a língua portuguesa como o segundo idioma oficial do país, grande parte da população não é falante do Português.

Percebe-se que se dispensa o critério da especificidade local e se engloba a considerável recorrência de escritores que se voltaram para temáticas exteriores à própria cultura. É de se registrar que as barreiras supramencionadas foram ignoradas por diversos escritores reconhecidos em seus sistemas literários e ocorreu pelo interesse nas novidades das verdades culturais de um povo-irmão enveredado na rota do sândalo. A opção de Esperança pela apresentação de um panorama integrador coloca-se como sintoma de que as relações literárias tomam à frente como elemento promovedor de uma lógica de produção.

Outros estudos se desdobram a partir da noção apresentada por Esperança. Letícia Villela Costa de Lima, na tese *Metáforas do Mosaico: Timor-Leste em Ruy Cinatti e Luis Cardoso* (2012), endossa-o quanto à diferenciação ou categorização das produções referentes a Timor serem necessárias, sugerindo o exercício de uma leitura em que se rejeita o “fora”, sendo o “dentro” os nascidos no território:

(...) quando tratamos da literatura no caso de Timor, podemos fazer uma diferenciação entre literatura timorense e literatura de Timor. Para isso, seguiremos a ideia de João Paulo Esperança, no livro *Brevíssimo Olhar sobre a Literatura de Timor*, onde aborda não só os autores nascidos em Timor, incluindo os que escrevem na diáspora, que tenham tomado o país como tema literário, mas autores não necessariamente naturais, mas que tenham Timor como tema. Os primeiros autores se enquadrariam na categoria “literatura timorense”, e os segundos, na categoria “literatura de Timor” (LIMA, 2012, p.63).

A linha de divisão gerada pelas categorias “literatura timorense” e “literatura de Timor” (como há também quanto à literatura macaense e literatura de Macau) é, neste trabalho, limitadora da confluência relacional, da causalidade e do emaranhado propositivo subterrâneo à superfície simplificada pela verificação de critérios de naturalidade e de território de escrita. Não se chega a esta revelação se não cavar o solo e constatar a fertilidade na propagação de ramificações interculturais.

No âmbito da Política Educacional, houve parceria de universidades portuguesas e o Ministério da Educação de Timor-Leste, a portuguesa Ana Margarida Ramos (2009) fez parte da construção do cenário mais atualizado no concernente às produções literárias timorenses, justamente pelo fato de ter participado da elaboração do material didático de Literatura (em Português) para o Ensino Secundário das escolas de Timor-Leste. Isto lhe proporcionou o contato efetivo, além da eleição de obras e escritores, a já integrarem uma perspectiva de

estabilização de representatividade literária timorense, instituído, portanto, pela legitimação do ensino.

O olhar formado diante desta experiência perpassa pelo roteiro histórico e pela viabilidade de uma literatura em língua portuguesa como parte da manifestação da resistência do povo timorense. Incluídos estão os considerados mais importantes escritores timorenses de língua portuguesa, como Jorge Barros Duarte, Francisco Borja da Costa, Jorge Lautén, Celso Oliveira, Xanana Gusmão, João Aparício e Abé Barreto Soares. Quase todos estão representados na coletânea *Enterrem meu coração no Ramelau* (1982), publicada em Luanda pela União de Escritores Angolanos (UEA).

À semelhança das outras literaturas que se revelaram após a independência dos respectivos países, como aconteceu, diferentemente, é certo, com os países africanos de língua oficial portuguesa, a literatura timorense vem fazendo, desde há décadas, um lento caminho de construção e afirmação, pesem embora as inúmeras vicissitudes do processo político e social e as suas repercussões de índole cultural e, mais especificamente, literária. No caso timorense, a diferença em relação aos países africanos acentua-se pelo facto de, face à ocupação indonésia, a língua – e consequentemente a literatura – ter desempenhado relevante função de resistência e de intervenção, sendo que a rutura com a herança e o paradigma português não se realizou de forma efetiva ou total. (RAMOS, 2009, p.151)

Verdadeiramente, a expectativa é que a literatura seja previsivelmente detectada em seu início, parta de referências a serem superadas e caminhe para a centralidade valorativa e majoritária em vista de – reproduzidos os modelos conhecidos – possa se aproximar do arranjo canônico. No caso de Timor-Leste, constata-se que se vai tramando ao tecido histórico, político, social e cultural implicados na literatura a complexidade da flutuação, de ser nuvem e de desenhar na liberdade do azul celeste a frequência de chuvas, passeios ao léu ou esvanecimento. A questão passa por entender que não se trata de um aglomerado de escritores, mas de uma combinação de participações como as gotas diminutas de água ou de cristais de gelo em suspensão para compor as nuvens, sendo que para Timor forjam o movimento voltado para a densidade de entremear.

Ainda sobre os estudos que se dedicaram às literaturas de língua portuguesa e deixaram pistas sobre o caráter decisivo das relações, Benjamin Abdala Jr. em *De Vôos e Ilhas: Literatura e Comunitarismos*, livro com o objetivo de discutir textos construídos em torno da utopia libertária, menciona brevemente o Timor no capítulo “Fronteiras Múltiplas e Hibridismo Cultural: Novas Perspectivas Ibero-afro-americana” como exemplo de um país

que acabou por promover a manifestação de movimentos comunitários supranacionais em prol de uma intervenção principalmente dos países de língua portuguesa quanto à desejada autodeterminação. No entanto, Abdala Jr. ainda não inclui o Timor nas “novas perspectivas” já que se restringem a países do mundo ocidental: “íbero-afro-americana”.

Em outra oportunidade, Abdala Jr. percebe a “incipiente” *literatura timorense*, referindo-se à influência da perspectiva da oralidade, à pluralidade linguística e à militância política frente ao crítico fardo da opressão indonésia. Isto implica que nas edições das obras de Fernando Sylvan e Xanana Gusmão, por exemplo, haja a necessidade de se darem em duas ou três línguas.

A contemporaneidade da *literatura timorense* de língua portuguesa e a particularidade da literatura “sobre o Timor” (produzida nos anos de invasão indonésia por portugueses e africanos) sinalizam relações *sui generis*. Posto o engajamento político, neste caso, vai além, apresentou-se como humanitário, dando provas da solidariedade entre povos com herança colonizadora em comum. E com isto, as literaturas de língua portuguesa ganham outras militâncias e formas de diálogo, o que indica a necessidade de análise das relações literárias para o alcance de Timor-Leste no concernente às literaturas de língua portuguesa.

Assim sendo, vê-se improdutivo inventariar todas as obras timorenses e acrescentar as publicações “sobre Timor” para que o montante signifique a representatividade literária. Acredita-se ser possível oferecer uma leitura, aproveitando a potência rizomática do povo de Timor-Leste em encadear relações literárias e afastar o que seria uma fragilidade beirando a inexistência do sistema literário, para se pensar em Rede Literária de Timor e problematizar o trânsito e a permanência de vozes até então pouco conhecidas, porque o que se enxerga é, essencialmente, uma (des)organização pela análise das relações.

A fecunda semente rizomática de Timor pode ser exemplificada na obra dedicada ao cruzamento de destinos da língua portuguesa, do angolano José Eduardo Agualusa que traz em *Milagrário Pessoal* (2010) capítulo dedicado à “curiosa história do professor primário timorense Fadário da Luz do Espírito Santo, que durante o período da ocupação indonésia percorria cidades e aldeias declamando, em sessões clandestinas, os sonetos de Camões” (AGUALUSA, 2010, p.86). O narrador angolano, um acadêmico aposentado, conta a história de um timorense apaixonado pelos versos de Camões (e não propriamente pelos portugueses), que declama os sonetos com um leve sotaque brasileiro e que pelo uso da língua portuguesa, no contexto de ocupação, protesta.

Ou o inverso, um protagonista timorense, representante de uma “geração perdida” na diáspora, criado em Lisboa, mas desaparecido em África. *Andanças de um Timorense* do

leste-timorense Ponte Pedrinha (1998) é a truncada obra do retorno a um mundo em conflito, já não mais de sacrifícios exclusivos de timorenses se não estendido ao solo africano.

A navegação de literaturas, de escritores, de obras, de poemas no arcabouço cultural de Timor-Leste é indistintamente realizada por vias-passagem, vias-retorno, vias-pertença, vias-solidariedade, vias-resistência, vias-colaborativas, vias-ausências, vias-presença. Como não há bússola, somente horizonte, o campo de experimentação é extremamente atrativo, produz o efeito caleidoscópico, entremeia, sem regular o resultado ou efetivar paradigmas.

As linhas de intensidade das relações de Timor com os fluxos de contato são tão sutis e ao mesmo tempo penetrantes que em um dado momento passam, sigilosamente, a *alma mater* do rizoma. Os mais diversos motivos reúnem vozes para falar junto do povo timorense, mas o principal deles é o preenchimento dos espaços de identificação, de resistência e de reciprocidade de legitimação na produção cultural compartilhada. O que se quer, afinal, é a passagem e não a perenidade.

2. *DALAN TIMOR*²¹ – A ROTA DAS RELAÇÕES LITERÁRIAS DE TIMOR

Em prol do entendimento da vibração das relações, aborda-se o encontro cultural registrado/inventado²² do Ocidente quanto ao Oriente sob a perspectiva do imperialismo português ao estabelecer colônia na metade da ilha a que se chama Timor-Leste. Por meio de agenciamentos²³ de toda ordem, captou-se a heterogeneidade de causas, atrações e repulsões da primeira mirada de literatas quanto ao outro não-europeizado e nem ocidentalizado, na circunstância da experiência/experimento do deslocamento. O interesse e a importância deste percurso consistem em evidenciar a multiplicidade de condições como vocação para instrumentalizar e justificar a (re)ação consequente do emaranhado de potentes vozes de Timor e junto a Timor.

A proposta deste capítulo é a de se afastar do remonte historiográfico, ou pelo menos da perspectiva eurocentrada, da precisão linear da reconstituição dos fatos, para investir na apresentação de uma conjuntura forjada pelo desejo dos portugueses pela expansão comercial, responsável pela simbiose homem-mar que ativou outras possibilidades de encadeamento e implicações, como ocidente-oriental, Portugal-Timor-Leste, Timor-Leste-CPLP, por exemplo. Com isso, linhas de fuga mostram aos experientes que a consistência cultural e hegemônica é empobrecedora, porque a desterritorialização do movimento introjetado nas mobilizações devolve a capacidade de flutuar entre dois pontos de contato, vitalizar a não definição de espaços de ser, de saber e de estar.

A trajetória não se inicia e sim parte da Europa, transporta-se desafiando a homeostática do isolamento para o seu fim: impor-se em território habitado e estratificá-lo sob as condições de exploração e manutenção mercantil. As camadas do alcance intercultural não somente envolveram o desencadear de situações opressivas, mas são transpassadas pela principal ponte entre as (ex)colônias portuguesas, como a partilha da língua do colonizador como código de reagrupamento e novo enfrentamento de subjugo. A pendulação das relações desafia, desvia e desfia o desenho contido no tear-amálgama ideal, porque não vira tecido acabado, somente o devir irrefreável, ainda mais se se considerar o silenciamento causado

²¹ Em tétum, a tradução seria “o caminho de Timor”.

²² O termo “inventado” foi utilizado tanto no sentido de Edward Said quanto na concepção de Deleuze e Guattari da invenção e transferência das multiplicidades.

²³ O escritor inventa os agenciamentos a partir de agenciamentos que se inventaram, ele faz passar uma multiplicidade na outra. O difícil é fazer conspirar todos os elementos de um conjunto não homogêneo, os fazer funcionar juntos. As estruturas estão ligadas às condições de homogeneidade mas não os agenciamentos. O agenciamento é o co-funcionamento, é a “simpatia”, a simbiose. [p.65]

pela unilateralidade de ações europeias em detrimento da liberdade de potência de ser timorense, da revelação que seria se houvesse a *timorização* de todo o discurso que recai sobre si.

A viagem e não necessariamente o sucesso de se chegar ao destino determinado é que foi proporcionando desembarques e pontos de contato, bem como a possibilidade das relações irem sendo estabelecidas (mesmo que hierarquizadas). O deslocamento dos portugueses pelo mar forçou a abertura para o conhecimento de novas dinâmicas culturais em uma rota que atingiu o Índico e o Timor-Leste.

A literatura (de informação) também foi o meio de registro das primeiras impressões sobre o outro, a partir de cartas, crônicas, relatos e demais documentos encomendados pelo rei (figura estática). A visão inaugural resultante de tais escritos ora queria espelhar como paradigma universal as linhas gerais do imperialismo europeu e cristão ora se afastava para na diferença evidenciada se afirmar logicamente superior (Europa=Ocidente). No entanto, com o avanço de séculos na linha temporal do deslocamento, que tem como marco as Grandes Navegações, os viajantes e as viagens inauguraram outras relações e ensejos, também expressos pela literatura.

Traça-se a rota pela qual se conhece os escritores-viajantes das literaturas de língua portuguesa que chegam a Timor (considerando os índices paratextuais) e também o movimento inverso, em que os escritores timorenses se aproximam deles. Aborda-se, portanto, na textualização das relações, as diferentes motivações de estar junto ao povo timorense e se dirigindo a este.

2.1 A viagem: terra estranha à vista!

Desde a Antiguidade a viagem pressupõe mudança, uma via de passagem, de deslocamento no espaço físico ou imaginado, de tal maneira que transcenda um estado de coisa imóvel, que se incline para a exploração do desconhecido ou que signifique o regresso, como Ulisses, heroicamente, fez. Todorov (2006) questiona se há algo que não seja viagem, uma vez que a própria vida se define como uma por percorrer o destino certo do nascimento à morte. Assim, existe uma relação entre espaço e tempo na vida-viagem que acarreta, inevitavelmente, alguma alteração de si. Viajar é uma das necessidades mais antigas do homem e as numerosas obras literárias medievais que se serviram da viagem como motivo central da sua intriga não são mais que um reflexo das contínuas deslocações que ocorreram

na realidade. Todavia, a literatura converteu o simples fato de alcançar um lugar num ato espiritual de enorme importância.

Algumas das mais famosas epopeias como *Odisseia*, *Beowulf*, *Jerusalém libertada*, *Os Lusíadas*, a saga do homem, a conquista, o ato fundador das nações está plasmado em atos que exigiram o deslocamento no espaço e a coragem da flexibilidade do pensamento. Livros inteiros da Bíblia, que influenciou escritores em todas as culturas, são igualmente relatos de viagens. Lembremo-nos do Livro do Êxodo, cujo título veio a se torna símbolo de movimentos memoráveis até nossos dias. Neste sentido, a viagem implica no abandono do que era anteriormente próprio e busca o inicialmente estrangeiro, que pode vir a ser apropriado e incorporado no futuro.

As longas e árduas deslocações ao Oriente dos esforçados membros da ordem franciscana, como Guilherme de Rubruck, João de Plano Carpini, Ricoldo de Montecroce, João de Montecorvino (o único arcebispo de Pequim na Idade Média) e Odorico de Podernone, provaram que o mundo medieval não foi um mundo fechado, mas percorrido incessantemente, quer ao nível interno, quer em relação a paragens exteriores à cristandade latina.

Com efeito, nem a ausência de comodidades, nem o medo do mar ou de dormir em terras longínquas e desconhecidas impediram os missionários, os peregrinos e os mercadores de se porem ao caminho, como foi o caso, para referir um exemplo paradigmático, do mercador Marco Polo. Desta imensidão de périclos nasceram relatos preciosos que deram a ver à Europa um pouco mais de consistência de outros mundos que não apenas o dela.

Por outro lado, os compêndios dos relatos dos viajantes (diários, crônicas, entre outros) incutiram, ao longo dos séculos, aventuras fundadoras pelos mais diversos territórios e povos, o que proporcionaram uma experiência tão válida e fecunda da multiplicação do lido que pôde reverberar em uma vivência interna e íntima com os acontecimentos. Algumas viagens e viajantes compõem a tradição de relatos e se destacam já a partir do século XIV, como o já citado Marco Polo, cuja narrativa demonstra o alumbramento da visita feita à China, percebida na obra *Livro das Maravilhas*. Outros muito conhecidos como John Mondeville com *Viagens de Ultramar*, além de compilações como *Imagem do Mundo*. Todorov menciona que “é assim que Colombo leva consigo cartas para o Grande Khan, descrito por Marco Pólo, e que Vasco da Gama faz o mesmo para o padre Jean, personagem lendário habitante das Índias, a se acreditar no relato de Mandeville” (TODOROV, 2006, p. 232).

Não é por acaso que estes textos são quase simultâneos e que conheceram uma grande divulgação. Perante a falta de informação em primeira mão, as viagens imaginárias contribuíram para saciar a sede de notícias dos leitores, os quais assimilavam rapidamente estes relatos aos conhecidos, e verídicos, de missionários e de mercadores, operando assim uma complexa conexão entre dados reais e imaginários, entre atualidade e tradição.

Não é difícil de deduzir que o relato, muitas vezes, antecedia a viagem por não necessitar da concretização do ato de se movimentar, neste sentido, colocado em curso como um mecanismo de extensão da concepção cultural e imaginativa do que está fora de alcance. Nem todas as notícias dos regressados eram recebidas com espanto, porque era comum um lugar flutuante de rumores, projeções fantasiosas e mesmo mitos ocuparem-se de adiantar a cogitação de novas percepções de mundo.

É neste sentido que se chega aos relatos e desdobramento deles referente às Grandes Navegações, em que a expressão cristalizada “terra à vista” (a princípio se refere ao avistamento da América) poderia ser ajustada para “terra estranha à vista”, uma vez que é o estranhamento a reação primeva registrada. Dificilmente só houve para ser avistado e dominado o volume grandioso de montanhas, matas e rochedos. É marcante como a perspectiva de centralização do mundo europeu fez o restante do globo se resumir a descobertas/rotas a serem realizadas, porque naturalmente se empostaram como desbravadores, ou ainda, expansionistas e destinados a fatalmente civilizarem a todos.

O irônico é que “descobrir”, no século XVI, significou o início da tomada de territórios que já estavam ocupados e organizados socialmente. Muitos destes recebiam um trânsito considerável de negociantes provindos das redondezas, o diálogo entre povos e culturas era uma dinâmica estabelecida desde sempre, com tratados de paz e rompimentos; e comprovável, por exemplo, a partir dos relatos deixados por Álvaro Velho e publicados, como *Relação da Viagem de Vasco da Gama* (1990). O percurso da viagem Lisboa-Calicute-Lisboa era inédito, porque alcançariam a parte do Oriente que lhes interessava e conseguiriam negociar sem atravessadores. A empreitada liderada por Vasco da Gama, entre 1497 e 1499, é uma das linhas-passagem para a reverberação de pontos de contato, na época, ainda não tocados.

Já no início do relato da *Relação*, antes mesmo de contornarem o Cabo da Boa Esperança, é possível perceber indicativos obtidos das experiências de Bartolomeu Dias (mesmo não havendo notícias de diários deixados) pertinentes à navegação, mas, principalmente, sobre o encontro com os povos originários dos “pousos” realizados na costa africana. A ausência de surpresa com a “visita” estrangeira foi justificada pelo trânsito de

naus, pessoas e objetos ter ocorrido por meio de outras tentativas de traçar a rota às Índias. Dias foi o primeiro a fazer a volta em torno do tal Cabo das Tormentas, ainda que isto não fosse o objetivo último. Fazendo jus à fama, uma forte tempestade adiou o contato com o Oriente, o desvio ocasionado iludiu Dias de onde verdadeiramente estava, passando a vez do feito para Vasco da Gama.

O registro de Álvaro Velho conta com certo envolvimento nos acontecimentos, a tal ponto de acessar um imaginário mítico ou mesmo falacioso evidente no relato e perseguido pelo responsável pelas notas/comentários, Luís de Albuquerque, por colocar em dúvida ou à prova aquela voz-viajante. A imagem pré-concebida de africanos e orientais não é necessariamente desfeita pelo contato real, daí a motivação das intervenções no exagero, invenção e liberdade criativa na autoria do texto.

Para o trecho “(...) e eles começaram logo a tanger quatro ou cinco flautas, e uns tangiam alto e baixo, em maneira que concertavam muito bem para negros, de que se não espera música” (VELHO, 1990, p.17), Albuquerque é incisivo, dizendo: “Álvaro Velho enganava-se; a música negra era, e é, de apurada harmonia, e em geral a sensibilidade dos africanos aos sons é de tal modo apurada, que só se torna possível muitas vezes transcrever a sua música na pauta europeia com o recurso a artifícios convencionais” (VELHO, 1990, p.17). É interessante a preocupação em desfazer o engano, de anexar uma via mais valorativa, ainda que não seja possível mudar o próprio relato. A ofensiva de superioridade jamais será apagada, apenas ressignificada, amortizada, sem que o vestígio de um imperialismo também ideológico se extinga.

O espanto ao ver a riqueza de alguns mercadores negros islamizados na costa moçambicana agregou maior amplitude ao conhecimento cultural dos portugueses, dando a oportunidade de descortinarem um sentido certo e reducionista de primitivismo associado aos povos africanos. Em nota, Albuquerque interpreta tal passagem: “É de notar que Álvaro Velho, impressionado com a classe superior desses homens (a julgar pela aparência) não hesita em chamar-lhes fidalgos” (VELHO, 1990, p. 26). O avanço de entremear mundos, certamente, fez o olhar de Velho ser inaugurado por diversas vezes, em contrapartida, não havia mais novidade nas cascavéis ofertadas pelo capitão-mor, Vasco da Gama, por onde passassem.

Ao mesmo tempo, a sinceridade dos pequenos insucessos também faz parte da singularidade da narrativa de Velho e da insistente replicação de não se admirar com a também persistência de outros povos em se bastar. Exemplo disso foi a resistência encontrada em garantir a marcação feita para indicar a estada dos portugueses nos territórios aportados.

Para isso, fincava-se uma cruz padrão de madeira, dizia-se simplesmente padrão, como mostra de reconhecimento da terra, entretanto, na perspectiva dos povos africanos, tratava-se de invasão a um território indiscutivelmente deles, e, portanto, reagiram:

Estando nesta angra de São Brás tomando água, uma quarta-feira, pusemos uma cruz e um padrão em a dita angra de São Brás, a qual cruz fizemos de uma mezena, e era muito alta. E à quinta-feira seguinte, estando nós para partir da dita angra, vimos obra de dez ou doze negros, os quais antes que nós dali partíssemos, derrubaram assim a cruz como o padrão (VELHO, 1990, p.20).

É difícil não vibrar com a pequena vitória de emancipação perante as cruzeiras e padrões, do reducionismo simbólico de povos à localização de uma rota direcionada à elevação da riqueza monetária e não cultural. A investida exploratória retardou a ampliação do conhecimento em profundidade, porque só estava a cargo de flagrar vantagens e oportunidades da apropriação bens materiais alheios. A fatalidade das relações desiguais é a opressão: a entrada de uma força distintiva e violenta externa à complexidade dos povos.

A uniformização da paisagem, dos indivíduos, das crenças significou forte sintoma de quão impedidos os portugueses estavam de simplesmente flutuar em busca da revelação do outro. A viagem de Vasco da Gama, relatada por Velho, parte de tal premissa com o acréscimo de que se o mundo se centra nos europeus como marco civilizatório e ocidental, não haveria como praticar o exercício do deslocamento do pseudo-lugar-comum em que se colocaram, para, sem bagagem, intercambiar.

A chegada dos portugueses a Calicute, na costa ocidental da Índia, está presente no registro de Velho, assim como o grande momento em que se reuniram com o rei que se refugiava em região mais interiorana. Adentraram-se por vilarejos; Velho, exercendo a sua contrapartida de resistência cultural, “ocidentalizou” e “cristianizou” tudo o que viu, a começar pelos templos hinduístas “e outros muitos santos estavam pintados pelas paredes da igreja, os quais tinham diademas; e a sua pintura era em diversa maneira, porque os dentes eram tão grandes que saíam da boca uma polegada, e cada santo tinha quatro e cinco braços” (VELHO, 1990, p. 56). E, depois, na insistência da aparência dos indianos hindus representarem a de homens cristãos (e que é, veementemente desacreditado, em nota, por Luís de Albuquerque):

Esta cidade de Calecut é de cristãos, os quais são homens baços. E andam deles com barbas grandes e os cabelos da cabeça compridos, e de outros

trazem as cabeças rapadas e outros tosquiadas; e trazem em a moleira uns topetes, por sinal que são cristãos; (...) e andam nus da cinta para cima, e para baixo trazem uns panos de algodão muito delgados (VELHO, 1990, p.51-52).

O contato direto com o Oriente desestabilizou o parâmetro de riqueza e comércio imaginados pelos portugueses, que por sua vez estavam despreparados para a política de negociação tramitada junto a um rei que exigiu provas da fortuna do reino de onde vinham por meio de presentes imponentes. Vasco da Gama foi ridicularizado pelo pouco que tinha a oferecer em nome de seu rei, sendo comparado ao mais pobre mercador de Meca ou Índias. A carta que Gama prometeu e entregou como “embaixador” do rei D. Manuel ao Samorim amortizou o mal-estar da situação, sendo que esta foi imediatamente traduzida por um dos seus que sabia castelhano, tamanho era o mosaico de povos e línguas que circulavam por ali. Verdadeiramente, um polo para a prática e estabilização das relações, ainda que fosse relativamente inesperado na concepção portuguesa de ver o mundo: tão menor e indiscutivelmente menos interessante que o seu.

A narrativa de Velho e de outros encarregados de historicizar viagens e consequentemente desencadear a imagologia – a difusão de uma verdade mais aceita que a própria realidade – proporcionou o entrecruzamento de sujeitos nos planos perceptivos, memoriais e interpretativos rumo a uma miragem ou efeito do real de que dificilmente se desvencilha. O impacto disso não pode ser controlado, segue penetrante como uma espécie de definição infiel ou que freia a multiplicidade como potência labiríntica e positiva de densidade.

Pairar o olhar sob o relato de uma das jornadas marítimas mais decisivas para o acesso ao Oriente é perceber, por mais que não se admita com naturalidade a mutualidade nisso, que todo o repertório cultural com ou sem permissão se redimensionou, de maneira a não ter mais como efetivar a remissão. O isolamento, a partir das Grandes Navegações, se querido, passou a ser forçado e entendido como o fechamento da conduta do diálogo. Como efeito do afastamento ou da não profundidade das relações antes tecidas, as fronteiras, as tensões e as banalizações. O movimento da repulsão ativa a diferença de tal modo que não possa ser conciliante, sendo que o que resta é a aversão e o retorno à prática colonizante de ser quanto ao outro.

Se se saltar séculos à frente da empreitada portuguesa pelos “mares nunca dantes navegados”, percebe-se que o Oriente ainda é abordado por generalizações imprecisas que provocam um vagar analítico, que não explicam as relações mantidas desde os povos da

antiguidade. Para além disso, foi posto como o contrapondo do Ocidente, como o contraste que fez com que a cultura europeia ganhasse força e firmasse identidade. Edward Said, em *Orientalismo* (2002), reúne um grande corpo de saber literário, erudito e científico sobre o Oriente, propõe que o orientalismo seja uma mentalidade dominadora (desde que não pretenda a centralidade que se quer combater) como contraponto do exotismo e inferioridade a ele atribuídos:

Assim, tanto quanto o próprio Ocidente, o Oriente é uma ideia que tem uma história e uma tradição de pensamento, um imaginário e um vocabulário que lhe deram realidade e presença no e para o Ocidente. As duas entidades geográficas, portanto, sustentam e, em certa medida, refletem uma à outra (SAID, 2002, p.31).

No bojo desta discussão, está o limite entre o que é Oriente e Ocidente não obedecer à linha vertical em que divide o globo em Leste e Oeste, ou seja, ao Meridiano de Greenwich. Se assim fosse, a ironia seria a de que noventa por cento da Europa estariam a leste da ilusória linha, o que geograficamente falando, faz dela parte do Oriente. Como Said já sinaliza, a conjuntura cultural é o critério mais fiel ao entendimento do que pertença ou esteja inclinado ao Oriente e não o mero apontamento da localização de tudo o que não seja cristão.

Mais que fronteiras e narrativas da literatura de informação, a concretização do conhecimento que vinha sendo acumulado se dava por meio de mapas²⁴, capazes de também flagrar os contextos históricos e os discursos ideológicos do passado. Por meio de variadas formas do conhecimento fixaram-se concepções e conceitos – inventados, mitificados e manipulados – que foram se enraizando e ecoando como verdades cabais, inerentes a contornos de acontecimentos que se tornariam desastrosos, como a sentida dor-mor do processo colonizatório, graças à busca pela expansão territorial na condição da distância azul e profunda das águas.

²⁴Há imagens persistentes sobre povos ou mundos desconhecidos que foram construídas e disseminadas para distinguir e separar, mas principalmente para afirmar a superioridade de uma cultura. Um dos instrumentos mais democráticos em termos de leitura é o mapa, por usar recursos não verbais e evidentes, ainda que elaborado e realaborado a partir de interesses dos mais diversos. De maneira geral, a interpretação dos mapas envolve estudar aspectos peculiares à geografia física, sem considerá-los como uma forma de conhecimento e manipulação que ajudou a moldar e resumir, unilateralmente, a imagem do mundo conhecido hoje: cheio de hierarquias. As distorções ideológicas encontradas em alguns mapas ocidentais não estão a cargo apenas de dar forma ao conhecimento, mas em defender a ideia de fomentar uma superioridade cultural como imagem proliferativa dos europeus a ser muito bem definida no imaginário dos povos colonizados por eles. Certamente, a geografia política e a história do pensamento geográfico estão preocupadas, cada vez mais, em vincular mapas e o poder, especialmente em períodos da história colonial. Entretanto, o papel especial de mapas como imagens vinculadas a contextos históricos específicos não supera o discurso geográfico em que estão inseridos.

A internacionalização dos contatos por meio do movimento transoceânico e transcontinental propiciou não somente a estabilização de um modelo político-econômico, mas a possibilidade de mobilizações contrárias, possível pelas brechas nas formas de poder empregadas. Com o surgimento de articulações de sentido comunitário, perceptível no processo de descolonização, não somente o diálogo entre ex-colônias foi intensificado, como convergido em uma rede de comunicação e solidariedade motivadas pela memória de um “inimigo” que tinham em comum. Ainda que a alternância da pertença/identificação dual seja considerada.

Para a ex-colônia oriental portuguesa Timor-Leste, a saga para a (re)conquista da independência seria ainda mais problemática e a luta armada de libertação aconteceria nem tanto contra seu colonizador europeu, já enfraquecido política e economicamente, mas contra a tentativa de anexação da metade de ilha que constitui o território leste-timorense pela oportunista Indonésia. A invasão em Timor-Leste ocorreu no mesmo período em que as colônias africanas já estavam organizadas em torno de movimentos nacionalistas e ascendiam ao poder, ou seja, o Império Português havia, verdadeiramente, se desfeito. Entretanto, na ex-colônia oriental, a tomada do território por outro “inimigo” mais uma vez provocou milhares de mortes (a exemplo das Guerras de Pacificação na colonização portuguesa) e a previsível diáspora.

Em terra, a resposta se deu pela organização de investida bélica, diplomática e social em torno de, respectivamente, Xanana Gusmão, Ramos-Horta e Dom Ximenes Belo, que resultou na ativação e revitalização do sentido de resistência que não somente alcançou os seus na diáspora como reuniu vozes-irmãs dos países africanos, do Brasil e mesmo de Portugal. Muitas dessas vozes mergulharam tão fundo no entendimento das verdades culturais timorenses que delas não mais saíram, como os escritores Ruy Cinatti e Joana Ruas, porque é possível “converter-se” às avessas, quando o que ocorreu, em verdade, foi o que Cinatti de antemão lança como epígrafe de *Um Cancioneiro para Timor*: “Transforma-se o amador na coisa amada/ Por virtude do muito imaginar” (CAMÕES, 2006, p. 32).

A ativação do rastro herdado é emitida e parece haver uma segunda jornada, desta vez, percorrida por escritores que por meio de saltos, pontes, atalhos e desvios, por meio da viagem, buscaram no outro o que restou de si. A concepção do que seja lusofonia revela um caráter verdadeiramente dicotômico: fragmentada pela geografia, pelas repulsões culturais, pelas novas formas de imperialismo se sobreporem, pelo efeito do tempo à memória; articulada pelos processos emancipatórios, pelas políticas multilaterais, pela atualização e (re)conciliação com a língua portuguesa.

As implicações da imposição da língua portuguesa na comunidade de falantes dos oito países colonizados pelos portugueses magnetizaram efeitos contundentes, como a coexistência com outras línguas; a proficiência (in)completa quanto a sua oficialização; a apropriação/contradição de endossamento/presença simbólica perpétua do colonizador; a aquisição/tensão para o acesso das camadas de afetividade, vontade, desejo, expansão e explosão de si, porque encontrou um meio de o dizer, já é parte individual e coletiva disso, já é capaz de propor outros mundos e antecipar a vida pela porta e também abismo que é a literatura.

Não somente o restabelecimento do contato com Portugal e apoio deste à causa de libertação nacional de Timor ocorreu, mas a ativação do interesse da comunidade internacional como um todo em fazer do país em questão, objeto de estudo ou mesmo de alimento para a efabulação de obras. Desenterrou-se e complementou-se tratados dos mais diversos, como os etnográficos e os historiográficos, que permitiriam algum entendimento do que fora escamoteado.

A língua portuguesa foi testemunha ocular ambivalente por ter servido de instrumento aliado à expressão da colonização, da catequese, do engodo, da resistência, da literatura de informação, militância literária e da narrativa traumática, do diálogo, do registro, da exposição ao multilinguismo. As vias de passagem do Português precisam ser aterrissadas no contexto dos acontecimentos de e em Timor-Leste.

2.2 *É preciso resistir!* – Pelas jornadas de resistência do povo timorense, conhece-se Timor

É no plano da ação e do combate quanto à dominação territorial da ilha de Timor que se conhece a capacidade de reunião de forças, da prontificação ao sacrifício, da reinvenção de um povo quando o que se quer é a liberdade de ser no lugar onde gerações e gerações foram. Muitas jornadas de luta, contra pelo menos três invasores, impactaram um cotidiano que era o da diversidade e do diálogo por meio do comércio, da troca de recursos. A montada da sobreposição portuguesa à organização social local foi acompanhada por uma maior exposição e tentativa de inserção da língua portuguesa em um ambiente de séria concorrência com as línguas distritais. A oportunidade de positivar a língua portuguesa em um cenário ainda mais desolador que a própria intervenção opressiva dos portugueses ocorreu e se liga aos longos anos de resistência ao exército indonésio.

O povo timorense é reconhecido e se reconhece dentro do percurso das frentes libertárias forjadas a partir da preservação de uma memória viva, perpetuada pela palavra e pela tomada de iniciativa de se opor, retumbar. Sendo assim, os adversários deveriam ter em mente que a verdadeira morte só poderia ocorrer pelo esquecimento/apagamento completo das verdades culturais ou então pelo silenciamento, pela morte da *lisan*²⁵. A cada obstáculo contra o poder ser, menos espaçadas ficavam as fibras de entrelaçamento do tecido de (re)significação e identificação, efeito este de coesão social e que repercutiu catarticamente para o mundo.

A via de passagem da potência de ser na adversidade inicia o encadeamento histórico e lança luz para a compreensão dos laços de solidariedade junto aos timorenses. Pareceu haver a confirmação do fracasso bélico e tático em detrimento do poder de reação dos vitimados. Por isso, é preciso revisitar as linhas de descontinuidade dos acontecimentos que fizeram com que fosse agregado ao sentido mais geral de resistência, o protagonismo de um povo.

Neste ensejo, destaca-se que ao contrário do que se pensa, a resistência timorense é anterior à invasão indonésia e teve início cinquenta anos depois da chegada dos primeiros portugueses a Larantuka. As lutas travadas contra a administração colonial deveram-se à despossessão fundiária que se seguiu à vinda dos europeus, o que constituiu um fenômeno curioso de redistribuição da propriedade alheia. Neste contexto, em 1731, a Casa Real de Bé-Hali, que era um bastião do hinduísmo, empreendeu, a partir de Suai, a conquista da ilha de Timor, enfrentando, ao mesmo tempo, o poderio português e holandês.

No *lafek*²⁶-Timor, apesar do isolamento a que uma ilha pressupõe, havia intenso diálogo com a vizinhança, a ponto de por volta de 1512, negociantes portugueses chegarem a Timor interessados no já lucrativo comércio de sândalo da ilha – líderes timorenses da costa trocavam sândalo trazido do interior montanhoso por armas portuguesas, tecidos e instrumentos de ferro. Estas visitas, a princípio, tiveram poucas consequências, até porque grande parte da população morava em pequenos vilarejos relativamente afastados e dedicados à agricultura de subsistência e às religiões animistas.

No final do século XVI, frades dominicanos estabeleceram uma missão, para logo depois virem os Topasses²⁷ ou portugueses negros que iniciaram a difusão da cultura e influência portuguesa, assim como passaram a controlar as redes locais de comércio. Em contrapartida, os holandeses também iniciaram empreitadas na ilha para adquirir sândalo e

²⁵ Significa “palavra” em tétum.

²⁶ Em tétum, significa crocodilo.

²⁷ Eram descendentes de soldados, marinheiros e negociantes portugueses e mulheres das ilhas vizinhas.

escravos, e, obviamente, as duas forças coloniais logo começaram a disputar a unívoca exploração do território. Os dois séculos que se estenderam foram marcados por conflitos pelo domínio do poder entre portugueses, topasses, holandeses e os timorenses, embora os primeiros prevalecessem.

Na metade do século XIX, holandeses e portugueses já haviam negociado os limites fronteiriços da ilha, ainda que a oficialização tenha acontecido somente em 1893. Para além da naturalização do que foi a colonização europeia no sudeste asiático, crê-se que é preciso destacar a falta de legitimidade quanto à expropriação de território fecundamente habitado e desconsiderado nas dinâmicas sociais próprias. As incursões comerciais de variados povos, como os chineses, não necessariamente acarretaram em domínio, posse ou oportunidade expansionista em se tratando de Timor. O não reconhecimento do sujeito ou a negação da existência deste obscureceu o olhar e ação europeia diante de um mundo devidamente já configurado.

O explorador britânico Alfred R. Wallace, em 1860, relata a situação de Timor durante os primeiros 300 anos de governo colonial português, evidenciando que Timor foi a colônia que menos despertou o interesse de Portugal:

O governo português em Timor é muito miserável. Ninguém parece se preocupar o mínimo com o progresso do país, e neste momento, depois de trezentos anos de ocupação, não foi construído nem um quilômetro de estrada para além da cidade (Díli) e não há uma única residência européia no interior (SANT'ANNA, 1997, p. 21).

No final do século XIX, a relação metrópole-colônia vai se alterando; Portugal se compromete a crescer economicamente para tentar alcançar seus rivais europeus e afastar ameaças às colônias por parte da Inglaterra, Alemanha e França. A estratégia utilizada para explorar Timor-Leste ocorreu via opressão, com trabalho forçado tanto no cultivo como na construção de infraestrutura, além da cobrança de impostos, o que culminou em sérias revoltas, abalando o controle do governo português. Os reforços de tropas africanas acabaram por reprimir, de forma violenta, os timorenses. Posteriormente, em 1913, ocorre a formalização da divisão oficial em Timor-Oeste (holandês) e Timor-Leste (português).

Os portugueses conseguiram se afirmar quanto à contestação da autoridade que se fizeram principalmente depois da Batalha de Manufahi. Isto quer dizer que após 1912 – os *liurais* e os *datos* rebeldes estavam presos ou mortos, com isso, impedidos de resistir – é que há o controle das terras, dos principais reinos e o subjugo dos demais chefes à obediência e pagamento de tributos aos governadores portugueses.

A motivação das fronteiras alteradas e genocídios empreendidos dizem respeito à exploração lucrativa do sândalo, cujo declínio já era visível no final do século XX e, por isso, substituído por outro recurso comercializável: o café. Paralelamente, a população continuava praticando a agricultura de subsistência (milho e arroz), meio pelo qual amenizavam a fome crônica, causada pela interferência do colonizador.

No que seriam as Guerras de Pacificação, encabeçada pelo português Celestino da Silva, conhecido como o Rei de Timor, as fronteiras dos reinos foram retraçadas nos mapas, a população tornou-se errante, dispersou-se forçosamente, a ponto de muitas aldeias se encontrarem desertas, vítimas de combates, varíola e fome. Não bastasse os conflitos praticamente ininterruptos entre opressor e oprimidos no território ultramarino, o segundo conflito com maior repercussão na história da Humanidade ancora em Timor.

Em 1941, Timor já se encontrava estrategicamente integrado ao projeto de ligação marítima Timor-Tóquio arquitetado pelo Japão. Para em dezembro deste mesmo ano, passados dez dias do ataque a Pearl Harbour, milhares de australianos e holandeses tomarem Timor com o intuito de impedir a tomada do Japão. Ainda que o ditador português Salazar declarasse uma postura de neutralidade quanto à Segunda Guerra Mundial, mas, ao mesmo tempo, tentasse somar esforços para a defesa do território timorense (enviou, de Moçambique, dois navios com 800 homens, para, dias depois, ordenar o cancelamento da missão), o bombardeio do exército japonês se antecipou aos reforços vindos do ocidente e atingiu cerca de 20 mil soldados (dentre eles, timorenses) em Díli.

Com a Segunda Guerra Mundial declarada, o pouco esforço português em estruturar e se valer de Timor foram interrompidos. A ilha foi tomada e posta a serviço como linha de defesa contra o avanço japonês. Em 8 de novembro de 1942, dá-se o bombardeio dos *matanbubu*²⁸ contra os holandeses em Díli, em que sucessivas explosões deixaram apenas pouquíssimas casas intactas na atual capital de Timor. No restante do território, desapareceram as povoações de Manatuto, Lautém, Ailu, Maubisse, Ainaro, Viqueque e Ermera.

O relato tardiamente ressentido do comandante japonês Iwamura Shouachi comprova o sofrimento imposto aos timorenses, que pela segunda vez, eram subjugados. Primeiro, pelos “conquistadores velhos” (Portugal e Holanda), depois, pelos “conquistadores novos” (Japão e Indonésia):

²⁸ Em *tétum*, significa olhos inchados.

É doloroso falar hoje dos sacrifícios e fardos que impusemos ao povo de Timor Leste...Ordenamos a chefes que mobilizassem pessoas em massa para a construção de estradas...para trabalharem sem receber comida ou compensação.

Devido à escassez de alimentos, pessoas morriam de fome todos os dias. A comida para os soldados japoneses e cavalos para transportar munição eram confiscados do povo e alguns soldados da tropa sob meu comando estupraram mulheres timorenses (SANT'ANNA, 1997, p.23-24)

A solução encontrada pelo governador vigente, Manuel de Abreu Ferreira de Carvalho, para o impasse da investida japonesa e a manutenção da neutralidade declarada foi a de aceitação de tal ocupação. Os bombardeiros entre os japoneses e os Aliados tornaram-se uma constante na ilha de Timor como um todo, vitimando a população, alheia à queda de braço dos regimes que, teoricamente, dualizaram o mundo. Mais uma vez, o povo timorense precisou resistir de tal maneira que organizaram ações contundentes tanto contra os japoneses como quanto à passividade das autoridades portuguesas. Até porque, a evacuação das tropas australianas juntamente com os portugueses e mestiços, em dezembro de 1942, deixou Timor sem defesa que não a própria. O timorense D. Aleixo Corte-Real, *liurai* de Suro, combateu os intrusos até ser capturado e fuzilado em maio de 1943 pelos *matan-bubu*, e por isso, um dos heróis de uma memória sangrenta da parcela da Segunda Guerra Mundial ocorrida em Timor (drama desconhecido e negligenciado).

A desocupação japonesa (em detrimento da rendição) e o retorno dos portugueses à pequena ilha do sudeste asiático se deram no final de 1945. O cenário era ainda mais desolador, porque forças bélicas do Ocidente e do Oriente guerrearam no mais alto nível armamentício diante de um povo, que antes mesmo de ser alvo indireto de tal conflito, já estava submetido a um opressor. Destaca-se o montante e a desproporção de mortes, em torno de setenta mil leste-timorenses foram mortos ou o equivalente a 15% da população da época (em contrapartida a 40 australianos, 75 portugueses e 1500 japoneses mortos), mortes estas não contabilizadas pelos principais historiadores quando se mensura as catástrofes da Guerra. A necessidade de reerguimento de Timor-Leste neste pós-guerra não contou com as reparações dos Aliados, fizeram uso do argumento oficial de a ilha e Portugal portarem-se “neutros”, ainda que o impacto destrutivo e genocida disso tivesse sido indiscutível.

O encadeamento de lutas territoriais a partir do indicativo provindo do olhar exploratório português “ilha de Timor onde nasce o sândalo”, de mais de quatrocentos anos, parece não ter fim. Desde o interesse de Portugal na extração do sândalo, as guerras coloniais e a própria Segunda Guerra Mundial se instalaram como flagelo. Pouco respiro houve entre a tentativa de reerguer as ruínas deixadas até o levantamento de Viqueque em 1959 e a primeira

tentativa de invasão indonésia em 1966. Em contrapartida, Salazar lança mão da PIDE (Polícia internacional e de defesa do Estado) para endurecer o regime político instituído em Timor (mesmo a ilha constando na lista da ONU como território a descolonizar). A proibição do jornal *Seara*, considerado o primeiro editado em Díli, exemplifica como a movimentação dos nacionalistas: Mário Carrascalão, Nicolau Lobato, Francisco Xavier do Amaral, Xanana Gusmão e José Ramos-Horta já estava acontecendo.

O 25 de abril de 1974 foi recebido de maneira muito inspiradora pelos timorenses que já estavam organizados em torno da emancipação administrativa. No mês posterior à Revolução dos Cravos, houve a criação de diversos partidos políticos, como a UDT e a ASDT/Fretelin que se posicionavam a favor da independência de Timor. No entanto, um golpe de Estado foi forjado pela UDT (alguns creem que sob influência dos serviços secretos da Indonésia) para a ascensão ao poder, ocasionando milhares de mortes, até que a Fretilin retomasse o controle do território. Esta, sabendo a iminente ameaça de invasão da Indonésia rapidamente declarou a independência de Timor-Leste em 28 de novembro de 1975 para contar tanto com a reação da comunidade internacional quanto com o reconhecimento do ato instituído e conseguir repelir as intenções do país vizinho. A República Democrática de Timor-Leste teve como primeiro presidente designado Francisco Xavier do Amaral e o primeiro-ministro Nicolau Lobato.

Isto ocorreu muito antes da data decretada por Portugal para a descolonização, em que agendava eleições para a Assembleia Constituinte de outubro de 1976, ou seja, para praticamente um ano depois da autoproclamação. Muitas manobras políticas dos generais indonésios tentaram não somente a transferência da soberania de Timor, mas a manutenção de um diálogo estrategicamente mantido com Portugal, ainda sob o *status* de negociação, o que evitou a solicitação de intervenção da ONU por parte do colonizador. A investida do ditador Suharto em se aproximar dos Estados Unidos (exatamente no momento em que perderam a guerra do Vietnã) e a conquista do apoio do presidente de então, Gerald Ford, para a contenção da expansão do comunismo na Ásia, serviram de suficiente justificativa para a tomada de decisão de anexar, unilateralmente, Timor.

Trinta anos depois, a metade da ilha já designada como Timor-Leste ou *Timor-Lorosa'e* – pertencente ao arquipélago de Java, na parte oriental do mundo, apesar de colonizada por portugueses – foi invadida pela Indonésia, precisamente em 7 de dezembro de 1975, na operação nomeada Komodo, cujo objetivo alegado era o de que os dois povos se tornariam, enfim, “sama-sama”. Tal termo muito bem representa a postura discordante das partes, já que “sama” significa “igualdade” na língua indonésia, e ironicamente,

“pisar/esmagar” em tétum, língua de uso social em Timor. Em discurso proferido em Díli, em 1990, o Ministro da Defesa da Indonésia desencorajou a luta pela independência, em tom ríspido, confirmando indiretamente a versão tétum de “sama”:

Não sonhem em ter...um país de Timtim (nome dado pela Indonésia a Timor Leste). Isto não existe!...De agora em diante, Timtim é o mesmo que outras regiões. Por isto não tentem ser heróis de última hora, batendo no peito e proclamando, ‘Sou um patriota de Timtim’. Não existe uma nação Timtim, só existe uma nação indonésia...

Se vocês tentarem criar seu próprio país...ele será esmagado pelos (militares indonésios)...Rebeliões maiores têm ocorrido, têm havido maiores diferenças de opinião com o governo do que aquelas do pequeno número que se chama Fretilin, ou sejam quais forem seus simpatizantes aqui. Vamos esmagar a todos eles! Repito, vamos esmagar a todos eles! (SANT’ANNA, 1997, p. 26-27)

Antecedendo o panorama mencionado acima, houve divergências quanto ao momento político mobilizado para a independência da então colônia portuguesa. Partidos políticos foram fundados com frentes e ideais pouco sintonizados, a ponto de fragilizar a ordem local. A esta altura, o governador português entendeu a também estéril situação de colonizador, sombrio na transição do poder. Neste sentido, mais uma marcante fuga histórica portuguesa, desta vez de Timor, ao atinarem-se para as intenções expansionistas do ditador indonésio Suharto, apoiado pela Austrália e pela força bélica estadunidense.

A motivação não se centrava na integração cultural dos povos, e sim no rendimento a que se poderia alcançar com a fonte petrolífera do Mar de Timor. Por isso, usaram dos mais diversos instrumentos de guerra, sem declará-la, porque sabiam que enfrentariam uma possível intervenção da ONU, e principalmente, seguros do desinteresse e alienação do resto do mundo.

O fundamento do Estado indonésio girava em torno do *Pancasila*, diretrizes que definiam o caminho da vida da nação, e que eram ensinados nas escolas de Timor. Resumidamente: i) confiar e crer num único Deus Supremo; ii) cada ser humano ser considerado criatura de Deus que tem igualdade de direito e dignidade; iii) para viver a sua existência, o homem é um ser único; iv) para viver com outros dentro de uma nação, é preciso haver, entre os cidadãos, um comum acordo no tratado das coisas, mediante diálogo, o respeito mútuo e abertura, na efetivação dos direitos e liberdades fundamentais; v) a justiça social é para todo o povo da Indonésia e está acima de tudo. O *Pancasila* em nada favoreceu ou impediu o extermínio timorense.

Tem-se, na madrugada de 7 de dezembro de 1975, a invasão do exército indonésio por meio de cinco navios de guerra, um submarino e nove aviões a ultrapassarem as fronteiras estabelecidas e demonstrarem a força bélica conseguida por meio dos apoiadores Estados Unidos e Austrália, além do reforço de outras vinte embarcações e mais treze aviões. A luta contra mais este opressor dependia, desta vez, unicamente dos timorenses, sabendo que os portugueses estavam instalados em Ataúro – ilhote pertencente a Timor – para o deixarem no dia seguinte ao emblemático ataque.

Sem distinção dos alvos a serem eliminados no primeiro dia da intensa ofensiva indonésia, membros de partidos pró-anexação são mortos, sendo que na contabilização crescente deste número estão os assassinatos do poeta timorense Borja da Costa e do jornalista australiano Roger East. O avanço das tropas chegou facilmente até Baucau, no entanto, a partir daí foi sendo retardada, atingindo Liquiçá, Suai, Aileu e Manatuto somente duas semanas depois do previsto. A expectativa dos generais de Suharto era ter o domínio total do território insular em até quinze dias, tamanho o menosprezo quanto à capacidade de resistência do povo timorense, por sua vez, contrária ao terceiro intruso.

Entre 1975 e 1979 a luta armada leste-timorense foi sendo enfraquecida com o envio de tropas suplementares. O ataque ao quartel-general das Falintil²⁹ nas montanhas resultou no abandono do comando centralizado da resistência, fazendo com que cerca de meio milhão de timorenses regressassem às planícies. Natarbora e o monte Matebian foram os alvos posteriores, além da captura de Francisco Xavier do Amaral e das mortes de Nicolau Lobato, António Carvarino e Vicente Reis juntamente com inúmeros combatentes. Como resultado da intensificação da hostilidade do invasor, a dispersão em grupos reduzidos em que se tinha apenas Xanana Gusmão como membro fundador remanescente da Fretilin.

A captura e mesmo a rendição dos timorenses significava o direcionamento deles para os campos de concentração, onde a fome e a tortura vitimaram milhares. Na esteira dos absurdos da crueldade, o exército indonésio reuniu homens timorenses entre 15 e 55 anos para formarem um escudo humano e garantir o avanço dos soldados de Suharto. Havia, em mais este gesto, a confirmação de que as forças de ocupação nunca enxergaram o povo timorense, mas as vantagens de seus recursos e localização entremeada ao ocidente.

Aparentemente liquidada, a resistência se recompôs de maneira a formar uma guerrilha móvel e a evitar o confronto direto, em troca disso, operações táticas com emboscadas e sabotagens, como em relação à antena de rádio e televisão indonésia, eram

²⁹ Forças Armadas de Libertação Nacional de Timor-Leste.

certeiras. Dentre o corpo uno dos guerrilheiros, muitas mulheres, como Maria Gorete Joaquim, responsável por interceptar informações do exército de ocupação, e por isso, presa e torturada; assim como Fátima Gutierrez e outras ainda no anonimato. Neste ensejo, soma-se a postura a favor do povo leste-timorense adotada pela Igreja Católica, a começar pelos artigos incisivos contra o invasor que Monsenhor Martinho da Costa Lopes publicou, a recepção pouco aceita das críticas realizadas fez com que seus superiores de Jacarta o demitissem.

Um rápido cessar-fogo foi negociado entre Xanana Gusmão e o coronel Purwanto em março de 1983, entretanto, a própria autoridade indonésia rompeu com o acordo em agosto do mesmo ano. Os poucos meses pacíficos foram suficientes para o agrupamento de mais combatentes para a guerrilha e planejamento de emboscadas para a recuperação de armas de posse dos militares opressores. A partir da intensificação desencadeada pela unidade de guerrilheiros, Xanana Gusmão passou a ser o alvo de inúmeras operações de capturas por protagonizar a liderança opositora. A importância de tal figura, representação da vitória de uma nação, é comentada por Barbosa Lima Sobrinho que considera que “para os remanescentes do povo de Timor Leste, Xanana Gusmão tem o mesmo significado e representa as mesmas expectativas que Mandela, enquanto preso, teve e representou para a maioria negra da África do Sul” (SANT’ANNA, 1997, p.111).

Os indonésios, passados 14 anos de tomada do território e de isolamento total deste, sentiram-se obrigados a conceder a abertura limitada ao trânsito de estrangeiros, principalmente após o anúncio da visita do Papa João Paulo II à Indonésia e a Díli, ocorrida em outubro de 1989. Muitas manifestações tiveram de ser contidas em detrimento da oportunidade de publicização da luta pela libertação tanto com a chegada do Papa quanto da delegação portuguesa (suspensa pela citada instabilidade).

O advento da morte do independentista Sebastião Gomes pelos soldados indonésios, em 1991, quando o relator especial da ONU sobre a tortura estava em solo timorense, comoveu e reuniu mais forças opositivas. O jornalista Max Stahl registrou não somente as faixas dos manifestantes como as centenas de timorenses que compareceram ao sepultamento do jovem, no Cemitério de Santa Cruz, para serem fuzilados por se expressarem. Dada as provas incontestáveis do regime violento instaurado e da insatisfação dos oprimidos a partir das imagens divulgadas ao ocidente, países apoiantes da Indonésia retiraram os recursos.

Xanana Gusmão concedeu entrevista, em 1992, ao jornalista Rui Araújo, nas montanhas de Timor, poucos dias antes de ser preso pelo exército indonésio. Ao ser indagado sobre o motivo pelo qual a Indonésia não tenha conseguido acabar com a guerrilha, responde, sob a perspectiva do *devir*: “Diz-se que a guerra em Timor Leste é um projeto dos generais

indonésios, que não estão interessados que a guerra termine depressa. Pode ser essa a explicação. Se acreditarmos que existe uma capacidade global de resistência, aí...” (SANT’ANNA, 1997, p.111). O aprisionamento de Gusmão impulsionou ainda mais o nacionalismo leste-timorense, assim como um movimento de solidariedade da comunidade internacional, porque se fez dele a figura emblemática das injustiças feitas ao povo de Timor-Leste. No entanto, foram muitos e muitas quem permaneceram com o plano de resistir e que, aos poucos, a dita história oficial está se interessando. Para compor o *hall* dos heróis da resistência leste-timorense tem-se, a saber, Konis Santana.

A figura de Konis Santana foi amplificada e estendida pelos mares e terras a partir do livro *A dignidade – Konis Santana e a Resistência Timorense*³⁰, do especialista em História Medieval José Matoso que se arriscou pelo terreno da história contemporânea, mais propriamente pela resistência timorense. Alcançou arquivos e os fez públicos com a colaboração da Fundação Mário Soares, bem como com o prefácio deste e carta de Xanana Gusmão de apoio e agradecimento pelo estudo desenvolvido. A obra, como o estudioso declara, pretende ser a biografia de Konis Santana como protagonista da resistência timorense, e, ao mesmo tempo, um pretexto para “mais fazer a história da Resistência Timorense do que contar a vida de um homem” (MATTOSO, 2005, p. 16).

O interesse de Mattoso tem a ver com o improvável: “a sua [os resistentes] luta foi, sem dúvida, em última análise, a luta dos pobres contra os poderosos” (MATTOSO, 2005, p. 15). Por isso, desenvolve um argumento qualificado e valorativo em vista dos acontecimentos (percalços) considerados mais marcantes na História da Humanidade, para, então, incluir o feito da luta pela emancipação (restauração dela) do povo timorense aos poucos exemplos em que o oprimido vence o opressor:

Em termos históricos, a Resistência timorense, apesar de se poder considerar, no seu conjunto, como uma espécie de milagre – pois desafia as «leis» da história, tal como ela normalmente se desenrola –, pode, e deve, ser explicada. Quer dizer, deve-se procurar a sua lógica, ou, o que é o mesmo, demonstrar que foi construída por homens e mulheres de carne e osso, com meios materiais e concretos, com decisões inteligentes e oportunas, com palavras justas e eficazes. Não foi, portanto, um milagre. Mas a sua singularidade aproxima-a do inesperado, do fantástico, do sobrenatural, do mito. Nesse sentido, torna-se verdadeiramente exemplar. A maneira como a ideia se torna realidade, como conceitos tão abstractos como «dignidade», determinação, abnegação, espírito de sacrifício, disciplina, capacidade de persuasão, coragem, sentido de oportunidade encarnam em acções concretas conduzidas por indivíduos determinados, no tempo e no espaço, até que o movimento por elas impulsionado acabe por vencer todos

³⁰ 2005 – Editora Temas e Debates

os obstáculos e atinja o seu fim – tudo isto torna a Resistência de Timor como um objeto histórico pouco comum. (MATTOSO, 2005, p. 16)

Por muitas vezes, o escritor timorense Luís Cardoso foi desacreditado por se mostrar convicto sobre o futuro livre de seu país, antes mesmo de a intervenção da ONU ocorrer para dar início ao governo transitório, ou mais alguém a isso, do trabalho de diplomacia conseguir aderência. Apesar da condição de diáspora a que muitos leste-timorenses se encontravam, havia a internalização da resistência sem que fosse preciso pegar em armas, participar da linha de frente do combate ou estar em Timor. Venceram porque fortaleceram a identidade que partilhavam, transformaram-na em uma potência coletiva, cujos inimigos a queriam fragmentar, diluir, esvair, apagar:

Nesse sentido, a história da Resistência contribui, pelo próprio facto de ter acontecido, para sustentar o mito, isto é, para alimentar a esperança dos oprimidos baseada no vaticínio profético: um dia os poderosos serão derrubados dos seus tronos e os pobres serão saciados. A vitória do povo timorense é mais um episódio de uma luta que vem do fundo dos séculos, e em que a humanidade continua a acreditar. (MATTOSO, 2005, p.16)

É marcante a comoção irremediável com que os estudiosos, de maneira geral, fazem-se transbordar quando em contato com o povo timorense. Mattoso demonstra o seu agradecimento e admiração a este, porque pôde se envolver (imersiu) em uma luta popular que deveríamos ter participado, que gostaríamos que tivesse sido nossa, que fosse capaz de preencher o vazio do que seja vencer e não ser vencido:

Nada se compara, porém, com a minha gratidão pelo exemplo de coragem, de dignidade e de autenticidade que recebi do povo maubere de Timor. Ao tentar fazer a história de sua admirável resistência, tento preservar de alguma maneira a memória de um dos acontecimentos mais extraordinários do passado humano recente. Numa época em que a acção dos grandes donos do mundo se orienta por critérios que nos fazem ter vergonha de pertencer ao género humano, a história da resistência timorense reconcilia-nos com a nossa própria humanidade. Gostaria de partilhar com todos aqueles que são sensíveis a este aspecto o sentimento de gratidão pela maneira como o povo de Timor-Leste foi capaz de defender a sua dignidade (MATTOSO, 2005, p. 22).

O balanço dos vinte e quatro anos de imposição da língua indonésia, da educação militarizada, dos campos de concentração, da fome e doenças, das violações contra as mulheres e crianças, dos roubos, dos massacres, da destruição das casas e dos ícones culturais,

foi o de 200 mil timorenses mortos; além da formação e consagração da resistência timorense: guerrilha forjada e recuada nas montanhas, liderada, oficialmente, por Xanana Gusmão; e o exílio, a dispersão de famílias como meio de preservar a vida.

Partindo de uma situação delicada e de impedimento como a demonstrada (dos últimos quarenta anos), é que se pode pensar que as produções culturais timorenses são essencialmente de diáspora e de difícil reunião, organização ou mesmo divulgação, para os interessados e para os próprios timorenses que foram inviabilizados por terem suas instituições ruídas e censuradas.

Neste sentido, e especificamente quanto às produções literárias, há de se lamentar o desaparecimento do poeta Jorge Lautém pelo advento da invasão e tantos outros talentos ceifados pela brutalidade dos soldados de Suharto, e outros precocemente assassinados. Pode-se apontar o caráter fragmentário de um projeto maior de literatura timorense, com interrupções e recomeços a depender da situação política do país. Muitas das obras já publicadas se direcionam a leitores estrangeiros, prova disso são as inúmeras notas de rodapé com traduções de termos em tétum, das línguas distritais ou das siglas dos movimentos partidários com o intuito de contextualizar o público não somente oferecendo a tradução, mas explicações culturais quanto ao povo de Timor.

Mesmo não havendo um movimento em uma única direção de escritores na diáspora, percebe-se que a denúncia quanto às infrações dos direitos humanos realizadas contra o povo timorense é o ponto aglutinador da prosa e poesia. Em verdade, é a militância em prol da liberdade de ser timorense (e não indonésio), a reivindicação primeira, para culminar no registro doloroso do que se passou nos longos anos da presença forçosa do país vizinho.

A literatura, mais que um objeto artístico, ganhou, no caso de Timor, o papel de mensageira, de divulgadora e agregadora de simpatizantes para a causa de libertação da nação principalmente na Comunidade de Países de Língua Portuguesa (CPLP). Publicou-se, com isso, obras dedicadas a reiterar o movimento da resistência, ao mesmo tempo em que estas revisitaram todas as mortes integrantes de uma memória coletiva e histórica permanente, instituída na reestruturação do país a partir do Museu da Resistência Timorense.

A incansável mobilização dos timorenses Ramos-Horta e Dom Ximenes Belo pela solução justa e pacífica da situação deflagrada no país rendeu o reconhecimento internacional: foram laureados com o Prêmio Nobel da Paz, em Oslo/Noruega, em 1996. Houve, à luz de tal acontecimento, a confiança e o apoio de diversos literatas, demonstrados nos prefácios das obras de timorenses, e mesmo, na produção de livros por Timor.

A grata descoberta de verdades culturais sedimentadas na honra, na palavra e na paz da pequena grande nação de Timor-Leste, somada à colonização portuguesa, agregou às Literaturas de Língua Portuguesa a possibilidade de nova dinâmica: a tomada de atitude solidária, a intervenção pelo direito à liberdade.

2.3 As vias de passagem da língua portuguesa em Timor

As possibilidades e os desdobramentos a que a língua portuguesa está sujeita incluem funcionar como recurso de alimentação, participação e realização de um processo orgânico de empréstimos, como ocorre ao tétum-praça no Timor-Leste. A aleatoriedade das incorporações lexicais traduzem as idas e vindas das relações com Portugal, ao mesmo tempo, representam a adesão e a recuperação destas. A posição do Português como segunda língua oficial³¹ em Timor é um conforto (explica o pouco avanço na difusão do ensino), ainda que seja viável como uma das saídas para a internacionalização do país: lançar-se, virtualmente, aos pontos de contato (CPLP).

A língua de uso doméstico ou social, o tétum, pertence à grande família austronesiana que vai de Madagascar a oeste, prolongando-se num grande semicírculo que rodeia metade do globo incluindo a Ilha de Páscoa, a leste. Hoje, divide-se em oriental e ocidental, sendo aquela as dos Melanésios, dos Micronésios e dos Polinésios do Pacífico; as ocidentais são as dos Indonésios, dos habitantes das Filipinas e da Malásia e também dos povos autóctones de Taiwan, do Champa, do Centro-Vietnã, assim como dos Malgaches. O tétum não somente recebeu vários empréstimos do português como do tupi-guarani que chegou a Timor na época do império luso-brasileiro.

Os timorenses vivem a condição de políglotas na fertilidade étnica de uma metade de ilha, motivo este para complexar, eclipsar e invejar Brasil (o Brasil de hoje) e Portugal pelo arranjo monótono se comparado à realidade daquele país. Há controvérsias sobre a quantificação do contexto de plurilinguismo de Timor, a depender do estudioso, mais ou menos línguas locais são consideradas para forjar o cenário correspondente ao reduzido território insular:

Do ponto de vista linguístico, segundo o *Ethnologue* (Lewis 2009), existem em Timor Leste 20 línguas locais: “the number of languages listed for Timor Lorosae is 20. Of these, 19 are living languages and 1 is extinct”. Este número, no entanto, varia segundo diferentes fontes, em função do critério

³¹ O Timor-Leste foi o primeiro/único país da CPLP que adotou duas línguas oficiais.

que se utiliza para distinguir as línguas dos dialectos: Hull (2004) aponta apenas para 16 línguas indígenas – doze das quais de origem austronésia e quatro aparentadas com as da família papua – que, por sua vez, se desdobram em mais variantes e dialectos, enquanto Thomaz (2002) fala, até, em cerca de trinta línguas locais em Timor Leste. (BATORÉO, 2009, p. 01)

É preciso considerar que a presença portuguesa desempenhou um papel na criação de sistemas linguísticos – os crioulos de base portuguesa. As línguas crioulas não possuíam, na maior parte dos casos, uma tradição escrita e, conseqüentemente, uma ortografia própria por se tratar de línguas essencialmente orais. O malaio-português de Batávia e Tugu (descritos por Schuchardt) foram a exceção já que no século XVIII e ao longo do século XIX se publicaram nestes crioulos: dicionários, gramáticas e livros de orações. Toda esta produção destinava-se ao uso de estrangeiros, viajantes, administradores coloniais e missionários.

Apenas a literatura religiosa encontrava leitores crioulos, o que pressupunha a alfabetização de alguns estratos desta comunidade crioula, fato confirmado pela publicação, em Colombo, de vários periódicos em língua crioula durante a segunda metade do século XIX. A literacia era uma condição de exceção em tais comunidades, no entanto, o uso do crioulo português, assim como do malaio, fez com que as primeiras gramáticas de crioulo português no sudeste asiático fossem de interesse e compiladas pelos holandeses.

Para além da língua portuguesa, chegaram, ao longo dos séculos, à Ilha de Timor, várias línguas escritas como o sânscrito e o árabe. Quando o domínio dos mares da região deu aos portugueses o domínio do comércio em todo o sudeste asiático, ali chegou também o alfabeto em uma altura em que o português já era uma língua franca não só no arquipélago malaio, mas também na Índia, Ceilão, Malaca, Macáçar, Amboino, Ternate e Macau. Os topasses não se preocuparam em escrever os feitos da sua vida de comerciantes, o que ficou escrito deve-se aos frades dominicanos que, tendo chegado a Timor depois dos comerciantes, entre 1597 e 1600, ensinaram o português e o latim no seminário de Solor. Também os anônimos durubaças que exerciam a função de auxiliares e embarcações e que mais tarde formaram uma classe de funcionários, contribuíram para a difusão da língua portuguesa.

Há indicação de que os Fatalucos representam, na atualidade, com os Macassais, os Macaleros e os Bunac, o povo que preservou a língua mais antiga de Timor, falada pela etnia residente na ilha pelo menos desde o segundo ou terceiro milênio antes da era cristã. Inclusive, é provável que durante muitos séculos esta etnia ocupasse todo o seu território insular.

O mito ou intento do monolinguismo lança sombras sobre a pluralidade de idiomas falados pelos povos originários e foi iniciado por políticas linguísticas homogeneizadoras nas

extensões territoriais que se tornaram as colônias portuguesas. A falácia da unidade idiomática para fazer melhor frente à síntese de uma *Nação* não procede nem mesmo em se tratando do caso do Brasil hoje. O processo de conscientização do multimodo e da multifacetação dos usos de uma língua é de extrema importância, assim como entendê-la como recurso de aculturação (instrumento de exercício de poder) e também de resistência (instrumento contra o poder opressor). Apesar de que nem sempre o efeito desencadeado ou agenciado em torno da língua se reduziu à polarização de posições historicamente confrontantes, não deve haver limites para a passagem, viagem e transmutação se o que se quer ou se a urgência é o diálogo.

O domínio e habilidade sob uma língua se assemelha à mágica da condução do flautista, que com notas certas, atrai as palavras para encantá-las de figuração, de representação, de corpo. Assenta-as no ritmo ideal para comunicarem, para se tornarem um projeto artístico, ou ainda, para, nas duas finalidades, significar elemento decisivo da integridade cultural de um povo. A língua aponta para uma entidade-identidade de significações, elevada à máxima potência quando no campo aberto de experimentações como é o da literatura.

Há uma simbiose natural entre o falante e seu idioma-primeiro que traz a segurança e intimidade à proporção do mergulho quanto à linguagem. A estrutura lógica vem espelhada à acomodação da língua, que por sua vez, está suscetível aos estímulos e às necessidades dos que a usam, evidente e mais espontânea na modalidade oral, em que se percebe a natureza efêmera, mas também fiel às reverberações internas e externas das sociedades. Constata-se a não surpreende valorização do registro como dogma fundador do ocidente em detrimento do fluxo ininterrupto e desafiador da oralidade em toda a história da Humanidade. A descrença na preservação da memória pela via verbal-oral impactou no que sejam as práticas significantes de produção do conhecimento e arte, talvez pela comodidade para inventariar e estabilizar os saberes, afetando, inclusive, a apreciação das literaturas orais.

Timor vai além do que se entende como um dos espaços da lusofonia, vê-se como parte de uma irmandade, é muito mais isso o que importa, quis preservar as relações com Igreja Católica, Moçambique e Angola, ou seja, com os desdobramentos históricos e políticos da colonização e da descolonização. Afirmaram a língua do colonizador/opressor ibérico frente a outro, demasiadamente munido de arsenal bélico, aliados e meios de fazer negligenciar a barbárie (os indonésios). Estes eram criminosos mais convictos, menos vistos, uma vez orientais, mais inalcançáveis, embora tão assassinos quanto à coroa portuguesa. Não houve para tais invasores menos que resistência. Para combater o inimigo mais letal e

alcançar a causa de libertação nacional, a estratégia era aglutinar apoio e se fazer comunicar longe, onde a língua portuguesa poderia tocar e arrebatar.

Subverteram a lógica subalterna e assumiram o lugar de estrategistas, *timorizaram* em duas frentes: defesa do território (guerrilha) e diplomacia (política externa para a restauração da independência). Entretanto, a paciência, a espera e a irredutível certeza coesamente praticada pelos timorenses sustentaram o porvir. De repente, Timor era parte do ocidente (se assim se quisesse dividir o mundo,): católico e falante da língua portuguesa, defendendo-se de um ataque do ditador indonésio Suharto. Vejam, portanto, como ocidente *versus* oriente, ou melhor, nós (atacados) e eles (simplificados como terroristas) apropriaram-se da concepção bilateral de mundo e determinaram que estivessem do lado ideologicamente mais forte.

A articulação no campo religioso foi o que restou em Timor de consolidado, principalmente se se pensar no período de tensão política para a independência, em que Portugal já havia aberto mão da colônia do sândalo. Assim como, posteriormente, quando as instituições estavam esfaceladas, havendo a unidade da Nação, *a priori*, pelo contingente da religião católica, e, conseqüentemente, o reforço da valorização da língua a que ela se vinculava. A persistência ao longo da história do povo timorense em existir parece ser a mesma da Igreja Católica. Esta tão enunciativa da palavra, da *lisan*, quanto os anciãos timoreses dos valores silenciados pelas guerras, e por isso, pouco a pouco a religião ocupou tal lugar privilegiado, de maneira concomitante.

A problemática da língua de registro das produções literárias escritas por timorenses (a tradição da literatura oral é fortíssima) é, afinal, a da abundância étnica e cultural de Timor. Uma vez a língua atendendo às demandas de seus falantes, existe nisso a ativação da naturalidade de expressão, intimidade recíproca de relação com o mundo. A tendência é fazer com que se ajuste a língua portuguesa para o olhar sempre metafórico e próprio das várias línguas locais. Em entrevista ao programa português “A tantas páginas” de 2013, Luís Cardoso exemplifica que o simples vocábulo português “praia” verte-se em “boca do mar” na correspondência da potência figurativa do tétum, daí a defesa que os escritores timorenses utilizam, em verdade, a língua portuguesa de Timor-Leste.

A narrativa fundacional do surgimento da ilha de Timor é trazida na versão da língua portuguesa de Timor-Leste, a partir da poesia “Avô Crocodilo”, de autoria de Xanana Gusmão. Há a revitalização da lenda difundida pela oralidade, que fabula sobre um crocodilo que viajava pelo mar em busca de seu destino e se deixou ficar, à deriva, naquelas águas em que o tempo o petrificou sob o desenho de montanhas. A crença é enaltecida como o alimento da memória e identificação de um povo:

Diz a lenda
e eu acredito!

O sol na pontinha do mar
abriu os olhos
e espalhou os seus raios
e traçou uma rota

Do fundo do mar
um crocodilo pensou buscar o seu destino
e veio por aquele rasgo de luz

Cansado, deixou-se estirar
no tempo
e suas crostas se transformaram
em cadeias de montanhas
onde as pessoas nasceram
e onde as pessoas morreram

Avô crocodilo

– diz a lenda
e eu acredito!
é Timor! (GUSMÃO, 1998, p. 20)

É preciso calibrar o âmbito da expectativa de proficiência e difusão da língua portuguesa em Timor-Leste aos momentos (nunca breves) de sobreposições de invasores e também ao contexto de coexistência com outras línguas afetivas. Parece haver o uso do Português quando a necessidade é expandir, é projetar a voz para fora de Timor, fazer chegar, para além do horizonte (ainda que alguns escritores estejam na condição de diáspora), a força do povo leste-timorense, bem como poder contar com olhos e sentidos para acolher as narrativas de dias de treva e sangue, além de projetos literários fundados na cosmovisão local. Neste ensejo, a língua portuguesa é a via de passagem acionada, com referências de uma tradição literária ocidental, em que os países africanos e o Brasil reforçam a conjuntura de relações.

2.4 À primeira vista: Timor!

Há uma improvável ponte de culturas alicerçada pelas relações literárias de escritores de língua portuguesa e justamente magnetizadas em torno do povo timorense. Para demonstrar isso, tramou-se, por meio do acompanhamento do deslocamento, da viagem, uma versão do contato “à primeira vista” com Timor, buscando no arranjo de textos que compõem

as literaturas de língua portuguesa, evidências do tecer, voz a voz, de um fio condutor que recupera o olhar de “fora” que inspira o de “dentro”.

Assim sendo, Camões em *Os Lusíadas* inaugura no território da literatura a existência de uma pequena ilha asiática dentro do roteiro poético projetado na viagem de Vasco da Gama há cinco séculos. Eis a representação do olhar do encontro que desencadeará um lastro de relações de aproximações e distanciamentos culturais ao longo da história de povos dos quatro continentes:

Olha cá pelos mares do Oriente
As infinitas ilhas espalhadas:
Vê Tidore e Ternate, co fervente
Cume que lança as flamas ondeadas.
As árvores verás do cravo ardente,
Co sangue português inda compradas.
Aqui há as áureas aves, que não descem
Nunca a terra e só mortas aparecem.
(...)
Ali também Timor que o lenho manda
Sândalo salutar e cheiroso” (CAMÕES, 2006, p. 284).

Entre a eternização das glórias dos portugueses e a supremacia europeia pelos mares, o ressentimento de acabar se tornando uma “voz enrouquecida”, e, portanto, não lida/apreciada, Camões (re)cria a trajetória dos navegantes povoando-a de paisagens naturais e projeções culturais, afinal “A mente do intérprete cria em si própria, ativamente, um lugar para um outro estrangeiro. E esta construção criativa de um lugar para obras que de outro modo seriam estranhas e longínquas é a faceta mais importante da missão filológica do intérprete” (SAID, 2002, p. 32).

Ainda que Vasco da Gama estrele no campo da História Medieval e na épica camoniana pela proeza na costura das relações Ocidente-Oriente, foi o fidalgo Afonso de Albuquerque (1453-1515) que, no Oriente, avançou com a talassocracia dos portugueses. O magistrado e escritor Alberto Osório de Castro (1898-1946) se (re)descobre parte oriental ao percorrer justamente o itinerário de Albuquerque para confirmar, então, a própria descendência no inventário de sucessão de “mareantes” expresso no antefácio da obra *A Ilha Verde e Vermelha de Timor*, com a primeira edição publicada em 1943. Começando por recuperar a atuação de um bisavô em função administrativa no Extremo-Oriente, depois residente em Macau; e um tio-bisavô naturalista, participante das empreitadas holandesas nas ilhas malaias:

Tenho ideia de ter ouvido dizer a meu tio general Jerónimo Osório de Albuquerque, que acompanhou como secretário a Visconde de São Januário, na sua embaixada à China, Sião e Japão, em 1870, salvo erro, um irmão de meu bisavô Hugo Moor foi naturalista, ao serviço também da Companhia holandesa, e estudara a fauna das ilhas Malaias (CASTRO, 1996, p.15).

O intento de Castro parece ser o de “roteirizar”, a seu modo, as grandes viagens consagradoras do imperialismo português em sua última e mais importante jornada, desta vez de cunho literário, que selaria o quadrante Portugal-Goa-Angola-Timor. Motivação esta sumarizada na interpelação: “Porque não abalar até Timor, no cabo do mundo, onde viceja palidamente o sândalo, que «perfuma o machado que o fere», onde Camões certamente andara?” (CASTRO, 1996, p. 14). Neste bojo, revela a razão pela qual elegeu Timor para arbitrar e não mais a comarca de Moçâmedes, motivo este concernente ao alto custo de vida: “o caixão de pinho ir à cova custava tanto nesse canto do sul de Angola como os meus vencimentos mensais de magistrado...Santo Nome de Deus, Senhor Jesus do Naufragantes!” (CASTRO, 1996, p. 14).

Parece haver uma inclinação para o pioneirismo na decisão de Osório de Castro, uma vez que foi o primeiro juiz colonial a pedir recolocação para atuar em Timor: “Pedi transferência para Timor, e houve a bondade no então Ministério do Ultramar de se atender a minha súplica, creio até que principalmente pelo argumento evocado do preço do caixão de ir à cova no cemiteriozinho de Moçâmedes, rondado à noite pelas hienas” (CASTRO, 1996, p.14).

De maneira entusiasta relata – vezes integrante daquele mundo, vezes distanciado pela mentalidade “colonizante” – a viagem transoceânica do Atlântico ao Pacífico: “E que jornada de desvario essa da África Ocidental a Timor, que maravilhoso espetáculo aos olhos!” (CASTRO, 1996, p.14), ancorando o olhar no porto de Díli em 1907. O que enxergou de pronto foi o que lhe era, aparentemente, familiar aos traçados de Goa, levando-se em consideração ter sido Procurador da Coroa Portuguesa aí entre 1894 e 1907:

A minha primeira impressão em Timor, no desembarque em Díli, foi a de que pisava de novo a terra da Índia do Concão, a Índia dos palmares. A mesma cor vermelha do solo, aqui de xistos e argilas, lá de laterites, a mesma flora, a mesma tez da gente. Apenas aqui mais nacarada a luz mais docemente aproximada do sonho dos homens (CASTRO, 1996, p. 20)

Com o distanciamento necessário, começou a perceber as dinâmicas insulares de entrecruzamento de povos como parte da construção de um cenário paisagístico e humano que notadamente flagra a singularidade da mistura de raças no mosaico cultural de Timor: “Pouco a pouco, porém, pormenores se definiram, distanciando. Era de facto ainda o continente indiano, um prolongamento de Samatra, de Java, da Península Malaia, mas já um mundo novo me aparecia (...)” (CASTRO, 1996, p.21).

O magistrado viveu no “desterro” cerca de dezessete anos, ainda que reunisse um arcabouço notável da compreensão da integração regional comercial das inúmeras ilhas do sudeste asiático, nem mesmo esta larga bagagem foi o bastante para não deixar de se surpreender com Timor:

E a população de indonésios do nosso território, mais ou menos cruzados de malaios desde milénios na costa marítima, dizia o continente asiático; mas mostrava também traços que eu jamais vira, ou só porventura entrevira em Rótti; gente estranha da Nova Guiné e arquipélagos orientais adjacentes (...) (CASTRO, 1996, p.21)

Sentiu-se à vontade para evocar interlocutores, no sentido de sofisticar a memória e se despedir do “oriente português”, inclusive, definitivamente, três anos depois da publicação da *Ilha*. O mais ilustre a ser lembrado por Osório de Castro foi Camões pelo espelhamento da casta de terem sido escritores-viajantes para além do Bojador: “Também aqui, também aqui, destas praias timoresas, vejo Luís de Camões mercadejando por Ternate e Amboíno, ‘à sombra de odoríferos pomares de cravo e de moscadadas’, como escrevo algures, ‘numa ilha das partes do Oriente, de estranhos habitada’(...)” (CASTRO, 1996. p. 28).

Ainda em torno da relação de Camões com a “Insulíndia”, alimenta a mitificação do naufrágio fatídico pelo qual passou o sonetista-mor (e uma acompanhante), a partir de uma versão peculiarmente sua da origem oriental de “Dinamene”:

E a chinezinha que, segundo Diogo do Couto nas *Décadas* furtadas ao historiador em Goa, durante uma sua doença, e que só há anos apareceram na Biblioteca Nacional do Porto, a chinezinha que acompanhava de Macau para Goa Luís de Camões, e morrera no naufrágio que sofreu essa nau que os trazia nas praias do *Mécon rio* e em que se nos iam também para sempre afundando os Lusíadas, poderia bem ser uma suave e amorável javanesazinha de Ternate ou de Amboíno, que o poeta lá conhecera, e o enamorara até à alma. (CASTRO, 1996, p.32)

De repente, a imortalização do amor nos sonetos camonianos ganhou uma fundamentação orientalista, na medida em que o alimento literário incutido nos versos líricos

do escritor foi abastecido em um lugar fora de Portugal, longinquamente localizado em uma porção asiática específica de si mesmo “(...) não tenho logo mais que desejar, /pois em mim tenho a parte desejada” (CAMÕES, p.) ao acessar a falta da “Alma minha gentil, que te partiste/ Tão cedo desta vida, descontente,/Repousa lá no Céu eternamente/E viva eu cá na terra sempre triste (...)” (CAMÕES, p.).

Na sequência das amarras das relações literárias, Camões surge na epígrafe e Alberto Osório de Castro na dedicatória junto “a todos os poetas timorenses” em *Um Cancioneiro para Timor* de Ruy Cinatti (1915-1986) – obra em que mais se vê integrar o poeta ao antropólogo. Cinatti traz como preâmbulo a ideia de mediação das relações literárias entre portugueses e timorenses, já que reúne o poeta da epopeia “lusitana” ao desterrado orientalista e a eles, os colonizados, no projeto maior de conciliação cultural de uma equação ideal entre povos. Vasco Rosa, prefaciador e organizador da antologia *Timor-amor* de Ruy Cinatti, aponta a tardia descoberta do escritor acerca dos escritos de Osório de Castro:

Ainda que tardiamente, Cinatti encontra no livro *A Ilha Verde e Vermelha de Timor*, de Alberto Osório de Castro, não apenas um antecedente literário que lhe vale de tradição, mas também o modelo de um português em ampla aventura tropical, que foi igualmente serviço ao país e às ciências (CINATTI, 2013, p.11)

A faceta de viajante do poeta-antropólogo inicia após uma trajetória prévia de visitação por algumas colônias portuguesas da África, ainda como um jovem universitário. O arrojo do olhar lançado aos territórios sob a condição de extensão ultramarina de Portugal já foi impactado pela novidade da beleza intensa de paisagens que o despertaram para a decisão futura de nelas retornar. Foi para além das possessões africanas quando em 1946 chegou a Timor para exercer o cargo de chefe de Gabinete do Governador por cerca de um ano, regressando anos mais tarde para uma estadia maior – 1951-1955.

A lucidez de Cinatti quanto às formas de violência/apropriação colonial em relação ao povo timorense repercute na introdução de *Cancioneiro*, intitulada “Princípio”. Percebe-se certo esforço para tentar se desprender de um mundo concebido sob a soberania dos europeus, por contarem com a certeza do apagamento de todos os outros mundos pagãos, mas não de Timor, não do Timor de Ruy Cinatti:

Tive que deslocar montanhas, mudar o curso às ribeiras, desenraizar as árvores para que a paisagem se clarificasse e fosse na memória uma presença tão inequívoca como as linhas de uma tapeçaria! Tive que lutar à minha maneira para que os meus defeitos se não adicionassem aos da gente

européia em que me enquadrava...Foi a Natureza que me ensinou a suportar inconsequentes desígnios, opondo-se, compreensiva, a um combate desigual e moderando-se a ponto de aproximado limite de total conflito...Foi ela, finalmente, que indicou o rumo certo a um encontro marcado! A admiração desenvolvera o conhecimento e este era já acto de amor... (CINATTI, 1996, p.19)

Da primeira notícia da existência de Timor-Leste – considerando apenas os registros escritos em língua europeia, tem-se a data de 1522, dada pelo cronista de Fernão de Magalhães, Pigaffeta – até o início da produção científico-literária de Cinatti, pouco se notou de envolvimento e interesse pelas “gentes” de Timor. Ainda mais se se buscar nos diversos escritos um caráter valorativo. É mérito do poeta em questão empreender um precedente, como estudioso e como literata, de apreciação da complexidade dos contornos culturais leste-timorenses, por difundir a “notícia” à comunidade estrangeira de que ali vive um povo a que se deve admirar: “Quem conviver com os Timorenses talvez possa aperceber-se, se é que a cegueira ou a insensibilidade não o impedem de todo, daquele mínimo de delicadeza que é a condição de comunhão entre os homens e atributo de relações humanas duradoiras” (CINATTI, 1996, p.35).

Se se considerar os cinco anos de morada nos dois momentos de Cinatti em Timor, é surpreendente a capacidade de produção e criação de um acervo amplo e diverso, entre escritos, fotos e filmagens. Fez uso não somente da construção imagética via palavras, como agregou na estrutura de *Cancioneiro* um projeto único de fotos escolhidas que intermedeiam os poemas, tão autênticos – *timorizados* – como as imagens capturadas. A obra se encerra com duas poesias que se fundamentam em um juramento de pertença dos timorenses aos portugueses, dos portugueses aos timorenses. Em “Os vínculos portugueses” *canta*:

Meu irmão, meu irmão branco,
De cor, como eu também!
Aceita a minha aliança.
Bebe o meu sangue no teu.

Se te sentires timorense,
bebe o teu sangue no meu.
(...) (CINATTI, 1996, p. 123)

A resposta vem nos versos de “Os vínculos timorenses”, entoada por um pedido especial direcionado tanto aos espíritos da natureza quanto às divindades cristãs, o de que se perpetuasse o amor por Timor. Cinatti *honrou* o povo timorense por meio do que verdadeiramente possui importância para eles: a palavra.

(...)
 Senhor da terra, das águas,
 do ar e dos milheirais.
 Senhor Mãe e Senhor Pai,
 dai-me um desejo profundo.

Que eu seja senhor de mim!
 Dai-me um desejo profundo.

De monte a monte, o meu grito
 soa, soa, como voz
 de um eco do infinito
 ecoando em todos nós.

Timor cresce como um grito
 ecoando em todos nós. (CINATTI, 1996, p.127-128)

Enquanto as investidas coloniais atacavam os reinos leste-timorenses para a posse do território e demonstração de poderio frente às *katanas*, Cinatti pactua irmandade com um *liurai*. Apesar de os descompassos das relações entre portugueses e timorenses terem sido muito mais regra que exceção, o poeta surge contrariando a lógica de opressor-oprimido. Retorna a Portugal aureado por um encantamento e dedicação real ao pacto de sangue a ponto de se ver coerência ao parentesco firmado. Inicia uma campanha de sensibilização entre amigos literatas, intermediando a primeira experiência destes no contato com Timor.

Assim ocorreu com Sophia de Mello Breyner Andresen que foi apresentada a Timor por Ruy Cinatti, desbravador da cultura, natureza e relações com o povo leste-timorense:

O meu primeiro e inesquecível encontro com Timor foi aquela madrugada em que, ao chegarmos em casa, depois de não sei que festa, mal abrimos a porta da rua fomos surpreendidos por um barulho de vozes e risos. E quando abrimos a porta da sala vimos os nossos filhos – ainda pequenos – e a queridíssima criada Luísa sentados no chão em roda de Ruy Cinatti que tinha ao seu lado uma mala de onde iam saindo tecidos, objetos de madeira, caixas, pequenas estatuetas, punhais – e naquela noite de Lisboa cheirava de repente a sândalo. (...) me sentei no chão a ouvir as histórias de Timor, das árvores, das flores, dos búfalos, das fontes, das danças e dos ritos” (APARÍCIO, 1999, p.11).

Ainda que Andresen não tenha se deslocado por terra ou ar para diretamente pousar olhos e coração na ilha do crocodilo, sentiu-se convencida e comovida do encontro de vida-morte-vida de Cinatti. Anos mais tarde, o processo de descolonização de Timor e a subsequente invasão indonésia (inclusive prevista por Ruy Cinatti) acarretaram o isolamento

do povo timorense, ou seja, o comprometimento da comunicação e acesso da comunidade estrangeira aos acontecimentos como estratégia para mascarar o holocausto forjado (invasão indonésia).

A evidenciação do representante da resistência timorense, Xanana Gusmão, possibilitou a criação de uma nova ponte de relações, desta vez, edificada em torno da solidariedade. E é por meio de uma declaração dele, imbuída de convicção em defesa da causa de libertação, a consequente desestabilização de Teresa Amal, socióloga angolana, que fez disso motivação para intervir e produzir obras.

De 1975 a 2000, o “à primeira vista”, obrigatoriamente, implicou no testemunho do impacto de uma guerra de higienização do território leste-timorense realizada pelos indonésios. No lugar da experiência de apreciação de paisagens paradisíacas e o trânsito e acomodação de povos em Timor já registrado por outros, viu-se o caos instaurado pela presença do exército indonésio, tratava-se de uma *terra sonâmbula*. De ilha paradisíaca à *Ilha das Trevas*.

Amal participou da Missão Oficial de Observação Portuguesa, de maneira a acompanhar a preparação e a realização da Consulta Popular prevista pelo Acordo de 5 de Maio, assinado por Timor e Indonésia. Antes mesmo de se deslocar ao país, relata em *Timor Leste: Crónica da Observação da Coragem* (2002) a motivação pela qual se interessou em se candidatar para a “missão” em questão. Deveu-se ao contato com as palavras de Xanana Gusmão, que não somente repercutiram junto aos guerrilheiros, mas arrebataram a comunidade internacional, oferecendo a todos a real chance de combate, de comoção, de tomada de atitude por uma causa de regaste da dignidade humana:

A vida é-me muitas vezes pesada. A lucidez torna-a muitas vezes quase intoleravelmente penosa. Acreditar na liberdade, na justiça, na compaixão, nas diferenças, no génio criativo da mente e da alma humanas, são os campos de resistência permanentes em que me movo. Eles alimentam as minhas alegrias e renovam a minha confiança. Até hoje, as palavras que com mais força ressoaram dentro de mim, inscrevendo nelas grande parte das minhas esperanças e convicções são aquelas com que o Comandante Kay Rala Xanana Gusmão, num momento particularmente difícil da história de libertação do Povo e Nação timorenses (tinha sido recentemente preso), responde aos desalentados das Lutas: *a luta ganha-se aqui, depois aqui*, apontando para a cabeça e depois para o peito. (AMAL, 2002, p. 12).

Ainda no período do terceiro e último interstício de força opressora no território insular em questão, chega-se à jornalista e escritora Joana Ruas. A atuação de Ruas em Guiné-

Bissau e depois em Timor faz dela integrante do conjunto de escritores portugueses-viajantes que promoveram, pelo deslocamento, pela des-re-territorização o entrelaçamento do precedente de relações já seladas ou o resgate destas.

A palestra “Aproximar o distante – do estranho ao familiar, duas experiências: Timor-Leste e Guiné-Bissau” (2009) recupera um sentido de resistência comum entre os povos colonizados por portugueses e evidencia o seu olhar singularizado sobre a autenticidade timorense, fundada no que chama de *almamundo*. Entendeu-a como concepção coletiva das relações, sentimento partilhado, ampliação das fronteiras identitárias e convocação a valorar a vida, inclusive, quando sacrificada. Enxergou muito mais que um cenário de ruínas, miséria, mortes, percebeu o todo a que foi convidada a se integrar e registrar como verdadeiro primeiro encontro com Timor:

Em contacto com o povo de Timor-Leste, já na sua causa de libertação nacional, compreendi que, como cada um deles, eu era parte de uma *almamundo*. O episódio que mo revelou passou-se do seguinte modo: preparando uma conferência sobre identidade e luta de libertação nacional, a minha abordagem incidiu sobre os seus poetas que se exprimiram em língua portuguesa. Um desses poetas, Jorge Lautém, mereceu a minha especial atenção não só pelos seus poemas impregnados de uma cultura profundamente oriental, hinduista, mas sobretudo pelo facto de Jorge Lautém ter sido um dos que desapareceu durante a invasão para não mais ser visto. Fiquei com essa dor no coração, a dor pelo seu sofrimento e pela sua morte, pelo seu génio tão precocemente ceifado. Na esperança de ter notícias suas, sempre que me encontrava com timorenses perguntava por ele e obtinha deles esta resposta enigmática: Jorge Lautém é você. Como é normal entre nós, eu desfazia o engano afirmando a minha identidade. Como insistissem, encarei esta atitude como um enigma posto não só à minha inteligência, como ao meu sentimento e à minha cultura. Uma vez, ao lembrar o assassinato de Sebastião Gomes Rangel, um estudante de 18 anos cujo funeral desencadeou o massacre de Santa Cruz, espantou-me que muitos deles me respondessem, o Sebastião sou eu. (RUAS, 2009, p.5)

O sentimento de *almamundo* em relação à opressão indonésia, para além de colocar à prova o sentido de coletividade e afirmação da identidade timorense; reunir e evidenciar a representatividade de intelectuais disponíveis; eleger líderes e heróis da independência; abrir precedente à diáspora; confrontou e venceu o discurso imperialista hegemônico da frente inimiga. Isto é dizer que a dinâmica de vida e de morte do povo timorense se modificou e que o revigoramento ideológico se prostrou como um desvio à regra: o insucesso da obrigatoriedade individualista, economicista e subversiva a que o mundo se pautava, porque aprenderam e internalizaram a resistência, ou seja, a luta implacável pela garantia de ser timorense.

É a convicção inexplicável de reconquista do território tomado que gerou a admiração de José Eduardo Agualusa. Assim como Cinatti; Agualusa e Luís Cardoso se formaram em Silvicultura no Instituto de Agronomia, foram colegas de estudos. A relação deles alcançou a literatura, como se pode ler no prefácio de *Crónica de uma travessia – A época de Ai-Dik-Funam*, obra de estreia do romancista timorense Luís Cardoso, em que Agualusa faz alusão ao momento do primeiro contato com Timor por meio de Cardoso:

Conheci o Luís Cardoso em 1981, no Instituto Superior de Agronomia. Naquela época, Timor era ainda um lugar fora do mundo. Os guerrilheiros de Xanana Gusmão morriam nas montanhas sem que ninguém o soubesse – pior, sem que ninguém quisesse saber. Por vezes Luís falava do futuro como se houvesse futuro. Aquela espécie de esperança, feroz, determinada, à revelia do mais elementar bom senso, parecia-me uma doença. Ele, porém, defendia as suas posições com a paciente gentileza de um príncipe oriental, de tal maneira que a mim só me restava fingir que acreditava nele. Passaram-se quinze anos e o tempo deu razão àquela esperança. Hoje, Timor ocupa as atenções de uma parte importante do mundo, e quando um guerrilheiro dispara a sua arma, nas montanhas, o eco desse tiro ouve-se em Jacarta. (CARDOSO, 1997, p.8)

O início da produção de obras em língua portuguesa por timorenses aliado aos prefácios de escritores-legitimadores representa a tomada da condução da internacionalização do que seja o Timor por vozes locais. Passou a ser possível ter acesso à cosmovisão do povo leste-timorense a cores, com os seus dilemas: tradições pagãs *versus* catolicismo; língua do colonizador *versus* línguas distritais; vida na diáspora *versus* vida na ilha.

De objeto de observação antropológica a irmãos-de-sangue; de pacifistas a guerrilheiros; de alimento literário a literatas. O povo timorense compreendeu a necessidade de emancipação em mais de um sentido, ampliando as relações para o mundo que comporta o mundo: a literatura. Por isso, há diversos timores reunidos nas parcerias prefaciador-autor entre Mia Couto e Xanana Gusmão; Sophia Andresen e João Aparício; Craveirinha e Ponte Pedrinha; Agualusa e Luís Cardoso.

O encadeamento de pousos de olhares sobre Timor passa, pelo menos na delimitação feita, por Agualusa, que em 2001, ocupando o lugar de escritor-viajante no sudeste asiático, mais propriamente, em visita às ilhas de Flores, Bali, Java e Timor decide realizar uma rota de (re)descoberta, séculos mais tarde da inicial, e inventariar o que restou da empreitada portuguesa. *Na rota das especiarias – Diário de uma Viagem a Flores, Bali, Java e Timor* relata a percepção luso-angolana da viagem ocorrida entre 08 a 29 de abril do ano supramencionado, embora o livro tenha sido publicado apenas em 2008.

A chegada a Timor aconteceu em uma sexta-feira, dia 20 de abril, e ao contrário dos “mareantes”, o seu olhar inaugural e real em relação à ilha veio do céu. No entanto, em terra, de pronto, decepcionou-se por não reconhecer a consistência da herança portuguesa, ainda que devesse se considerar a fase de um governo transitório da ONU instalado em Timor e antes disso a destruição causada pela saída da Indonésia: “Dili, Timor. Somos atendidos na Polícia de Fronteiras por um simpático funcionário americano. Para aqueles mais ingênuos, ou menos avisados, que acreditavam ter aterrado num país lusófono, foi um choque – o primeiro” (AGUALUSA, 2008, p.45).

Assim como o Timor conhecido por Amal e Ruas, o de Agualusa é o do recém-pós-invasão. E é por isso que intitula o relato como “(Entre náufragos)”, porque se sente impactado com o país em escombros, consequência dos incêndios e destruições propositas promovidos pela saída contrariada da Indonésia:

A impressão inicial, ainda no autocarro que nos conduz ao hotel, é de um extremo desalento. Dili lembra uma cidade de náufragos. As pessoas reorganizam o quotidiano com os salvados do grande desastre. Estão sentadas nas traseiras de vivendas carbonizadas, em barracões construídos de improvisado nos quintais, ou em tendas na praia. Vagueiam às dezenas, sem rumo aparente, entre ruínas (AGUALUSA, 2008, p. 45).

O tom inicial de desapontamento da narrativa vai se transformando quando reencontra Luís Cardoso e recebe a notícia de que está atuando na revitalização das plantações de café e de sândalo de seus antepassados. E verdadeiramente se modifica, para otimista-esperançoso, depois de conversa com Xanana Gusmão e Ramos-Horta, intitulada de “(Um mito de sandálias)”. Percebe-se que a despedida da jornada em território timorense superou o registro da chegada, em que o que se sobressai é a constatação do caótico. Já no avião, transmuta o olhar a ponto de enxergar para além da destruição e concluir que Timor se define mais pelo seu povo que paisagens naturais/devastação:

No avião, com destino ao aeroporto de Denpasar, a capital de Bali, vendo pela janela sucederem-se lá muito em baixo as ilhas cor de esmeralda – contas de coral de um colar imenso –, volto a pensar na decisão de Luís Cardoso, e nas palavras de paz e de esperança que escutámos a Xanana Gusmão, Ramos Horta e Dom Basílio do Nascimento. Timor é um território pequeno e, nesta fase, carente de quase tudo. Possui no entanto o principal para que possa vir a ser um país viável: as pessoas, uma mão-cheia de dirigentes políticos de grande qualidade. (...)

Reparo num inscrição nas asas do aparelho: *no Step*. Na posição em que me encontro, porém, a palavra surge torcida e do avesso, de forma que posso ler

claramente – e com surpresa! – *deus on*. Parece-me um sinal auspicioso. Deus está finalmente *on* sobre os céus de Timor. Reclino a cadeira e durmo (AGUALUSA, 2008, p. 55).

A ideia de mudança de perspectiva do olhar, embora ainda haja a presença de um pensamento hegemônico e reducionista sobre o(s) mundo(s), parece ser marcante em se tratando do contato, ou melhor, do conhecimento relativo ao povo timorense por parte dos escritores. Indubitavelmente, o Oriente, sempre apto a generalizações, comporta não menos vaguidão que outrora, uma vez que a simplificação imagológica do outro é recurso confortável para a afirmação de si mesmo.

A galeria de impressões, imagens, miragens sobre Timor, partindo dos textos e intertextos e índices paratextuais (re)organiza a trajetória e a compreensão das relações estabelecidas, para, posteriormente, lançar luz sobre a formação e a conformação das produções literárias por Timor poderem ser melhor sustentadas quando *emaranhadas* em uma rede de colaboração.

Considera-se a viagem como o recurso mais contundente para a composição de uma efabulação específica em se tratando dos países de língua portuguesa, uma vez que desencadeia o desenraizamento, causa a reapropriação de uma memória intercultural, sinaliza para a metamorfose intrigante das relações pós-coloniais. A coesão de vozes em torno de Timor procura o equilíbrio entre ausência e pertença e exercita – outrossim os timorenses – a diáspora física e mental na geografia da lusofonia.

No desencadeamento do contato e da identificação por meio da viagem, o novo literário de linhas produtivas transpassando-se e fugidias se perdem quando na interiorização de um rizoma, íntimas do movimento sem fim de roer as margens. O processo de densificação das relações pode ser percebido a partir da intensidade valorativa de Cinatti e pela sensibilização discursiva de Gusmão que fizeram incidir luz ao povo timorense. Na rota das relações por Timor, há muitos escritores ora em trânsito, ora pertencentes à rede, acionados a partir da natureza de um rizoma: como capilaridades, foram adentrando e se tocando como potência de reação tanto ao silenciamento do povo timorense (invasão da Indonésia) quanto por se sentirem integrados à *almamundo* deste.

3. *LIAN-NAIN*³² - A REDE LITERÁRIA DE TIMOR

A textualização da rota das relações aponta para a dinâmica da subterraneidade, porque sabendo da pouca visibilidade dos escritores timorenses e antes disso de seu povo, um arranjo de literatas da lusofonia costurou-se naqueles, para ainda na margem, fazer evidenciar uma poética coletiva da dor. Muitos se recortaram dos respectivos sistemas literários em uma movimentação endereçada a não enraizar, mas sim a avançar e ganhar o solo fértil da experimentação transitória por Timor.

É preciso o cuidado de se considerar o caráter fugidio da complexidade de um rizoma literário como o de Timor, porque se trata de um olhar lançado aos escritos que se projetam uns nos outros, inclinam-se para dialogar. E mais: colocam à prova a cristalização, a definição e a necessidade da manutenção de relações para a viabilidade de estudos no condizente a avanços para a crítica literária.

A Rede Literária de Timor consiste no arranjo de escritores que se interlocucionam por Timor, a natureza desta imagem é a de um rizoma e, por isso, deve ser compreendida como uma demonstração de uma das teias tecidas, com linhas soltas e pontos de encontro, que, inclusive, podem já estar com as fibras por romper, ou, o contrário, reforçadas, porque não possuem o freio para serem delimitadas no espaço, no tempo ou no terreno da visibilidade.

Há, portanto, riscos a se correr pelo fato de a proposta de Rede Literária, em verdade, basear-se nos escritos publicados que prevejam participação, atuação militante ou imersão na cultura leste-timorense. Parece que a consolidação de vozes disponíveis e que forjaram vínculos com Timor ocorreu no período de elevação deste povo à causa humanitária a ser defendida. As mais de duas décadas de opressão indonésia acordaram o tino da sensibilização estrangeira, que colocou apostos a literatura para simbolicamente se posicionar no combate ao inimigo, abriu espaço para a literatura de testemunho, para a dor e a memória não se perderem

³² Significa “Os Senhores da palavra” na língua tétum. Para além do significado da expressão em tétum, aponta-se a integração de tal função social à roupagem do Estado que virou Timor-Leste: “A 20 de Maio de 2002 teve lugar em Dili – Tasi Tolu, a cerimónia de “independência/transição” de poder das Nações Unidas para as autoridades timorenses. As comemorações incluíram a presença de lia nain – os senhores da palavra, oradores rituais – provenientes de todos os distritos de Timor-Leste. A sua actuação no programa da cerimónia seria uma legitimação tradicional da nova nação. A cada grupo foram atribuídos alguns minutos de palco para enunciarem as Palavras na respectiva língua ritual” (SOUSA, 2011, p.91).

Ver: *A casa como enunciado: narrações de origem entre os Bunak – Bobonato, Timor-Leste*, de Lúcio Manuel Gomes de Sousa. In Clara Sarmento. *Diálogos Interculturais Os novos Rumos da Viagem*. Porto: Vida Económica, 2011.

(dado o considerável número de assassinados pela luta por liberdade) e encontrou alimento literário valioso nas muitas camadas culturais do povo timorense.

Com os meios de comunicação midiáticos locais ruídos e os de fora com pouco alcance para divulgar os fatos, a mobilização partiu para uma frente simbólica, em que os recursos editoriais de ONGs e de instituições foram acionados por brasileiros, portugueses, angolanos e timorenses (na diáspora) em prol de uma série de obras (literárias e não literárias) que minimizou o problema do silenciamento do povo timorense. Ainda que muitas destas sejam pontuais, foram importantes como rede de apoio e militância, uma vez que os escritores das Literaturas de Língua Portuguesa não somente demonstraram engajamento político por intervir com o impacto da palavra, mas acabaram por se apresentar íntimos às verdades culturais timorenses.

O desencadear da natureza rizomática na constituição da Rede Literária de Timor passa por obras emblemáticas como a antologia *Enterrem meu coração no Ramelau*³³, editada em 1978 pela União de Escritores Angolanos (UEA), que viabilizou a atitude poética dos timorenses Fernando Sylvan (voz nacional na diáspora) e Jorge Lautén, por exemplo, dentre outros cinco poetas que tiveram espaço para o registro (em detrimento da oralidade tão imperativa em Timor, embora integrada à escrita destes). Em verdade, com Angola livre, a iniciativa da publicação implicou em um movimento de projeção e extensão da luta independista a ser, portanto, bem-sucedida e restaurada em Timor. A UEA, constituída em 1975, demonstra a força atuante de seus membros, como o poeta Agostinho Neto, em fazer ressoar a urgência atitudinal a favor da causa timorense.

Destaca-se, também, a reunião do panorama literário e linguístico de Timor-Leste em *Timor timorense com suas línguas, literaturas, lusofonia*³⁴ (1995) do português Artur Marcos, porque torna tal obra importante amparo para o entendimento da abundância de escritores na diáspora (a partir de um mapeamento). A segunda parte do livro é dedicada a “Textos e Versões Leste-timorenses”, em que poesias e narrativas (em tétum e em Português) de escritores timorenses como Borja da Costa, Fernando Sylvan, Jorge Lautén, José Manuel Bandeira, Xanana Gusmão, João Barreto, Fitun Fuik e textos de Luís da Costa (inclusive como tradutor) compõem a cena crescente de escritos de intervenção.

³³ Ramelau é uma cadeia montanhosa, onde se encontra o pico Tata-Mai-Lau, igualmente referenciado como símbolo da identidade nacional dos timorenses. Nesse pico, segundo a tradição animista, estariam os antepassados dos timorenses.

³⁴ A edição do livro foi promovida pela Associação de Estudantes da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

Igualmente relevante, *Timor Leste este país quer ser livre* (1997) organizado pelo brasileiro Sílvio L. Sant’Anna, inclui o Brasil³⁵ como participante consistente e consciente (não o fez em relação à própria independência) à frente de apoio internacional. A carta de Fernando Henrique Cardoso e do Vaticano; o texto de Noam Chomsky e a entrevista com o próprio Xanana Gusmão nas montanhas; além do espaço para a publicação de poesias dos timorenses Fitun Fuik, Xanana Gusmão e Fernando Sylvan, fazem desta iniciativa um ato político legítimo que minimiza um possível descompasso histórico da busca por libertação das ex-colônias portuguesas.

Angola, Brasil e Portugal, por meio das produções mencionadas e rapidamente reativas à invasão territorial de Timor, corroboraram para que se constataste a sintonização em vista da demanda de Timor-Leste como emergência humanitária, de tal maneira que a repercussão encadeasse um desejo por ação coletiva. A postura perante a situação se afastou da apologia à militarização da parte oprimida como saída da problemática, o canal aberto para a interlocução era claramente político. Ao se fazer ler escritores timorenses, a tríade de países pôde pressionar a escuta das vozes mais essenciais deste litígio, a de cada leste-timorense, realizada através do plebiscito de 1999 que teve como resposta contundente a escolha pela independência (e não pela anexação à Indonésia).

3.1 Ruy Cinatti – densificador de capilaridades

Ainda que a densidade de obras diga respeito ao período de privação de direitos pela investida de Suharto à parcela insular oriental, as capilaridades próprias da natureza de um rizoma na arquitetura da Rede Literária de Timor começam a se tecer antes, durante e se prolongam a isto e devem ser entendidas como um flagrante das relações literárias estabelecidas a partir de escritores-nós³⁶. Estes funcionam como vozes aglutinadoras, apresentam-se reconhecidamente autênticas e significam vias de passagem impulsionadoras da produção da textualização do diálogo percebido em prefácios, epígrafes, dedicatórias, poemas e personagens.

³⁵ Há, também, o documentário “O Massacre que o Mundo não Viu” (2001) de Lucélia Santos a ser considerado.

³⁶ A concepção de “nó”, embora pensada incipientemente como forma de intersecção, é considerada por Milton Santos como um lugar/momento de encontro em uma Rede, capaz de perfazer, incentivar e/ou reproduzir as relações em seu conjunto. Apesar de Milton Santos se debruçar mais especificamente sobre os aspectos geográficos e econômicos, sua teoria possibilitou a autores de diversas áreas do conhecimento teorizar sobre outras redes, a exemplo das sociais e literárias que possuem bases comunitárias, associativas e solidárias. Ver: SANTOS, Milton. *A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção*. São Paulo: Edusp, 2008.

Considera-se que os responsáveis por densificar o panorama literário no concernente a Timor-Leste são Ruy Cinatti, Xanana Gusmão e Luís Cardoso. Cada qual potencializou e acionou diferentes relações, sendo que o primeiro inaugurou o olhar de muitos portugueses para uma compreensão valorativa do povo timorense, com grande produtividade de livros e imagens; o segundo: a síntese do heroísmo timorense, com passagem militante como poeta; o terceiro: o resultado da equação cultural timorense-portuguesa quanto à literatura no âmbito da pós-colonialidade.

A partir das obras de Cinatti, houve uma virada de perspectiva, o que era insistentemente tido como estranho, tornou-se familiar. Ainda que tenha produzido suas obras antes do marco da invasão indonésia, o escritor é o primeiro nó que sustenta os laços mais sedimentados e ainda mantidos na memória dos timorenses. Foi responsável por cavar a densidade antropológica a tal profundidade que o que encontrou foi a busca pessoal de apresentar ao mundo as novidades (não reconhecidas sob o mérito de, ao longo da colonização) de uma singularidade da qualidade humana. Desde então, é sabidamente o que reuniu maior atenção de estudos no concernente a sua dedicação ao desbravamento e construção de alicerces fundamentais para ser ponte entre Timor e a parcela do mundo ocidental.

A significação dos períodos de vivência na ilha do crocodilo e o sentido de pertença consequente a isto resultaram em uma obra de teor íntimo (e do íntimo do ser), na cadência essencialmente musical e ritualística que são parte da sociedade timorense, transferida ao projeto literário *Um Cancioneiro para Timor*³⁷. A linha que costura as relações pela via de Cinatti parte da epígrafe deste livro, porque retoma o primeiro verso de um soneto de Camões que promove o amor por meio da ligação entre almas, da virtualidade do desejo afetivo: “Transforma-se o amador na cousa amada”.

A voz do escritor-mor da cultura portuguesa foi escolhida e redirecionada para confirmar a forte inclinação de Cinatti quanto ao povo timorense. Além de se declarar no sentido de as qualidades percebidas no seu objeto de apreciação serem infundidas a si, estende uma via de passagem inusitada e que desagua no Oriente experienciado pelo próprio Camões, como um retorno, ou melhor, um novo encontro àquela porção do mundo intermediado por Cinatti. Falar por meio do verso camoniano é, de certa forma, trazer o melhor que se possa

³⁷ Completado em 1968 e apresentado no mesmo ano ao concurso promovido pela Agência Geral do Ultramar, foi galardoado com o prêmio “Camilo Pessanha”. Circunstâncias adversas impediram que o livro fosse publicado imediatamente, ocorrendo somente depois de cerca de dez anos, em 1980. No entanto, Ruy Cinatti refere-se a registros de 1948, 1950, 1956, 1964-65.

ofertar, como um convidado de um ritual ou cerimônia em que se leva algo reluzente ou significativo para adornar e honrar o sagrado.

Camões vem acompanhado de um outro escritor na epígrafe, uma passagem de *A Ilha Verde e Vermelha de Timor*, de Alberto Osório de Castro, é ressignificada no contexto da obra de Cinatti, por compartilharem por Timor o tino pela investigação da paisagem e a da vivência dos ecos sonoros do ritmo de vida dos *timorês*³⁸: “Um grande sonho meu realizado. E porventura/nunca mais, nunca mais! o realizará/qualquer outro poeta português, e pobre!...”. O uso dos versos de Castro funciona como o prenúncio de que a obra difundirá uma nova dimensão humana (e literária) a se considerar, sendo que o “sonho” seria a própria força onírica insistentemente presente em seu olhar bem desperto.

Volta-se, na dedicatória do *Cancioneiro*, novamente a Osório de Castro e a “todos” os poetas timorenses. Com este gesto, demonstra reconhecimento pelo pioneirismo de Castro quanto à incursão por Timor e pelo Oriente e reserva aos timorenses o especial estatuto de poetas. Sabidamente, a metaforização da língua tétum³⁹ (e não somente) expressa a elaborada cosmovisão em que timorenses e natureza ainda não se apresentam cindidos, mas complexados: ao invés da simplificação da observação de um cenário com areia e mar ser referido como “praia” (*tasí-ibun*), concebem-no como “boca do mar”⁴⁰. Se se permitir imergir ainda mais, ouvir-se-á e presenciar-se-á a literatura timorense. A observação e o testemunho de Cinatti atêm-se para a secular literatura oral se avultar como momento canônico das cerimônias, como espaço poético viabilizado pela linguagem cantada, como na declamação do *dadoulik*⁴¹. A divisão em sete partes do texto ritual⁴² se mimetiza ao próprio processo de construção da casa, ou melhor, da ação no tempo sagrado a consagrar-se aos antepassados:

O movimento narrativo deste *dadoulik* vai-se encadeando em repetições sucessivas que, insensivelmente, nos aproximam do objetivo último do poema. Este processo expressivo, já de si suficiente para prender a atenção

³⁸ Termo usado por Osório de Castro para se referir ao povo timorense.

³⁹ Característica do tétum apontada por Luís Cardoso em entrevista para o programa de televisão português “A páginas tantas” em setembro de 2013.

⁴⁰ Ilustração de Luís Cardoso sobre o potencial do olhar metafórico fazer parte do tétum em entrevista para o programa de televisão português “A páginas tantas” em setembro de 2013.

⁴¹ Ruy Cinatti define *dadoulik* como uma “espécie de ode propiciatória em que se evocam os antepassados, se roga a proteção da Divindade Suprema e se vão expondo as dúvidas que surgem no processo de construção da casa, como se se interrogasse o modo de a realizar. Estas perguntas têm uma resposta, que, no poema, se transforma em acção imediata. Assim se vão reconstituindo as fases fundamentais, desde o início, em que se colheram os materiais necessários, até ao remate da cobertura, tendo o trabalho um sentido de resposta eficiente de Deus à dúvida do Homem que quer realizar” (CINATTI, 1996, p. 45).

⁴² O *dadoulik* é considerado texto ritual, assim como o *baito’a*, por Artur Basílio de Sá em *Textos em Teto da Literatura Oral Timorense*, Junta de Investigações do Ultramar, Lisboa, 1961.

aos auditores – muitos deles participantes activos na construção da casa e que vão revivendo e enchendo de sentido o trabalho passado –, é reforçado por um paralelismo formal, análogo à tradição bíblica, que aparece também nas nossas cantigas de amigo. São dísticos emparelhados exprimindo a mesma ideia em cada um deles, apenas com a mudança de um ou outra palavra. (CINATTI, 1996, p.46)

Há intensa produtividade literária na oralidade (e evidenciação de recursos poéticos clássicos, sem a eles serem apresentados por meio do ensino formal) se se romper o conforto do registro escrito como forma definitiva para a criação. Em “A génese de um cancionero”, Cinatti aponta que demorou para entender o valor das coleções de mitos, narrativas épicas (em verso) de cancioneros de que foi presenteado em seus trabalhos de campo, como o de Bunak⁴³ (dísticos ligeiros) e o recolhido em terras de Suai⁴⁴ (dedicado à vigília dos mortos). O *cancioneiro* do poeta português inspira-se no costume da palavra declamada e cantada para a legitimação das cerimônias tradicionais em Timor, ao mesmo tempo em que se percebe o acréscimo de oscilações líricas quando os vínculos entre si e os timorenses são abordados.

Relembrando o efeito de ubiquidade dos timorenses – aparições e desaparecimentos instantâneos garantem algo de fantástico, principalmente aos *liurais* – Cinatti encerra sua “introdução” com uma homenagem ao poeta *mambae*⁴⁵ nunca conhecido, mas incansavelmente buscado por ele, João Barreto. A poesia de sua língua materna fora traduzida para o Português, oferecida aos alferes e tenentes, e, de mão em mão, como um presente, conduzida aos olhos do já pactuado *malai*. Com o título “Minha mãe morreu”, os tocantes versos centralizam a mudez como resposta a todos os chamados, que se configuram em vão, porque a desejosa presença da mãe não pode mais ampará-lo. As estrofes finais apresentam a fragilidade de um homem com parte faltante de si:

(...)

Agora minha mãe morreu.
Ninguém antes de engolir,
Vê se eu choro.

Agora, eu já sou grande,
Mas estou sozinho.
Minha mãe, minha mãe! Ninguém responde.
Minha mãe morreu. (CINATTI, 1996, p. 70)

⁴³ São da região de Bobonaro, localizado na zona ocidental do país, perto da fronteira com a parte indonésia da ilha. Quando Timor-Leste era Província Ultramarina portuguesa se chamava Vila Armindo Monteiro.

⁴⁴ Fica no sudoeste de Díli, na costa sul do país. Com importante localização por estar a poucos quilômetros do Mar de Timor, inaugurou-se, em 2017, o aeroporto de Suai.

⁴⁵ Língua materna muito difundida desde o interior de Díli até a costa sul do território, incluindo Ainaro e Manufahi.

A poesia de Barreto ressoa a dor pela ausência, porque nele há a pulsante memória que o faz vivo de lembranças da mãe. Ser povoado de presenças (ainda que seja pela ativação da memória e pela falta) é a natureza fecunda de todo timorense e observada na singeleza do poema (escrito primeiramente na língua do constructo cultural que tanto Barreto como a mãe pertencem). Os versos de João Barreto ganham espaço e visibilidade, uma vez que Cinatti se propõe como atencioso destinatário (assim como faz com que os leitores da obra sejam). De poeta para poeta, o gesto e a audiência são conseguidas para a escuta de um lirismo confidente.

A mitificação do poeta autor de “Minha mãe morreu” somada à interlocução com Camões, com Osório de Castro, com os poetas timorenses (povo timorense) recompõem uma teia de diálogos de Cinatti a partir de índices textuais que intermediam *Cancioneiro*, ou seja, estão presentes desde os detalhes constitutivos da obra. Fio a fio, as retomadas e projeções de referências literárias realizadas indicam novos pontos de contato e alargam o alcance da natureza rizomática das relações em torno de Timor (ou Timor-amor, como o poeta português devidamente intitulou um de seus livros).

As obras de Ruy Cinatti possuem a singularidade de estarem desatreladas dos mais conhecidos momentos de instabilidade histórico-políticas de Timor, ainda que tenha se indisposto com governantes portugueses e seja discreto na postura crítica. O que se aponta, portanto, é o marcante essencialismo em sua abordagem que praticamente não se vê ou não se verá por algum tempo na coleção de produções sobre Timor-Leste. A referencialidade à repressão indonésia, bem como toda a peregrinação dos leste-timorenses para retomarem o território e reconquistarem a liberdade funciona como um caso de vitória coletiva dos oprimidos (improvável para muitos) que sensibilizou e alavancou o povo timorense e sua luta, tematicamente, nas produções.

Inicia-se, neste sentido, o desvelamento do emaranhado literário, cuja adesão rizomática passa pela solidariedade e resgaste de vínculos historicamente herdados, mas vertidos em nova dimensão de relações: tem-se o trânsito de escritores em um movimento cujo efeito é o de interposição. Mesmo remoto ao contexto da ocupação indonésia, Ruy Cinatti proveu inúmeras interseções neste direcionamento. A inclinação católica de Cinatti se alia a de Sophia de Mello Breyner Andresen em *O Anjo de Timor*⁴⁶ (e isto não ocorre por meio de versos, ainda que seja poetisa por excelência e, por isso, legitimada pelo Prêmio Camões, em 1999). A narrativa de Andresen foi oferecida ao Padre Nuno Higino Cunha, em

⁴⁶ Com ilustração de Graça Morais e separata com o texto traduzido em tétum por João Paulo T. Esperança e Emília Almeida de Araújo.

1992, em detrimento da situação do grave cerceamento de Timor-Leste, mas somente publicada em dezembro de 2003, quando da disponibilização da Cenateca para a edição.

A contrapartida de Andresen e seus filhos à memória do entusiasmo e da amizade junto ao poeta português *Ruy* – expresso no prefácio do livro *À Janela de Timor*, de João Aparício – é consolidada na personagem do *liurai*-viajante. A curiosidade do timorense em conhecer o Deus único de que soube existir em conversa com um mercador em suas andanças por terras e ilhas circunscritas na região impulsiona o teor religioso da narrativa. Quando a personagem retorna para a sua família, ao dormir, uma voz lhe disse para esperar por um sinal de Deus. Após muitos anos de espera solitária na escuridão da noite⁴⁷, com olhos e ouvidos muito atentos, o *liurai* recebe a visita do Anjo de Timor que lhe fala sobre a vinda do filho de Deus encarnado que será adorado por todos e que três reis farão longa jornada para lhe ofertar presentes. De imediato, quer ir ver o menino, mas ao invés disso, dá ao Anjo uma caixa de sândalo com pedras com que brincava ao *caleic* quando criança para se fazer chegar ao salvador.

O jogo *caleic* da memória afetiva da personagem *liurai*, muito bem retoma a poesia “Menino de Timor” do timorense Jorge Barros Duarte no sentido de revisitar com saudosismo as brincadeiras próprias da infância em Timor. A obra *O Anjo de Timor* como grande oração e prova de fé que é, insere-se no contexto do flagelo da invasão indonésia e é justamente este opressor, no poema, que impossibilita a infância. Mais combativo que a narrativa de Andresen, os versos são construídos de lembranças, porque não há mais aldeia, apenas o inimigo, a “fera”:

(...)
 Que saudade que eu tenho dos jogos
 Da minha aldeia agora deserta!...
 O "La'o-rai", que a memória esperta,
 Co'as pocinhas na terra, ora a fogos

 Mil sujeita!... O "caleic" também era
 jogo apreciado da pequenada:
 "Hana-caleic"!... de tudo já nada
 Resta agora!... Só vejo essa fera. (MARCOS, 1995, p.189)

Andresen, de maneira delicada, funde a cosmovisão timorense à perspectiva cristã de mundo, tal simbiose já tinha sido expressa em versos pelo escritor timorense Fernando Sylvan

⁴⁷ Lembra-me a poesia “No ponto onde o silêncio” de Sophia de Mello: “No ponto onde o silêncio e a solidão/Se cruzam com a noite e com o frio,/Esperei como quem espera em vão,/Tão nítido e preciso era o vazio”. (ANDRESEN, 2001, p. 20).

em “Menino Jesus da minha cor”⁴⁸ a partir de um lirismo tocante. A poesia apresenta-se quase como um tratado de tradução cultural para o acesso aos símbolos e liturgia do cristianismo. O *Maromak* e a manjedoura de palha de arroz e folhas de pé de café são exemplos da tentativa de se buscar referencial conhecido, ainda que o “menino” não tenha a cor certa (porque é branco) para a pronta identificação.

A ideia de se ver irmão de Jesus, na celebração do nascimento, é também a variação de um pacto (de sangue no caso de Cinatti) vertido no âmbito mais geral de comunhão que tanto para a Igreja Católica quanto para a cultura timorense são operados com o sentido de comunidade e amizade.

Meu Natal timor,
Meu primeiro Natal.

Quantos anos tinha?!
Nunca o soube ao certo.

Minha Mãe-Menina
Fez-me o seu presépio:
Uma encosta arrancada ao Ramelau
Com uma gruta ausente
Cheia de Maromak⁴⁹
E perfume de coco,
Um búfalo e um kuda⁵⁰
E o bafo quente dos seus pulmões.

E um menino sobre palha de arroz
E folhas de cafeeiro.

Um menino branco
Igual aos que chegavam de longe.
- Ínan⁵¹, quem é?
- É o Maromak-Filho e teu Irmão!

E eu recuei, porque via no berço
Um menino rosado,
Um menino branco
Igual aos que chegavam de longe.

- Ele é, mais do que todos, teu Irmão...
- Mas como pode ser um meu irmão?
- É teu Irmão: Firma-lhe bem teus olhos, meu Amor!
E eu, obedecendo,
Firmei-me todo nEle.
E vejo-O desde então

⁴⁸ A primeira publicação desta poesia foi no livro *7 poemas de Timor*, 1965, tb.

⁴⁹ Palavra na língua tétum que significa “Deus” (tradução cultural).

⁵⁰ Palavra na língua tétum que significa “cavalo”.

⁵¹ Palavra na língua tétum que significa “mãe”.

Também da minha cor! (SYLVAN, 2001 apud MARCOS, 2001, p.209)

Andresen, Duarte e Sylvan formam uma ciranda em torno de Timor, em que os escritores respectivamente: dirige-se às crianças a partir da tradição religiosa ocidental; denuncia a infância esfacelada pela destruição empreendida pelo invasor; aborda as indiossincrasias em Timor. A narrativa de Andresen, em *O Anjo de Timor*, com linguagem claramente direcionada ao público infanto-juvenil e em um tom litúrgico, insere-se como uma das reverberações provindas não necessariamente de Sylvan, o “legítimo” timorense aculturado, mas da forte pauta ser Timor quanto a Cinatti, que, por sua vez, vincula-se afetivamente (logo, Timor também) a Sophia de Mello e família.

Ainda que a historiografia da literatura portuguesa na representação do sistema literário português lance holofote para Andresen e pouco ilumine Cinatti, o inverso ocorre na Rede Literária de Timor. A densidade de vozes somadas a ele o nucleia, para ir, abundantemente, forjando enraizamentos, invadindo terrenos em que toca (em mais de um sentido) raízes fixadas. Estas, participantes de uma relação real ou não, são forçadas, se sensíveis ao diálogo engajado, a alcançar outros terrenos, a se horizontalizar.

Andresen, qualificada o suficiente para ser posicionada na verticalidade de relações, como um ponto fixo mais acima em uma das constelações do universo do artefato literário, autorreclina-se para dialogar com os poemas do timorense João Aparício (como prefaciadora de *À Janela de Timor*). Com isso, imerge-se um pouco mais na composição dinâmica de interlocução naturalmente percebida na Rede Literária de Timor, porque há entre tais poetas o desejo de que nunca se perca “a linha musical do encantamento”, ainda que os momentos de impedimento possam avultar profunda dor e se revelem a urgência do verso a ser escrito.

O prefácio da escritora para o livro *À Janela de Timor* (1999), de João Aparício, demonstra o cuidado com a leitura das poesias e o entendimento do crescente grito de horror do poeta por meio da construção das imagens traumáticas de uma guerra desigual. Andresen entende que “moralmente Timor é uma fortaleza” e que o impacto das palavras de Aparício são justamente a aversão à condição desumana a que o povo timorense foi submetido:

De poema em poema o texto de João Aparício é a crónica dolorosa de um país ocupado e oprimido onde à sombra da bandeira vermelha e branca da Indonésia se sucedem os abusos, os insultos, os ultrajes e onde os direitos humanos são espezinhados e escarnecidos: mulheres violadas, homens na prisão, destruições, massacres. (ANDRESEN, 1998; APARÍCIO, 1999, p.15)

Desta maneira, Sophia de Mello, agora prefaciadora, aponta com clareza os dois extratos de identificação do poeta, que se apresentam ora como a expressão do sofrimento por seu povo, ora como valoração de toda a poética de seu mundo ancestral. A última estrofe da poesia “Esta noite⁵²” demonstra a síntese perfeita em que se conjuga o encontro de si pelo recobrimento da beleza das imagens ligadas a um passado de tradição em consonância com o encoberto presente:

(...)
 O meu ser
 É uma caverna de memórias,
 É o sal, o sol, a flauta melodiosa,
 A água, a terra, a roseira mansa e brava,
 E o pulsar doloroso
 Das vidas do meu Povo. (APARÍCIO, 1999, p. 47)

Antes mesmo do empenho de Aparício em reunir poemas escritos e intervalados entre 1976 e 1998, no trânsito entre Timor, Indonésia e Portugal, sob o projeto *À Janela de Timor*; este carrega longa dedicatória, em que é possível entender a projeção de relações mantidas e flertadas pelo poeta. Oferece a primeira linha da lista de homenageados “Ao Povo de Timor Leste”, além do enaltecimento do heroísmo confiado “A Xanana Gusmão, o incontestável líder da resistência timorense”; atesta a importância da participação de instituições timorenses “Ao Conselho Nacional da Resistência Timorense”, por exemplo, assim como partidos e organizações juvenis e de estudantes. Laureia os jornalistas que foram decisivos na divulgação dos abusos do exército invasor: “Ao valente jornalista britânico Max Stahl, por ter ariscado a vida ao filmar o massacre de Santa Cruz, no dia 12 de Novembro de 1991, em Díli, capital de Timor Leste”. E reserva o fechamento para a afetuosa lembrança quanto “À memória de Ruy Cinatti, poeta português e timorense”, em que o eleva com o igual estatuto identitário que tem. Cinatti continua a reverberar e a potencializar capilaridades em torno de Timor, mesmo muito depois de seu falecimento (morreu em 1986) e de não ter tido tempo em vida de se atrelar ao movimento de apoio à causa de libertação nacional.

João Aparício⁵³ se vincula, em verdade, recupera o fio literário muito bem conduzido de Cinatti parar avultar-se como poeta no difícil período de tomada da ilha pela Indonésia. A

⁵² A poesia foi escrita quando João Aparício estava em Baucau, em 1987.

⁵³ Popularmente conhecido como radialista por ter apresentado o programa *Timor, Sol Nascente*, na Rádio Renascença, e pela passagem como adido pela Embaixada de Timor-Leste em Portugal. Foi assessor de relações públicas e comunicação no mandato do presidente Major-General Taur Matan Ruak (Muito mais conhecido por

publicação de *Versos do Oprimido*⁵⁴ (1995) sob o pseudônimo de Kay Shaly Rakmabea⁵⁵ – com prefácio de Manuel Alegre – e as obras *À Janela de Timor* (1999) e *Uma Casa e Duas Vacas* (2000) merecem ser destacadas.

A questão que se encerra em Aparício é a de que por mais que tente ser o poeta que se arma com a palavra para contra-atacar seus inimigos, suas “frases em tétum são como pequenas esculturas de coral nítidas e brilhantes”⁵⁶ que entrecruzam os poemas em Português, repletos de conciliações deste tipo, que revelam muito de seu arcabouço sensitivo. Em “As asas do poema”⁵⁷, o poeta se depara com a tentativa de apagamento do culto aos antepassados, porque um dos símbolos do sagrado foi destruído, no entanto, encontra o sinal cabal da esperança com a ajuda do *dai-dai malu’aça*⁵⁸ e se coloca a cargo de ser o anunciador da boa-nova:

Nasceu um botão de rosa,
Nos escombros da *úma lúlik*,
Dizia-me o *dai-dai malu’aça*
Que era feito glorioso de meus avós
Ou de um semeador de Oquilari
Ou de Laribere...

Eu quero que ele cresça
E me faça um poema,
Com sabor a liberdade.

Quero que o poema irrompa
Nos olhos de Timor,
E voe amoroso.

Eu serei as suas asas. (APARÍCIO, 1999, p. 32)

A flor é a comunicação (a partir da predição) entre os espíritos que zelam pelo povo timorense e o eu lírico que deseja que este sinal seja vertido em palavra e em mensagem da possível proximidade da liberdade. Em verdade, o eu lírico será o mensageiro, porque escreverá poemas endereçados a Timor que reverberarão a confiança de tempos melhores.

este nome de guerrilheiro, que, em tétum, significa “dois olhos vivos”. Seu nome ocidentalizado é José Maria de Vasconcelos. Ocupou o cargo de presidente entre 2012 e 2017, atualmente é o oitavo Primeiro-ministro de Timor-Leste, eleito em junho deste ano (2018).

⁵⁴ Não foi possível realizar a leitura desta obra. O acervo digitalizado do Arquivo & Museu da Resistência possui um conjunto de poemas de Kay Shaly Rakmabea com o mesmo título, no entanto, não consta o prefácio do escritor Manuel Alegre e parece ser apenas uma versão dos escritos.

⁵⁵ O pseudônimo garantia a preservação da identidade do autor perante o exército indonésio.

⁵⁶ Sophia de Mello no prefácio de *À Janela de Timor*.

⁵⁷ Escrito em Lahane – Díli, 10 de Junho de 1982.

⁵⁸ Na língua makassae significa áuspice-sacerdote.

Percebe-se uma crescente, não somente pelo avanço temporal ser um dos critérios de organização dos poemas de *À Janela*, mas também com vistas ao engodo para a revolta moral e intelectual de uma guerra não oficialmente declarada. Cada poema pode ser considerado peça única e historicamente situada, com referências ao lugar em que foi escrito, data e dedicatória. Tal artifício permite a recuperação do caminho de um poeta-sonâmbulo – ora presente, ora ausente de Timor – interessado em confidenciar o que seus olhos e ouvidos testemunharam.

O efeito deste projeto literário é o de um memorial iniciado pela menção a Cinatti e encadeado com Nino Konis Santana, que é lembrado em mais de um poema: “Konis Santana”⁵⁹ e “Meu General”⁶⁰; Dom Carlos Filipe Ximenes Belo em “Vitória dos Timorenses”⁶¹; Xanana Gusmão ganha grande destaque em cinco deles “Xanana”⁶², “Xanana-Líder”⁶³, “Xanana-Mito”⁶⁴, “Xanana”⁶⁵ (esta poesia, homônima à escrita em 1983, acompanha a história do guerrilheiro, agora, preso pelos soldados de Suharto) e “Lágrimas de Xanana”⁶⁶.

Não se pode ignorar a recorrência de poemas forjados para dialogar com os interstícios da liderança de Gusmão. Entretanto, antes preparou a elevação dos grandes feitos predestinados a ele com versos carregados de ufanismo. Pelo uso do recurso do dístico, encapsulou o encorajamento em “Xanana” para a mensagem ecoar: “A ponta da tua baioneta/Atinge todo o planeta” (APARÍCIO, 1999, p. 33). Ou, então, na poesia “Xanana-Mito”, em que faz o reforço do surgimento de um novo e entremeado símbolo – heroico e sagrado – de Timor:

És o *oan-mane-kmanék*⁶⁷ de todas as mães,
O *maun boot X*⁶⁸ dos nossos jovens,
O *áman* das crianças de Timor.

És a *úma lúlik* dos velhos,
O *lia na'in* dos sábios...
És o mito do Povo de Timor Leste.

⁵⁹ Com a seguinte referência: “Sintra e Laveiras (Caxias), 27 de Fevereiro e 02 de Março de 1995”.

⁶⁰ Com a seguinte referência: “Lisboa, 30 de Março de 1998/ À memória de Nino Konis Santana”.

⁶¹ Com a seguinte referência: “BJPII, Lisboa, 26 de Outubro de 1994/ A Dom Carlos Filipe Ximenes Belo, SDB Bispo de Díli”.

⁶² Com a seguinte referência: “Externato de São José – Díli, 23 de Março de 1983”.

⁶³ Com a seguinte referência: “MONAS (Monumento Nacional), Jacarta, 15 de Julho de 1990”.

⁶⁴ Com a seguinte referência: “Díli, 15 de Agosto de 1991”.

⁶⁵ Com a seguinte referência: “Malang – Java, Indonésia, 20 de Novembro de 1992, 9.45”.

⁶⁶ Com a seguinte referência: “S. Faubessi (Timot), 12 de Janeiro de 1992”.

⁶⁷ Em tétum significa “filho bondoso”.

⁶⁸ Em tétum significa “irmão mais velho”, sendo que o “X” é a abreviação de Xanana.

Embora digas que na realidade não o és,
 Ao menos aceita
 Que foste ungido assim
 Por este massacrado Povo entre fogo e privações,
 Que vê operando em ti o ideal sagrado,
 O querer ser Ele próprio, no colo da ilha materna. (APARÍCIO, 1999, p. 51)

Nesta poesia, o eu lírico dialoga diretamente com Gusmão, recuperando as jornadas sociais que o fazem significativa para o povo timorense, inclusive antecipando-se e contraargumentando a importância de se ter em um homem a representatividade múltipla para a certa identificação. O uso dos termos em tétum aciona o apelo afetivo com o qual o herói e o eu lírico compartilham culturalmente.

Dois outros timorenses são colocados lado a lado dos mais conhecidos combatentes, são eles Manuel Atai em “Memórias a um herói desconhecido”⁶⁹ e Maria Gorete Joaquim em “Memória a uma Mártir”⁷⁰, ambos acrescentados no *hall* estrelado da resistência timorense. O anonimato dos sacrificados – principalmente crianças e mulheres – é temática consistente que equilibrou e fez peso decisivo no lado da balança que tendeu para a conquista da restauração da independência do país.

Em Lisboa (no café junto à Casa Antiga de Fernando Pessoa), em Aparício vivendo o exílio concedido em 1995, a poesia “Memória da invasão” toma forma. O eu lírico traz à tona a reminiscência do menino timorense no enfrentamento de uma pergunta esfingicamente feita por um soldado indonésio, cuja resposta, tal qual à tragédia edípica, poderia ter sido fatal:

Em pleno fogo de Dezembro de 1975,
 Alguém armado me pergunta:
 «És Fretilin⁷¹, UDT⁷² ou Apodeti⁷³?...»
 Respondo: não sou de ninguém.
 Apenas uma criança
 Da idade do teu filho,
 Que chora quando tem fome,
 Que se queixa quando tem frio.

Se sou apenas uma criança,
 Por que é que me fazes
 Perguntas para um homem? (APARÍCIO, 1999, p. 78)

⁶⁹ Com a seguinte referência: “Sintra e Laveiras (Caxias), 5 de Maio de 1996/ A Manuel Atai, meu primo”.

⁷⁰ Com a seguinte referência: “Teulale e Vila Salazar – Baucau, 31 de Maio de 1992/ A Maria Gorete Joaquim”.

⁷¹ Fretilin: Frente Revolucionária de Timor-Leste Independente, que proclamava a Independência total e imediata do território.

⁷² UDT: União Democrática Timorense. Foi o primeiro partido a surgir, que defendeu a continuação dos laços com Portugal até a independência de Timor-Leste.

⁷³ Apodeti: Associação Popular Democrática Timorense, que preconizava associar-se com a Indonésia.

Não obstante, Fernando Sylvan (agora mais combativo, como voz nacional na diáspora) alinha-se ao tom dos versos de Aparício e nos insere a uma provocação pertinente: sermos mais espectadores das injustiças e do desrespeito aos direitos humanos que propriamente indivíduos protetores dos desamparados. A necessidade de um movimento vertido em atitude é arremessado aos seus leitores nos aclamados versos: “Pedem-me um minuto de silêncio pelo mortos mauberes⁷⁴/ Respondo que nem por um minuto me calarei” (SYLVAN, 2001 apud MARCOS, 2001, p.212).

A frente de militância de Sylvan (não tão retumbante no Timor ou junto aos poetas que ascenderam ao longo dos vinte e quatro anos de opressão como assim significou em Portugal) é intensificada por Aparício em *Uma Casa e Duas Vacas*, livro completamente escrito no exílio, mais precisamente em Lisboa, ao longo de maio e junho de 1999. A obra é composta por dezesseis poemas, que a começar pelo título, pautam-se em ser uma contundente réplica à tentativa de compra de posicionamento político empreendida pelos soldados de Suharto (em detrimento da proximidade do plebiscito). O poeta explica que

O título *Uma Casa e Duas Vacas* foi inspirado no depoimento de um timorense, a propósito da promessa de oferta de «uma casa e duas vacas», feita pelos militares indonésios e chefes das milícias pró-integração à população civil, caso esta rejeitasse a independência. O documentário foi transmitido pela SIC no programa *Toda Verdade*, a 4 de Maio de 1999. (APARÍCIO, 2000, p.7)

O poema de abertura, “Casa sagrada”, religa-se ao imaculado significado de “casa” para a cultura timorense: “Ao princípio vivias na *úma lúlik*,/A morada de *Maromak*,/Luz que liga o Povo e a brisa do mar (...)” (APARÍCIO, 2000, p.11), que contrasta com a materialidade de um teto para moradia, justamente o teor do suborno. Mais agudo e assumindo a postura de inquisidor (e amaldiçoador: *a la* velho do restelo), confronta a parcela da população favorável (ou que se fez favorável) à anexação de Timor Oriental ao Timor Ocidental (indonésio) em “A casa e as vacas”: “(...) Olha! A casa é morta, roxa e fria;/Lá vêm as duas vacas,/Estrangeiras entre os rouxinóis,/Magras e sem leite” (APARÍCIO, 2000, p.13).

Em *À Janela de Timor*, as poesias se estruturam com poucas estrofes e adentram-se pelo lirismo na imersão da dor de seu povo, assim sendo não soam tão ressentidas quanto as

⁷⁴ Fernando Sylvan escreveu um texto intitulado “Presente e Futuro da Palavra Maubere”, que foi lido durante as IV Jornadas de Timor na Universidade do Porto, defendendo ser “maubere” a única palavra da língua tétum que se universalizou, muito por conta da Resistência.

de *Uma Casa e Duas Vacas*, que funcionam quase que como longos discursos de repreendimento à população de Timor, além de demonstrarem a incerteza e, talvez, até certo temor quanto ao que seria decidido na consulta popular. Em “Duas milícias”, atinge a camada da ironia a partir de um tom instrucional direcionado para criticar o falso poder da opressão. O recurso da narrativa no primeiro verso garante o efeito de uma história da oralidade sendo contada às crianças:

Era uma vez duas milícias:
Quando caminham juntas,
As mãos se enlaçam.
A da esquerda é o tronco, sem letras.
A da direita é o alfabeto, rude e infantil,
Que mal sabe soletrar o mundo.
.....

Mas querem ser pronúncia da Vida. (APARÍCIO, 2000, p. 27)

As duas milícias as quais Aparício se refere uma delas é formada essencialmente por soldados indonésios e a outra por timorenses apoiadores da anexação do território. Ambas eram autorizadas a prender, torturar e violentar a população para conter a resistência ao invasor, responsáveis pela decisão de morte ou continuidade de vida a muitos timorenses.

O, portanto, revelado (não há qualquer estudo feito até então) poeta timorense João Aparício alcançou Ruy Cinatti pelo resgate à irmandade selada no ritual de sangue e endossado por aquele, avançando no diálogo de maneira a expandi-lo até Sophia de Mello Breyner Andresen, que, por sua vez, conectou-se a ambos os escritores (e indiretamente a João Barros Duarte e Fernando Sylvan). No entanto, percebe-se que Aparício nitidamente elegeu Xanana Gusmão como protagonista de sua interlocução, assim como o povo timorense, dado o momento de impedimento pela tomada do território pela Indonésia.

Justamente pela recorrência de projeções e homenagens a Xanana Gusmão como voz (a princípio por conceder entrevistas) e liderança de uma rede de resistência e frente de combate ao inimigo, este se fez a referência abundante e inspiradora para muitos escritores. Assim como Cinatti, Gusmão aglutinou literatas, mas foi além por desencadear inúmeras respostas (muitas delas estão por serem alcançadas ainda) ao chamado à luta pela libertação nacional, principal temática das produções da Rede Literária de Timor.

3.2 Xanana Gusmão – efeito de ser caixa de ressonâncias

Em entrevista, ainda nas montanhas, Xanana Gusmão responde incisivamente ao repórter português sobre o que pensa da ajuda internacional a Timor, principalmente no concernente a Portugal: “acredito mais em nós mesmos” (GUSMÃO, 1997, SANT’ANNA, 1997, p. 117). Isto, por si só, foi o mantra que impulsionou os primeiros anos de luta para que o povo timorense não cedesse e fosse possível devolver às famílias já dilaceradas um país livre e em paz. Ainda que confiante na capacidade de resistir da guerrilha que liderava, entendeu que poderia fazer com que seu povo saísse vitorioso da guerra (deve-se lembrar da exaustiva campanha que José Ramos-Horta e D. Ximenes Belo realizaram) sem que para isso tivesse o mais poderoso arsenal militar.

Gusmão expandiu seu horizonte de relações, entendendo a necessidade de que a batalha não poderia se singularizar a um povo, mas a uma comunidade com pontos de contato tangíveis a Timor. Quando capturado, em 20 de novembro de 1992, acionou o recurso que poderia transpor as grades da prisão e ainda encadear para mais longe o movimento a favor da libertação de seu opressor: escreveu e pintou a partir da realidade do mundo do cárcere, cujos sons e cores passaram a se virtualizar por meio de poemas⁷⁵ (*dadolin*) e pinturas⁷⁶ (*taturik*). A substituição da catana e das armas pela pena e pelo pincel fizeram do guerrilheiro um artista de passagem, ou melhor, o segundo escritor-nó, que, estando fora de ação, canalizou em *Mar Meu*⁷⁷ ou *Tasi Ha’un* (com edição bilíngue: português e tétum⁷⁸) – junto à voz do prefaciador Mia Couto – a convocação para que todos se fizessem presentes. A resposta a isso continuou por transformar a dinâmica de relações de tal maneira que se tornou tarefa de cunho ilimitado a de rastrear o redarguir nas mais diversas línguas e produções pelo mundo.

Alguns fios (escritores) – não mais soltos, porque densificados no emaranhado produtivo da militância – sobressaem-se por se manterem loquazes: navegantes na firmeza dos últimos momentos de brilho nos olhos de Sebastião Gomes ou então pasmados pelo desaparecimento e morte de poetas (como Borja da Costa); escudos de fé de cada homem fuzilado⁷⁹ no porto de Díli e tornados parte do mar; cura para o flagelo da fome e das doenças

⁷⁵ O livro é composto por nove poemas escritos entre 1994 e 1995.

⁷⁶ O livro traz ao final quinze pinturas feitas entre 1994 e 1996 por Xanana Gusmão e fotografadas por Ross Bird.

⁷⁷ Também traduzido para o inglês pela poetisa portuguesa Ana Luísa Amaral.

⁷⁸ Traduzido para o tétum por Luís Costa (Centro Português de Estudos do Sudeste Asiático).

⁷⁹ O exército indonésio sequestrou o máximo de homens timorenses para efetivar o fuzilamento destes no Porto de Díli, a cada tiro, um homem caía diretamente ao mar. Esta foi uma das primeiras estratégias para evitar a possibilidade de motim.

perpetuadas pelo holocausto a que a ilha de Ataúro foi transformada; apoiadores do revés, mesmo somando-se à parte mais frágil da luta de forças.

O prefácio “O Verso e o Universo” de Mia Couto, escrito em Maputo, é um especial poema-vetor que se empenha em transportar questões extremamente relevantes para a reflexão de um mundo prestes a vencer mais um milênio, e que, no entanto, apresenta-se desiludido, desistente de sonhar, com desatinos apocalípticos, porque está cansado de saber que as guerras são feitas de pessoas e que somente elas, muitas vezes vagarosamente, podem se mobilizar para cessá-las:

Mas não é apenas o milênio que ronda a esquina de sua extinção. O mundo, ou uma certa ideia de mundo, não parece igualmente sobreviver. Com desespero de naufrago, o tempo se abraça ao mundo e, no remoinho, ambos se afundam. Como se o mundo se quebrasse em mundos e não houvesse ponte nem viagem para nos acolher entre pedaços. Tudo, súbito, fica longe, cansaço, crepúsculo. (COUTO, 1998; GUSMÃO, 2003, p.6)

A voz geograficamente distante de Mia Couto mostra-se inteirada da problemática poder se desenrolar a favor do povo timorense se houver uma frente disposta a se solidarizar, fazendo de si o nós: “Neste estilhaçar de tempo e mundo que lugar tem a solidariedade? Quanto nos pode ocupar a injustiça que ocorre distante quando, tantas vezes, fechamos os olhos àquela que tem lugar no nosso próprio lugar?” (COUTO, 1998; GUSMÃO, 2003, p.6). A responsabilidade por legitimar uma causa já sustentada em território timorense é endereçada, no mínimo, a todos que comungam dos laços resultantes do deslocamento português (As Grandes Navegações), que ao redelinear os mapas, costurou quatro continentes entre si: “(...) Uma nação distante se reassume como nosso lar, nossa razão, nosso empenho. O sangue que se perde em Timor escorre de nossas próprias. As vidas que se perdem em Timor pesam sobre a nossa própria vida” (COUTO, 1998; GUSMÃO, 2003, p.6).

A especial mensagem do escritor coloca em voga a capacidade da poesia em transcender o valor plenamente estético para significar uma manobra para “desqualificar o escuro”, “desvalorizar as paredes”, negar o isolamento, porque “um simples verso refaz o Universo” (COUTO, 1998; GUSMÃO, 2003, p.8). Sabendo que o silêncio poderia ser a condenação de maior impedimento a Xanana Gusmão e ao povo timorense, coloca-se como um dos que se ergueu pela via literária para ser o barulho longínquo, crente na veemência do *lafaek* em detrimento dos monstros:

Neste território que se define por via de uma lenda – o Crocodilo que caminhou sobre raios de luz – existem hoje monstros que se movem por raios de escuro. Mais que o negar de uma nação, um genocídio está acontecendo. Não basta a nossa indignação. Falta sermos sujeitos, sem esmorecimento. Falta negarmos, a tempo inteiro, a indiferença que pode ser sugerida por este sentimento de fim de milénio. A poesia pode ser uma destas subtis armas que poderá remover montanhas. E fazer com que o crocodilo devore os monstros e, vitorioso, se volte a espriar em luminosas montanhas. (COUTO, 1998; GUSMÃO, 2003, p.8)

Com a fissura da solidariedade ampliada por Mia Couto, empaticamente, o leitor de *Mar Meu* estará mais atento para as diversas demandas que o livro se propôs atender. Neste sentido, há muitos ensejos envolvendo os versos de Gusmão, justamente por terem sido produzidos de maneira esparsa, sem pretensão de arquitetar fio condutor, porque a emergência deveria estar consolidada na mensagem-imã, o passar do tempo significava perdas irreparáveis. Por isso, atesta a dor pelos sacrificados, por ser preciso honrar tais mortes por um futuro de soberania; direciona-se a motivar a paz em outra pátria (Angola), tanto quanto a Timor; responde às cartas e poemas recebidos de crianças portuguesas, imbuídas de clamor por paz, como o fez em “(Para Mata B. Neves, Lisboa)”, em que lamenta a participação de meninos e meninas timorenses no conflito armado e revela a monotonia de ser prisioneiro:

(...)
Com a tua idade, quase todas as crianças em Timor-Leste
Participam já na luta, em todas as formas que lhes são
Compatíveis.
(...)
Bem sabes que estou numa
Prisão de um país colonialista e repressivo. Uma prisão onde
Não sou permitido a fazer muita coisa, a não ser lidar
Com os criminosos e ouvir-lhes contar todos os dias as
Mesmas “estórias” que nunca aconteceram para chegar a
Conclusão de que nenhum deles tem culpa e que a pena
Que receberam teria sido menor se tivessem tido
Dinheiro para pagar aos juízes. (GUSMÃO, 2003, p.18)

Gusmão ainda se dedica em fornecer, com propriedade, o flagrante da repressão indonésia contra seu povo, gerando imagens devastadoras da tortura impunemente praticada, diretamente vertidas em poemas, como em “Gerações”. O impacto da palavra carregada da verdade da tragédia instaurada é certamente o trauma, talvez o fechar dos olhos do leitor

na progressão da leitura das imagens verbalmente reconstituídas possam ser a experiência do acesso à escuridão de uma parcela da Humanidade:

Quando jovens seios
Estremecem sob o choque eléctrico
E as vaginas
Queimadas com pontas de cigarro
Quando testículos de jovens
Estremecem sob o choque eléctrico
E seus corpos
Rasgados com lâminas
Eles lembram-se, eles lembram-se sempre:

A luta continuará sem tréguas! (GUSMÃO, 2003, p. 38)

Outras tantas formas de silenciamento e aniquilação da dignidade humana foram utilizadas para o fortalecimento do medo e coação de um desejo inexistente de anexação territorial. Não houve limites para as atrocidades cometidas ou qualquer demonstração de respeito àquelas vidas em detrimento da confirmação da política expansionista indonésia. A visceralidade dos versos de Xanana Gusmão é conduzida para descrever a desenfreada disposição para a bestialidade do intruso que quer modificar a interioridade do ser pela violência na superfície corporal. Entretanto, sem resultados, condenava os discordantes a uma lânguida morte:

(...)
Um pai se ofendera
No último não da sua vida

A mulher violada
Assassinada sob os seus olhos

O cheiro da pólvora
Vinha de muitos furos
Daquele corpo
Que já não era corpo
Estendido
Sem forma de morte (GUSMÃO, 2003, p. 38)

Para o e-MAR-ranha-do de aderências (e evocação de outras) pela natureza rizomática de escritores da Rede Literária de Timor ter ganhado a consistência observada, é preciso compreender que Xanana Gusmão – como símbolo da resistência timorense e poeta encarcerado – implicou o efeito de ser *caixa de ressonância*, no sentido proposto pela

socióloga do Centro de Estudos Sociais (CES) da Universidade de Coimbra, a angolana Teresa Cunha. A chave teórica proposta por Cunha reivindica uma *sociologia de caixas de ressonância*, que não somente explica a percepção de que é necessária uma racionalidade distinta para entender a diversidade de sentidos da emancipação (das mulheres, por exemplo; e, por extensão, das literaturas consideradas marginais), o que acode o íntimo do que tenham significado os escritores-nós. Assim sendo, um papel mais perto da perspectiva ativista deve ser desempenhado, seja da parte dos pesquisadores, seja de outras redes que podem realocar o protagonismo para o espaço de fala, que “(...) pensa as formas de amplificação de cada uma das vozes e dos gritos para que nenhuma pessoa possa sentir-se desamparada; procura formas e teares simbólicos, imateriais e físicos de união, cooperação, questionamento e compaixão” (CUNHA, 2011, p.273).

Antes mesmo de ser acionada por pensar o tecer teórico como uma prática necessariamente da horizontalidade, Teresa Cunha é Teresa Amal em *Crónica da Observação da Coragem* (2002), uma de suas obras sobre Timor-Leste e que apresenta interlocução com Xanana Gusmão. Cunha ou Amal é a mesma mulher de faces produtivas que se coordenam, a depender do cunho mais, ou então, menos ficcional de seus livros. O primeiro sobrenome mencionado se remete à herança comum familiar e atende pela pesquisadora. O segundo é usado quando há maior liberdade de escrita e literariedade; origina-se de um termo qualificativo, em língua local, delegado a ela por uma comunidade de mulheres vítimas da violência dos conflitos armados na África que na ocasião prestava ajuda. Não é de se estranhar assumir dois ou três nomes que correspondam a jornadas diferentes tanto no contexto timorense quanto de alguns povos africanos.

Em *Crónica*, o formato é de um diário de bordo que engloba a participação de Amal na Missão Oficial Portuguesa (MOPTL), cuja função era a de auxiliar na preparação e realização da Consulta Popular. Presente em território timorense, a linearidade temporal envolve-nos em acontecimentos corriqueiros, com as constatações das consequências proibitivas de uma guerra. Não há, no relato, o comprometimento rigoroso de fazer disso matéria definitiva de investigação, a naturalidade do registro tende a um enredo mais ou menos controlado, uma vez que a totalidade dos fatos é impraticável. A simples compra de uma agulha de costura em Timor poderia virar instrumento de ameaça grave, o que demonstra a tensão quanto ao poder de revide da população:

Tinha rasgado a minha camisa azul de manga comprida que eu usava à noite por causa da aragem. Resolvi remendá-la com etiquetas de outras roupas. Consegui linha, mas faltava-me a agulha. Perguntei se era possível comprar

ou arranjar uma agulha. As mulheres emudeceram e olharam para mim com algum pasmo. Eu não compreendi, mas de imediato o Sr. Camilo ofereceu-se para ir à loja do fim da rua para comprar uma agulha. Não se falou mais disso durante os cinco ou dez minutos que durou a ausência do nosso *Mata Dalan*⁸⁰. Já estava escuro de breu na rua. O Sr. Camilo entrou e estendeu-me a nota que lhe tinha dado para a compra e disse que não tinha sido possível.

- Não havia? Perguntei, naturalmente.

- Sim, há agulhas a vender mas não me autorizaram a comprá-las porque já é de noite.

Olhei de novo e com mais força para os olhos escuros do Sr. Camilo. Ele prosseguiu:

- Aqui é proibido comprar ou vender agulhas sem a devida autorização, sobretudo se for de noite. Os indonésios acham que as agulhas são armas porque podem ser usadas contra eles nas zarabatanas. Por isso não se podem comprar ou vender. Talvez amanhã.

É a isto que se chama estar em guerra! (AMAL, 2002, p. 85-86)

A obra que aplica a proposição teórica a uma prática coerente, ainda com e como Amal, é *Sete Mulheres de Timor - Feto Timor Nain Hitu* (2006). O projeto prevê dispor aos leitores parte das narrativas de mulheres timorenses sobre si e sobre Timor-Leste. Seria, portanto, “a textualização do que aconteceu na vida destas mulheres, (...) ao mesmo tempo, a sua interpretação feita memória e passada a escrito” (AMAL, 2006, p.25). O espaço é cedido para que a atitude de insubmissão das timorenses se integre ao sentido mais geral de resistência. As vozes, em primeira pessoa, de Ana Pessoa, Hermínia Bessa, Lígia Jesus, Maria Domingas Alves, Olandina Caeiro, Pascoela Barreto e Fátima Guterres compõem uma representatividade ainda não manifestada, e, por isso, enriquecedora.

A iniciativa acabou por dar vazão a Fátima Guterres a partir de *Timor – Paraíso Violentado* (2014), narrativa autobiográfica⁸¹ que revela o desvio de vida de Guterres ao aderir à guerrilha para combater o invasor e ao virar presa política do regime indonésio. Tão heroína e sobrevivente quanto Xanana, pôde reivindicar seu lugar na história de luta dos timorenses por meio da literatura. Trata-se de páginas e páginas de muitos nomes, de muitos envolvidos, de uma memória mais povoada que esvaziada pelo tempo, que se assenta na limitação da expressividade da língua portuguesa e das próprias convenções do registro. No entanto, há o nítido contraste entre a paz da infância e o que chamou de “os vertiginosos anos de 1974 e 1975”, em que a disputa partidária entre FRETILIN e UDT foi levada às últimas

⁸⁰ *Mata* significa “olhos” em tétum e *Dalan* “caminho”, a tradução mais adequada seria “o que sabe o caminho”.

⁸¹ “é possível falar de si sem fazer ficção? É possível fazer ficção sem implicar a si mesmo?” (BRISOLARA, 2012, p.5)

consequências, a começar pelo golpe da UDT testemunhado por Fátima Guterres e seu (na ocasião) namorado Artur.

A perseguição política aos filiados à FRETILIN foi conduzida pelos próprios irmãos-timorenses (colegas de escola, parentes e conhecidos), o que fez do casal alvo certo, assim como o poeta Borja da Costa (assassinado pouco tempo depois pelas tropas indonésias, vítima da violenta tomada da ilha):

(...) os meus vizinhos foram avisar-nos de que havia uma lista de nomes das pessoas que iriam ser apanhadas como reféns pela UDT: para além dos membros do Comité Central da FRETILIN, entre outros Artur, Totó, João Soriano e família, Borja da Costa, vinha também o meu nome e da minha família (...) (GUTERRES, 2014, p.121-122).

Guterres, ao final da obra, traz a apreciação da leitura de convidados em “Testemunhos”, sendo o primeiro deles os comentários de Xanana Gusmão. Este destaca os sucessivos sacrifícios de Fátima, como também, de muitos timorenses forçados ao desterro, no entanto, por serem salvos por instituições de forte apelo humanitário como a Igreja Católica e a Cruz Vermelha Internacional. Gusmão reconhece que Guterres “De modo comovente, a autora descreve os acontecimentos vividos, não só por ela mas também por tantas outras mulheres timorenses, no percurso da luta de libertação que vai desde a revolução dos cravos, o emergir dos partidos políticos em Timor-Leste, o golpe e contragolpe, a proclamação da independência da RDTL, a invasão, o cerco, a fuga e a destruição maciça das bases de apoio, intercalando com a narração das paisagens inebriantes de Timor” (GUSMÃO, 2014; GUTERRES, 2014, p.395).

Em consonância com o recorte histórico e o ímpeto nacionalista de um país (mesmo impedido de assim ser reconhecido), um projeto de nação é arquitetado e também firmado no campo literário pela elevação de um herói nacional. Domingos de Sousa, romancista timorense, em *Colibere – um herói timorense* (2007), não somente registra o poder da resistência de se afirmar timorense, quando o mais fácil seria ceder às investidas indonésias, como integra os marginalizados (não necessariamente filiados à guerrilha ou demais movimentos) ao patrimônio histórico da luta timorense.

Sousa se dedicou a elaborar o mais coerente dos heróis timorenses como personagem, ao contrário de eleger unicamente Xanana Gusmão, quebrou tal expectativa e foi além por inverter a trajetória marcada por virtuosidade de um herói. *Colibere*, – também título do romance – é o protagonista que vem do anonimato e é o resultado de uma guerra desigual que

leva à degradação do ser humano. Passou de mensageiro da guerrilha a prisioneiro em um campo de concentração; de torturado a assassino da mãe; de tresloucado inofensivo a mendigo em Díli; de timorense a total invisibilidade e indigência na multidão.

Rica em detalhes, a narrativa reconstrói a memória do povo timorense em meio à deflagração do caos, da prática da animosidade como recurso de imposição da nova gestão. Colibere é a grande testemunha da destruição da cultura, da própria aldeia, e em maior escala, do país:

Foi assim que Colibere viu com os seus próprios olhos como os invasores destruíram os livros nas escolas, queimando-os, servindo-se deles para fazer fogueiras e aquecer água para fazer chá e cozer massa. As escolas sofreram pilhagens e destruição de toda a ordem. (SOUSA, 2007, p.70).

Há passagens chocantes, em que a humilhação do já prisioneiro Colibere e colegas chega ao nível do inimaginável, o desespero é dominante e a vontade de morrer torna-se o melhor desejo para findar com o masoquismo dos soldados indonésios. A descrição detalhada da cena de assujeitamento explícito recai na certeza do flagelo ser ainda pior para as mulheres:

Um choro fúnebre dominou todo o recinto, metendo medo a todos, inclusive aos vizinhos que passaram uma das noites desastrosas, como muitas vezes tinha acontecido. Os homens procuravam cobrir os órgãos genitais com as mãos, as mulheres apertando as pernas e com as mãos procuravam cobrir os seios, enquanto dos olhos brotavam lágrimas inconsoláveis.

E depois, o sargento abriu a gaveta, puxou de lá uma cassete, pôs no gravador e apertou *play*.

(...)

“Homens, peguem nas mulheres e dancem!” – gritou o sargento.

(...)

Depois desta cena de dança macabra, o sargento gritou:

“Mulheres, deem-se!”

(...)

O sargento deu ordem aos soldados e aos *mauhus*, gritando:

“ – Trepem nestas mulheres.” (SOUSA, 2007, p.83-84)

Não há arma de guerra mais poderosa que o rebaixamento do ser humano pelo próprio ser humano. A literatura produzida como compartilhamento da dor alinha os escritores timorenses Xanana Gusmão, Fátima Guterres, Domingos de Sousa e Ponte Pedrinha. Na grande roda de escuta e extravasamento se encontra a obra *Andanças de um Timorense* (1998) do citado Ponte Pedrinha (pseudônimo), cujo protagonista timorense é representante de uma

“geração perdida” na diáspora, porque criado em Lisboa, todavia, desaparecido em África. Trata-se da truncada narrativa do retorno a um mundo em conflito, já não mais de sacrifícios exclusivos de timorenses se não estendido ao solo africano.

A alusão ao contexto conturbado de África fez com que o protagonismo da personagem Samuel se efetivasse longe de sua terra natal na busca pela compensação de ser menos um contra os numerosos soldados do inimigo em Timor. Urraca, esposa de Samuel, centraliza-se como foco narrativo a partir do desaparecimento e morte deste e, corajosamente, decide deixá-lo em sua origem (ainda que simbolicamente), na *Terra de Ninguém*. Vê o espectro do marido, enfim, devolvido a Timor, ao mesmo tempo que se depara com a opressão do invasor determinar que em “Timor não se escreve”, no máximo se presencia.

José Craveirinha, como prefaciador do livro, cultua a importância da palavra, inclusive por se transmutar em vida e em beleza quando privados destas. Daí a escrita ter o poder de desestruturar o universo da letargia causada. Dirige-se a Ponte Pedrinha como irmão para atestar que Timor “Desde um 1974 transformando-se em ânsia de Pátria. A Pátria autêntica e única. Porquê? Porque nasceu dos beijos e dos abraços. Porque reviveu da força do querer; do desejo de renascer para glorificar-se em Amor. Porque se fez de sangue, sacrifícios e luta” (CRAVEIRINHA, 1998; PEDRINHA, 1998, p. 7).

A possibilidade do renascimento, enfaticamente mencionada por Craveirinha, desvenda o desfecho do romance, uma vez que a busca pessoal e intimista de Samuel se concretizou, porque o tornou parte de uma memória coletiva, sabendo que isto acarreta avançar no tempo e ainda estar vivo. A semente da negação da passividade cultivada por Samuel em Urraca (e antes sugestionada na escuta da voz de Xanana Gusmão) garantiu a certeza da continuidade de si no outro, ainda que isto signifique integrar e expandir as fronteiras culturais para intercambiar a luta.

As relações diretas ou indiretamente construídas pelo registro literário até aqui demonstradas se fazem tijolos para a edificação de um corpo de obras – antes fadadas a se insularem (ironicamente), flutuarem como boias e serem apenas avistadas em águas pouco exploradas – que se querem em conversa (ou ainda na conversa da conversa, escapando-se, forçando-se em todas as direções para, quiçá, serem captadas coerentes pelo radar sensível da crítica literária). Cinatti e Gusmão projetam-se por Timor, ao passo que são recorrentemente acionados pelos escritores na aderência à Rede Literária de Timor, seja pelas verdades culturais do povo timorense, seja por se prostrarem em defesa deste.

3.3 Luís Cardoso – *Mata Dalan Timor*⁸²

Takas (como Luís Cardoso é conhecido em Timor) ocupa um lugar um pouco mais privilegiado no arranjo das literaturas de língua portuguesa por ter transposto a camada da subterraneidade da natureza rizomática da Rede Literária de Timor, ainda que pertencente a esta. É o escritor – que na diáspora desde 1974, graças a uma bolsa de estudos concedida pelo governo português – conseguiu ser iluminado pelas vias da crítica e legitimado como o representante mais engenhoso da *literatura timorense*⁸³.

O reconhecimento foi conquistado a partir da continuidade de boas produções, a começar pela trilogia dos romances *Crónica de uma travessia* (1997), *Olhos de Coruja*, *Olhos de Gato Bravo* (2001) e *A Última Morte do Coronel Santiago* (2003). Depois, *Requiem para o Navegador Solitário*⁸⁴ (2007) e *O ano em que Pigafetta completou a circum-navegação* (2013), que selam pelo menos dezesseis anos de um projeto literário direcionado a Timor.

Pensar a elevação de Cardoso implica em preencher a representatividade de Timor na recomposição da lusofonia, justamente por ser considerado o único porta-voz de seu país, e por isso, requisitado para jornadas não necessariamente condizentes com o ofício do ficcionalismo. É como se se interessassem não pelo *Takas*-escritor de obras predicamentadas, mas pelo posicionamento estratégico que pode assumir para intermediar ou até mesmo efetuar a tradução cultural no âmbito da herança portuguesa:

(...) Quando querem um escritor oficial de Timor para ir a uma conferência sobre Lusofonia, lá vai o Luís Cardoso. Gostaria que me convidassem mais para falar dos meus livros. Normalmente quando lá vou me perguntam certas coisas e querem respostas de um diplomata, de um político sobre o futuro da língua portuguesa em Timor. Falam de tudo menos dos meus livros. (CARDOSO, 2010a, p.172)

Como se pode ver, Cardoso é abordado por uma perspectiva errônea de *Mata Dalan Timor*, em que desprestigiam a potência de significações e conciliações que propõe. O olhar nascido em Timor com estada fora precisou resolver e equacionar uma forma em que fosse possível caber na expressividade da língua portuguesa e ainda sim ser singularizado. É *Mata Dalan Timor* porque se desviou da referencialidade e pontualidade de produções emergenciais

⁸² Significa, em tétum, “o que sabe o caminho de Timor” ou “o guia de Timor”.

⁸³ Seja na concepção de Jorge Antunes (escritores **nascidos** em Timor compõem a literatura timorense); seja na de João Paulo T. Esperança (escritores estrangeiros escrevem para a literatura de Timor e escritores timorenses para a literatura timorense).

⁸⁴ Dos cinco livros, apenas esta obra foi publicada no Brasil.

para dar o próximo passo e fulgurar. É o terceiro escritor-nó por se manter dialético, força corrente de inventividade e ponto vivo de interconexões na atualidade.

Foi em Lisboa que iniciou a solidificação de sua formação, a começar pelo curso de Silvicultura do Instituto Superior de Agronomia (ISA), que embora não tenha como objetivo prepará-lo para a lapidação da palavra até torná-la objeto artístico, pôde fazer com que o timorense estivesse inserido na ambiência entusiasta estudantil. Sabidamente, o ISA foi um celeiro de literatas do mosaico da lusofonia, pois já teve como alunos o referido Luís Cardoso, Ruy Cinatti, José Eduardo Agualusa, Amílcar Lopes Cabral e José Riço Direitinho (não estudaram necessariamente juntos). Neste meio frutífero (deve ser por isso o interesse pela Silvicultura), houve a possibilidade do encontro entre o angolano Agualusa e o timorense Cardoso a partir de outro aspecto comum: a escrita.

Sabendo que Cardoso⁸⁵ havia enveredado a escrever e tendo lido o exemplar de *Crónica de uma Travessia – A Época do Ai-Dik-Funam*, Agualusa⁸⁶ recomendou e entregou o romance à editora Publicações Dom Quixote, que o publicou prontamente. A obra de estreia do romancista timorense recebeu o prefácio de Agualusa, devidamente renomeado para “Como se fosse um prefácio”.

Neste texto, percebe-se a descoberta do prefaciador de um território culturalmente integrador, em que muitas passagens e permanências constituíram – em outros livros de Cardoso ficará ainda mais evidenciado como em *Requiem para o Navegador Solitário* – Timor: “(imigrantes cabo-verdianos, degredados políticos portugueses, ex-militares guineenses e angolanos)” (AGUALUSA, 1997; CARDOSO, 1997, p.10). A importância de *Crónica*, principalmente para Timor, é muito bem expressa no prefácio de Agualusa: “Ao publicar esta *Crónica de Uma Travessia*, Luís Cardoso acrescenta uma dimensão inédita ao combate pela liberdade de Timor: o resgate da memória. Num país quase sem literatura escrita, o passado é um tempo em combustão, frágil, volátil, que rapidamente se consome” (AGUALUSA, 1997; CARDOSO, 1997, p.9).

Sobre a estada de Cardoso se protelar em Portugal pela difícil situação de conflito com o invasor, Agualusa considera-o voz autêntica e garante que “Luís Cardoso escreve como escreve, porque continua habitado por Timor, e no seu país são indefinidas as fronteiras entre mito e realidade, estória e História, entre o sonho e a vida” (AGUALUSA, 1997; CARDOSO, 1997, p.10). E também é incisivo ao recomendar a leitura, porque a entendeu como

⁸⁵ Luís Cardoso fala sobre a relação com Agualusa e demais colegas em entrevista para o site *Planeta Livro*: “Éramos quase irmãos. Sabíamos o trabalho de uns e de outros relativamente à escrita, o que é que cada um estava a fazer. Depois, foi somente um empurrão dado por um colega de faculdade”.

⁸⁶ Retoma diálogo com Timor no livro *Milagrário Pessoal*, assim como em *Na rota das especiarias*.

experiência única: “Timor precisava deste livro” (AGUALUSA, 1997; CARDOSO, 1997, p.10). A metáfora “ser habitado por Timor” é uma percepção de pertencimento que se constatou, nesta pesquisa, em escritores *não nascidos* em Timor, como em Ruy Cinatti, Joana Ruas e Teresa Amal. A ampliação do entendimento de Agualusa alcança os citados de *fora*, cuja dedicação de produções, imersão e acomodação intercultural responderam à coesão dos laços mantidos com o povo timorense.

Apesar do apontamento do prefaciador considerar uma obra autobiográfica, daí combinar com um registro memorialista, Cardoso (quando há espaço para discutir seus livros) sempre nos lembra de que considera apenas possuir “características autobiográficas”, porque não houve o propósito de ser puramente sobre si. Verdadeiramente, a ficção se constrói em torno da figura do pai como estratégia de balizamento temporal e da progressão dos acontecimentos. As intervenções memorialísticas do pai oferecem versões inéditas (porque circulantes nas *knuas*⁸⁷) de passagens da História de Timor. Exemplo disso é o episódio da Revolta de Manufahi ter sido também acarretado pelo atrevimento de um comandante militar se apaixonar pela linda rainha de Manufahi, a esposa de D. Boaventura.

Os impasses e as discontinuidades previstas e resultantes da colonização não são apagados da voz condutora do narrador. Com um fundo crítico, a retomada da vida escolar verifica as implicações doutrinantes e ideológicas constarem desde o material didático. O esvaziamento do que há para saber de Timor é completado pela aura mítica com que Portugal se impunha – incomparável, como a própria “Terra Santa”:

Em Timor, no tempo da administração portuguesa, os manuais escolares ensinavam-nos os nomes de rios, das serras, das linhas de caminho-de-ferro, das cidades de Portugal. Havia um percurso de imaginário de um país distante, que não conhecíamos. Havia um encantamento provocado pelo que nos ensinavam na escola, onde existiam dois mapas, o da mãe-pátria e o da Terra Santa. Entre os dois havia uma coincidência: o poder colonial transmitia uma imagem mítica de Portugal que era coincidente com a imagem da religião originária da Terra Santa. A mensagem transmitida pelos missionários decalcava as razões da pátria com as da religião. Era o tempo do encantamento. (...) O Timor, ficava sobretudo na parte escura desta luz. Ainda estávamos na escuridão, tínhamos de sair da escuridão para conhecer a luz que nos era oferecida, tanto através dos manuais escolares como através da própria religião. Havia um encantamento, que girava na nossa cabeça. A maioria não sabia o que era Portugal, era uma coisa tão distante. A única possibilidade de virmos a conhecer este paraíso era caso um dia conseguíssemos um lugar de funcionário da administração, os quais podiam vir cá nas viagens de licença graciosa... (CARDOSO, 1997, p.66)

⁸⁷ Em *tétum*, significa “povoação”.

A importância do pai é demasiada, uma vez que é o depositário da história e cultura timorenses, assim como apresentado sempre como dicotômico, entrecruzado pela colonização portuguesa. Uma das dicotomias do complexo percurso de vida do pai é o caso de ter uma profissão (enfermeiro) e de sua atuação junto da comunidade ser outra face da equivalência (curandeiro). O enredo procede povoado e se estende aos bastidores da cena política que antecedeu à autodeterminação, de maneira a panoramizar a vida estudantil em Díli, na qual, inclusive, fez parte:

(...) Havia o extrovertido jornalista Ramos-Horta, já naquele tempo desempenhando funções de relações externas, investindo em hostes estrangeiras, para o que se fazia por umas passageiras que, quais anjos-da-guarda, lhe municavam saberes e sabores únicos transmitidos em noites estreladas na praia da Areia Branca. O Outro era o introvertido e severo ex-seminarista Nicolau Lobato, com hábito de leitura, vestimenta monástica e escrita firme com caneta de tinta permanente. Habitado que estava a transportar o missal e a Bíblia em tempos anteriores, continuou a manter esse preceito quando passeava pelas ruas de Díli com um livro apertado no sovaco, que deveria ser de filosofia ou ciências sociais, mostrando um ar muito introspectivo, como se tivesse encontrado um oásis interior e aí tivesse permanecido. (CARDOSO, 1997, p.101)

O narrador-observador recorre, por vezes, aos detalhes sabidos, como os referentes à linhagem de Ramos-Horta, o diplomata timorense Nobel da Paz em 1996; e do Nicolau Lobato, fundador da FRETILIN e primeiro presidente desta, além de aclamado herói nacional. E em nova dicotomia (o mundano e o religioso, respectivamente) apresenta a complementaridade dos dois timorenses decisivos para o curso do país:

(...) Ambos tinham sido alunos no Colégio Nuno Álvares Pereira. Ambos aprenderam Português com reguadas de mandioca seca e foram alimentados com milho grosso. Finda a escola primária, Ramos-Horta, *malae oan*⁸⁸ descalço, dotado dum espírito subversivo, não iria aguentar uma outra reclusão no seminário, foi estudar para o Liceu de Díli, continuando a exercitar o seu génio revoltado, herdado do pai que fora desterrado para o Timor por actos anti-salazaristas. Nicolau, sendo filho de professor catequista, cresceu com o credo na boca e o terço na mão, programado para grandes sacrifícios e renúncias temporais, foi estudar para o seminário. Ainda hoje não sei como foi possível à Igreja desperdiçar tamanho talento e religiosidade comparativamente com outros que não eram mais do que celebrantes de liturgia. Foi com estes dois pólos, um excessivamente mundano, e o outro profundamente religioso, que se estabeleceu o embrião da formação partidária nacionalista, então apresentada duma forma fria e

⁸⁸ Em tétum, significa “filho de estrangeiro branco”.

ingénua por aquele jornalista no edifício da ACAIT. (CARDOSO, 1997, p.101-102)

Entre muitas fotografias guardadas nos olhos e ritmos vividos e retumbantes aos ouvidos, a rota final da vida do personagem-pai (simpatizante da administração portuguesa) pela via do filho foi o de ir morar em Lisboa e nunca adaptar-se, para depois de pouco tempo morrer desterrado e tragicamente desmemoriado, aliás, assombrado pelo embaralhamento da memória. A época de apreciação das flores da árvore *ai-dik*, encantamento remetido à infância em Timor, ao pai vivo e a paz é despertado e atualizado pela imagem do jacarandá florido se sobressair ao olhar por também saber colorir. A travessia consistiria na transição de fases, de lugares, de mundos e da vida vertida, inevitavelmente, em morte.

A diversidade de perspectivas adotada por Cardoso nos romances posteriores ao *Crónica* parece funcionar como uma demonstração de sua maturidade e recursos. Em *Olhos de Coruja*, *Olhos de Gato Bravo*, a narrativa em primeira pessoa se desenrola a partir do olhar de uma mulher e faz uso de uma parábola para compor lugares imaginados e o saber ancestral de Timor. O fechamento da trilogia se dá com *A Última Morte do Coronel Santiago*, com escrita mais experimental, em que se espelha em uma espécie de duplo-narrador.

Em *Requiem para um Navegador Solitário*, a personagem Catarina, estrangeira, dirige-se a Timor em busca de seu noivo, ou melhor, a promessa disso. Entretanto, uma série de infortúnios lhe acomete, desde o cenário multilinguista e multicultural (muitas vezes conflitivos) até o encontro com o navegador Alain Gerbault, figura real da História. Em sua última publicação, Cardoso mostra-se mais audacioso, porque faz com que o pé esquerdo de uma sandália seja a narradora de *O Ano em que Pigaffeta completou a Circum-navegação*. O contexto da invasão indonésia é abordado de tal maneira que as partes envolvidas sejam escutadas igualmente, sem intervir com julgamentos, o foco narrativo se prende nos dramas das personagens.

Takas não é o escritor “fora do lugar”, termo muito difundido pelos meios de comunicação de Portugal para apresentá-lo sob as justificativas de ainda viver na diáspora, por despontar sozinho como romancista timorense, pela ausência do sistema literário timorense e a falta de amparo acarretado. O certo é que o *dentro* fica tão assegurado no íntimo que o *lugar* onde o romancista estará para expressar isto não importa, por isso se desata o nó das negativas em questão, uma vez que integrante da Rede Literária de Timor.

Correntemente, Luís Cardoso concede entrevistas⁸⁹ e nelas revela suas leituras e apreciações destas, assim como suas preferências (Jorge Amado, Luandino Vieira e Antônio Lobo Antunes) como o fez ao comentar o romance envolvendo o Timor do “amigo” Pedro Rosa Mendes, *Peregrinação de Enmanuel Jhesus* (2010). Cardoso considera que Rosa Mendes colocou “o dedo na ferida de Timor que me fez doer. Há muitas coisas que são lá utilizadas que me fazem doer como timorense”⁹⁰. Isto se deve pelo afiado enredo, um tanto cáustico no referente à sociedade timorense.

Verdadeiramente, ao longo da narrativa, Timor não se mantém sempre como pano de fundo, porque se estende a Java, Alemanha, Noruega, ocupações nazis e resistências, Shoah e Médio Oriente, Bíblia e Iugoslávia e até mesmo algo do Kosovo. Para transitar entre muitos lugares, a linha temporal foi afrouxada de maneira a ser manipulada sem se ater ao critério linear. Rosa Mendes está a cargo de problematizar questões de fundo moral seja do “Bispo”, seja do “Comandante”, seja da violência irrompida com a criação dos partidos nacionais. As mais de trezentas páginas possuem forte fundação histórica e geográfica atrelada à elaboração da linguagem ser um tanto poética.

Neste sentido, Rosa Mendes adotou o compasso característico das línguas locais timorenses; nos muitos personagens e entrecruzamentos de vozes, alcançou grande efeito expressivo. Ao mesmo tempo, soube realizar a síntese-auge do ser timorense em “Que-Deus-Tem”: “Eu sou o meu totem. Uma cabeça de guerrilheiro sobre uma cabeça de estudante sobre uma cabeça de menino. Um nome por cabeça. As três cabeças um altar. Eucaristia em mim os astros que me protegem e a terra que me alicerça” (MENDES, 2010, p.159).

E porque em *Rede* dialogam, Pedro Rosa Mendes (pela Agência Lusa) entrevistou Luís Cardoso em Díli, em abril de 2008. Cardoso já havia publicado quatro romances e quando perguntado sobre ser escritor em um país que não lê (dado os altos índices de analfabetismo), responde confiante no poder da educação: “Mas um dia os timorenses vão descobrir-me. É uma questão de educação”. Assim como Rosa Mendes, outros jornalistas se interessaram por Timor e por Cardoso, não necessariamente nesta ordem, e acabaram fazendo disso alimento literário de romances.

Assim fez, enveredado pela linha da necessidade de historicização sobre os conflitos vividos por Timor, o moçambicano José Rodrigues dos Santos, naturalizado português. Investigou profundamente os detalhes do percurso de autonomia absoluta do país, elaborou o que foi chamado pela crítica de Ficção/Verdade, ou seja, contar “as verdades” através da

⁸⁹ Entrevista de Luís Cardoso em Diário Digital nas “Correntes d’Escritas” (Póvoa do Varzim).

⁹⁰ Idem.

ficção, neste caso: a ficcionalização da transição de um momento político tenso até a efetiva invasão dos soldados indonésios a partir da liderança do ditador Suharto. A obra *Ilha das Trevas* (2011) denuncia as atrocidades dos invasores, o planejamento indonésio em prol da aniquilação completa de um povo para anexar a ilha ao conjunto de milhares de outras pertencentes à Indonésia, e aponta a guerrilha como o único subterfúgio político e estratégico para não permitirem o subjugo.

O romance conta com uma personagem, Paulino da Conceição, que se mostra relutante quanto às suas memórias da história sangrenta vivenciada, e que por isso passa as noites em claro, numa insônia de guardar um segredo. Paulino teve que cometer um crime – um assassinato para defender a família da morte – e nem mesmo num contexto extremo de guerra declarada há a absolvição de um gesto como este, a pacificidade e a religiosidade da cultura de que faz parte o colocam na certeza de que fez o mal, de que o mal estava ali estabelecido e ele havia cedido a isso.

A narrativa histórica de Santos finaliza num tom de recuperação de fôlego, de um alívio desesperado em registrar a retomada e respeito da dignidade dos timorenses; todavia, as milhares de vidas perdidas permanecem como uma memória que transcende o solo timorense e se torna a saudade infinita da singularidade do ser, do nosso ser:

De pé na bancada e de olhos cerrados, Paulino encheu os pulmões com o ar puro daquela brisa de liberdade, sentiu no vento os fantasmas dos filhos a afastarem-se para o mar, seria sugestão, seria nostalgia, seria ilusão, seria a dor que agora vai e que mais tarde vem, ou será que já não vem?, seria a ânsia e o desespero de acreditar num perdão, seria a doce fantasia da esperança, seriam saudades de Esmeralda, ou seria simplesmente o orgulho, aquele orgulho de quem tudo perdera, tudo mesmo, e algo enfim recuperara. A dignidade.

Timor-Leste abandonara finalmente as trevas, mas quão difícil e tormentoso tinha sido o longo caminho para Tacitolo. (SANTOS, 2011, p. 351-352)

Cardoso, Agualusa, Rosa Mendes e Santos se frequentam em entrevistas, feiras e eventos em que escritores do âmbito das literaturas de língua português se reúnem e se querem próximo, porque, neste caso, consolidam e divulgam projetos literários voltados a Timor.

O percurso estabelecido pontilhou as relações e as obras com potência rizomática intencionalmente vinculada a Timor. Assim como o mar apresenta ondulações que não se repetem, mas se coordenam em prol de uma corrente, forte o bastante para direcionar um caminho a se seguir, deve-se ter em mente que o encadeamento se desfaz no turbilhão das

águas que se quebram na areia plana. Isto não quer dizer que a espumada água não se reitere em novas ondulações ainda participantes.

3.4 No emaranhado de vozes – Ruas, Lautén, Cinatti, Sylvan e Saramago

A Rede Literária de Timor pode ser demonstrada a partir do emaranhado de vozes, sem que haja um núcleo que densifique as relações ou escritores-nós, daí acompanhar o encadeamento de Ruas em Lautén e em Cinatti e em Sylvan até atingir o (na época) único escritor vivo desta ciranda, José Saramago e receber resposta. Percebe-se que é possível emaranhar-se (qualquer escritor pode) e emaranhar (agenciar escritores) na e para *Rede*.

Vezeis mais obstruídos que Xanana Gusmão, outros poetas timorenses precisaram ser reavivados pelos versos escritos como único artefato capaz de postergar a mudez absoluta. O qualificado estudo⁹¹ da escritora portuguesa Joana Ruas não somente conseguiu forjar a síntese *almamundo* como propensão ao sentido de coletividade e à fidelidade aos vínculos formados pelo povo timorense, como também retorna à inventividade ceifada do poeta timorense Jorge Lautén. Ruas consegue transpor as camadas da mística oriental para dialogar, ainda que com o pouco deixado por Lautén, e se juntar à “presença viva” de versos desprendidos de si, porque estão entregues ao todo.

“Coral” é a poesia mais emblemática de Lautén por ser o percurso de imersão nas profundezas das águas do mar, espelho dos olhos, porém, desta vez bem abertos em uma expedição para o mergulho concernente à memória e ao imaginário. Expressa o encontro de si ao se afundar o quanto mais possível para ensimesmar-se: “Ainda é longe o fundo desta dor?” (LAUTÉN, 1991 apud MARCOS, 1995, p. 214). Somente quando se acha mais completo e oxigenado pelo caminho remissivo realizado é que ascende e abandona o lastro (parece-me que em mais de um sentido) de sua angústia. A autenticidade pouco explorada de Jorge Lautén abre espaço para a citação completa do poema “Coral”:

Pulmão verde, flexão de zagaia retesada, lastro de calhaus polidos à cintura,
Mergulho nas cicatrizes de salitre da *korkora* ancorada:
Abro os olhos,
(sempre abri os olhos mesmo para os fantasmas mais terríveis)
E nado para o fundo. Água cristalina de cintilações, ecos, murmúrios da
[cidade de
Díli; ondula, gesticula, escreve estórias, escurece; não largo o lastro que
[contraria

⁹¹ O já mencionado texto “Aproximar o distante – do estranho ao familiar, duas experiências: Timor-Leste e Guiné-Bissau” (2009), publicado na *Agulha – Revista de Cultura*.

A impulsão, sempre para baixo, olhos abertos; passeio nas estradas ladeadas
 [pelos
 Arrozais de monção: búfalo amigo – uma grinalda de flores para a tua canga,
 [meu
 Irmão – e não desato o laço lastro!
 Amplia-se o escuro fundo: passa por mim, a carinha do velho padre do
 [colégio,
 Bate latas treque-treque dang-dang Avé Maria, bate-latas e desaparece na
 [poeira
 Pela esquerda baixa;
 O meu avô desce do retrato, sorrindo, com a sua espada de luta
 Contra os japoneses, sua fronte ornada da meia lua cerimonial.
 Doem-me os pulmões, olhos na noite oculta do mar *Tasi Feto*⁹² passa por
 [mim um esboço
 [sombra: vejo os rostos
 Adolescentes de Borja e Lobato,
 Sorriem com olhos d'água – promessa de palmeira e *batik*.
 Sombras nas sombras, uma fila enorme, uma multidão marcha em silêncio
 Passos d'alga. De nácar, os sorrisos nos meus sorrisos.
 Depois, súbita, uma vibração: adivinho-os mais que os vejo.
 Polvos, moreias, tubarões. Cercam-me. Ameaçam-me, espectros do Hades,
 Criaturas do inferno. Roçam a minha pele e cabelos.
 Depois num centésimo de segundo, invoco meu irmão ancestral!
 E o grande crocodilo verde surge dos abismos, poderoso como uma ilha,
 [leve como
 Uma nuvem, varre-os num golpe ígneo de cauda.
 Rebentam os meus pulmões, não posso mais! Ainda é longe o fundo desta
 [dor?
 Desço como se subisse o Ramelau. Estrelas borbulham no céu,
 Fina poeira de impérios.
 Aproximo-me das estrelas, estou meio morto, pensei.
 E abro os olhos para o coral no fundo do mar, que me beija de esperança,
 De esperança ou beijo de extrema-unção.
 Largo o lastro em cima das estrelas coral.
 Ascendo para a Luz. (LAUTÉN, 1991 apud MARCOS, 1995, p.214)

A análise consistentemente pautada no arcabouço cultural milenar da Ásia, fundação dos escritos de Lautén, foi revisitada graças à efusão interessada de Ruas no desvendamento do mundo concebido pelo poeta. A capacidade de reconhecimento do intertexto faz com que haja o renascimento e a sobrevivência do literário como contrapartida ao perpétuo desaparecimento do literata. Assim sendo, garante-se a estandarização da voz local a partir da desterritorialização, tão produtiva no caso da Rede Literária de Timor:

⁹² Em contrapartida ao *Tasi mane* (mar-homem, que é o mar do sul, pela agressiva de suas correntes), significa mar-mulher, ou seja, suas águas são mais calmas.

Procurei apreender o que seria viver sem mutilar a memória. Se, eu, era ele, o poeta desaparecido, o Jorge Lautém, restava-me acolher a sua memória. Ao ler os escassos poemas que nos legou deparei com uma nítida influência mística oriental que privilegia a descrença num *eu* autogénico, separado, que acorrenta os homens à vida fenoménica tal como o descreve o Dharma. Em Buda a vida flui e é directa. Todos os métodos budistas visando a obtenção da libertação concentram todos os seus esforços na abolição da crença de um *eu*, fonte de todas as paixões. Para o adepto das doutrinas de Buda não é possível alcançar o verdadeiro significado das Quatro Verdades Nobres se não se compreender a impersonalidade da existência pois a vida é apenas uma passagem no rio do tempo, fonte de nascimentos e de mortes e de desaparecimento de fenómenos físicos e espirituais. Toda esta filosofia interdita a emergência de um *eu* permanente. Da confluência entre a condição do homem dada pela cultura ocidental e a ancestral sabedoria oriental, para a cultura timorense, cada humano que morre tem por si uma testemunha que toma sobre os seus ombros a sua memória, não como se fosse apenas uma sombra errante mas como uma presença viva. Afinal, não somos eternos no coração uns dos outros? (RUAS, 2009, p.3)

A busca pelo constructo teórico – aliado à identificação dos valores sustentáculos de uma tradição em que a palavra é a expressão máxima da honra – coloca em curso o acordar de uma nova lógica pulsante por conexões, em que se lê para abarcar (e não enquadrar) e se quer ser lido parte. A escritora Joana Ruas permanece via de passagem pela autoria de quatro obras, entre contos e romances, fontes sólidas de história pesquisada⁹³ e de versões regidas para contemplar o povo timorense como alvo de um projeto literário voltado para *fora* de Portugal, ou melhor, intencionalmente quisto para *dentro* da *almamundo* já experimentada por Ruy Cinatti.

E como se fosse uma lei obrigatória do retorno, talvez pela responsabilidade de manter a “presença viva” de Cinatti, é justamente este quem é o escolhido para abrir passagem (já seria, portanto, uma prática ritualística dos escritores da Rede Literária de Timor?) na epígrafe do primeiro capítulo de *Os Timorenses – 1973-1980* (2015), também inspiração para o título do romance. Além do mais, os versos de Cinatti reacendem os de Lautém, e com isso, a ciranda, por vezes misteriosa, da sintonização de vozes se evidencia clara: “Foi a paisagem/Que me afundou./A pouco e pouco/Os homens içaram-me./Milagre? Não. Foi só amor. Assim Timor,/Os Timorenses” (CINATTI, 2015 apud RUAS, 2015, p.13).

Jorge Lautém reaparece em Ruas também como epígrafe, porém do capítulo “Operação Seroja (Operação Lótus em Flor)”, com a poesia “Não mais sobre a árvore de Bô”:

Não mais a pureza de Ramahyana
O incenso e o sândalo

⁹³ Por exemplo, o acervo da Fundação Mário Soares.

Os pés nus nas pedras do templo
 Enquanto eles comerem na minha mesa
 Na velha casa de Díli
 Não mais me sentarei sob a árvore de Bô.
 (LAUTÉN, 2015 apud RUAS, 2015, p.397)

Nestes versos, Lautén se recusa a ser expropriado de suas crenças (ou que estas sejam subvertidas contra seu povo), uma vez que o título da intervenção militar já anuncia o descompasso cultural pelo uso desrespeitoso de elementos fundadores da espiritualidade (mesmo entre os partidários pró-indonésia). Uma longa decifração dos versos do poeta⁹⁴ se segue como recurso para progressão da detalhada narrativa, que verdadeiramente, realiza-se como registro ficcional cuja densidade de informações é extrema e talvez insuperável. Fernando Sylvan é religado por Ruas quando epígrafe do capítulo “Como fogo em erva seca” a partir do poema “Liberdade”, em que anuncia o alargamento ou manutenção das relações: “Mas fá-lo-ei de mãos dadas com quem quiser” (SYLVAN, 2015 apud RUAS, 2015, p.63). Trata-se do contexto político tensionado pela Revolução dos Cravos em que os três “D” (descolonização, democracia e desenvolvimento) foram promovidos por Portugal em Timor, antes, portanto, da fatídica ofensiva do dia 07 de dezembro de 1975.

A crença na intangibilidade de determinadas relações literárias acontecer pode ser simplesmente um pessimismo conjuminado por uma comunidade intelectual que apenas enxerga o caminho sucessório da verticalidade (descrente no movimento da marginália fortalecer a própria literatura dita majoritária, em verdade, via de mão dupla). Joana Ruas, em dedicatória, faz o *fora* ser colocado *dentro* ao dizer que José Saramago, Nobel de Literatura, interessou-se pela causa de libertação de Timor: “Exprimo igualmente a minha gratidão a José

⁹⁴ “O poeta Jorge Lautén, na sequência da invasão de Timor-Leste pelas ABRI, escreveu o poema, «Não mais sob a árvore de Bô», em que exprime a sua revolta pelas complexas bases e ideias filosóficas subjacentes às duas grandes sabedorias do Oriente, o budismo e o hin-duísmo presentes no título desta operação militar: Operação Seroja. Jorge Lautém alude quer à *Ficus religiosa* ou árvore do Bodhi, a da Sabedoria sob a qual Buda alcançou o despertar, e ao *Ramaiana*, o poema épico da literatura sânscrita sobre a vida de Rama, obra venerada na Índia nos países do Sudeste asiático e que foi adaptada ao javanês no século IX. Considerada uma fonte de vida, todo aquele que lê e repete o Ramaiana ficará livre dos seus pecados e irá para o céu. No entanto, poucos são os pontos comuns entre as ideias e filosofias que têm no lótus em flor o seu símbolo e o que oculta o lótus que dá nome a esta operação militar. (...) Não era pois a tradição budista que ali chegava. *Seroja*, assim se chama em *bahasa* a flor de lótus, é um símbolo da tradição guerreira do império hinduísta de Mojopahit. (...) Para os partidários que vinham com as tropas invasoras, esta operação deveria ser encarada como a integração de Timor-Leste no Império Javanês que os acolhia no seu peculiar abraço: «Vinde a mim, vinde conosco para um tempo inaugural.» A Operação Lótus em Flor remetia também para o mito de uma origem comum, desprezando o facto de haver mais de uma origem numa mesma origem, sendo a história o que acontece à origem na história dos povos pelo facto de estar fraturada, partilhada ou mesmo perdida. A história é tudo o que através dos abalos da origem se inscreve no tempo e se revela já em movimento. Não havendo pois uma identidade imutável, o que existe é o que se joga entre duas identidades e as respectivas mutações de origem. Os partidários muito tardiamente se iriam dar conta do seu trágico equívoco, pois *seroja* simbolizava igualmente a transferência do tema oriental puramente ideológico para um referente restritivo às esferas do poder e visando o domínio, por parte de uma elite, dos produtos de prestígio indispensáveis ao reforço do seu poder”. (RUAS, 2015, p. 397-398)

Saramago pela generosidade e coragem com que acolheu a Revolução Maubere” (RUAS, 2015, p.7). Saramago, como único assunto da anotação do dia 11 de outubro de 1996⁹⁵, nos *Cadernos de Lanzarote II (1996-2000)*, remete-se aos timorenses Nobel da Paz, Ramos-Horta e D. Ximenes Belo, bem como se atina para a ironia entre o prêmio e a exploração de uma empresa norueguesa (negócio tratado diretamente com a Indonésia) quanto ao petróleo do Mar de Timor.

As relações textualizadas, assim como as projeções aos símbolos literário-histórico-sociais de Timor, significaram vias de passagens combinadas às jornadas propostas por cada escritor, na poesia e na prosa (além dos prefácios). Trouxeram um encadeamento de produções literárias que se mostraram *transitórias-solidárias* ou *pertencentes-redentoras*. A natureza rizomática ligada a Timor – mutável – envolveu, neste flagrante, de Camões a João Aparício; de Ruy Cinatti a Luís Cardoso⁹⁶; de Ponte Pedrinha a José Eduardo Agualusa para demonstrar uma das composições dialogantes que se realizam na Rede Literária de Timor.

Claramente, os escritores que mediram o silêncio e se somaram na pontualidade e posicionamento de intelectuais⁹⁷ que são, militaram, fazendo uso do subterfúgio de acesso às editoras (principalmente portuguesas) para falar para os timorenses (e não por eles), numa espécie de refundação da irmandade. Daí a categorização de escritores *transitórios-solidários* (sendo o trânsito o movimento de integração e afastamento da Rede, independentemente se timorense ou não) se adequar a Mia Couto, a Agualusa, a Craveirinha, a José Rodrigues dos Santos, a Ponte Pedrinha, a Xanana Gusmão, a João Aparício, à Sophia de Mello Breyner Andresen e à Fátima Guterres.

Os escritores *pertencentes-redentores*⁹⁸ são aqueles “habitados por Timor” de tal maneira que permaneceram produzindo, fazendo do alimento literário a relação com Timor, prosseguindo para algo que iniciasse um certo “instinto de nacionalidade”⁹⁹, com conciliações para a problemática da língua de escrita (a língua portuguesa) e para a tessitura cultural

⁹⁵“O Prêmio Nobel da Paz foi concedido ao bispo Ximenes Belo e ao Ramos-Horta. Surpresa geral, se não estupefação. O pobre Timor Oriental andarás nas bocas do mundo, por todas as partes, durante as próximas semanas. Já era hora: o que o genocídio lento com muitas dezenas de milhares de vítimas tem conseguido não alcançará o inefável Nobel. A saber agora quanto durará o efeito do choque, a saber se a luta do povo timorense pela autodeterminação ganhará tantos apoios como os discursos dos premiados vão ouvir...Haverá talvez quem esteja surpreso de que a Noruega saiba onde está Timor-Leste e o que ali se passa. Não é para se admirar: existe petróleo em abundância no Mar de Timor e a empresa exploradora se chama Noroil, noruega, como seu próprio nome indica” (SARAMAGO, 2015, p.681-682).

⁹⁶ Para Luís Cardoso, Ruy Cinatti possui “alma timorense”.

⁹⁷ Gayatri Chakravorty Spivak discute a importância da posicionalidade do intelectual e do investigador em *Pode o subalterno falar?*. É neste sentido que me refiro.

⁹⁸ Admite-se os dois sentidos: o de se redimir ou se libertar; ou o oferecido pela História da Religião, que diz que entre os hebreus seria aquele que tinha o direito de libertar propriedades ou pessoas.

⁹⁹ Referência ao ensaio machadiano escrito em 1873 sobre suas expectativas para a literatura brasileira.

prevalecer. A consistência e a coerência de publicações de Ruy Cinatti, de Jorge Lautén, de Fernando Sylvan, de Borja da Costa, de Joana Ruas, de Luís Cardoso e de Teresa Amal fazem deles os literatas desta segunda categoria.

A Rede Literária de Timor é o flagrante das ondulações, reunidas em uma onda carregada de águas de diferentes oceanos e que se quebrou na praia (da Areia Branca¹⁰⁰, talvez), ou melhor, na boca do mar. É preciso, portanto, esperar com a virtuosa paciência oriental as novas formas e dinâmicas do fazer literário que irão conduzir (e não apagar) o movimento ziguezagueante como também válido, se devidamente lido. Sempre haverá a contranarrativa como missão, como resistência à invisibilidade dos já *lian-nain*.

¹⁰⁰ Praia de Timor.

4. *FETO TIMOR NAIN TOLU*¹⁰¹ – RUAS, AMAL E GUTERRES

Dentre os escritores da densidade da Rede Literária de Timor, três *feto sira* (mulheres) podem representar a dialética da lusofonia de produções. Embora tantas outras proposições já realizadas tenham colocado autores das literaturas de língua portuguesa para dialogar, a exemplo de aproximações entre Luís Cardoso e Mia Couto, o recorte realizado neste trabalho quer se afastar dos roteiros usuais e contribuir para a difusão de estudos sobre obras (escritoras) ainda não sondadas pela crítica, dando-lhes visibilidade.

Joana Ruas, Teresa Amal e Fátima Guterres compõem o cerco pelo qual se determinou estar neste capítulo. Todas possuem o perfil de trânsito entre culturas no espaço da língua portuguesa, são vozes com não menos de trinta anos de relação com Timor; e, por estarem vivas, continuam produzindo, inclusive, para além da ficção comprometida, uma vez que também estão no lugar de ávidas pesquisadoras, fazendo da ilha do crocodilo objeto de estudo no concernente à História, à Antropologia e à Sociologia.

É de se admirar que as produções ficcionais e intelectuais delas são ou estão desconhecidas pela crítica literária, seja pela marginalidade a qual os escritores da Rede Literária de Timor são facilmente delegados, seja pela marginalidade da mulher como poeta ou romancista na literatura (reflexo da vigente estrutura social), mesmo considerando algum alcance de expressividade da mulher a partir do século XX. O combate à invisibilidade das produções passa também pelo da mulher na literatura como um todo, e que no caso da tríade, assumiram jornadas das mais diversas para, afinal, fazerem-se ler.

As escritoras inter-relacionam-se não somente por serem conhecedoras do imaginário dos *timores*, mas por alinharem-se pela participação nos eventos históricos decisivos do surgimento do nacionalismo e resistência timorenses, ou seja, são presenças. A saber: Ruas residiu em Viqueque entre os anos 60 e 70, testemunhando os percalços da pós-revolução de 1959; Amal atuou como Observadora na Consulta Popular sobre o Acordo de 05 de Maio; Guterres integrou a guerrilha entre 1975 e 1979, sendo presa e torturada pelos indonésios. Ainda assim, fazem parte de um círculo com vínculos não superficiais com instituições, políticos, ativismo social, educadores e escritores timorenses. Juntas, significam uma força expressiva ainda não estudada.

Tais escritoras apresentam perspectivas diferentes de produção na Rede Literária de Timor, Joana Ruas se insere como romancista dedicada a reunir e recriar a História de Timor-

¹⁰¹ Em tétum, a tradução seria “As três mulheres de Timor”. Para além disso, o título do capítulo se inspirou e faz referência ao livro *Sete Mulheres de Timor - Feto Timor Nain Hitu* de Teresa Amal.

Leste; Teresa Amal (assinando como Cunha) como cronista e militante ascende em uma posicionalidade intelectual que se volta às mulheres timorenses; Fátima Guterres como seu romance autobiográfico é a voz legítima, rememorando a história de si que está na História de Timor-Leste.

4.1 Joanas Ruas – a História de Timor-Leste na literatura

Joana Ruas nasceu na Quinta do Pinheiro, em Freches, no distrito da Guarda, em Portugal, foi jornalista e tradutora na Radiodifusão Portuguesa (RDP) e no jornal *Nô Pintcha* de Guiné-Bissau. Aliou à profissão, o ofício de escritora, de maneira a sedimentar o remonte do quebra-cabeça histórico de Timor-Leste. Como denso projeto literário, surgiu a série *A Pedra e a Folha* sobre Timor, projetada para ser uma tetralogia (o último título ainda não foi publicado), em que romance, contos e romance, nesta ordem, podem ser lidos em *A Batalha das Lágrimas* (2008), *Crónicas Timorenses* (2009) e *Os Timorenses* (2015).

Até então, reuniu em mil seiscentas e cinquenta e uma páginas personagens timorenses mostras das verdades culturais inseridas em períodos específicos da História de Timor-Leste. Sob o critério do tempo dos acontecimentos é que o recorte foi realizado, sendo a primeira obra um romance, abrangendo o período de 1870 a 1912; a segunda é composta por contos, em que a escolha por tal gênero se deu pelo caráter conturbado e de rupturas pelas intervenções armadas abruptas e fragmentação do registro das fontes históricas, que vai de 1945 até 1960; a terceira um romance que se insere no processo de independência timorense e a pronta invasão indonésia, entre 1973 e 1980; e a quarta (ainda sem título) que englobará o período de 1980 a 2002, ou seja, do domínio indonésio até o governo transitório da ONU para a restauração da independência de Timor.

A trajetória de produção literária de Ruas é marcada, inicialmente, por narrativas sobre a guerra colonial na África e que, ao mesmo tempo, estão inclinadas a não vislumbrar fronteiras territoriais entre colônias portuguesas. *Corpo Colonial* (1981) e *A pele dos séculos* (2001) funcionam como exemplo disso: estão relacionadas à lenta e dolorosa caminhada dos africanos para a conquista de uma Pátria. Sendo o primeiro um romance profundamente feminino, em que a personagem principal Alitia é enviada a Timor junto de seu marido, um militar que foi reposicionado para longe da Guerra Colonial, para um lugar tido como entediante para se viver.

O panorama da condição da mulher e especialmente da experiência das mulheres dos militares na ilha apresenta-se demasiadamente interessante. João T. Esperança, no artigo *Uma*

leitura lilás de Corpo Colonial de Joana Ruas (2000) publicado na Revista Lilás, acrescenta um caráter mais desolador que esperançoso ao romance em questão, talvez pelo esvaziamento do *ser* ocasionado pelo flagelo da guerra e do deslocamento: “É também um romance de desencanto, de traições e de vidas incompletas” (ESPERANÇA, 2000, p.16).

Em *Corpo Colonial*, a conduta ambígua, sexualmente falando, de Alitia frente à “nona” timorense frequentada pelo marido, chamada Manucodiata, é o que de mais perto chega do contexto social da ilha, bem como da busca pessoal pela própria libertação e autoconhecimento. A cena do banho entre Alitia e Manucodiata parece ser o divisor de águas da relação afetiva e rumo de vida entre ambas, em que esta é assassinada por um cabo (que não é responsabilizado pela morte) e aquela segue o curso de vida, desafiando tabus sociais. O desfecho é marcado por uma última reflexão da personagem, que retoma muito mais o conflito existencial que o conflito armado pelo qual passava o seu país (ou seria este a causa daquele?): “Quem sou?, perguntou-se Alitia ao perceber que os rostos seus não tinham rosto. No espaço fraternal e verdadeiro dos sonhos, eu sou o que sou: os outros que ameí” (RUAS, 1981, p. 232).

NA *Pele dos séculos*, dedica-se, especialmente, à Luta de Libertação Nacional de Guiné-Bissau, em que Ruas esteve como jornalista nas zonas libertadas em 1974-1975, cuja observação gerou o texto *Na Guiné com o PAIGC*. No enredo do romance, o caráter histórico prevalece e, o combate de Amílcar Cabral, dirigente do movimento nacionalista para a conquista da independência de Guiné-Bissau e Cabo Verde é secundário às angústias da personagem principal.

Assim como em *Corpo Colonial*, a escritora também elege uma mulher como protagonista, Julieta, a qual é apresentada em sua jornada de infortúnios para o exílio e singularizada pelo narrador por pertencer aos Balantas Muçulmanos, os Balanta Mané, e por se tornar combatente. O pensamento de Julieta se entrecruza ao do narrador, uma vez que sua voz interna é revelada no sofrimento pela perda de duas gestações, de dois filhos. Por isso, decide acompanhar um grupo para a Guerra de Libertação, ao mesmo tempo que procura positivar o ventre para alcançar o que entende por ser mulher: “Agora vou procurar na senda da guerra, entre silvos das balas e o troar dos morteiros, a criança desamparada, o meu filho espiritual. Sem ti, criança, a minha feminilidade jamais atingirá a plenitude e não poderei dizer que sou mulher” (RUAS, 2001, p.15).

Os momentos de lucidez e espírito crítico de Julieta dizem respeito ao conflito armado, em que seu lugar era na linha de frente, dada a habilidade de matança. Quando houve dos

meninos mandingas e dos fulas o comentário de que na guerra todos passam a ser iguais, aviva-se em demonstrar a diferença de motivos pela luta:

– A nossa diferença em relação aos Portugueses é que eles fazem a guerra contra um Povo que quer ser livre, ao passo que nós fazemos a guerra a favor dos padecentes da injustiça. Só que depois de envolvidos na guerra tudo vira confusão maior. Eles fazem a guerra às vítimas, aos sofredores do mundo, como se quisessem limpas a terra da miséria e da desgraça matando todos os infelizes que eles sentem que são capazes de resistência. (RUAS, 2001, p.20)

Muitas histórias, como o do personagem Amílcar e de Gaspar Alves, com intrigas individualizadas, vão dando corpo ao imaginário de guerra, no entanto, sem delineá-la cabalmente. Insere, pouco a pouco, personagens e contextos dos mais diversos de Guiné, em que se notam implicações mais ou menos comprometidas com a independência do país. Há passagens que demonstram domínio pouco visto antes das etnias, rituais e cerimônias da idiossincrasia cultural do país, como também da História da África, fazendo-se evidenciar o trabalho de imersão da escritora, realizado, outrossim, no que se refere a Timor-Leste (e com fôlego multiplicado por quatro – dada a tetralogia).

Anos após a publicação de *A pele dos séculos*, Joana Ruas surge com uma escrita mais densa e verossímil nos romances sobre Timor, em que há o descolamento do caráter histórico do pano de fundo para integrá-lo ao espaço, tempo e ação, permanecendo com o foco narrativo na centralidade do conflito e na perspectiva timorense dele. É a partir de *A pele dos séculos* que se percebe, ou melhor, consolida-se em Joana Ruas a preferência pelo romance histórico, por isso, demonstra a necessidade da obrigatoriedade da consciência no cuidado ao abordar os dados coletados, porque há uma perspectiva limitadora, que é a de “reconstituir a história dos vencidos através dos relatos dos seus vencedores é [ser] um quebra-cabeças”¹⁰². Ainda mais se se pensar na empreitada portuguesa em submeter alguns reinos longínquos de Timor que foram derrotados e apagados definitivamente do mapa por resistirem à colonização.

Depois de lidas as obras, o (meu) entusiasmo em definitivo no concernente à descoberta que significou Joana Ruas, deu-se com a palestra intitulada “Aproximar o distante - Do estranho ao familiar, duas experiências: Timor Leste e Guiné-Bissau”¹⁰³ proferida na 8ª Bienal Internacional do Livro do Ceará, por demonstrar o incansável labor de ir a fundo no

¹⁰² Entrevista concedida por Joana Ruas à jornalista Estela Guedes para divulgar o lançamento do livro *A Batalha das Lágrimas*.

¹⁰³ O texto da palestra foi publicado no encarte especial da *Agulha – Revista de Cultura*, nº 67, em 2009.

entendimento da identidade timorense e guineense, reunindo a contribuição da antropologia, etnologia e história no arcabouço de sua erudição. Verteu em ficção a experimentação do mundo lusófono, antes de tudo parte da história de vida de Ruas, presença corajosa e quista em Guiné e Timor. A atuação sempre investigativa e ativa da autora permitiu figurar uma relação com os respectivos povos e cosmovisões, para, então, não perdê-los de vista, reinventando-os nas tramas das narrativas:

É-me impossível recordar a totalidade dos acontecimentos que constituem parte integrante da minha experiência na Guiné-Bissau e em Timor-Leste. Talvez a parte mais substancial dessas experiências repousem no coração da minha memória. Essas experiências frutificaram em duas obras literárias: *A PELE DOS SÉCULOS*, no caso da Guiné-Bissau e no caso de Timor-Leste, a obra em três volumes com o título genérico de *A PEDRA E A FOLHA* cujo primeiro volume *A BATALHA DAS LÁGRIMAS* acaba de ser editado em Portugal. Apesar destas obras, o que permanece ainda no palimpsesto da memória, deixa-me, como escritora, entre o terror do enorme trabalho que me espera e o encantamento perante um mundo que, afundado nos labirintos do esquecimento, vai saindo para o espaço da criação literária onde cabem tantos e tão diversos mundos, todos regurgitando da vida de quantos homens, mulheres, crianças, árvores, animais e rios se haviam atravessado na minha vida. (RUAS, 2009, p.8)

A inclinação da escritora está visivelmente direcionada à margem, posicionamento que a fez centralizar aspectos da emancipação da mulher em personagens femininas fortes o bastante para ditarem o próprio caminho e participação social. E, principalmente, por representar uma gama de intelectuais com preocupação em repensar a colonização portuguesa e os processos históricos que levaram às independências das ex-colônias, em entender se há um balanço possível que equacione os prejuízos e não somente amortize o substancial impacto causado sob o rótulo de “herança portuguesa”. Ou ainda: por ficcionalizar, como ainda não se fez, a história pós-cristã do povo timorense. Por isso, alega que

Uma das razões pela qual decidi escrever *A PELE DOS SÉCULOS* e *A PEDRA E A FOLHA* foi a leitura da obra de Marcel Mauss, um dos fundadores, em 1904, do *L'Humanité* e autor do celebrado *Essai sur le don*. Marcel Mauss achou já nessa época que era altura do romance dar a povos considerados até então primitivos o rosto humano que lhes fora roubado. (RUAS, 2009, p. 8)

No ensejo da reflexão de Marcel Mauss, coloca-se a válida discussão sobre o julgamento de autenticidade e valor da obra literária girar em torno de modelos reproduzíveis e pactuados por uma estética que vem, reconhecidamente, de uma tradição ocidental. Ao que

se percebe, para Ruas, a literatura se constitui ou passa a ganhar um novo *status*, o de conhecimento do mundo e do ser, na autonomia de significados que lhe é própria, como uma força humanizadora e não apenas como mostruário de obras.

Assim sendo, no estudo da obra, o “momento crítico”¹⁰⁴, em que se indaga “sobre a validade da obra e sua função como síntese e projeção da experiência humana” (CANDIDO, 2000, p.84) – questão esta pertinente ao escritor e ao crítico – culmina na concentração ao alimento literário ser legítimo tal qual faça se atentar para uma visão da realidade mais elucidadora. É inegável o papel de Ruas no descortinamento cultural e histórico do povo leste-timorense, bem como a capacidade de cunhar personagens não caricaturados, mas reveladores de tramas universais (ancorados nas especificidades culturais que lhes são próprias), aspecto fundamental para a garantia da inteligibilidade de suas obras.

4.1.1 De Joana Ruas para Timor: *A Batalha das Lágrimas*

A recollecção, porém, das especificidades temporais de quarenta anos de história passada na metade oriental da ilha colonizada pelos portugueses ocorre no romance *A Batalha das Lágrimas*, publicado em 2008. Como epígrafe, o entendimento de Han Yu (tradução de Octavio Paz) sobre a missão da literatura, que fornece amparo para a escolha do nome da série ser *A Pedra e a Folha*. Yu aborda o equilíbrio de tudo o que existe, mas acrescenta que justamente o rompimento disto é a descoberta da capacidade de ressoar, inclusive apontando tal poder no que se refere ao homem:

Mudos são os metais e as pedras, mas se algo os golpeia, ressoam. Assim é o homem. Se fala, é porque não pode conter-se; se se emociona, canta; se sofre, lamenta-se. Tudo o que sai da sua boca em forma de som deve-se a uma ruptura do seu equilíbrio (YU, 2008; RUAS, 2008, p.11).

O escritor chinês aponta para uma escolha cósmica, de rompimento com o equilíbrio do mundo, os que farão da palavra a forma mais perfeita, e, portanto, literária: “(...) o mais perfeito dos sons humanos é a palavra; a literatura, por sua vez, é a forma mais perfeita das palavras. E assim, quando o equilíbrio se rompe, o céu escolhe entre os homens aqueles que são mais sensíveis e fá-los ressoar” (YU, 2008; RUAS, 2008, p.11). Neste compasso, Ruas é a escritora que golpeada pela *almamundo* timorense, ressoou obras extremamente densas de um passado minuciosamente recriado, a cargo da produção de romance histórico tradicional.

¹⁰⁴ Termo utilizado por Antonio Candido na palestra “A literatura e a formação do homem”.

As setecentas e cinquenta páginas são organizadas em cinco partes, que se subdividem em pelo menos cinco capítulos cada. Dito isto, é um livro de muito fôlego, pelo qual o leitor comum talvez não se sinta atraído, devido à nominalização de inúmeras figuras verídicas atreladas às já muitas personagens; pelos pormenores que engrossam a liga histórica ou então pela sensação de vagarosa condução dos fatos. No entanto, para o leitor certo, ou seja, o que possui condições de validar o (complexo) percurso português no Ultramar e valorizar a nutrição da narrativa pelo recurso de fontes precisas, entenderá que a imbricação resultante é preciosa.

Em verdade, é necessário ter alguma “iniciação” ao arcabouço cultural timorense para, por exemplo, minimamente compreender a divisão administrativa e social do território e as respectivas implicações disso, correspondente a reinos e a famílias que negociavam e juravam vassalagem umas em relação às outras, ou mesmo, a intermediações de negociadores chineses, árabes ou ainda, holandeses. Alguns desses reis e rainhas (linhagem familiar) conseguiram permanecer intocáveis em pleno fim do século XIX por estarem protegidos no interior da ilha, ainda que as investidas coloniais tenham tentado alcançá-los.

As partes do livro recompõem o período da posse de Celestino da Silva como governador e representante da administração portuguesa da parcela leste-timorense da ilha, bem como sua missão de forçar a submissão de reinos que se declaravam livres de Portugal e de outros que falhavam com o pagamento de impostos à coroa. “A vassalagem”, “A viagem”, “O umbigo da floresta”, “Operações de guerra” e “A batalha das lágrimas” correspondem à estruturação de um período em que houve grandes esforços para dissolver a organização social secularmente construída. Assim, percebe-se uma “sociedade incaracterística”, como a própria autora pontuou, uma vez que invadida e perturbada pela massa de estrangeiros que a explorou e a abandonou.

Em “A vassalagem”, sabemos da grave epidemia de cólera-morbo a que os timorenses foram acometidos, entre padres e médicos socorristas. Também há a menção da interferência chinesa no escoamento do café de Timor pela via do contrabando. Ou então, o espalhar da notícia da inesperada mobilização dos principais reis rebeldes para a prestação da vassalagem ao rei de Portugal, como mostra de intenção de paz no dia da posse do novo governador. E, ainda, a grande expectativa pela presença da nova rainha de Cová, muito afamada por sua insubmissão.

O impacto do discurso de prosperidade feito por Celestino da Silva também se fez evento importante para o desenrolar de seu embate com a então rainha do reino de Cová, D. Margarida Ribeiro Pires, cujo histórico de líderes promulgava desde sempre a independência

tanto da coroa portuguesa quanto da holandesa. Havia coesão na opinião da população sobre como Silva garantiria o desenvolvimento do território: “(...) a independência dos reinos do Oeste era um obstáculo ao progresso e acusavam os reis rebeldes de terem a propriedade como seu direito natural e não como um direito social o que fazia com que arredassem a população de Dili dos proveitos e dos rendimentos dos seus reinos” (RUAS, 2008, p.14).

O narrador apresenta o estrangeiro João Maurício Wanderley, animado com o fervilhar da cidade de Díli pela chegada de barco (era considerado feriado), porque seus livros encomendados finalmente poderiam ser entregues ao destinatário. Como brasileiro, os lançamentos vinham de lá, mais propriamente títulos machadianos como *Quincas Borba* e *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. No entanto, a agitação maior se justificava nem tanto pela esperada chegada dos produtos, mas pelos preparativos da cerimônia de vassalagem, que não deixava de incluir os jesuítas e as irmãs canossianas por estarem à frente dos colégios de Timor (ensaíavam o coro das crianças para a participação em tão notável evento).

A personagem brasileira é muito importante recurso, já que possui o papel de transitar entre os núcleos e ligar habilmente os diversos fios da narrativa. Acompanhamo-nos pelo bairro chinês e sabemos que o porto ao norte servia de conexão para o transporte de escravos chineses para México, Cuba e Peru, mas que por conta do relatório expedido por um tal Eça de Queiroz a rota foi descoberta e reprimida. Para além disso, regulava que os que permaneciam em Timor deveriam ficar com familiares em casas com portas abertas e sem guarda que pudesse impedir o direito de ir e vir.

João Maurício Wanderley (conhecido como Brasuca) não era jovem, tinha quarenta e cinco anos e se encontrava reformado por ter sido ferido em combate na Guerra do Paraguai. Chegou em Dili em 1893 em busca de plantas raras das selvas de Sumatra e de Java de que havia ouvido falar. Entretanto, a real motivação dizia respeito à ruína da família após a queda da monarquia, que com isso se mudara para Moçâmedes, em Angola. Em meio a já complexa História de Timor-Leste, acrescenta-se a do Brasil, a de Goa e a de Macau por meio de personagens que fazem da ilha um mosaico cultural impressionante e compatível com os registros da época.

A personagem João, muito bem adaptado à ilha, em contato com amigos também estrangeiros, oferece a perspectiva da compreensão do olhar de fora, como quando chegam à conclusão de que fazer política naquele Timor é reduzir a discussão em se é a favor ou contra o governador. É pela voz de João que escapa as impressões que tem de diferentes autoridades, como a do bispo Medeiros: “– O bispo causa-me estranheza pois chama aos timorenses, guaranis. Verifico com surpresa que se processa aqui a mesma acção dissolvente do sistema

jesuítico denunciado em 1869 por Gonçalves Dias na sua obra *O Brasil e a Oceânia*. O que dá que pensar” (RUAS, 2008, p.30). Pelo perfil intelectualizado, de muitas leituras, principalmente de obras literárias, a personagem ora resgata algo particular da História do Brasil, ora da literatura brasileira; diminuindo a distância geográfica a partir da ação comum dos agentes colonizadores.

Ora conduzidos por João Maurício (visão de fora sobre os acontecimentos), ora pelo narrador (intervenções para o preenchimento histórico), a narrativa segue com um dos impasses para que o cortejo de reis do Oeste finalmente começasse. A oposição do mencionado bispo quanto à necessidade de batismo para o preto da vassalagem ser admitido pela coroa portuguesa poderia ser impeditiva. Além de tal tensão, outra é sugerida pela população: a constatação da riqueza das comitivas vindas do interior, alguns desses reis montados a cavalo e bem armados, fizeram com que se pensasse de que teriam número e poderio bélico para tomar Díli. Para início da resolução do problema ter fundo de fidelidade a uma religião, a rainha D. Margarida e demais reis já haviam sido batizados por um padre timorense, mas um deles, Dassi Moruk, por ser muçulmano, não desejava obter o primeiro sacramento do cristianismo. Celestino da Silva ignorou o caso único e o preciosismo do bispo e acabou por autorizar o início da cerimônia.

Havia razão para a aparente subordinação dos reis timorenses e isto se dava pelo interesse no regime do coronelato, patente e instituição dadas em Timor, subterfúgio criado pelo governador pernambucano Antônio Coelho Guerreiro (governador de Timor entre 1700 e 1704). Intitulá-los como coronéis e coronelas fez com que, estrategicamente, determinados reis e rainhas ganhassem autoridade legitimada, concedida pelo colonizador (alguma paz seria garantida para seus povos), afastando-os da sempre disputa com os holandeses. Estavam sempre sendo apertados entre as duas coroas, com suas investidas, de tal maneira que interferiram em um dos papéis mais importantes da sociedade timorense: o do *liurai*¹⁰⁵. A ideia de propriedade e da conquista de terras empreendidas pelos governadores (e dominicanos) contribuiu, pouco a pouco, para que o *liurai* se tornasse o líder de aglomerados de povos dispersos pelas guerras (tomadas de território).

Nos capítulos que se seguem, cada vez mais a rainha D. Margarida se torna conhecida pelo leitor. O resgate de passagens de sua infância; de longas conversas com sua mãe, D. Maria, sobre as histórias de apagamento de outros reinos; da mágoa referente ao padre Jacob (quem as batizou), e por consequência à Igreja, por ter se aliado às forças coloniais contra si;

¹⁰⁵ Em tétum, a tradução seria “o senhor da terra”.

dos acordos para a delimitação territorial entre reinos; culminava para uma espécie de preparação para o pior. O processo de fortalecimento para o posto de liderança a que estava empossada combinava com a situação de ter o desenfreado governador Celestino da Silva como empenho avassalador. Muitas personagens são apontadas, outras inseridas no quase desembocar da guerra, como a grávida Dau e sua peregrinação incansável por entre terras em busca do desaparecido corpo¹⁰⁶ de D. Miguel, pai de seu filho. Muitas histórias dentro da História protelam a batalha e vão, também, demonstrando as difíceis decisões de uma líder quanto a seu povo:

A rainha não ousava decidir-se pela batalha e sair em armas enquanto o governador arregimentava arraiais e desembarcavam em Batugadé tropas e armamento. Havia gente que ia ser imolada, riscada do número dos vivos e os outros, os que vinham contra eles, era à força de armas que queriam vingar. O povo de Cová ia aos poucos adivinhando o traçado da linha de demarcação e estava revoltado porque não lhes haviam sequer perguntado se teriam que contentar dois senhores, se o reino se dividiria tendo ter à cabeça dois liurais em vez de um, se o povo também se dividiria ou se o que se dividiria seria apenas a terra. (...) A gente do lado português, acossada pela tropa do governador, iria transportar-se de armas e bagagens, com os seus animais e o que pudessem carregar dos seus teres e haveres, mas para onde, afinal? (RUAS, 2008, p.416)

A fuga a cavalo de João Maurício e sua namorada chinesa Chec-Chi pelo interior da ilha o faz ficar na rota da comitiva da rainha e o encontro entre ambos sela a interculturalidade sempre presente em Timor, assim como simplifica o desenrolar da narrativa em uma única direção. O compartilhar das impressões do *malai* sobre o que viu em seu percurso para D. Margarida a fez corrigi-lo e oferecer uma espécie de contranarrativa, invertendo a lógica de quem era o representante do sujeito da tradição¹⁰⁷ (ali não era o europeu e nem o que se achava um). A amizade prosperou de maneira que o governador entendesse que João estava chefiando os rebeldes, sendo considerado, portanto, inimigo da bandeira instaurada.

Paralelamente, o exagero do belicismo para o avançar na conquista dos reinos começou por afastar um agente importante de endossamento das políticas governamentais, o bispo. O eco das cartas militantes escritas pelo padre Antônio Vieira ao rei de Portugal reivindicando os direitos mínimos dos povos originários do Brasil passou a iluminar a consciência católica do bispo Medeiros, fazendo com que provocasse incômodo perante Silva:

¹⁰⁶ Sem as devidas honras, seu espírito não encontraria acolhida junto aos antepassados.

¹⁰⁷ Referência a Spivak, em *Pode o subalterno falar?*.

O bispo começava a recordar com frequência que em 1654, o Padre António Vieira enviara uma carta ao rei a favor dos índios para que, uma vez subtraídos ao poder temporal dos governadores, pudessem sair dos matos sem receio. E num domingo, o bispo, a propósito dos Actos dos Apóstolos, I, 18 a 19, referiu na homilia a haelma ou campo de sangue lembrando que “Judas, com os dinheiros da sua traição tinha comprado um campo: foi lá que ele se enforcou e as suas entranhas, tendo-se espalhado, o chão ficou sujo delas”.

Acabada a missa, o governador, espicaçado pela intencionalidade do discurso do bispo, esperou-o à saída da Igreja para com ele beber o habitual café do desjejum. Depois de beber um gole de café com leite, o governador enxugou os bigodes com a ponta do guardanapo, e sempre de vista baixa, disse pausadamente para o bispo: – Judas, eminência, que não era um homem de Estado, era apesar de tudo, um homem de consciência. Vê a diferença? (RUAS, 2008, p.620-621)

As mortes foram em demasiado número que havia terras, mas não havia “braços” para o labor nelas. O grito de “perdão” dos timorenses marcou os danos irremediáveis de ambos os lados, a figura do português Francisco Duarte ligado a uma timorense era o símbolo de uma aliança em uma conjuntura histórica que poderia sugerir outra política nas colônias. Tratava-se de cilada do governador, motivos e vontades dele, em uma guerra sem vitoriosos:

A multidão de sobreviventes não se dirigia a Deus nem a qualquer dos poderes que os subjugavam nem sequer aos seus companheiros mas ao que de humano existe em todo homem. A palavra “perdão” lançada para um horizonte ainda distante, foi o elo de ligação entre os dois lados da mesma tragédia. Esta batalha dolorosa ficou conhecida pelas partes envolvidas como a Batalha das Lágrimas. (RUAS, 2008, p.722-723)

Tanto D. Margarida quanto João Maurício (uma ordem de deportação por conspiração o fazia duplamente perseguido) se desviaram de ter a cabeça em uma bandeja, a prêmio e para celebração de Celestino da Silva (como ocorreu com a do bravo guerreiro Brae Secca), porque acionaram coalizões das mais diversas (holandesas, inclusive), conseguindo transporte para o refúgio em Macau. Naturalmente, ocorre a sugestão do já amor entre a rainha e João, mas que se dissolve no dia da partida dela para onde fosse preparada a próxima guerra (Manufahi).

Uma outra e nova epidemia assola a região, desta vez, de varíola, vinda de um soldado angolano incorporado às forças militares. Sem notícias de D. Margarida, envia um matroz para buscar seu paradeiro e tendo voltado: “o matroz respondeu que ninguém tinha ouvido falar dela mas que talvez isso se devesse ao facto de estarem também mortos muitos dos que a tinham conhecido” (RUAS, 2008, p. 748). A mitificação da rainha de Cová (como resistente e insubmissa) e o exílio de João em Kupang suspendem o desfecho do romance de forma a

realçar alguma esperança, ainda que a guerra e as mazelas sugiram sofrimento infundável: “(...) havia no povo uma vontade cega de rasgar as trevas do seu destino e abrir o cerco da opressão e do infortúnio” (RUAS, 2008, p.749).

Até o desfecho da narrativa, é possível a recriação de um mapa do território timorense a partir das localizações e movimentações das personagens, são tantas as menções (Cová, Batugadé, Lifau, Ambeno, Oekussi, Liquiçá, Déde-Pum, Cailaco, Cotubaba, Sanir, Sica, Bidau, Fatumean, Loqueo, Dácolo, Belos ou Béhali, Sonbai, Suai, Larantuca, Wure, Kupang, só para citar alguns exemplos) que a ilha de Timor como um todo (equivalente ao tamanho do estado de Sergipe) parece ser mais o Brasil em termos de extensão de terras. As datações, as apresentações dos mais diversos povos com as respectivas tradições, o mosaico não somente lusófono que já significava Timor, a atuação da Igreja Católica (e o recuo do animismo, islamismo, hinduísmo e budismo), a visita ao imaginário doente do governador Silva, a experiência de João em um não lugar de si, o canto ao simbolismo da memória de D. Margarida como indômito obstáculo de rendição do sonambulismo de um povo marcam o porvir da tetralogia de Joana Ruas.

A familiaridade de Ruas no concernente a Timor a faz transitar com facilidade não somente pelos acontecimentos e figuras históricas (frutos de anos de pesquisa), mas por se adentrar pela cultura do povo timorense e se deixar estar nela. No emaranho de vozes por Timor, a escritora se destaca pelo denso projeto de produções, que significa a intencional permanência na Rede Literária de Timor.

4.1.2 De Joana Ruas para Timor: *Crônicas timorenses*

Com foto de capa retirada dos registros da obra *Motivos Artísticos Timorenses* de Ruy Cinatti, Ruas compõe o segundo livro da série *A Pedra e a Folha, Crônicas timorenses* (2009), desta vez, com quatro contos. Estas narrativas avançam no curso da História e abordam momentos do em torno e da própria Segunda Guerra Mundial, cujo período alcançado vai de 1910 a 1965. A documentação da oralidade da História de Timor garante menos compactação historiográfica e mais ficcionalização no arranjo das relações das personagens.

Como se a obra anterior fosse uma grande iniciação a Timor, esta realiza muito mais a familiarização com os aspectos culturais que propriamente se encerram na minúcia da descrição dos acontecimentos. Os contos “D. Manuel Salvador da Costa dos Remédios”, “O Cofre e a Espada”, “Folhas Soltas no Bosque” e “Fulan Mutin (Branca Flor)” prosseguem a

partir do anúncio feito das movimentações de rebeldia do reino de Manufahi (referência à rainha D. Margarida à continuidade da ação colonial portuguesa para a conquista totalizante do território em *A Batalha das Lágrimas*). Não bastasse os longos anos de guerra, fome e epidemias, a tomada de Timor pelos japoneses, na Segunda Guerra Mundial, também desencadeou destruição.

Em “D. Manuel Salvador da Costa dos Remédios”, o narrador-personagem, voz em primeira pessoa de D. Manuel dos Remédios, de pronto, está despertando de seu sonho sombrio marcado pelo levantar dos mortos, em que uma multidão de sombras pedia para ser levada ao Paraíso de Deus. A angústia dessa passagem tem a ver com a perseguição aos protestantes refugiados em Cailaco e as campanhas de justiça eclesial efetivadas pelas tropas trazidas de Goa. Além de apresentar a sua linhagem, D. Manuel esclarece que se sente sendo assassinado a mais de meio século:

(...) eu que pertenço a uma família nobre de Timor, descendente directo de D. Ventura da Costa dos Remédios, rei de Viqueque e capitão-mor de Lolotoe, um dos combatentes que, integrado nas forças portuguesas que tomaram parte na campanha de 1726 às pedras de Cailaco, muito se distinguiu. Herdei de minha mãe os reinos de Laleia e de Laclubar, dois reinos que ela, por sua vez, tinha herdado de outro antepassado meu, D. Salvador, que também tomou parte nessa celebrada campanha em que foram vitoriosas às forças católicas. (RUAS, 2009, p.14-15)

Tem-se um protagonista desestabilizador da autoridade religiosa, muito bem instruído pelos longos anos de estudo em Macau e pelo contato com o cosmopolitismo ali ambientado. Evidenciou-se ao olhar do Poder, uma vez que as luzes introjetadas poderiam interferir na posse dos reinos de Laleia e Laclubar. Sabendo que a conquista do século em questão (notícias da América) era a liberdade de pensamento, não fazia mais sentido que governantes e sacerdotes restringissem-na.

A fama de culto de D. Manuel difundiu-se rapidamente a ponto de atrair a atenção do governador Hugo Godair de Lacerda Castello Branco, que por ser muito católico e obediente aos prelados, achou por bem adotar vigilância severa ao rapaz. Enquanto que o padre Gomes: “se esforçava a todo custo para me conquistar para a sua causa, insinuando, sem reboço, que caso oferecesse resistência, destruir-me-ia pelo efeito pernicioso que as ideias liberais podiam ter na propagação da Fé católica” (RUAS, 2009, p.16).

O histórico de guerra pela causa religiosa teve início em 1878; um ano depois, o reino de Laclubar fora devastado e o de Laleia desmembrado, dividido entre os reinos vizinhos (a

plantação destruída e o numeroso gado apreendido). À frente da campanha em questão estava o padre João Gomes Ferreira, instaurador da cruz católica a qualquer custo, conhecido por ir buscar a sua vítima no próprio inferno se preciso. D. Manuel mal retornou ao seu lugar de rei e era *persona non grata*, a condição de fugitivo o obrigou a se exilar na serra de Lavater.

O lamento pela incompatibilidade de crenças e o recolhimento no bosque das árvores em que se situava a morada original de seus antepassados faz do rei de Laclubar e Laleia voz silenciada, antes mesmo de enredada. A inviabilidade da coexistência de católicos e não católicos procede apenas para aqueles, sendo a sociedade timorense indiferente às práticas religiosas acontecerem em seu território: “Os Timorenses não se sentem ofendidos por diferenças de crença ou ideias políticas. As únicas ofensas ressentidas são as que causam dano material ou moral a outro. Mas reparam o dano para que a ofensa não se torne num hábito e o hábito, por imitação, em costume” (RUAS, 2009, p.19).

Sozinho e afastado de seu povo dispersado – para que não lhe estendessem as punições e castigos, transformou-se em alvo individualizado – compara-se a um animal acossado, arisco à presença humana, “o único som humano que me é permitido ouvir neste serra é o bater do meu próprio coração” (RUAS, 2009, p. 27). O isolamento acionou o mecanismo da alusão, as idas e vindas às memórias de infância e à interioridade de si incorrem em questionamentos fortalecedores da escolha de não se sujeitar à opressão, embora morte de realizações.

O atentado de quase morte veio de gente de seu próprio sangue. Foi caçado pela mata por António, seu sobrinho, em troca de poder e dinheiro vindo do clero, uma lança lhe custou ferimento no corpo e na alma. Com palavras projetadas para uma carta de despedida ou mesmo para um epitáfio, faz-se de autoridade suficiente para promulgar a salvação de todos em nome do amor que permite a irmandade. Encerra a perpetuidade do ser pelo avivamento na memória coletiva, na qual cada um de nós tem o seu lugar:

Eu, o proscrito, que medindo os limites da ação humana e os seus riscos, agi e sofri, exorto-vos a todos à perfeição pelo amor do mundo e dos homens. A memória dos mortos pede justiça aos vindouros. Com Deus ou sem Deus, a Lei que dirige a nossa acção está no fundo do nosso coração. Afinal, a infinitude do homem não está no mundo que é finito, mas no Outro, nosso irmão. (RUAS, 2009, p.32).

Confirmando um reduto afetivo de relações na densidade da natureza rizomática de Timor, Joana Ruas além de ilustrar a capa desta obra com o olhar fotográfico de Cinatti,

volta-se a Sophia de Mello Breyner Andresen na dedicatória do segundo conto “O cofre e a espada”. Há, portanto, o endereçamento da narrativa para Andresen (já falecida), justamente por Ruas saber que a passagem concernente à guerra de Manufahi lhe instigava interesse. Provavelmente, a poetisa foi apresentada a este recorte da História de Timor-Leste por Ruy Cinatti, mas se tornou presença, novamente, junto a Timor pela via de Joana Ruas. Neste sentido, Ruas emaranha escritores de maneira que seu diálogo ocorre e é lido na Rede Literária de Timor.

Voltando ao enredo do conto e a continuidade à abordagem histórica dos acontecimentos, percebe-se a retomada mais direta à figura de Celestino da Silva, agora conhecido como o Rei de Timor (e não dos timorenses, já que não era um rei de homens, mas de terras), de maneira a dar continuidade às guerras de pacificação coloniais nos finais de 1900 (e incidir verdadeira catástrofe humana em Timor).

As personagens históricas são apresentadas e vão sendo tecidas na complexidade da trama da sociedade timorense, como Inlou, mãe de Boaventura de Manufahi, e responsável por recolher a órfã Kaiseri e promover consequente encontro entre o filho e a jovem. Anos se passaram o suficiente para que os jovens em questão contraíssem casamento e gerassem filhos, apesar de a afeição do marido não ser sentida como amor. Todo o cenário de línguas, paisagens, costumes e vinculações foi exposto em tempos de alguma paz, consequentes do enfraquecimento dos aliados e grande baixa da população.

A rápida menção de Kaiseri sobre a tensão existente no relacionamento entre o tenente Luís Álvares da Silva e D. Boaventura se deve a um episódio envolvendo uma timorense, que nos adianta a faísca pela qual o incêndio ganhará força como revolta de todos. A natureza de cor e aparência desta timorense, chamada Inkay, foi uma improbabilidade genealógica, porque nascera branca e loira, além de seus traços serem finos e a conjuntura ser de grande beleza: “Em noites abertas pela claridade do luar, paravam em longas conversas pelas estradas e caminhos para dissertarem sobre o mistério que era o colorido vaivém da espécie humana” (RUAS, 2009, p.42).

O ato de posseção dos portugueses não se limitava a terras, estendia-se a pessoas (mulheres, principalmente). Tal empoderamento impulsionou a ação do tenente, que abusando de sua autoridade, mandou prender sem motivos Inkay (vivia no Suai, mas que estava a passeio em um bazar). A intenção era de violentá-la e fazer dela objeto fácil de prazer. No entanto, a indignação dos familiares pelo brusco aprisionamento da jovem timorense coloca em cena o heroísmo de D. Boaventura. Estando a timorense a gritar pela violação, este surpreendeu Luís Álvares que em nada se arrependeu. Depois de Inkay ser salva de um

destino pior, foi levada para um reino bem distante como tentativa de abafamento de um possível derramamento de sangue por vingança. Tudo isto para evitar que a chaga da guerra não se voltasse contra Manufahi. Neste ensejo da boa vizinhança, o protagonista mantinha com muita superficialidade amizade com o tenente, tendo este casado (a portuguesa com que se casou não sabia do episódio, mas sentia algum peso nos olhares) e tendo as esposas alguma afeição.

No entanto, pouco eram os esforços de Celestino da Silva e demais autoridades coloniais para deixar de intrincar com mais opressão os povos de Timor. A passagem de D. Boaventura pela aldeia de Pedra Furada para resolver pendências com dois liurais avultou-se importante não somente por perceber o grande fluxo de pessoas chegando, dentre elas, feridos e degredados pela guerra que acabara de estourar em Bobonaro, Cova Lima e Suai, mas para atinar o senso de realidade de que a hora de seu reino estava próxima. As injustiças e o sangue derramado contra os povos do Oeste em muito agitavam os ânimos dos ainda ilesos. Neste momento, o narrador suspende a linha temporal dos acontecimentos para interferir e nos adiantar a consequência de quase meio milênio de enfrentamento. Para isso, recorre ao escritor timorense Fernando Sylvan:

(...) durante 400 anos dois estados haviam disputado o território esquecendo as populações, a sua história e a sua cultura, dando origem a um mosaico inquietante de pessoas em trânsito, sem família ou com o que delas restava, formando estas outras combinações abertas ou rigidamente fechadas para sobreviverem. Tudo isto, segundo Sylvan, deu origem ao maubere e foi o maubere o fermento de uma consciência e de uma Nação. (RUAS, 2009, p.45)

O acontecimento-auge para o posicionamento favorável à participação de uma frente de combate teve a ver com o teor do decreto português sobre os terrenos de aforamento (os reis precisavam pagar imposto para o uso) serem cabalmente usurpados. D. Boaventura e outros régulos faziam do pedaço de terra que cultivam a subsistência dos reinos. Entretanto, virariam apenas ocupantes, porque a coroa portuguesa decidiu unilateralmente em ser a detentora única do direito de propriedade.

A justificativa do poder colonial em transferir para si a titularidade das terras era a de ser uma medida preventiva contra a possível venda das “possessões” dos timorenses a estrangeiros (holandeses). Informado sobre isto pelo liurai D. Miguel, D. Boaventura proferiu

um esperado e inflamado discurso contra a administração portuguesa, embora esteja sendo pressionado para pouco se mobilizar entre os reinos vizinhos, fazendo do seu o único reduto.

Dois eventos aumentaram a combustão dos fatos, o desaparecimento de um europeu e o assassinato do tenente Luís Álvares da Silva, ambos infortúnios ligados à região de D. Boaventura. Sabendo do pretexto do governo para a antecipação da ofensiva, convocou os liurais fiéis a sua causa para decidirem se iriam lutar ou se abandonariam os reinos à própria sorte. Pois a revolta ocorreu e com ainda mais ferocidade para a violência e para gerar mortes, o poderio português se ensanguentou como nunca, a tal ponto que depois de dois longos e tenebrosos dias de confronto (apesar de cerca de um ano de combate), D. Boaventura entregou-se para ser aprisionado e promover, com isso, o cessar fogo.

O cativo foi a experiência de lidar com o tempo para se voltar para si e ali encontrar alguma esperança. Entre conversas e vozes distantes, soube que Manufahi se tornou um grande viveiro de pés de café em troca das vidas de seu povo (e de sua família). A internalização do sofrimento o fez perguntar-se

(...) se chegaria o tempo em que os homens se reconhecessem na sua própria humanidade e respeitassem o que a cada povo cabe não só com respeito ancestral, como na conservação da humanidade no homem. Não tinha ninguém a quem fazer a pergunta. Mas sabia que o seu povo compreendera que o tempo do cofre e da espada passara. Aprenderiam aquela crua e dura arte de se sentirem protegidos pela vitória de quem se julgava vencedor e os tinha, mortos e esperar por uma nova geração de vivos destinados a continuarem a luta. Eles não estavam derrotados pois persistiram esperando pela hora que viria com os seus custos em sangue e bens. A guerra acabara, mas não havia paz nos corações. Entre as ruínas e as lágrimas, a revolta estava apenas adormecida, só não se sabia por quanto tempo. (RUAS, 2009, p.67)

Como uma espécie de premonição, a personagem D. Boaventura parecia saber que os vários movimentos de resistência e luta de séculos fundaram, na História de Timor, a geração antevista por ele. Curiosamente, os frutos da origem do maubere foram aglutinados em uma geração que precisou combater novo invasor e que foi ao seu encontro na representatividade da (na época viva) Inkay (que morreu de fome no holocausto do invasor indonésio em 1978). A foto de Inkay, Nicolau Lobato, Ramos-Horta, Borja da Costa, Leopoldo Joaquim e José Luís Guterres, em Manufahi, reúne a incansável veemência pela liberdade. Sobre esta revolta, que é motivo de muito orgulho para os timorenses, o Nobel da Paz D. Ximenes Belo, com publicação pela Tipografia Diocesana Baucau (Timor-Leste), registrou em *A guerra de Manufahi (1911-1912)* (2012) a crônica do revide, o surgimento de uma consciência nacional.

Seguindo o curso do livro *Crônicas*, no terceiro conto “Folhas soltas no bosque”, a explosão da Segunda Guerra Mundial chega a Timor (fato pouco mencionado pelos historiadores), ainda que o povo timorense assim não quisesse ou tomasse partido quanto a isto. As personagens Duli (a mais nova da aldeia) e Nai Buik Ikun (a mais velha da aldeia) são apresentadas sem laços de parentesco, mas vivem juntas pelo acolhimento da orfandade da primeira. A função de tecelãs fez com que conquistassem grande reputação até que os bombardeios e ataques estranhamente sobrepuseram a própria administração portuguesa. Mais um ciclo de recolhimento da população se fez necessário:

Quando a Segunda Guerra Mundial chegou a Timor-Leste, as mulheres, velhos e crianças da aldeia, tendo feito trouxas, partiram em peso para as altas montanhas, buscando refúgio nas cavernas a que o povo chamava desde tempos imemoriais, as “Pedras”. Aí se mantinham escondidos. (RUAS, 2009, p.82)

A narrativa mergulha nos elementos factuais, encorpa a versão ainda não contada de que em detrimento de novo conflito deflagrado, os homens timorenses partiram para uma guerra sem saber quais forças eram amigas ou inimigas, estavam muito mais preocupados em garantir que as terras, embora devastadas, fossem defendidas. Este período foi marcado pela histórica reunião bélica de quatro nações em uma única parcela de ilha: portugueses, holandeses, australianos e japoneses.

A cargo de detalhar a ação remanescente em Timor pelo alcance globalizador da Guerra, o narrador se ocupa em impactar o leitor com os principais acontecimentos que mapeiam os estragos materiais, bem como as vidas perdidas. Neste sentido, revela ter ocorrido o primeiro bombardeio promovido pelos japoneses contra os holandeses em Timor-Leste, em 1942. No entanto, outros noventa e quatro ataques com canhões fizeram com que sobrassem apenas dez casas intactas dada a imensa destruição em Díli. Não tão surpreendentemente, agrava a situação posta e a cadência trágica dos fatos quando menciona a retirada das chamadas forças aliadas, em 1943, nas quais muitos timorenses tinham aderido e estavam, portanto, abandonados.

O detalhe final para a composição de uma conjuntura que só piorava foi a soma de quarenta mil soldados japoneses espalhados estrategicamente em território timorense para combater a Austrália. O desenho de arrasamento, belicamente conseguido pelo novo possessor, implicou no desaparecimento das povoações de Manatuto, Lautém, Aileu, Maubisse, Ainaro, Viqueque e Ermera. Deixando o leitor sem respiro por tantas adversidades agrupadas, a linha condutora pela via do acompanhamento das personagens retorna,

atualizando-nos da cotidianidade da reclusão nas montanhas. Uma tensão é acrescida ao enredo, o problema do roubo da oferenda que mesmo em tempos de fome, realizavam como culto aos antepassados:

Numa tarde, Duli deixou o tear, subiu ao bosque para limpar dos pratos sagrados oferenda de comida. A oferenda era algo que tiravam à sua fome para conservarem intacto o contacto com os seus mortos. Mas, tendo-os encontrado não só vazios mais impecavelmente limpos por fora e por dentro e bem colocados segundo a ordem em que os dispusera, ficou entre intrigada e assustada. (RUAS, 2009, p.86)

Pouco a pouco, o mistério vai sendo revelado, tratava-se de um soldado japonês perdido nas matas, que com fome, recorreu ao alimento sagrado para se manter vivo. Muito delicadamente, a lenta aproximação entre a timorense Duli e o *matan-bubu* (olhos inchados) vai sendo contada, porque o arisco combatente e a jovem amedrontada tardam em selar amizade. A dificuldade em não terem uma língua em comum acaba por intensificar a leitura feita pelos olhos e gestos, o que faz, também, com que se enxergarem mais no íntimo. O segredo a ser guardado por Duli se torna duplo: o fantasma faminto e o amor que já sentia por ele.

O desenrolar dos destinos de ambos passa pela procura do soldado pela sua tropa, no entanto, antes disso é morto, o que transforma a timorense em uma mulher enlutada e sem rumo. A anciã Nai Buik Ikun é a sobrevivente e a espectadora de toda trama, a que tece os fios dos acontecimentos crendo que estes pouco a pouco a subtraem a lucidez. Seu próprio drama é o de estar sobrecarregada por ser a única a fazer da memória o tear da História de seu povo.

Por fim, o último conto, “Fulan-Mutin (Branca Flor)”, contorna as tensas movimentações fronteiriças junto a Timor-Ocidental quanto ao anúncio de uma possível invasão por parte da Indonésia. Passado o pano de fundo das Guerras de Pacificação, da tomada de Timor pelos japoneses, um constructo político-econômico entre Indonésia e China propiciou a retirada daquela da ONU e o apoio desta para a ascensão de Suharto. A trama logo apresenta o assassinato do encarregado português Tavares (para a ascensão de Meira), ainda que incumbidos de realizar a missão de averiguar se os boatos tinham algum fundamento.

A esposa de Meira, Beatriz, é uma angolana com espírito livre e que foi obrigada junto do marido a se mudar de Coimbra para Timor, mas que sofre pela distância do filho e do

irmão Raúl, de quem recebe cartas. As intrigas entre os encarregados e os descompassos entre a luta em Angola e a censurada politização que Beatriz (também por ser mulher) possui ganham muitas páginas de interessantes debates. A morte de Raúl no norte de Angola endureceu os dias e, com isso, a emissividade de Beatriz resulta transbordante:

Querido, querido Raúl, murmurava Beatriz, não te deixaram outra saída e é isso a guerra. Em Portugal, um governante sem visão falava da guerra como se dela saísse o futuro da nação quando se via claramente que o que ia acontecer era que em todos as frentes, de um lado ou do outro, iriam morrendo aqueles que, numa transição pacífica para as independências, seriam os garantes da manutenção dos laços de sangue e de língua. Os massacres só haviam servido para cavar fossos. Expurgado destas contradições o que restaria de Portugal nestas nações? (RUAS, 2009, p.179-180)

A personagem de Rafael Toscano é inserida para funcionar como a consciência analítica dos aspectos culturais complexos em Timor e ser o olhar crítico no referente à dominação portuguesa no Ultramar. A personagem é um antropólogo (talvez inspirado em Ruy Cinatti) e demonstra outra capilaridade de percepção (não colonial) como o entendimento do que seja a lei da retribuição que mantém a convivialidade na sociedade timorense. As conversas com Beatriz ressaltam na personagem a capacidade de alcance, a naturalidade em se integrar: “ – O mal dos dominadores é o desprezo pela cultura dos povos dominados – disse Toscano. – Aqui, a lei que rege esta sociedade ainda é a da retribuição do dom. Quem não retribui é considerado à margem de qualquer sociedade válida” (RUAS, 2009, p.185).

A voz de Toscano fulgura, inclusive, como contrapartida ao discurso dos historiadores quanto às Grandes Navegações, porque não significaram a descoberta de mundos isolados. A menção às viagens dos povos melanésios por grandes extensões marítimas, chegando às Ilhas de Páscoa e Madagascar, sugere o apontamento do espírito muito mais exploratório de alguns povos que usurpador. A ironia da imagem sugerida é a de que se tinha cada paraíso continental ou insular à deriva, à espera de serem encontrados pelos marinheiros ocidentais. A metáfora do crocodilo é o recurso expressivo para fazer da atenta interlocutora Beatriz (havia poucos com quem dialogar tão criticamente) audiência:

Os polinésios lutaram com o Oceano e o seu Totem, o crocodilo, significa essa escolha pelo descanso, essa opção pela terra. Um povo navegador pode difundir a sua língua nas costas de qualquer mar ou oceano onde ela se adapta. Cansados pelas grandes travessias oceânicas, esgotados pelo esforço e dureza desses empreendimentos, os melanésios pararam para descansar.

Nesse repouso atravessaram milénios e, século após século, aguardaram que os encontrasse. Mas esse encontro com o irmão branco mais apetrechado para as grandes travessias, roubou-lhes primeiro a liberdade, depois as terras, depois o sossego das suas vidas, por último a paz e, derradeiramente, as vidas. (RUAS, 2009, p.186)

O lugar de reflexão e dos momentos de bate-papo entre Toscano e Beatriz era a privilegiada paisagem da praia. Em vários pontos da costa de Suai, inclusive onde sempre ficavam, começaram a surgir indonésios feridos por bala, acusados de comunistas (ateus), sobreviventes da punição do fuzilamento. Desde o golpe de 1965, a população da Indonésia vivia tempos em que cristãos e islamitas (os crentes) se uniram sem fronteiras ideológicas, em prol de afastar uma organização socioeconômica pela qual temiam: o comunismo. Os dois amigos resgataram e encaminharam, com segurança, um dos feridos encontrados na areia entre a vida e a morte para a casa do piedoso D. Carlos, mesmo preocupados com as consequências do auxílio. Neste novo núcleo, a personagem Maria Benedita, filha de D. Carlos, é apresentada e quem ofuscará o protagonismo de Beatriz, uma vez que o narrador passa a acompanhá-la a partir da microrrealidade de sua vida.

Indo ao chinês comprar lençóis e linhas para preparar o enxoval, uma vez que já estava barlaqueada, o encontro com o cabo Filomeno acaba por mudar a trajetória de vida de Maria Benedita. É Filomeno que ao se dirigir à jovem a chama de *Fulan Mutin* (flor branca). Os elementos para um amor improvável e também que romperia com a tradição timorense ocorre. Os dilemas de Beatriz e Maria Benedita seguem paralelamente e em um tom de lamento pelo certo (outra tomada do território).

A narrativa finaliza com o desejo de que houvesse chances de o povo timorense cantar seus próprios feitos, e, sem ameaças, irromper na mais sublime plenitude. O livro como um todo se preocupa em penetrar ainda mais fundo no imaginário timorense, porque as personagens ora são representativas deste, ora se sentem parte de um movimento maior que reflete a temática libertária: seja do poder colonial, seja das tradições, seja da condição desigual de ser mulher, seja de um sentido de justiça e paz universal.

4.1.3 De Joana Ruas para Timor: *Os Timorenses* (1973-1980)

Joana Ruas percorre, com as duas obras anteriores, cerca de setenta e cinco anos de acontecimentos para então desembocar na última tragédia da História de Timor-Leste. Com árduo trabalho de pesquisa, o terceiro romance da tetralogia proposta, *Os Timorenses* (2015), compreende as circunstâncias pelas quais o território timorense passa pelo processo de

descolonização, de ascensão dos partidos nacionais e do período inicial da subsequente ocupação indonésia.

A sobreposição rápida de opressores faz com que haja uma particularização do caso de Timor quanto à conquista da independência. Apesar de não ter havido luta pela libertação contra os portugueses (como em Angola), ao longo dos séculos o povo timorense travou revoltas neste sentido (abordagem histórica do primeiro romance e do livro de contos de Ruas). Estava mais do que claro o desejo pela autodeterminação de Timor-Leste, promovida muito pelos benefícios dos novos ares da Revolução dos Cravos.

O comprometimento documental no tecido ficcional de *Os Timorenses* traz o entrecruzamento de pelo menos trezentas figuras reais e quarenta personagens¹⁰⁸ que reativam o passado para abordar os primeiros sete anos da solitária guerra travada entre a FRETILIN frente ao poder bélico do ditador Suharto. O romance é dividido em duas partes, sendo a primeira “Rai Timur rai ita nian (Timor é o nosso país)” a efervescência da organização política e partidária e a segunda “A Revolução Maubere” a proclamação unilateral da independência, a invasão e o início da era da grande fome. Como aporte complementar, nas duas divisões da estruturação do livro, há oito páginas de fotografias que inserem a verdade dos fatos e oferecem rostos aos personagens que povoam a trama e o drama narrados.

O cuidado com a reconstituição autêntica dos atos de uma conjuntura histórica tão importante para o povo de Timor-Leste ainda receou Joana Ruas, tanto que confeccionou longa dedicatória para explicar as escolhas feitas. Mesmo com a profusão de personagens levada ao limite, desculpa-se por muitos serem renegados ao anonimato e por não conseguir recuperá-los nominalmente, mas considera ter pela metonímia da parte retratada ou participante avivado o todo do espetáculo da coragem de um povo. A pormenorização da narrativa quanto à correspondência factual energiza a potência da textualização como síntese dos muitos acervos consultados.

Como mínimo subsídio ao leitor, Ruas oferece informações de ambientação histórico-geográficas de Timor, para então, dar início à orquestração da diegese. A arquitetura de um contexto ativo de influências se deu pelo despacho dos prisioneiros políticos e dissidentes do salazarismo para Timor, sendo construída, sem intencionalidade, pelos próprios portugueses. Exemplo dado é a genealogia do diplomata timorense Ramos-Horta: o avô português, Arsênio José Filipe, foi deportado para Timor em 1927 por ser um anarcossindicalista; o pai, João Horta, foi um dos marinheiros que desertou com os seus companheiros durante a Guerra Civil

¹⁰⁸ Foi disponibilizado pela romancista, ao final do livro, os índices de personagens ficcionais e o de personagens reais.

da Espanha com o objetivo de colocar o navio “Alfonso de Albuquerque” ao serviço dos republicanos espanhóis. Como o plano não se efetivou, acabou também exilado e enviado a Timor, onde casou com uma timorense do rebelde território de Manufahi. A ilha do exílio para portugueses antissalazaristas foi ganhando a contribuição de pessoas que direta ou indiretamente semearam em seus descendentes luso-timorenses uma aura libertária.

Um bloco descritivo é acrescentado para cada personagem que encorpa o povoado enredo, cujo direcionamento do olhar do leitor tende a se fixar em Nicolau Lobato, principalmente, depois do primeiro grande acontecimento (sabido pela rádio australiana) e reverberado na sociedade timorense, que foi o 25 de abril de 1974. Com o Movimento das Forças Armadas, o processo de descolonização, democratização e desenvolvimento foi impulsionado por Portugal. Neste sentido, o narrador aponta a rápida organização dos interesses timorenses em partidos nacionais:

Numa agitação febril, logo no mês de maio desse ano nasceu o primeiro partido político timorense: a União Democrática Timorense (UDT), tendo como fundadores o engenheiro Mário Carrascalão, vice-presidente da ex-ANP (Ação Nacional Popular) e chefe do Serviço da Agricultura; César Mouzinho, apologista da ditadura militar portuguesa, presidente da Câmara de Díli antes e depois do 25 d Abril; Manuel Babo, diretor do jornal União, proprietário de plantações de café e ex-deputado na Assembleia Nacional; (...) Seguiu-se-lhe, a 20 de maio, a Associação Social Democrata Timorense (ASDT) criada com base num projeto de unidade para a independência (...) a sua comissão organizadora que tinha vários núcleos, um dos quais, no interior do território, constituído por José Ramos-Horta, que acabara de chegar do seu exílio forçado em Moçambique, Mari Alkatiri, Justino Mota, Alarico Fernandes, Francisco Xavier do Amaral, Nicolau Lobato, Maria do Céu Pereira, Aleixo Corte Real, Octávio Jordão de Araújo, Afonso de Araújo, Rui Fernandes, Floriano Chaves e Sebastião Montalvão. (...) A 27 de maio nasce a APODETI que advoga a integração na Indonésia, recebendo desde logo o apoio do general Suharto. (RUAS, 2015, p.65-66)

Provas da mobilização timorense em prol da autodeterminação são justapostas, como a representatividade e iniciativa de uma elite política que sabia minimamente dialogar. Narra-se a passagem em que Ramos-Horta é recebido pelo Ministro das Relações Exteriores da Indonésia, Adam Malik, com o intuito de saber se obteria o apoio do Governo de Jacarta quanto à independência de Timor, saindo de lá com promessa positiva do ministro. Percebe-se, com isso, elementos sendo alinhados para que se crie uma expectativa de fácil resolução para o país surgir.

A integração com a cúpula da sociedade rural da ASDT formou, junto à ala nacionalista, a Frente Revolucionária de Timor-Leste Independente (FRETILIN) e como figura tutelar da nova organização política, D. Boaventura de Manufahi, herói fundador do nacionalismo moderno, cujas lutas contra o poder colonial geraram um movimento popular espontâneo conhecido como *mauberismo*.

No entanto, antes mesmo da preocupação pela autodeterminação acontecer via eleição, movimentos de políticas contrárias ensejam um contexto de guerra entre timorenses. Neste sentido, a narrativa é forjada a partir dos muitos personagens que vivem, expressam e são o próprio curso da história, como Nicolau Lobato, que está à frente da situação de conflito armado para conter o golpe da UDT (que por sua vez intimidava e assassinava timorenses ligados à FRETILIN). Aos poucos, o primeiro herói timorense é desenhado pelo narrador como prudente, pacificador e corajoso:

Nicolau Lobato que se via obrigado a um combate contra aqueles que os não deixavam viver em paz, resistira às ameaças como um general que as compreendia e interpretava, não perdoava a Maggiolo Gouveia e à UDT que se tinham permitido desencadear uma guerra apenas porque colocavam a sua ambição acima do mais elementar sentimento de segurança própria e do povo. Vencedora no contra-ataque, a FRETILIN ia demonstrando que a UDT arrastava na sua luta uma multidão desorientada e pusilânime que mudava de bandeira logo que lhe cheirava a esturro. (...) Nicolau Lobato ganhara a batalha aliando a uma rigorosa prudência uma grande coragem. (RUAS, 2015, p.250)

Visivelmente, o encadeamento dos fatos vai fazendo com que os timorenses resolvam por conta própria a disputa pelo poder e encaminhem-se na trajetória em busca pela democracia, sendo a proclamação da independência um feito de Nicolau Lobato. O solitarismo do ato se deve pelo administrador português Lemos Pires declarar Timor em situação de guerra civil e por apelar inutilmente para uma intervenção internacional (rejeitando obviamente a ajuda indonésia) ocorrer. Não sendo atendido, evacuou as Forças Armadas portuguesas e funcionários para a ilha de Ataúro, amparando apenas os estrangeiros com proteção e segurança. O narrador acaba por ir conferir a reação dos milicianos em Ataúro, que indignados e impotentes, assistiam ao cerco operacional indonésio.

Tendo as inúmeras operações de espionagem dado certo, o exército de Suharto estava mais que pronto para tomar Díli. Muitas paradas para espiar todas as ações do inimigo marcam a densidade da narrativa. Exemplo disso é a passagem pela grande comunidade chinesa (inclusive o cônsul de Taiwan, Huang Ying Chuan fazia parte das vítimas) em Timor faz com que conheçamos o terror estendido a esta, agrupada e fuzilada como a população

timorense. Percebe-se muitos comentários que acrescentam a postura crítica do narrador diante da turbulência política e da crise humanitária imperarem:

Os grandes deste mundo mostravam-se indiferentes ao esmagamento das vitórias da FRETILIN pelo antigo despotismo javanês. Timor-Leste continuava a ser um campo de batalha onde o Oriente ocidentalizado e o Ocidente dos interesses vinham travar as suas guerras. (RUAS, 2015, p.468)

Até que na movimentação dos quatro primeiros anos de aniquilamento promovidos pela Indonésia, encontra-se a personagem Fátima Guterres na realidade ficcional de Ruas. Já aprisionada pelas forças inimigas e vítima da selvageria licenciada pela guerra. Claramente, para a composição da inserção de Guterres à fase de enfraquecimento da resistência timorense por conta da captura de muitos integrantes, a autora Joana Ruas efetuou a leitura do romance autobiográfico daquela intitulado *Timor – Paraíso Violentado* (2014). É plenamente combatível o relato de Fátima à ficcionalidade criada por Ruas, enlace literário que concretiza outras redes se fortalecerem dentro da Rede Literária de Timor, só que de solidariedade e visibilidade ao testemunho da mulher timorense, cuja frente é formada por Ruas e Amal para fazer co-existir Guterres.

A voz da guerrilheira Fátima Guterres é ouvida em sucessivos e violentos interrogatórios sem que a intimidação a tornasse mais fraca ou menos crente em um futuro livre. Na prisão do Comando do Batalhão da Infantaria 744 em Alas, as palavras firmes da timorense (e antes disso a sabida grande saga nos bastidores de toda a organização da Rede Clandestina junto do marido Artur) emblematicamente demonstram uma prática heroica:

Logo na primeira noite de interrogatório, numa tentativa de aliciamento da prisioneira pela oportunidade que lhe davam de se passar para o lado deles, perguntaram a Fátima Guterres: - Ainda segues a linha política da FRETILIN? – Claro que sim porque não conheço outra – respondeu Fátima Guterres com voz segura e expressão determinada (RUAS, 2015, p.571)

A narrativa se encaminha a realizar o balanço do destroçar do Comitê Nacional da FRETILIN, em que dos sessenta e oito membros, apenas dez estavam vivos, sendo que sete em serviço no exterior e três em território, um destes homens sobreviventes era Kay Rala Xanana Gusmão, uma figura por ascender. Das milhares de vidas ceifadas, uma delas era a de Nicolau Lobato, primogênito filho da Resistência e da Pátria. O desfecho suspende o tempo e ação, porque se apresenta uma força pulsante ainda resistente através de uma voz que comanda (talvez a de Xanana Gusmão – saberemos com a publicação do último romance da

tetralogia): “– A caminho, de novo!” (RUAS, 2015, p.590) um grupo que marcha “(...) espantando os medos recolhidos na mente de cada um, olhando para frente, para os espíritos que guardam as florestas e os montes e as almas eternas dos seus guerreiros” (RUAS, 2015, p.590).

Não se pode negar o esforço de um registro documental forte e denso o suficiente para consolidar a História de Timor-Leste na literatura de Joana Ruas. Tal projeto é endereçado ao povo timorense, por isso, transformou a até então trilogia em um inventário memorialístico para ser lido e visitado como os vários museus que detêm o poder da conservação do valor cultural e histórico de uma Nação.

4.2 Teresa Amal (Cunha) e Fátima Guterres – “Liberdade é pouco”¹⁰⁹

4.2.1 Teresa Cunha sendo Amal: *Ukun rasik a’an*¹¹⁰

As escritoras Teresa Amal e Fátima Guterres fazem parte, junto de Joana Ruas, de um movimento ativo de presença feminina e de abertura do turno de fala às mulheres, principalmente timorenses, o que as tornam casos especiais de vozes-consciência em um sentido mais amplo de sintonização com demandas ligadas à *ontologia coletiva do eu*¹¹¹. Em conjunto, funcionam como a retaguarda de uma resistência alinhada de maneira mais geral com a insolvência de estruturas sociais reguladoras (de dominação) da escuta e da escrita. O emaranhado de disposições, achegas e interconexões que a Rede Literária de Timor significa e flagra oferece apenas a perspectiva panorâmica, a apresentação inaugural de relações e de individualidades que merecem em nova escala de análise serem prestigiadas.

A começar pelo interesse pelo Índico (e não pelo Atlântico, como comumente se vê o olhar se voltar) de Teresa Cunha, justamente por banhar a costa oriental da África onde se localiza Moçambique, e ao mesmo tempo, a costa norte da ilha de Timor-Leste, que se fizeram objeto de estudo. O trabalho de doutorado de Cunha intitulado *Para além de um Índico de desesperos e revoltas. Uma análise feminista pós-colonial das estratégias de*

¹⁰⁹ “Liberdade é pouco. O que eu desejo não tem nome.”, do livro de Clarice Lispector *Perto do Coração Selvagem*.

¹¹⁰ Em tétum, significa “governar-se a si mesmo”. Expressão lida e referenciada a partir do capítulo de autoria de Teresa Cunha “karau timor inan ferik. O fado ou a fúria da búfala velha?” que integra o livro organizado por Kelly Silva e Lúcio Sousa intitulado *Ita maun alin... O livro do irmão mais novo – afinidades antropológicas em torno de Timor-Leste* (2011).

¹¹¹ Referência à dedicatória de Teresa Cunha do trabalho de doutorado *Para além de um Índico de desesperos e revoltas. Uma análise feminista pós-colonial das estratégias de autoridade de poder das mulheres de Moçambique e Timor-Leste* (2010), pela Universidade de Coimbra, CES.

autoridade de poder das mulheres de Moçambique e Timor-Leste (2010), orientado por Boaventura de Sousa Santos e co-orientado por Paula Meneses, alicerça ainda mais sua relação com Timor, já empreendida com duas obras importantes, que são *Timor Leste: Crónica da Observação da Coragem* (2002) e *Sete Mulheres de Timor Feto Timor Nain Hitu* (2006).

O arcabouço teórico proposto por Cunha sedimenta seu ativismo dentro de organizações das mais diversas, que se ordenados, primeiro este e depois a necessidade daquele. A conduta como uma intelectual que se posiciona, mensura os silêncios e abarca como minoria as minorias das vendedeiras moçambicanas ou então das guerrilheiras timorenses pode ser resumido a partir da anedota africana utilizada para intitular um dos capítulos de sua tese, porque em verdade, a Leoa é ela: “A Leoa murmurou e ninguém a ouviu. A Leoa rugiu e ninguém a ouviu. Então ela decidiu falar, fazer e desfazer as colunas do império”. Desta forma, propõe uma sociologia feminista frente a qualquer *pensamento abissal*¹¹² para no lugar disso forçar as co-racionalidades e as co-presenças, porque entendeu a ausência de abordagens que avultem muito mais a invisibilidade que a vitimização das mulheres, principalmente, se estas mulheres pertenceram ao âmbito das ex-colônias portuguesas.

A distonia entre o oriente imaginado que o colonialismo português ensejou e o descortinamento de que as mulheres, ou como Cunha se refere *de outros dos outros*, superaram a sombra de figurantes de um processo longo de dominação para angariarem alternativas para a emancipação de si e não somente de seus lugares de pertença. Antes da teorização-analítica proposta na tese de Cunha, a característica da incomensurabilidade da vivência pode ser percebida em sua primeira obra de contato com Timor-Leste, *Timor Leste: Crónica da Observação da Coragem*. Nela, fez-se cronista do real, isto é, esteve e encontrou formato de comunicação para o poder de sua presença ser o impacto para a engrenagem da autodestruição da Humanidade (a partir de muitos mecanismos de perversidade) receber sua reflexão e indignação.

O testemunho de Teresa Amal em *Crónica* muito explica as escolhas para uma trajetória de encontro às histórias de vidas das mulheres e do estreitamento com Timor. O princípio desta relação se dá na atuação de Teresa como Observadora para a Consulta Popular aos timorenses. Tal jornada em território se lê a partir do dia 12 de agosto de 1999, porque começa o curso datado do diário de bordo de Amal, com movimentação iniciada na capital

¹¹² Referente ao trabalho de Boaventura de Sousa Santos.

Díli, depois descentralizada, pois percorre Dare, Baucau, Taci Tolo, Lore e Lospalos, onde a colocação de seu grupo se estabeleceu. No registro, as impressões quanto à imersão a um Timor profundamente alterado pela ordem enraizada pelo invasor – ambiente repleto de *bapak*¹¹³. Dispersa pela novidade que significa a ilha, depois de ver pela primeira vez o monte Mate Bian, não deixou de observar a constância das buganvílias¹¹⁴ na paisagem e nelas enxergar de ali em diante Timor-Leste, era como se por associação surgisse um símbolo íntimo de vinculação e representatividade:

Já me tinha maravilhado com as buganvílias em Díli. Ali são árvores e em muitos casos têm flores de várias cores. Para além disso, as buganvílias albergam na sua sombra as escolas, as pessoas que esperam. As buganvílias em Díli são como que uma mancha de cores contra aquele cinza de chumbo que tantas vezes invade o céu. As buganvílias rubras, amarelas e brancas, vi tantas, são também para mim celebrações permanentes, marcas do terror de morrer de mãos dadas à ditadura. Como há muitas e às vezes quase só se vêem buganvílias, elas servem para honrar os mortos, em casa ou na rua se ali se morreu ou ainda no cemitério. São as *flores amargas* do sofrimento radical da morte que não é naturalmente esperada. (...) É que Timor-Leste, para mim, tem a cor destas buganvílias. Simples, fortes, alegres. Pode-se sempre contar com elas, com as flores das buganvílias. (...) As buganvílias são uma flor simples, singela; assim é o carácter desta gente que mantém a simplicidade mais digna que alguma vez me foi dado sentir e ver. São flores que crescem numa espécie de cachos; umas suportam as outras, e juntas fazem a sua beleza. É uma bela metáfora da fortaleza dos Timores. Fazem-se fortes na fraqueza de cada uma e cada uma. (AMAL, 2002, p.31)

A função e a rotina de Observadora passaram a ocupá-la a partir do dia 16 de agosto e a escuta uma jornada um tanto solitária, uma vez que não podiam intervir pessoalmente de nenhuma forma, mas acompanhar as inúmeras reuniões (e eventos, inclusive de inconciliações) para que a Consulta Popular ao povo timorense se constituísse das principais reivindicações dos agentes políticos. No entanto, as janelas de experimentação da observação do povo timorense é o que impulsionaram a palavra ao poético, como também foram indicando o que lhe afetava no concernente às problemáticas sociais.

Várias são as passagens que se fixa em disjuntar do arranjo mais geral de acontecimentos e penetração contextual a oportunidade de espreitar o *modus operandi* das mulheres timorenses. Em *Crónica*, Teresa Amal já havia despertado para um olhar provocador, cujo diagnóstico poderia ser o de “um profundo sentido de incompletude”¹¹⁵,

¹¹³ Termo da língua indonésia ou *bahasa* indonésio que significa “papai”, mas usado de maneira pejorativa para se referir aos policiais.

¹¹⁴ Popularmente conhecida como “Primavera”.

¹¹⁵ Referência a Boaventura de Sousa Santos em *Epistemologias do Sul*.

alargado para não “ambicionar a completude”¹¹⁶, sua postura reativa funcionaria, portanto, como o princípio do “*encontrão* abissal”¹¹⁷ aventado por ela anos depois. Por isso, fez-se o prenúncio da via de passagem que se tornaria, semente já germinada no registro do outro e de si mesma: “(...) nunca fiquei convencida que as mulheres, guerrilheiras, exiladas, jovens e velhas, mães, esposas, filhas, não tivessem nada ou tão pouco a dizer sobre elas, sobre a Luta e sobre a Liberdade” (AMAL, 2002, p.48).

A intensidade da experimentação de ouvir a senhora Laikara no comício local a fez rememorar a contrapartida ativista de uma timorense nas Jornadas da Universidade do Porto por Timor Leste, em julho de 1997. O pedido de Armandina Gusmão para discursar no Porto, cuja estada era clandestina, foi o gesto de entrada concernente a toda a plausibilidade analítica da situação de Timor e das mulheres que apresentou, tanto que o silêncio se manifestou e as lágrimas foram a resposta de sua audiência.

A soltura das palavras de Amal é uma atitude corajosa e que contrasta com as muitas formas de restrição de direitos e liberdades civis estrategicamente afirmadas em Timor-Leste. Apesar de o comprometimento estar fundado na resolução política acontecer e confirmar o desejo de soberania dos timorenses, não se desvia de enumerar as vicissitudes que sufocavam a operacionalização da vida cotidiana dos timorenses:

Em Timor Leste, a ocupação indonésia não matou apenas directa ou indirectamente as pessoas de forma cruel e sistemática. A Indonésia, conhecendo bem como se praticam os genocídios, empobreceu sistematicamente as pessoas e as terras. A pilhagem feita às florestas de sândalos não extingue apenas as árvores: acelera a erosão, abre clareiras onde nenhuma criatura se pode abrigar ou esconder, rompe com os sistemas ecológicos e a médio e longo prazo reduz o que foi uma enorme riqueza à condição de uma pobreza irreversível.

O sândalo é apenas um exemplo. Em Timor Leste, os recursos básicos numa sociedade de hoje ou não existem ou são escassos e estão sujeitos à corrupção de quem os vende ou disponibiliza. Por isso, um furo no pneu, uma pequena avaria num motor pode ser a imobilização total do único meio de transporte disponível por um tempo longo e difícil de contabilizar. Assim se criam bloqueios infinitos e diários à movimentação das pessoas. (AMAL, 2002, p.51)

Cada vez mais perto o dia do mais esperado evento acontecer, o dia 27 de agosto foi o último dia para os comícios da CNRT e da UNIF/BRTT se realizarem e talvez a última noite dormida de Teresa Amal até 5 de setembro, quando de sua partida. Na complexidade e impaciência de tantos danos e perdas causadas pela polícia indonésia e milícias, o timorense

¹¹⁶ Idem.

¹¹⁷ Expressão utilizada por Teresa Cunha para recobrar Boaventura de Sousa Santos.

Sr. Camilo, personagem real, o *mata dalan* do grupo de observadores, apresentava o seu poço-temperamento agitado e transbordante como nunca havia se mostrado, tanto que expressou na resposta-síntese “Palerma!”¹¹⁸ as condições contraditórias (bandeira dos *bapak* em frente da casa e apoio secreto ao CNRT) assumidas para manter em segurança a família. As milícias eram fontes de intimidações e violência à população, daí a necessidade de apoio internacional para a verificação da segurança e presença de votantes no dia 30 de agosto, de maneira a garantir que se manifestassem livremente.

Teresa Amal protagonizou, no fatídico dia 27 de agosto, o perigo de possível curta vida em Lospalos, quando em reunião da UNAMET, tiros incessantes preenchiam o silêncio da aldeia e que os fez ir para o chão, sem saber se chegariam a atingi-los. Do mercado velho até a sede da CNRT (Comitê Nacional de Resistência Timorense), o caminho foi aberto à catanada e depois à bala, além das vítimas que se encontravam na rota da morte, o alvo-mor era o *liurai* Sr. Veríssimo Quintas Monteiro. Diante do impedimento de se pronunciar apoiante da independência e da consequente mancha de sangue não contabilizada envolver a pressão pela anexação à Indonésia, Amal aponta o plano de que sua narrativa alia-se a um sentido de memória retida: “(...) quero simplesmente honrar os mortos daquela noite de 27 de Agosto de 1999 e prestar-lhes a minha sentida homenagem” (AMAL, 2002, p.118).

O revide à perda do *liurai* era algo a ser contido, já que uma onda de violência poderia ser argumento suficiente e talvez planejado pela inteligência indonésia para o cancelamento do referendo. Grande enredo se fez pela iniciativa e intermediação de Amal no contato do Comandante (Xanana Gusmão) e seu povo de Lospalos e Lautém para conter a desenfreada vingança, bem como insistir na Consulta Popular como meio de libertá-los, de forma legítima, do poder opressivo do invasor. Acrescenta-se à situação extremamente tensa, a procura de Amal pelo Padre Manuel por saber ter contato direto com Xanana Gusmão e por ser o protetor da testemunha ocular do assassinato do *liurai*. Assim, na pessoa do padre, encontraria os recursos para a devida investigação e, ao mesmo tempo, acesso ao único que poderia sensibilizar a população para não contra-atacar.

Esteve presente e ouviu todo o depoimento sobre o ataque à sede da CNRT e apresentou ao Padre Manuel a necessidade de mobilização do líder da luta pela libertação nacional falar a seu povo. Por sua vez, no retorno à sede da UNAMET, mais propriamente no

¹¹⁸ O Sr. Camilo se referiu ao filho de quase três anos o chamando de “palerma” (em fataluco seria *nanana*), Teresa Amal estranhou tal tratamento. No entanto, reproduziu o seguinte diálogo entre eles que elucida a forma de tratamento do pai: “- Ontem à noite depois de jantarmos o meu filho perguntou-me: - Pai, tu não és do CNRT? – Sou filho. E as bandeiras que temos à porta não são dos *bapak* indonésios? – São, Carmo, porquê? – Porque pai, se tu és do CNRT porque é que estas bandeiras à porta? Podíamos tirá-las e a avó podia queimá-las ali. – Palerma!” (AMAL, 2002, p.108)

quintal de onde estavam alojados, a cena do pagamento aos autores da chacina foi presenciada por Amal, a polícia indonésia distribuía sacas de cinquenta quilos de arroz a eles, sem qualquer preocupação em esconder o mando. O dia 30 de agosto chegou e de maneira geral a votação conseguiu ser efetivada, no entanto, os dias de espera da contagem dos votos foram marcados por incidentes junto aos timorenses, principalmente, quando o corpo opressivo indonésio captou a decisão do resultado antes mesmo da divulgação.

Teresa Amal vai do entusiasmo pela oficialização do país ao sentimento de vergonha e impotência por ir embora e deixar para trás a população sem proteção contra os “boinas vermelhas”, completamente possuídos pela insanidade da clara rejeição. A declaração mais dolorosa de Amal parte da cena de timorenses suplicando por ajuda enquanto o carro leva o seu grupo para o aeroporto de Comoro:

- As dezenas de timores que se agarravam aos nossos jipes quando estes arrancaram, gritando e caindo à medida que os carros ganharam velocidade, os mesmos que nos alimentaram, nos conduziram, nos ensinaram e nos deixaram entras nas suas vidas, gritando e pedindo que não os deixássemos **mais uma vez** para trás, à mercê da morte e da ignomínia. (AMAL, 2002, p.177)

Diante disso, Teresa Cunha, sendo Amal, é uma figura que integra a História de Timor-Leste (talvez se torne personagem do último romance de Joana Ruas) no momento crucial dos encaminhamentos para a escuta do povo timorense. E ainda, denuncia a negligência da comunidade internacional em não possuir planejamento para ser bloqueio, muro e fortaleza para a preservação de vidas, claramente em risco, ostensivamente expostas à barbárie e indubitavelmente valiosas.

Verdadeiramente, o qualitativo “coragem” remetido aos timorenses no título do livro pode ser facilmente endereçado a ela, Cunha ou Amal ou ainda simplesmente Teresa. Com mostras e provas de uma força motriz lhe imperar, um outro projeto liga-a a Timor, ou melhor, às mulheres timorenses. O projeto *Sete Mulheres de Timor Feto Timor Nain Hitu* se dispõe a ser o “estilhaçar de silêncios”, uma via de passagem de vozes de mulheres timorenses que narram sob a perspectiva de *Ukun rasik a'an*, de impulsionar e reconciliar junto à História de Timor-Leste um lugar para o reconhecimento da ação, dos acontecimentos e sofrimentos que compõem a memória pessoal e que devem ser inseridas à memória coletiva, tão reduzida às figuras dos guerrilheiros da Resistência Timorense.

Sete Mulheres é uma obra construída por mulheres que não admitiram haver apenas uma só História de Timor-Leste a ser contada, na verdade superaram a inexistência de escuta,

por isso, Amal esclarece que “Deliberadamente percorremos e transgredimos as fronteiras vigiadas da *história oficial* usando nessa transgressão as nossas *línguas faladas em português* para tornar acessível, o que até agora tem sido ignorado: o acto duplamente colonial de fixar as mulheres num silenciamento que as transforma em ausências” (AMAL, 2006, p.21). Sem deixar de apontar as condições de escrita e a língua de-limitada para a expressão das timorenses, há a preocupação em validar as vozes pelo itinerante entrecruzado com a própria mulher-intelectual-militante que habita Amal:

Elas, as autoras desta obra, escolheram as palavras com as quais, numa *língua portuguesa*, podiam explicar melhor os factos, as suas ideias e as suas emoções. Em conjunto criámos outras palavras que não existiam para dizer certas coisas. Mas para estas mulheres a minha *língua portuguesa* é uma língua estrangeira. Ter consciência disso foi determinante para compreender o que está em causa ao lidar e ao colocar em interacção universos conceptuais e heranças históricas sócio-simbólicas muito diferentes, como os da língua portuguesa de Portugal, os do *bahasa indonesia* e os do tetun. Foi com essa atenção que se teceu uma aprendizagem colectiva de recriação de um *outro* universo linguístico de língua portuguesa que permite um diálogo rico e complexo mas que preserva as nossas diferenças. (AMAL, 2006, p.21-22).

O entrave da hierarquia dos sujeitos da história implica na visibilidade de agentes iconizados, normalmente homens, em detrimento do improvável protagonismo das mulheres, porque invisíveis na paisagem humana. O empenho para a co-presença ser operado por homens e mulheres é oferecer a estas espaço para o compartilhamento de demandas e rememoração. Sede espaço de fala a Ana Maria Pessoa Pereira da Silva Pinto, que vivia na diáspora quando anteviu a necessária mobilização para a luta indireta pela proteção ao povo e soberania de Timor, e com isso, evitar os póstumos duros anos de massacre. No entanto, foi desacreditada:

No dia 7 de Dezembro de 1975 ocorreu a invasão indonésia em grande escala ao nosso país. Em Portugal, tínhamos contacto com Timor-Leste e sabíamos da existência de incidentes na fronteira desde há alguns meses, envolvendo infiltrações de tropas indonésias no país e a tomada de algumas localidades fronteiriças. A nossa missão, em Portugal, consistia em tentar tornar pública a situação junto dos jornais e dos partidos políticos, no intuito de obter alguma ajuda, algo em que nunca tivemos grande sucesso. Todas as portas se fecharam, ninguém queria ouvir falar dos ataques na fronteira e muito menos da invasão eminente pela Indonésia, uma vez que a versão oficial recusava a ocorrência das incursões. Cá para fora passava a versão de que tudo não passava de escaramuças entre as tropas do Movimento Anti-comunista, uma coligação formada entre dois partidos timorenses, e a FRETILIN. Todos os dias percorríamos a cidade de Lisboa e batíamos às portas de todos os partidos políticos, de esquerda, de direita e de centro, mas ninguém nos quis ouvir. (AMAL, 2006, p.32)

Na teia de vozes, Maria Hermínia Martins de Santos Bessa aponta a manipulação das ações dentro da política e a afetação de seu desterro ser ocasionada pela perseguição da FRETILIN no episódio do golpe da UDT. Até então, pouco se falou das condutas repressivas daquela e suas consequências, uma vez que majoritariamente, ocupam o lugar de fala e se retroalimentam de heroísmo:

A FRETILIN iniciou uma perseguição cerrada sobre nós e vimos como única hipótese de fuga, o refúgio no outro lado da fronteira, onde ficámos durante um ano. Na altura, não calculávamos a dimensão daquela realidade e acreditávamos poder regressar a casa em breve. Mas a situação em vez de retornar à paz, agravou-se com a invasão da Indonésia. Como opositores da integração do nosso país na Indonésia, esperámos sempre que surgisse uma oportunidade para regressar a um Timor independente, mas, em 1976, após o cativeiro na Indonésia, fugimos para Portugal, tendo só voltado à nossa terra 26 anos mais tarde. (AMAL, 2006, p.80)

A ponderação de Maria Hermínia a permite analisar com lucidez a herança do último invasor, que é a problemática da naturalização da violência como meio de enfrentamento das divergências sociais: “Uma das realidades deixada pelos indonésios em Timor foi a violência. Uma violência que começa por qualquer pequena divergência que surja nas ruas, em casa ou entre vizinhos. Se antes todos respeitavam os bens uns dos outros, hoje o furto e o vandalismo são algo que começa a ser muito usual” (AMAL, 2006, p.83-84).

Já a história de vida de Maria Domingas Fernandes Alves passa pela captura, soltura e prestadora de serviços dos ocupantes. No entanto, para além de suas atribuições como tesoureira, exercia ali um papel de espiã, de radar de informações para alimentar a Rede Clandestina. Mãe de seis filhos, viu sua quinta filha morrer por um dos mecanismos de extermínio fazerem do Hospital de Díli arma estratégica e silenciosa de mortes:

A nossa penúltima filha, a Celeste Vicentinha viria a morrer em 1988, vítima de uma dose excessiva de medicamentos no hospital de Díli, Tokobaru. Aliás, este passou a ser o método usado pelos indonésios para extermínio do povo timorense, quando as mulheres começaram a rejeitar o Programa de Planeamento Familiar forçado. Nesta altura, morriam por dia, em todas as clínicas, cinco a dez crianças atacadas pela cólera e com o tratamento de dose excessiva de luminal. (AMAL, 2002, p.139)

Somando-se às sete timorenses, Lúcia de Jesus aborda a temática da conquista da paz e da justiça. Em tom analítico, muito bem expõe as contradições praticadas e se ampara nos

códigos de relações e nos procedimentos forjados pela própria cultura timorense como alicerce para que se faça justiça para os criminosos da guerra. Assim, com um discurso político fundado ao retorno da ativação da autoridade local, apresenta a incoerência da oficialidade de um tribunal legitimado pela comunidade internacional, porém ilusório e imparcial. A longa citação das palavras de Lídia nos conduz a uma importante reflexão sobre a consolidação de instituições não significar a universalidade destas em termos de eficiência e garantias a todos os povos que a elas acionem:

A paz de que falo implica a esperança e é uma realidade que carece da vontade de cada um, para que seja possível esquecer o passado e os anos de violência sofridos. Mas, esta é uma conquista que não será fácil, porque cada um viveu uma situação diferente e tem hoje, uma maneira de estar e pensar muito própria. [...] a única via possível é o diálogo. Não se trata de tentar ter uma conversa, nem tão pouco de realizar julgamentos inúteis, quando na cultura timorense é dada mais importância a um conselho de velhos do que a um tribunal qualquer. Assim, faria muito mais sentido ter em conta todas essas características e colocar os Timorenses, que realmente praticaram estes crimes, perante o conselho que mais se respeita e não diante de um tribunal internacional, onde deviam estar presentes, sobretudo, os governantes dos países que apoiaram e incentivaram a invasão e anexação de Timor-Leste. Colocando-me na posição de Timorenses, que viveram as terríveis agruras de uma ocupação violenta, com tudo o que isso implica, sei que preferiria ser julgada na minha aldeia, com os meus velhos, do que estar a expor diante de razões ou as coações que sofri para agir de determinada maneira. Até porque quando as pessoas não estão dentro do conceito daquilo que foi Timor durante aqueles anos todos, não entendem.

Por isso, custa-me assistir a julgamentos na Indonésia, nos quais apenas Timorenses que tremeram durante uma ditadura inteira são condenados, ao lado de indonésios, ironicamente absolvidos, por uma comissão constituída para a proteção dos Direitos Humanos. A injustiça é gritante e a ela assiste um Governador que não foi mais que um fantoche nas mãos dos militares indonésios, hegemónicos e líderes de todas as organizações na Indonésia. Por isso, tudo se converte numa farsa quando falamos em militares indonésios que obrigaram os Timorenses a cometerem crimes, e que hoje assistem, intocáveis, à condenação dos seus reféns. (AMAL, 2006, p.118-119)

É na oportunidade de elevar a voz que lemos, também, a de Fátima Guterres, em uma espécie de rascunho do que viraria a ser a obra *Timor – Paraíso Violentado*. O roteiro da vivência de Guterres é o que se converterá em enredo para contemplar a infância, a vida social timorense, a instabilidade política, a vida na Rede Clandestina nas montanhas, a dor da viuvez, a prisão e tortura pelos soldados indonésios e o exílio em Portugal. Como figura histórica, foi importante apoio para a sobrevivência em comunidade de grupos de refugiados e para o acolhimento de mulheres a na resistência: “Eram as próprias mulheres que nos procuravam pedindo para entrar na organização porque esta, apesar de liderada pela

FRETILIN, não obrigava ninguém a seguir seus ideais e recebia os apoiantes da UDT ou da APODETI da mesma forma” (AMAL, 2006, p.60). Guterres desencava outras jornadas assumidas pelas mulheres timorenses, mas pouco sabidas: “Chegavam-nos notícias das zonas da Fronteira Sul, dizendo que em Tapó as mulheres também pegavam em armas e que eram muito afamadas” (AMAL, 2006, p.61).

A obra *Sete Mulheres* faz com que haja a capacidade das muitas temáticas e posicionamentos abordados pelas timorenses ressoarem um pouco mais longe, já que reunidas como uma força potente e qualificada para forçar a passagem. O consistente, militante e executável projeto de Teresa Cunha-Amal está vivo e em andamento. Por isso, é importante agregar às obras de Amal, o capítulo “karau timor ínan ferik. O fado ou a fúria da búfala velha?”, integrante do livro organizado por Kelly Silva e Lúcio Sousa intitulado *Ita maun alin... O livro do irmão mais novo – afinidades antropológicas em torno de Timor-Leste* (2011). Teresa Cunha aborda o episódio em que uma mulher velha é comparada a uma búfala por insistir em preservar uma postura aparentemente ilógica. Justamente pelo interesse nas narrativas de mulheres timorenses e pela percepção de que é preciso uma racionalidade distinta para entender a diversidade de sentidos da emancipação destas, diante disso, reivindica três chaves teóricas: a *sociologia de resgastes*; a *sociologia das ambiguidades* e a *sociologia de caixas de ressonância*.

A coerência entre as proposições teóricas e a atuação de Cunha como Amal convergem por completo (efetivamente faz uso de seu espaço privilegiado de fala para se silenciar e se reposicionar no lugar de escuta) e a noção do que seja a *sociologia de caixas de ressonância*, porque:

(...) pensa as formas de amplificação de cada uma das vozes e dos gritos para que nenhuma pessoa possa sentir-se desamparada; procura formas e teares simbólicos, imateriais e físicos de união, cooperação, questionamento e compaixão. O grande desafio permanece então no diálogo, no sentido mais profundo do termo, ou seja, como colocar duas ou mais racionalidades em inter-ação, a ler-se, a interpretar-se, a apaixonar-se, sem que uma ou outra se mostre interessada e ativa em impor. As caixas de ressonância precisam de hermenêuticas de responsabilidade mútua e compaixão. Compaixão não no sentido de piedade, mas no sentido de saber sentir com, ou seja, a competência humanizadora e plutilógica de não separar a investigação da ação, a mão do pensamento, a ética da vida, os princípios da existência concreta das criaturas (CUNHA, 2011, p. 273).

Por isso, as jornadas pessoais das timorenses Ana Pessoa, Fátima Guterres, Hermínia Bessa, Lúcia Jesus, Maria Domingas Alves, Olandina Caeiro e Pascoela Barreto importam e não somente para Teresa Amal. Elas são exemplos da rápida capacidade de resposta e ação no

contexto da resistência, assim como no da autodeterminação de Timor, como guerrilheiras, exiladas, presas políticas, assessoras, ministras, embaixadoras, comissárias e ativistas dos Direitos Humanos.

Teresa Cunha-Amal, fusão esta que pretende fazer convergir o projeto intelectual ao ficcional, serve de instrumento de ressonância quanto a Timor e às mulheres timorenses. Neste sentido, consegue exercer o poder de ser poder transferido, assim, não fala em nome de uma minoria ou de um povo retroalimentando o emudecimento destes, porque ocupa o próprio espaço dentro das assimetrias sociais e acadêmicas existentes, agenciando meios de privilegiar as inflexões. Talvez reúna em si e em suas obras um sentido de “missão social” praticado, pouco visto.

4.2.2 Fátima Guterres – a nossa irmã guerrilheira, (*feto Timor aten brani*)¹¹⁹

Sabendo da dedicação de Joana Ruas pela recriação do passado de Timor-Leste; Teresa Amal acrescenta a possibilidade do pronunciamento efetivo da mulher como intelectual, como ficcionista e como existência, para, então, chegarmos à timorense Fátima Guterres (uma das personagens do último romance de Ruas e uma das sete vozes da obra de Amal), no protagonismo de seu romance autobiográfico. A história de si de Guterres é tão legítima que o prefácio é também de sua autoria, preferindo trazer Xanana Gusmão (diálogo já evidenciado na *Rede*), o frade José Luís de Almeida Monteiro e o professor da Universidade do Porto António P. Barbedo de Magalhães como “Testemunhos” ao final do livro.

No prefácio, esclarece que por duas vezes teve a iniciativa de realizar apontamentos, em uma delas perdeu suas anotações e na outra foi obrigada a queimá-las. Já estando exilada em Portugal é que foi incentivada pelo professor António de Magalhães a pormenorizar toda a sua força moral na vivência cotidiana em meio à brutalidade dos soldados indonésios (além de se considerar a publicação do recorte biográfico, em 2006, na obra *Sete Mulheres de Timor*). A escolha por compartilhar detalhes dolorosos e ao mesmo tempo revivê-los no processo rememorativo tem justificativa: “Escolho a via dos ancestrais anónimos *lia na'in*. As experiências, mesmo agitadas ou perturbadoras guardadas no coração, devem ser expostas ou deixará de haver memórias delas” (GUTERRES, 2014, p.IX).

¹¹⁹ Em *tétum*, significa “as mulheres corajosas de Timor”.

Apesar da escrita autobiográfica, em primeira pessoa, relato de uma memória vivida e ficcionalizada, o título da obra *Timor – Paraíso Violentado* (2014) não se remete diretamente a isto, apenas a fotografia da jovem Guterres na capa é que oferece a pista da personagem real que poderá protagonizar a narração. As oito partes que estruturam e organizam a linha temporal dos acontecimentos nos fazem entender a motivação de um título sem referências a si, é que também há a preocupação em apresentar lugares, pessoas, canções e momentos decisivos da vida em Timor.

A narradora não se fecha em um intimismo sôfrego, por isso, é *mata dalan* dos leitores no reduto de suas relações e desafios, refletidos nas partes: “Uma infância feliz”; “Vida social timorense antes da invasão”; “Os vertiginosos anos de 1974 e 1975: da Revolução de Abril à Proclamação da Independência”; “A invasão indonésia”; “Na Resistência”; “Prisão e Tortura”; “Reencontro com a família e vida na cidade de Díli ocupada” e “Vinda para Portugal”.

Antes do período dos soldados de Suharto tomarem Timor, a narrativa efunde-se a um passado feliz, remetido à infância e às ocupações de criança, como os dias de estudo e internação no Colégio Óscar Ruas (somente para meninas), onde o retrato do governador Celestino da Silva tinha espaço na parede da entrada da instituição, e que era gerido pelas madres canossianas. Muitos elementos culturais são naturalmente abordados, como a aquisição da língua portuguesa e a punição como política de afirmação linguística nas escolas: “Quem estivesse distraída durante as aulas, ou fosse apanhada a falar o tétum – que era proibido, como maneira de aprender o português, visto que a maioria das alunas quase não entendia nada – era castigada de diversas formas” (GUTERRES, 2014, p.4). Assim como o pai de Luís Cardoso, o de Guterres também era enfermeiro e oferecia tratamento aos doentes, era muito conhecido por todos e participante ativo da vida social timorense:

O meu pai tinha vários amigos timorenses, chineses e portugueses. Aos domingos reuniam-se todos em nossa casa para conversar, escutar o relato de futebol da rádio, pelo locutor senhor Jaime Neves, ou ouvir os discos das músicas portuguesas, brasileiras, inglesas e as mornas de Cabo Verde, que o meu pai encomendava da Metrópole, Quando esses amigos vinham com a família, depois do jantar punham-se todos a dançar e só regressavam pela madrugada. (GUTERRES, 2014, p.20-21)

A memória de Fátima sobre o período em que era criança está preenchida pelas conversas com os pais e parentes que aludem a eventos históricos dissociados de sua vivência, como a invasão japonesa. A rica prática da oralidade entre familiares a fez saber da origem do sobrenome “Guterres”, para isto, acrescenta-se uma verdadeira e minuciosa crônica da

genealogia, porque se trata da maneira de se permanecer existindo no não esquecimento. Muitas páginas recompõem os revoltosos timorenses contra os governadores portugueses e outros reinos, bem como as alianças e rompimentos, mas a explicação tem como ponto de partida a prisão do régulo de Venilale, chamado Boru Uti Kai, que cumpriu pena em Goa, regressando batizado com o nome Cristóvão Guterres.

Algumas personagens de suas lembranças contam histórias em tétum e tal subterfúgio é usado para transcrever a expressividade dos timorenses como coletividade. Isto ocorre na passagem que se dedica à vida em Ermera, terra do café, e à novidade da chegada da filha do *liurai* Félix Barreto. A jovem Pascoela Barreto (uma das sete timorenses de Amal) estava retornando de Portugal por ter concluído os estudos para se tornar professora, a voz do povo (como um coro) a anuncia com entusiasmo, retomando as qualificações do pai: “-*Liurai Bazartete, liurai Lauhata, nia oan feto...nanan Pascoela Barreto...liurai Félix Barreto, bia oan feto, ba iskola iha tasi balun, hasai kurso hanorin ema... foin to’o husi ne’e bá...Kala ulun mamar, ne’e maka iskola hotu lalais*¹²⁰...” (GUTERRES, 2014, p. 65).

Sobre a vida em Ermera e a povoada casa de seus pais, surge a figura de Artur Maria do Nascimento, um rapaz que junto do tio de Fátima e mais cinco integrantes fazia parte da banda “Blue Star”. Para além disso, estava cumprindo o serviço militar temporariamente nesta região, o que foi motivo para as visitas à família do popular enfermeiro. O enlace que se seguiria é contado pela própria Guterres, que foi pega surpreendida com a declaração e o pedido de namoro de Artur:

Servi-lhe um café, como de costume. Sem cerimónias, todo sorridente, convidou-me para passear, pois queria falar comigo a sós. (...) Embora tivesse alguma vergonha de andar de mota com alguém de pele mais clara, (...) não recusei. (...) Pelo caminho íamos em silêncio. Parámos junto a uma nascente, o chão estava cheio de musgo, rodeado de *kabura* e cafeeiros. O sítio era muito romântico, cheio de calma, o vento soprava um ar puro e de vez em quando sentíamos o perfume da natureza. Fui-me sentar num das pedras e ele aproximou-se de mim, segurou num das minhas mãos carinhosamente, sentou-se também a meu lado e, com muita ternura, confessou o seu amor por mim e pediu-me em namoro. (GUTERRES, 2014, p.70-71)

Todo o caminho até a juventude foi circunscrito com as normalidades da vida, recheado por presenças amigas e por alguma liberalidade dos pais aos costumes da tradição timorense, fazendo até então da trajetória de Guterres como mulher uma rotina

¹²⁰ É a filha do *liurai* de Bazartete, *liurai* de Lauhata, chama-se Pascoela Barreto...é a filha do *liurai* Félix Barreto, foi tirar o curso de professora na Metrópole e chegou há pouco tempo de lá...deve ser mesmo inteligente, por isso é que acabou rápido.

descomplicada. Como um álbum de fotografias familiar, Fátima, ao final da primeira parte do livro, reúne imagens de si e de pessoas próximas que comprovam o seu contexto de vivência e que avultam rostos existentes.

Com longo registro de importantes cerimônias e rituais, afasta-se de si para imergir na explanação do pedido tradicional de casamento (com cantiga construída pelos tios, tias e noiva), a troca de prendas, o *hatama antra* (recepção à família do noivo na véspera do casamento), a *hamanas tenda* (arrumação para animar com decoração o espaço da festa), a *fase bikan* (uma semana depois da festa, as famílias se reúnem para repartir os gastos e as sobras), o *sobu tenda* (o desmanche da tenda da festa). Ou ainda, iniciativas colaborativas como o *tesi uma tatís* ou *uma ben* (ajuda dos vizinhos e conhecidos para a construção de uma casa), a *lia mate* (sequência de procedimentos para velar e enterrar uma pessoa), a *kore metan* (a festa do desluto com o completar de um ano do falecimento de um ente), a *fase karau ain*, (cerimônia de lavagem das patas dos búfalos, após preparação para o cultivo do arroz), a festa da *uma-lulik* (eram vários dias de festa, com oferendas, cantigas e homenagens aos antepassados).

A narradora interferiu na verdadeira aula da formalidade dos costumes timorenses, que inclusive, variam a depender do distrito de que se é, para compartilhar uma curiosa iniciativa dos familiares do lado paterno para descobrir o remonte primeiro da história de Margarida, mãe de Fátima. Para obterem resposta, levaram Margarida a *uma lulik* para que os antepassados pudessem se manifestar:

Um dia, alguns familiares do meu pai, tendo curiosidade de saber qual era a origem da minha mãe, se descendia de família real, do povo ou de *atan*¹²¹, fingiram ir buscá-la para um passeio e levaram-na para a *uma-lulik* de Liaholi, pertencente aos meus antepassados paternos. Caso fosse descendente dos *atan*, viria uma ventania forte que a levaria para fora da *uma-lulik*. Como nada aconteceu, ela foi bem aceite. (GUTERRES, 2014, p.109).

Encerra o desfecho de vida feliz, conjugada à densidade cultural de seu povo, mas com a ressalva da expectativa social geral sobre o papel da mulher timorense. Explicitamente, aponta o lugar inferiorizado ao homem e restrições quando se é casada: “As suas ocupações eram arrumar a casa, cuidar da cozinha, do marido e dos filhos. Ainda solteira, poderia trabalhar fora de casa; quando já casada era aconselhada a largar o emprego” (GUTERRES, 2014, p.109-110).

¹²¹ Em tétum, a tradução seria “escravos”.

“Os vertiginosos anos de 1974 e 1975” chegaram e as forças nacionalistas e anticolonialistas reunidas em partidos políticos movimentavam-se a partir dos ares vindouros da Revolução dos Cravos. Na passeata organizada pela FRETILIN para o dia do trabalhador de 1975, algo de conservador afeta diretamente Guterres e lhe adianta tempos de radicalismo – simpatizantes da UDT, que eram seus colegas de escola, abordaram-na repreensivos: “- A manifestação é só para homens e não para as raparigas” (GUTERRES, 2014, p. 114). Guterres passa a segmentar o tempo em dias, a datação transforma a narrativa em uma espécie de diário sobre os acontecimentos envolvendo o golpe da UDT (e desdobramentos) que a atingiram, bem como a familiares e ao noivo Artur, com início no dia 08 de agosto e prosseguindo até 07 de setembro para depois saltar para a proclamação da independência de Timor em 27 de novembro de 1975.

A primeira fuga de Fátima foi necessária por seu nome (além do de Artur) pertencer à lista de caçados por ser associada à FRETILIN, uma vez que a eliminação e a prisão dos discordantes consistiam em um projeto arquitetado para a ascensão e a manutenção do poder pela UDT. Os montes eram usados para observar a situação principalmente da capital Díli, totalmente tomada pela vigilância dos golpistas (embora muitos simpatizantes da UDT tenham se decepcionado com as intimidações e violência causadas à população). O contragolpe do CCF (Comitê Central da FRETILIN) teve início no dia 20 de agosto para retomar a ordem e a paz em Timor. No entanto, durante toda a noite um intenso tiroteio alterou o silêncio costumeiro da escuridão, para não voltar mais à normalidade.

Há dias refugiada nas montanhas junto de amigos e familiares, Guterres ia coletando informações sobre a ofensiva da FRETILIN resultar no recuo da UDT, inclusive conseguiu saber sobre o paradeiro do Governador Lemos Pires e demais membros da representação portuguesa. Estes decidiram se transferir para a ilha de Ataúro, uma vez que as tentativas de acordo entre as forças políticas timorenses falharam. Somente no dia 07 de setembro pôde voltar para a casa para contar os buracos de balas nas paredes e também para saber que seu pai e dois irmãos fugiram para o lado indonésio da ilha. A dispersão e os danos já impactavam o enredo da vida pacata e linear esperada para uma jovem de Ermera.

A fragmentação do relato de si e de si em relação aos fatos é uma escolha para o recorte das ocorrências nas quais participou até o momento como espectadora. Neste compasso, remete-se ao dia 28 de novembro de 1975, em que Francisco Xavier do Amaral proclamou unilateralmente a independência de Timor-Leste que passou a ser a República Democrática de Timor-Leste, prontamente reconhecida por vários Estados africanos e

asiáticos. Por compensação, informa-nos da negligência da administração portuguesa quanto às investidas de Suharto em desprestigiar o limite das fronteiras:

O Povo Timorense, orientado pela FRETILIN, travava uma luta de resistência contra os ataques das tropas indonésias na zona fronteiriça. Durante todo este período, o Governo Português, como autoridade suprema administrativa, reconhecida pela FRETILIN, nunca tomou qualquer iniciativa para impedir as ações expansionistas da Indonésia. Pelo contrário, infelizmente. Lisboa procurou sempre, na sua boa-fé, não contrariar Jacarta, enquanto os timorenses sofriam o início da guerra criminosa desencadeada pela Indonésia. (GUTERRES, 2014, p.135)

Adianta-se o tempo e já se encontra no dia 06 de dezembro sob a tensão das muitas notícias de bombardeamentos feitos por barcos de guerra da Indonésia atingirem a área de Maubara. E no fatídico dia 07 de dezembro os paraquedistas tomavam o céu e Fátima, sua mãe e Artur já se colocavam em fuga. Cautelosamente, decidiram passar no Hospital para angariar remédios, neste momento, o corpo do sargento Fernando do Carmo Araújo estava sendo transportado, foi morto porque tentava salvar o repórter australiano Roger East. O pouco de vida garantida por Araújo a East foi o suficiente para enviar a notícia da invasão para a Australian Associated Press e a Reuters, para, em seguida, o jornalista ser capturado e assassinado no cais junto de centenas de timorenses.

Errantes e se adentrando para o interior; de Aileu peregrinaram de carro se antecedendo ao ritmo das explosões de bombas, com a lama impedindo o transporte que possuíam, seguiram a pé, depois de carona para Maubisse e para Same e para onde não houvesse infiltração indonésia. Precisavam sempre prosseguir para outro lugar conforme o avanço inimigo, já pertenciam a um grupo numeroso de transeuntes a cumprir a travessia, inclusive o próprio Nicolau Lobato e a agora nômade *Rádio Maubere*. A partir de 1976 esta rádio ficou sob a responsabilidade de Artur e mais dois outros colegas, as FALINTIL estavam organizadas para mapear as ações dos soldados de Suharto e também para a proteção da população.

A geografia da guerra imperou no sentido dos deslocamentos das partes adversárias não se cruzarem, além do tempo correr (ou se suspender?) em dias, meses, sem referência precisa. Em *Ué Tenente*, a diversidade de mosquitos e doenças adicionou mais um obstáculo à população, a própria Fátima sofreu por um ano com o paludismo (malária). Em sequência, Artur assumiu posto importante na estruturação das operações em Taun Fuik, e a vida ia se estruturando para a sobrevivência, porque todos contribuíam plantando e caçando para a subsistência dos desterrados e também dos guerrilheiros. Juntavam recursos humanos e

materiais que dispunham para fabricar armas, utensílios e remédios. Entretanto, a palavra-chave para o empreendimento da resistência utilizado por Guterres e exigido para todos era *disciplina*. O apontamento sobre a deslealdade de Xavier do Amaral começava a sugerir tempos ainda mais difíceis, isto é, originou um período muito duro na luta do povo timorense, que reforçou a ofensiva indonésia.

Ainda que com as dificuldades óbvias de estar em guerra e não se estabelecer em lugar certo, houve o desejo e a iniciativa pela criação da OPMT (Organização Popular da Mulher de Timor) e o festejo para celebrar o Dia Internacional da Mulher, com um comício, intervenções, danças e batuques. As pequenas redes de identificação como a OPMT tinham espaço e fundavam demandas a serem levadas para a consolidação de Timor como país.

Em 1978, um importante evento é lembrado, a última Conferência Nacional, em que uma equipe estratégica mista (de homens e mulheres) reuniu informações, orientações e novas formas de se estruturarem e permanecerem unidos sob uma mesma causa (forçando o desenvolvimento da população, como a campanha de alfabetização a partir do método Paulo Freire). O cerco e o aniquilamento fizeram com que Fátima e demais timorenses abandonassem algum conforto e organização que possuíam para virarem pessoas errantes pela natureza. É este contraste da novidade das belezas naturais e do poder bélico do inimigo que se acompanha na insistência dos olhos da voz de Guterres:

Era a infinita poesia da natureza: os riachos fogosos desciam a montanha com o estrondo forte das coisas a quebrar-se, sentia-se um cheiro intenso da terra molhada e amolecida, de mistura com outros, preponderantemente selvagens.

Entretanto, as grossas colunas de tropas indonésias continuavam a avançar em nossa perseguição, acompanhados pelo rugir das bazucas e morteiros que abriam fogo sem duração, cortando o ar tórrido e indo rebentar nos lugares que lhes despertavam suspeitas, levantando negros repuxos de terra e fumo, recheados de estilhaços, e deixando, entre o matagal, o solo esburacado pelas crateras de bombas. (GUTERRES, 2014, p. 253).

O *modus operandi* para o refúgio dos grupos de timorenses acontecer nas montanhas era respaldado e de responsabilidade de Adjuntos do Comissariado. Embora o cerco estivesse se fechando literalmente pelo empenho das tropas indonésias, com o intuito de concentrar a população em regiões de maneira a mais facilmente aniquilá-la, a Rede Clandestina de comunicação muito bem monitorava os passos do invasor. A intensidade dos ataques acabou por não contribuir para a melhora de Artur (*budo* – nome de guerrilheiro) e do Vice-

Presidente *Mau Lear*, que assolados pela malária, eram carregados por Fátima e sua mãe para nunca pararem.

Com o enfraquecimento das FALINTIL, desaparecimento de pessoas importantes da frente timorense e guerrilheiros doentes, finalmente, no dia 3 de fevereiro de 1979, depois de mais de quatro anos de resistência nas montanhas, chegaram até Fátima e Artur. Os destinos deles naquele momento sombrio seriam diferentes, a morte em luta para Artur e a vida como prisioneira para Fátima:

Com os olhos cheios de lágrimas, o Artur olhou-me bem nos olhos e sorriu-me cheio de tristeza. Entendi que não teve coragem [de matá-la e nem a si mesmo como o combinado]. Abraçamo-nos e beijou-me. Era a nossa despedida. Continuou a lutar, sempre com o meu apoio. As balas choviam e rangiam aos nossos ouvidos.

De repente caiu, arrastando-me também. Pensei que fosse para rastejarmos por causa das balas. Deitei-me ao seu lado. O Artur gemeu. Levantei a cabeça. Junto de mim estava o seu cérebro. Não quis acreditar naquilo que via. Num instante, percebi que ele fora atingido, mas, apesar de tudo, ainda o chamei e das três vezes me respondeu. O meu coração, a minha alma e todo o meu ser foram atravessados ao mesmo tempo por uma dor que não conseguia exprimir. (GUTERRES, 2014, p.326)

Encontrou no acampamento dos soldados indonésios muitos timorenses conhecidos que estavam ao lado destes, o que a indignou imensamente. No Comando, muito interrogatórios regados a chutes, murros e coronhadas tentavam extrair informações de Guterres. Para além disso, fora vítima dos abusos sexuais dos militares, porque a intenção era redimensionar a estima de Fátima como mulher:

Houve momentos em que sentia vergonha de mim mesma, recordando que já fora uma mulher bonita de alma e coração, adorada, apreciada, elogiada, pura e sã, que corria pelos campos e montes como se fosse um anjo, e que, agora, os soldados indonésios, em colaboração com os que neles acreditavam, me tinham transformado em objeto que passava de mão em mão, vulgar e de baixo nível, destruindo tudo o que era bonito em mim. (GUTERRES, 2014, p. 334)

Percebe-se no relato da ficcionalização das memórias de Guterres o elemento primordial que nos possibilita falar em testemunho: a testemunha. Com isso, a narrativa se orienta pela ótica daquilo que lhe falta, daquilo que, essencialmente, não viveu até o fim (por não ter morrido como todas as outras testemunhas “reais”). A voz de enunciação na literatura de testemunho não se quer individual, subjetiva, egocêntrica, voltada apenas para si mesma, mas representa um grupo, uma comunidade, uma maioria excluída, calada, traumatizada,

morta. O comprometimento dos sobreviventes, que seriam uma espécie de porta-vozes de um coletivo, em relação ao grupo, é um lugar assumido por esses sujeitos, porque “O que importa aqui é a verdade do sujeito testemunhal compreendido como sujeito coletivo” (PENNA, 2003, p. 308).

A História passa também a ser (re)escrita através dos olhares provindos das testemunhas sobre o vivido, como forma de ressurgir portadora de uma missão de combate ao silenciamento. Assim, Fátima Guterres é o que sobra desse processo de transformação do homem em não-homem, cabe a ela a função de falar em nome dos não-homens (vitimados). Neste sentido, testemunha-se porque, para alguns, é impossível não fazê-lo, por compromisso com o passado e, sobretudo, com o presente e o futuro ou ainda para dar tûmulo aos mortos, nome aos desconhecidos e voz aos que não têm mais.

O exercício da escrita testemunhal muitas vezes não é prestigiado no campo mais geral da literatura, porque mantêm as fronteiras entre ética e estética mais fluídas. A leitura estética do passado atrelada a uma memória legítima quer manter o passado ativo no presente, assim “O problema do valor do texto, da relevância da escrita, não se insere em um campo de autonomia da arte, mas é lançado no âmbito abrangente da discussão de direitos civis, em que a escrita é vista como enunciação posicionada em um campo social marcado por conflitos, em que a imagem da alteridade pode ser constantemente colocada em questão” (GINZBURG, 2012, p. 52).

Tem-se em *Timor – Paraíso Violentado* a vazão biográfica e testemunhal de uma das possuidoras (porque sobrevivente) de parte da memória coletiva canalizada para a escrita (em que ocorre a resignificação dos acontecimentos) e para um projeto que envolve o registro de histórias tão íntimas e ao mesmo tempo preenchedoras do lacunar processo de revisão dos atos. A concretização e publicação da obra de Fátima Guterres é uma pequena vitória e efeito de uma triangulação ocorrer pela via literária entre Teresa Amal, Fátima Guterres e Joana Ruas.

Cada uma das escritoras, *feto timor*, ocupa uma posicionalidade emancipatória, autorreflexiva, de ação e de afirmação como mulheres na reunião mais geral de literatas por Timor. São agora visíveis graças às capilaridades das relações literárias encontrarem meio na Rede Literária de Timor, porque se entendida a potência rizomática do fazer literário, múltiplas resistências se manifestam e se manifestarão, porque *é preciso resistir*.

4.3 Emaranhar-se por Timor

No emaranhado de vozes por Timor, Ruy Cinatti se mostra o marco das relações literárias iniciadas de *fora* para *dentro*, desencadeou a interlocução entre escritores ao mesmo tempo que causou o efeito de ser evocado em grande parte das produções como uma espécie de meio de legitimação que os literatas adotaram para demonstrarem alguma iniciação em se tratando de Timor. Neste ensejo, acrescenta-se Xanana Gusmão como porta-voz de Timor, mensageiro do pedido de socorro para evitar o apagamento de seu povo e força potente para agenciar escritores para uma escrita emergencial. Gusmão foi e é a referencialidade quando a resposta se publica em obras que tornam, em verdade, o povo timorense como um todo herói. Se Xanana Gusmão atrai vozes para junto de Timor, Luís Cardoso perpetua consistentemente os diálogos conquistados, porque avança no contexto das literaturas de língua portuguesa cavando parcerias e visibilidade.

Na densidade de interconexões promovidas pela articulação de Cinatti, Gusmão e Cardoso na Rede Literária de Timor está Joana Ruas que significa múltiplas capilaridades, talvez a que mais avançou no terreno da subterraneidade rizomática das relações, realizou todos os ritos de entrada à complexidade de Timor (reavivou e leu poetas timorenses, recorreu a Cinatti, Sylvan, Andresen e Saramago, tornou-se especialista em Ásia, levantou e coletou um universo de dados históricos sobre Timor nos mais diversos acervos, forjou a *almamundo*) para se atrelar à *Rede*, bem como se adentrou pertencente a ela.

O homérico projeto de uma tetralogia de romances (e um livro de contos) por Timor em que Ruas é autora recupera grande parte da memória do registro da oficialidade conciliado com fontes da prática da oralidade timorense. Certamente, abre espaço para o fortalecimento de um cuidadoso memorial, inclusive se se considerar o sentido de abordar fatos e indivíduos memoráveis (historicamente falando). O ambicioso projeto (em andamento) de contemplar a História de Timor-Leste na literatura a mantém imersa e ativa para dialogar.

Ruas prestigia e de seu modo ficcionaliza o testemunho de Fátima Guterres em *Timor – Paraíso Violentado* no episódio da prisão e violentação desta. Inclinação a uma militância feminista, apontada desde os romances *Corpo Colonial* e *A Pêlle dos Séculos* com personagens em busca de emancipação, faz de Guterres a importante presença da mulher na guerrilha timorense. Com isso, dá-nos mais uma prova de sua devoção e acompanhamento das vozes que surgem por Timor, porque quer convertê-las prontamente em seu emaranhado, em sua órbita de relações literárias.

Na sintonização de causas, Teresa Amal surge como testemunha da ação do invasor e se vincula a Timor (atende ao chamado de Xanana Gusmão) no processo de decisão política em prol da independência. A militância de um discurso de paz e de promoção dos direitos humanos percorre sua observação da coragem, em que se percebe a tendência de um olhar mais endereçado para a mulher e suas alternativas emancipatórias. Amal compreende a necessidade de um projeto consciente de seu papel de escuta, de ser acesso e dar acesso às histórias de vida e ação social das mulheres timorenses.

A resolução de se silenciar (embora tenha sido a idealizadora e organizadora da obra, ou seja, estava junto delas) em detrimento da textualização de sete vozes timorenses incide na elaboração de um novo e necessário ciclo de resistência que possa responder às adversidades dos vestígios da experiência do colonialismo e da guerra. Não surpreendentemente, mostra-se, na vertente acadêmica, uma das poucas pesquisadoras (assinando como Teresa Cunha) que faz de Timor seu objeto de estudo e de apreciação.

Antes de virar personagem em Joana Ruas; Fátima Guterres, a partir da iniciativa de Amal, experimenta a perspectiva testemunhal, o transbordamento ocasionado a partir da rememoração e de certa forma ficcionalização do trauma em um curto relato. Uma das capilaridades provindas de Amal encadeou o projeto literário individualizado de Guterres (embora saibamos que a guerrilheira claramente fala em nome dos mortos e vitimados). Na *Rede*, Teresa Amal vai tecendo a própria roda de conversa, incentivando a produtividade e elevação de vozes legítimas e ao mesmo tempo ausentes do discurso oficial. Pouco a pouco, preenche a História de Timor-Leste com a diversidade das histórias, ideias e demandas das mulheres timorenses. Ruas só conseguiu alcançar Guterres, porque Amal foi a primeira escuta e a relação de intermediação.

O próprio emaranhado discursivo de Fátima Guterres se adentra para a história de si e de Timor para se expandir na representatividade de um coletivo imaginado, a que ela se projeta. Na obra autobiográfica de Guterres, observa-se o atravessamento entre testemunho e ficção, fina fronteira com que os leitores precisam lidar, aceitando que o que se quer é promover o não esquecimento. A testemunha (a pessoa, a Fátima) e o testemunho (o relato) quando alinhados em uma mesma obra forjam a capacidade de transmissão simbólica aos leitores, ou seja, conseguem ouvir (ler) a narração insuportável do sofrimento e dos atos de violência. Teresa Amal e Joana Ruas se propuseram a ser leitoras-ouvintes do trauma de Guterres e na ressignificação simbólica da subjetividade se conectarem solidárias na carga elevadamente dolorosa de sobreviver para contar.

Joana Ruas e Teresa Amal encaminham, portanto, o processo de emaranhar Fátima Guterres na interlocução mais geral da Rede Literária de Timor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A terra que bronzeou o meu rosto de Timor foi o solo de pelo menos três jornadas conflitivas marcantes que colocaram à prova a construção e a afirmação da identidade timorense. Em sua insularidade, foi chão e porto para o trânsito de povos do Oriente e do Ocidente e paragem para projeções de pontes pelo exercício da lusofonia.

A viagem e o mar encadearam a simbiose mais forte e que em síntese representa o empreendimento português da conquista e incorporação de territórios no além-mar. É também em detrimento da viagem por “mares nunca dantes navegados” o registro da construção discursiva do outro, tão outro que em si é invenção. Não foi diferente quando o outro foi justamente o timorense.

Historicamente, a ilha de Timor foi palco da colonização portuguesa com suas investidas expansionistas para a dominação do território e do que era produzido nele. As guerras de pacificação marcaram o enfrentamento e as alianças mais ou menos voluntárias dos reinos que compunham a organização social timorense, inevitavelmente, muito sangue timorense banhou o próprio solo de pertencimento.

Entretanto, Portugal indiretamente contribuiu para incentivar o espírito libertário que tentava conter, porque fazia de Timor pouso para portugueses, angolanos e moçambicanos a serviço da coroa (e depois de Salazar), mas também exilava opositores e militantes, destinando-os à ilha. Por um lado, as forçadas relações entre opressor e oprimidos promoveram o apagamento de vidas, consequentemente de etnias e línguas; por outro, propiciaram insumos para o início de uma consciência em comum entre timorenses (e luso-timorenses), um primeiro sentido de resistência.

Com a expansão ultramarina, veio também a linguística. Acrescentada ao contexto de multilinguismo de Timor, a língua portuguesa teve como maior meio difusor a Igreja Católica, com missionários, irmãs e padres detentores da gestão e ensino nos colégios portugueses espalhados pelos distritos mais longínquos. A Igreja é outra intervenção que se coloca como uma “faca de dois gumes” se se acompanhá-la na linha temporal dos acontecimentos e de uma esperada atuação humanitária. Primeiramente, assumiu o discurso de dominação, do colonizar pela vertente cristã que faria dos timorenses civilizados e reconhecidos como pessoas (ainda que os desprezando por muito tempo); depois, de contrapartida local com religiosos de toda a ordem infiltrados na Rede Clandestina da resistência timorense como parte da frente de combate à invasão indonésia.

Parece haver no ciclo histórico de Timor uma inclinação para que as relações impostas na co-existência dos diversos interesses de povos e ideologias persistentes na ilha sejam abarcadas dentro de uma intenção de resgate e de conciliação. Os portugueses (e povos das ex-colônias), a língua portuguesa e a Igreja Católica retornam pulsantes para se fazerem instrumento de libertação do povo timorense, sob uma corrente solidária em prol da intervenção da comunidade internacional e resolução favorável à autodeterminação de Timor. Neste compasso, é curioso pensar que o colonizador ocidental, a partir de seus ministros e autoridades, realizou inúmeras mobilizações para a conquista da soberania do povo timorense, sendo parte dificultante das independências nas colônias africanas.

O ensino de qualidade nos seminários e colégios frequentados por timorenses, assim como as bolsas de estudo para alcançar o ensino superior em universidades portuguesas (acesso a toda movimentação estudantil) conceberam uma elite fluente e pensante em língua portuguesa. Nos últimos anos de administração portuguesa, a geração de Nicolau Lobato, Ramos-Horta, Xanana Gusmão e de Luís Cardoso já estava à frente de partidos nacionais, da diplomacia, da resistência (guerrilha), da produção literária de Timor.

As mais de duas décadas de rompimento com o ensino formal da língua portuguesa e a implementação de políticas repressivas da Indonésia quanto às línguas locais fizeram com que o *bahasa* indonésio substituísse o lugar do Português como segunda língua para pelo menos duas gerações de jovens timorenses. Ainda que a guerrilha tenha feito da língua portuguesa o código para a comunicação da Rede Clandestina, entre 1975 e 1980 quase cem mil timorenses foram vítimas do exército de Suharto ou da consequente fome. Dizimada a população, houve a suspensão do uso do Português em Timor. Na diáspora, redes de comunicação, de endossamento da cultura timorense e de apoio à causa de libertação nacional continuaram prestigiando o Português, mas eram a exceção.

Não somente o apagamento do Português deve ser considerado como impedimento para um projeto de literatura nacional ou para um movimento mais consistente de escritores, a problemática da diversidade linguística em Timor é delicada, assim como roteirizar a produção cultural timorense em língua portuguesa e reduzi-la a isto. A sabida riqueza da literatura oral do povo timorense expressada nas mais diversas línguas distritais, com sonoridade, ritmo, formalidades estéticas e muitas vezes composição coletiva, não chega às produções literárias em língua portuguesa (talvez por não possuir aparato e manuseio afetivo, por não estar fincada em uma tradição secular e a uma estruturação lógica *sui generis*, ou ainda pelo lento processo de reinserção – ainda assim as produções farão parte de *corpora* maior). O uso ou adoção da língua portuguesa transporta o imaginário timorense para obras

que têm minimamente como público consumidor a comunidade de países com esta língua oficial. Portanto, a atual manutenção e insistência da aprendizagem dela garante a interlocução prevista nos espaços da lusofonia.

Para além do domínio da língua (ou por ser dominado por ela), havia o problema do lastro das relações entre portugueses e timorenses serem hierárquicos e de desqualificação. O dissonante posicionamento de Ruy Cinatti, porque se quis parte de Timor, fundou a vinculação afetiva mais emblemática entre portugueses e timorenses. Converteu-se poeta, tanto quanto o povo timorense é, e na expressividade de um projeto literário pautado na tradição da oralidade se tornou a referência para a incursão nas verdades culturais de Timor. Cinatti foi recorrido e acionado como “presença viva” de quase todas as vozes que se reuniram em torno de Timor, uma vez que a irmandade selada pelo pacto de sangue com um *liurai* propagou a sensibilidade para a aproximação (porque suas obras também significaram a efetuação da tradução cultural), bem como a horizontalidade de relações.

Com a divulgação das imagens das atrocidades pelas quais Suharto submeteu a população da ilha do crocodilo, estando os portugueses sob o sistema político da democracia e as ex-colônias independentes (porém em sistemas ditatoriais muito perversos), Timor-Leste estava em situação aparentemente sem solução, o que pareceu ter o efeito do absurdo. Muitas iniciativas textualizadas em prefácios, dedicatórias, epígrafes, poemas e mesmo obras passaram a sinalizar a imprevisibilidade da comunicação entre escritores da margem a que se coloca as literaturas de língua portuguesa. Tais produções literárias não estavam alinhadas a uma corrente, movimento ou estética, mas certamente se destinavam ao povo timorense, endossavam e legitimavam a causa de libertação nacional. Quando vislumbrado sob a natureza de um rizoma, claramente o conjunto de produções se fez uma coleção factível de leitura pela análise das relações literárias.

A capacidade de aglutinação de escritores por Timor foi percebida em Ruy Cinatti, Xanana Gusmão e Luís Cardoso, chamados de escritores-nós por funcionarem como pontos multiplicadores de conexões. Pelo menos vinte escritores se interconectaram rizomaticamente aos três, fazendo dessa dinâmica de produtividade o flagrante da Rede Literária de Timor. Nela, o trânsito de literatas foi a ocorrência mais acionada, ao passo que a permanência-pertença foi gratamente evidenciada em Luís Cardoso, Joana Ruas e Teresa Amal.

Percebeu-se o subterfúgio da ativação de relações ainda mais íntimas na captação mais ampla da *Rede*, porque não estão necessariamente a cargo de combater o silenciamento e as injustiças contra Timor, mas já estão em um segundo turno de fala: reagruparam-se para

visibilizar a voz das mulheres timorenses em um contexto mais geral de opressão, assim o fez a tríade formada pelas escritoras Joana Ruas, Teresa Amal e Fátima Guterres.

A leitura rizomática é uma invenção passível de legibilidade para o caso das produções por Timor e que disponibiliza passaporte para muitos estudos se desdobrarem. Demonstra a potência de intermediações entre escritores de língua portuguesa, assim como a inserção de alguns destes no povoamento inventariado pelos roteiros já existentes (e que não foram capazes de orquestrar escritores e obras sob a órbita de Timor).

É importante considerar que haja lacunas na fotografia resultante das relações literárias apresentadas, justamente pela natureza fugidia de estar e de se ausentar no trânsito de escritores, cujo efeito é a reverberação comunicacional, que precisa ser acompanhada, fio a fio. Outras linhas ou capilaridades da Rede Literária de Timor estão virtualmente lá, mas não foram prestigiadas (como as obras por Timor em língua inglesa, em *bahasa* indonésio e nas línguas distritais) pela necessidade de um recorte correspondente ao (meu) domínio linguístico e cultural e ao programa a que se vincula esta pesquisa doutoral.

De toda maneira, a proposta arquitetada quis se afastar dos “nossos termos” para dar vazão a “outros termos” como possibilidade de reconhecimento do outro no âmbito da expressividade literária. Nas margens, o empenho é para co-existir, dentro desta lógica, defende-se a Rede Literária de Timor.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABDALA JUNIOR, Benjamin. **De Vãos e Ilhas: Literatura e Comunitarismos**. Cotia: Ateliê Editorial, 2003.

_____. **Literatura, história e política**. São Paulo: Ática, 1989.

_____. Timor, nos horizontes da língua portuguesa. In: GARMES, Hélder (org.). **Engenho e Arte: imprensa e literatura de língua portuguesa em Goa, Macau e Timor Leste**. São Paulo: Alameda, 2004.

ACÁCIO, Manuel. **Timor: os peregrinos da liberdade**. Lisboa: Oficina do Livro, 2003.

AGUALUSA, José Eduardo. **Na rota das especiarias**. Alfragide: Dom Quixote, 2008.

_____. **Milagrário Pessoal**. Rio de Janeiro: Língua Geral, 2010.

AGUIAR E SILVA, V. M.. **Teoria da literatura**. 3ª ed. Coimbra: Almedina, 1979.

ALBUQUERQUE, Davi Borges. **Língua e meio ambiente na literatura oral em língua Tetun, Timor Leste**. In: Language and Ecol. Disponível em: <http://www.ecoling.net/Lingua.pdf>.
Último acesso em: 20 set. 2016.

ALKATIRI, Mari. **Timor Leste: o caminho do desenvolvimento – os primeiros anos de governação**. Lisboa: Lidel, 2005.

ALMEIDA, António. **O oriente de expressão portuguesa**. Lisboa: Fundação Oriente, 1994.

ALMEIDA, Filomena. **Falintil: origem e evolução**. [S.I.]: Representação da Fretilin na Austrália, junho de 1997.

ALMEIDA, Nuno Carlos Henriques de. **Língua Portuguesa em Timor-Leste: Ensino e Cidadania**. 2008. 148f. Dissertação (Mestrado em Língua e Cultura Portuguesa, Área de Especialização em Metodologia do Ensino de Português Língua Estrangeira / Língua Segunda). Universidade de Lisboa, Lisboa, 2008.

AMADO, Janaína. **O Grande Mentiroso: tradição, veracidade e imaginação em história oral**. In: História. São Paulo, Fundação para o desenvolvimento da UNESP, 1995.

AMAL, Teresa. **Timor Leste: Crónica da Observação da Coragem**. Coimbra: Quarteto, 2002.

_____. **Sete Mulheres de Timor**. Coimbra: Acção para Justiça e Paz, 2006.

ANDRADE, Madalena. **A missão de Remexio: Um caso de transição das religiões tradicionais para o cristianismo no contexto das missões católicas de Timor**. 2012, 167f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Religião) – Universidade Católica Portuguesa, Faculdade de Teologia. Lisboa, 2012.

ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner. **O Anjo de Timor**. Lisboa: Edição Cenateca, 2003.

ANGELINI, Paulo Ricardo Kralik. **Capelas imperfeitas: o narrador na construção da literatura portuguesa do século XXI**. 2008. 184 f. Tese (Doutorado em Letras) - Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Letras (UFGRS), Porto Alegre, 2008.

ANTUNES, Ricardo Jorge F. **A Língua Portuguesa em Timor Lorosa'e – Contributos para a sua Didáctica**, Dissertação. (Mestrado em Didáctica das Línguas) Universidade de Aveiro, Aveiro, 2003.

_____. **O que é Timor? Língua e Literatura em Timor Leste**. In: SEIXAS, Paulo Castro e ENGELENHOVER, Aone: (orgs.). *Diversidade Cultural na Construção da Nação e do Estado em Timor-Leste*. Porto: Edições Universidade Fernando Pessoa, 2006. p.132-150.

_____. **O Timor que eu vi**. [2002] Artigo disponível em: <http://www.poliguarda.ipg.pt/entrevista.asp?entrevista=6>. Último acesso em: 14 jan. 2014.

APARÍCIO, João. **À Janela de Timor**. Lisboa: Editora Caminho, 1999.

_____. **Uma Casa e Duas Vacas**. Lisboa: Editora Caminho, 2000.

ARAÚJO, Abílio de. **Timor Leste: os Loricos Voltaram a Cantar: Das Guerras Independentistas à Revolução do Povo Maubere**. Lisboa: Editora do autor, 1977.

ARAÚJO, Rui. **Regresso a Timor**: Série Grandes Reportagens. Lisboa, Estúdio C, 1985.

AUGÉ, Marc. *Não-lugares: introdução a uma antropologia da sobremodernidade*. Lisboa: Letra Livre, 2012.

BARBOSA, Damares. **Roteiro da Literatura de Timor-Leste em Língua Portuguesa**. 2013. 155f. Tese (Doutorado em Letras). Programa de Pós-Graduação em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa, Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, 2013.

BASTAZIN, V. **Mito e poética na literatura contemporânea**. São Paulo: Ateliê, 2007.

BELO, Dom Carlos Filipe Ximenes. **Os antigos reinos de Timor-Leste**. Porto: Porto Editora, 2013.

_____. *Tempos de paz para o Timor-Leste*. In: SANT'ANNA, Sílvio L (org.). **Timor Leste: este país quer ser livre**. São Paulo: Martin Claret, 1997, p. 189-207.

_____. **A Guerra de Manufahi**. Baucau: Tipografia diocesana Baucau, 2012.

BERND, Zilá. **Literatura e identidade nacional**. 3ed. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2011.

_____.; GRANDIS, Rita (orgs.). **Imprevisíveis Américas**: questões de hibridação cultural nas Américas. Porto Alegre: Sagra-DCLuzzatto; ABECON, 1995.

_____; UTÉZA, Francis (orgs.). **Produção literária e identidades culturais: estudos de literatura comparada**. Porto Alegre: Sagra-Luzzatto, 1997.

BESSA, Carlos. **A libertação de Timor na II Guerra Mundial: a importância dos Açores para os interesses dos Estados Unidos**. Lisboa: Academia Portuguesa da História, 1992.

BHABHA, Homi. **O local da cultura**. Belo Horizonte, Editora UFMG, 1998.

BITTENCOURT, Gilda; MASINA, Lea; SCHMIDT, Rita Terezinha (Org.). **Geografias literárias e culturais: espaços/temporalidades**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

BOHLEBER, Werner. **Recordação, trauma e memória coletiva: a luta pela recordação em psicanálise**. Revista Brasileira de Psicanálise. Volume 41, n. 1, 154-175, 2007.

BOSI, Alfredo. **A dialética da colonização**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

BOTOSO, Altamir. **Romance histórico e pós-modernidade**. Revista de Letras da Universidade Católica de Brasília. p.37-47 - Volume 3 – Número 1/2 – Ano III – dez/2010 Disponível em: <http://portalrevistas.ucb.br/index.php/RL/article/viewFile/1902/1307>. Último acesso em: 20 nov. 2017.

BRANDÃO, Carlos Cal. **Funo: Guerra em Timor**. Lisboa: Perspectivas & Realidades, 1987.

BRETES, Maria da Graça. **Entre invasores: 1941-1945**. Lisboa: Livros Horizonte, 1989.

BRISOLARA, Valéria. **Narrativa, memória e identidade: o boom das narrativas de cunho memorial**. [2012]. Cenários, Porto Alegre, v.1, n.5, 1º semestre 2012. Disponível em: <http://seer.uniritter.edu.br/index.php/cenarios/article/viewFile/573/370>. Último acesso em: 20 nov. 2016.

BRITO, Francisco Garcia de. **Tata-Mai-Lau: Timor contra o Japão – 1941-1945**. Lisboa: Iniciativas Editoriais, 1972.

BRITO, Regina Helena Pires de. **O Português de Timor-Leste**. [2009]. Disponível em: <http://www.simelp2009.uevora.pt/pdf/mes/03.pdf>. Último acesso em: 15 de set. 2017.

_____. **Sensibilizando para a comunicação em língua portuguesa – uma experiência em Timor-Leste**. São Paulo: Mackpesquisa, 2006.

BURKE, Peter. **Hibridismo cultural**. São Leopoldo: Editora da Unisinos, 2003.

CALLE-GRUBER, Mireille. **L'effet-fiction**. Paris: A.-G. Nizet, 1989.

CAMÕES, Luiz Vaz de. **Os Lusíadas**. São Paulo: Ática, 2009.

CAMPAGNOLO, Henri e LAMEIRAS-CAMPAGNOLO, Maria Olímpia. Timor Oriental: Estado mosaico de língua e de sociedades a um tempo distintas, diferenciadas e inter-traduzíveis. In: SEIXAS, Paulo Castro e ENGELHOFEN, Aone (orgs.). **Diversidade**

cultural na construção da nação e do Estado em Timor-Leste. Porto: Universidade Fernando Pessoa, 2006, p.94-97.

CAMPOS, Correia de. **Mitos e Cantos do Timor Português.** Lisboa: Agência Geral do Ultramar, 1967.

CANCLINI, Néstor Garcia. **Culturas Híbridas.** São Paulo: Edusp, 1996.

CANDIDO, Antonio. **Formação da Literatura Brasileira: momentos decisivos.** Belo Horizonte: Itatiaia, 1993.

_____. **Literatura e sociedade.** Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

CAREY, Peter. **Indonésia e Timor:** dois caminhos para a independência. [2001]. Artigo publicado em *Análise Social*, vol. XXXVI (161), 2001, 1061-1077. Disponível em: <http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1218730475K8mNO9ta4Gs10YW9.pdf>. Último acesso em: 12 dez. 2017.

CARDOSO, António Monteiro. **Timor na 2ª Guerra Mundial:** O diário do tenente Pires. Lisboa: Centro de Estudos de História Contemporânea Portuguesa, 2007.

CARDOSO, Luís. **Crónica de uma travessia – A época do ai-dik-funam.** Lisboa: Dom Quixote, 1997.

_____. **Olhos de Coruja, Olhos de Gato Bravo.** Lisboa: Dom Quixote, 2001.

_____. **A última morte do Coronel Santiago.** Lisboa: Dom Quixote, 2003.

_____. **Requiem Para um Navegador Solitário.** Lisboa: Dom Quixote, 2007.

_____. **O ano em que Pigafetta completou a circum-navegação.** Porto: Sextante, 2013.

_____. A questão linguística timorense. In: **Timor: um país para o Século XXI.** Instituto de Altos Estudos Militares. Universidade Católica Portuguesa. Centro de Estudos dos Povos e Culturas de Expansão Portuguesa, Lisboa: Atena, 2000.

_____. **Timor, os Mitos e as (des)Mistificações.** [2001a]. In: Timor Lorosa'e. Camões, Revista de Letras e Culturas Lusófonas, 14, 2001. p.172-174.

_____. **A Questão Linguística Timorense.** In: Timor: um País para o Séc.XXI, Instituto de Altos Estudos Militares. Universidade Católica Portuguesa. Centro de Estudos dos Povos e Culturas de Expansão Portuguesa: Lisboa, 2001b. p. 179-181

_____. **O crocodilo fez-se ilha.** [2002]. Revista Visão, 16 de maio de 2002. Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/202302324/o-Crocodilo-Fez-se-Ilha-Luis-Cardoso>. Último acesso em: 20 fev. 2014.

_____. **O petromax.** In: VERSÕES: Mundo (d)escrito em português. Lisboa: Autonomia 27, 2003.

_____. **Entrevista concedida à RFI**, durante o Encontro de Escritores Ibéricos, ocorrido em Paris, publicado em 18 nov. 2005. Disponível em: http://www.rfi.fr/actubr/articles/071/emission_186.asp Último acesso em: 12 nov. 2013.

_____. **"Um dia os timorenses vão descobrir-me"**, diz escritor Luís Cardoso. [2008]. Entrevista concedida a Pedro Rosa Mendes, publicada em 21 de abril de 2008. Disponível em: http://www.jn.pt/PaginaInicial/Interior.aspx?content_id=934460. Último acesso em: 11 nov. 2013.

_____. Entrevista publicada em 5 de maio de 2010. Disponível em: <http://wp.clicrbs.com.br/segundocaderno/2010/05/05/o-escritor-do-timor/?topo=13,1,1,,13>. Último acesso em: 27 out de 2013.

_____. **As travessias de um navegador nada solitário**. [2010a] Entrevista concedida à Sissa Frota, publicada em 25 de maio de 2010a. Disponível em: <http://www.cronopios.com.br/site/artigos.asp?id=4576>, Último acesso em: 30 out. 2015.

_____. **Luís Cardoso e o desafio de escrever a partir de uma voz feminina**. [2010b]. Entrevista concedida a Ramon Mello, publicada em 29 de maio de 2010. Disponível em: <http://www.saraivaconteudo.com.br/Entrevistas/Post/10304>. Último acesso em: 28 out. 2015.

_____. **Ficção e realidade em corda bamba sobre o oceano**. [2011]. Entrevista concedida a Zema Ribeiro, publicada em 14 de setembro de 2011. Disponível em: <http://zemaribeiro.wordpress.com/2011/09/14/ficcao-e-realidade-em-corda-bamba-sobre-o-oceano>. Último acesso em: 15 out. 2015.

_____. Eu caçador de mim. In: SILVA, Kelly Cristiane e SOUSA, Lúcio (orgs.). **Ita Mau Alin...O livro do irmão mais novo**: afinidades antropológicas em torno de Timor-Leste. Lisboa: Colibri, 2011a, p.279-281.

_____. **A circum navegação de um país**. Entrevista concedida a Luís Ricardo Duarte. Jornal de Letras, Lisboa, 23 de janeiro a 5 de fevereiro de 2013a, p.7.

CARLOS, Rui Palma. **Eu fui ao fim de Portugal**. Queluz: Literal, s/d.

CARMO, António Duarte de Almeida e Carmo. **Religiões de Timor**. [2002]. Artigo publicado em JANUS 2002. Disponível em: http://janusonline.pt/2002/2002_2_5.html. Último acesso em: 20 de jan. 2017.

CARRASCALÃO, Maria Ângela. **Os anos da resistência**. Queluz : Mensagem, 2002.

_____. **Timor-Leste, a língua e a identidade nacional**. [2006]. Disponível em: <http://timor2006.blogspot.com.br/2006/11/timor-leste-lingua-e-identidade.html>. Último acesso em: 20 nov. 2017.

CARVALHAL, Tânia. **Literatura Comparada**. 2 ed., São Paulo: Ática, 1992

CARVALHO, Albert (coord.). **Nacionalismo e regionalismo nas literaturas lusófonas**. Lisboa: Cosmos, 1997.

CARVALHO, Hernâni. **Timor: o insuportável ruído das lágrimas**. Porto: Campo das Letras, 2000.

CARVALHO, José dos Santos. **Vida e morte em Timor durante a Segunda Guerra Mundial**. Lisboa: Livraria Portugal, 1972.

CASCAIS, António M. Cravo. **Timor, quem é o culpado?** Braga, Editora Braga, 1977.

CASSIRER, Ernst. **Linguagem e mito**. São Paulo: Perspectiva, 1985.

CASTELO, Cláudia. **O modo português de estar no mundo**. Lisboa: Edições Afrontamentos, 2011.

CASTELLS, Manuel. **A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura**. Vol III. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

CASTRO, Alberto Osório. **A ilha verde e vermelha de Timor**. Lisboa: Cotovia, 1996.

CÉSAIRE, Aimé. **Discurso sobre o colonialismo**. Porto: Cadernos para o Diálogo, 1971.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Ática, 1994.

CHRYSTELLO, Chrys. **Timor-Leste, o dossier secreto 1973-1975**. [2000] Volume 1. Versão ebook disponível em: <http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/timorp.pdf> . Último acesso em: 14 jan. 2014.

CINATTI, Ruy; ALMEIDA, Leopoldo de; MENDES, Souza. **Arquitectura Timorense**. Lisboa: Instituto de Investigação Científica Tropical, 1987.

_____. **Uma sequência timorense**. Braga: Pax, 1970.

_____; GALHANO, Fernando. **Motivos artísticos timorenses e a sua integração**. Lisboa: Instituto de Investigação Científica Tropical : Museu de Etnologia, 1987.

_____. **Um cancioneiro para Timor**. Lisboa: Presença, 1996.

COELHO, Manuel da Silva. **Timor-Leste, o outro rosto da história**. 2011. 163f. Dissertação (Mestrado em História Contemporânea). Lisboa, Universidade de Lisboa, 2011.

COSTA, Borja da. **Seleção de poemas Klibur Dadolin**. COSTA, Luís (org. e trad.). Porto: Lidel, 2009.

COSTA, Luís. O tétum como fator de identidade nacional leste-timorense. In: SEIXAS, Paulo Castro e ENGELHOFEN, Aone (orgs). **Diversidade cultural na construção da nação e do Estado em Timor-Leste**. Porto: Universidade Fernando Pessoa, 2006, p.98-107.

COSTA, Letícia Villela Lima da. **Metáforas do mosaico: Timor Leste em Ruy Cinatti e Luís Cardoso**. 170f. (tese). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2012.

COUTINHO, Afrânio. **Notas de Teoria Literária**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1978.

COX, Steve; CAREY, Peter. **Timor-Leste: gerações de resistência**. Lisboa: Caminho, 1995.

CROS, Edmond. O sujeito colonial: a irrepresentabilidade do outro. In: BERND, Zilá e UTEZA, Francis (org.). **Produção literária e identidades culturais**. Porto Alegre: Sagra Luzzato, 1997, p.11-28.

CUNHA, Eneida Leal. Literatura comparada e Estudos culturais. In: BITTENCOURT, Gilda Neves; MARQUES, Reinaldo (orgs). **Limiares críticos: ensaios sobre literatura comparada**. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

CUNHA, João Solano C. da. **A Questão do Timor-Leste: origens e evolução**. Brasília: FUNAG/IRBr, 2001.

CUNHA, Luis Miguel Pinheiro da. **O impacto da cultura e sociedade europeias em Timor-Leste: aspectos de transculturação e de globalização**. 2012. 144f. Dissertação (Mestrado em Cultura e Sociedade na Europa). Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa (UL), Lisboa, 2012.

CUNHA, Teresa. **Vozes das mulheres de Timor-Leste**. Porto: Afrontamento, 2006.

_____. **Para além de um Índico de desesperos e revoltas. Uma análise feminista pós-colonial das estratégias de autoridade de poder das mulheres de Moçambique e Timor-Leste**. 2010. 362f. Tese (Doutorado). Centro de Ciências Sociais, Universidade de Coimbra (UC), Coimbra, 2010.

DALCASTAGNÈ, Regina. **O espaço da dor**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1996.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs, capitalismo e esquizofrenia**. Vol.1. Rio de Janeiro: Editora 34, 2000.

_____. **Kafta: por uma literatura menor**. Rio de Janeiro: Editora Imago, 1977.

DEUS, Ana Sofia; OSÓRIO, Paulo. **A língua portuguesa como factor de união cultural em Timor-Leste: um estudo de caso**. Ermesinde: Ecopy, 2010.

DIAS, Mário Simões. **Timor e as suas lendas**. Coimbra: edição do autor, 2000.

DUARTE, Teófilo. **Ocupação e colonização branca de Timor**. Porto: Educação Nacional, 1944.

DUMEZIL, G. **Do mito ao romance**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

DURAND, Frédéric. **História de Timor-Leste da Pré-História à Actualidade**. Lisboa: Lidel, 2009.

_____. **Timor-Leste país no cruzamento da Ásia e do Pacífico** - um atlas histórico-geográfico. Lisboa-Porto: Lidel, 2004.

DURAND, Gilbert. **A imaginação simbólica**. São Paulo: Cultrix, 1988.

_____. **As estruturas antropológicas do imaginário**. São Paulo: Martins Fontes, 1997. ELIADE, Mircea. **Mito do eterno retorno**. São Paulo: Mercuryo, 1992.

EAGLETON, Terry. **Teoria da literatura uma introdução**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

ESPERANÇA, João Paulo T. Camões – Notícias. [2003]. Boletim do Centro de Língua Portuguesa/ Instituto Camões, nº1, Nov. 2003. Disponível em http://webzoom.freewebs.com/jpesperanca/lusofonia_Parte_3.pdf. Último acesso em: 03 nov. 2009.

_____. **Rituais e Figuras do Fantástico em Timor**. [1996]. Ópio – Revista da Associação de Estudantes de Faculdades de Letras da Universidade de Lisboa, Lisboa, 1996, p.22-23 – Disponível em: <http://webzoom.freewebs.com/jpesperanca/Timor%20e%20cultura/fantastico.pdf>. Último acesso em: 12 nov. 2013.

_____. **A palavra da discórdia Ou Porque não chamo mauberes aos timorenses**, in: Estudos de Linguística Timorense, Aveiro, SUL – Associação de Cooperação para o Desenvolvimento, 2001, p. 149-156.

_____. **Um brevíssimo olhar sobre a Literatura de Timor**. [2004]. Várzea de Letras, Suplemento Literário mensal do jornal Semanário, Junho e Julho de 2004. Disponível em: http://www.teiportuguesa.com/cacaaotesourolusofonia/literatura_timorense_artigo.pdf. Último acesso em: 20 nov. 2013.

FAULHABE, Gabriel Moreira. **A autobiografia e o romance autobiográfico**. [2012]. Anais do Simpósio Internacional Literatura, Crítica, Cultura VI, realizado entre 28 e 31 de maio de 2012. PPG Letras: Estudos Literários, na Faculdade de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora. Texto disponível em: <http://www.ufjf.br/darandina/files/2012/09/A-autobiografia-e-romance-autobiogr%C3%A1fico.pdf>. Último acesso em: 20 set. 2013.

FEIJÓ, Rui Graça. Tradução e falsos amigos – questões em torno do uso de “nomes portugueses” em Timor-Leste. In: SILVA, Kelly Cristiane e SOUSA, Lúcio (orgs.). **Ita Mau Alin...O livro do irmão mais novo**: afinidades antropológicas em torno de Timor-Leste. Lisboa: Colibri, 2011, p.87-112.

FELGAS, Hélio. **Timor Português**. Lisboa: Agência Geral do Ultramar, 1956.

FELGUEIRAS, João. **As raízes da resistência**. In: Timor Lorosa'e. Camões, Revista de Letras e Culturas Lusófonas, 14, 2001, p.42-50.

_____; MARTINS, José. **Nossas memórias de vida em Timor**. Braga: editorial A. O. 2006.

FERGUNSON, Niall. **Civilização ocidente x oriente**. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2017.

FIGUEIREDO, Fernando. Timor (1910-1955). In: Oliveira Marques, H. D. (coord.) **História dos Portugueses no Extremo Oriente**. v. 4. Lisboa: Fundação Oriente, 2003, p. 519-584.

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

_____. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.

FREITAS, Sônia Maria de. **História oral: possibilidades e procedimentos**. 2 ed. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **O que significa elaborar o passado? Lembrar escrever esquecer**. São Paulo: Editora 34, 2006.

GEERTS, Clifford. **O Saber Local**. Petrópolis: Vozes, 1997.

_____. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. São Paulo: Ed. UNESP, 1991.

GOMES, Adelino. **As flores nascem na prisão – Timor-Leste: ano um**. Lisboa: Editorial Notícias, 2004.

GOMES, José Júlio Pereira. **O referendo de 30 de agosto de 1999 em Timor Leste: o preço da liberdade**. Lisboa: Gradiva, 2001.

GUATTARI, Félix. **As três ecologias**. Campinas: Papirus Editora, 2006.

_____. **Caosmose um novo paradigma estético**. São Paulo: Editora 34, 2006.

GUEDES, Armando Marques e MENDES, Nuno Canas (eds). **Ensaio sobre nacionalismos em Timor-Leste**. Lisboa: Ministérios dos Negócios Estrangeiros, 2005.

_____. A complexidade estrutural do nacionalismo timorense. In: GUEDES, Armando Marques e MENDES, Nuno Canas (eds). **Ensaio sobre nacionalismos em Timor-Leste**. Lisboa: Ministérios dos Negócios Estrangeiros, 2005.

GUIMARÃES ROCHA, E. P. O que é mito? São Paulo: Brasiliense, 1985. GUNN, Geoffrey C. **Timor Loro Sae: 500 anos**. Macau: Livros do Oriente, 1999.

_____. Língua e Cultura na construção da Identidade de Timor-Leste. **Timor Lorosa'e. Camões**, Revista de Letras e Culturas Lusófonas, 14, p. 14-25, 2001.

GUSMÃO, Xanana. **Timor Leste: Um povo, uma pátria**. Lisboa: Colibri, 1994.

_____. **A construção da nação timorense: desafios e oportunidades.** Lisboa: Lidel, 2004.

_____. **Mar Meu.** Porto: Granito, 1998.

_____. Aos timorenses na diáspora. In: RAMOS-HORTA, José. **Timor-Leste - Amanhã em Díli.** Lisboa: Publicações D. Quixote, 1994, p.327-332.

GUTERRES, Apolinário. A igreja católica em Timor e o seu papel no processo do drama timorense. In: **Timor: um país para o Século XXI.** Instituto de Altos Estudos Militares. Universidade Católica Portuguesa. Centro de Estudos dos Povos e Culturas de Expansão Portuguesa, Lisboa: Atena, 2000.

GUTERRES, Justino. **Para uma antropologia do sistema de alianças em Timor: O caso Makasae.** [2001]. Lusotopie, p. 173-181, 2001. Disponível em: <http://www.lusotopie.sciencespobordeaux.fr/gutierrez.pdf>. Último acesso em: 25 dez. 2014.

GUTERRES, Fátima. **Timor – Paraíso Violentado.** Lisboa: Lidel, 2014.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade.** Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

_____. **Da diáspora: identidades e mediações culturais.** Belo Horizonte: UFMG, 2003.

HORTA, Isabel. **Era uma vez um crocodilo.** Coral: Revista da Fundação Austronésia Borja da Costa. Lisboa, nº1, p. 36-37, 1991.

HULL, Geoffrey. **Timor-Leste: Identidade, Língua e Política Educacional.** Lisboa: Ministério dos Negócios Estrangeiros/Instituto Camões, 2001.

_____. **Língua, Identidade e Resistência. Timor Lorosa'e.** Camões, Revista de Letras e Culturas Lusófonas, 14, 2001, p. 80-92.

HUTCHEON, Linda. **Poética do pós-modernismo: teoria, história, ficção.** Rio de Janeiro: Imago, 1991.

IANNI, Octavio. **A sociedade global.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. INSO, Jaime do. **A última revolta em Timor - 1912.** Lisboa, edições Dinossauro, 2004.

LETRIA, José Jorge. **Timor, tirania por um povo em pranto.** Lisboa: Hugin, 1999.

KOHEN, Arnold S. **Por Timor: Biografia de D. Ximenes Belo.** Lisboa: Editorial Notícias, 1999.

KRISTEVA, Julia. **Introdução à semanálise.** São Paulo: Perspectiva. 1974.

LE GOFF, Jacques. **História e memória.** Campinas: Ed. da UNICAMP, 1990.

_____. Definir autobiografia. In: MOURÃO, Paula (org). **Autobiografia. Autorepresentação.** Lisboa: Edições Colibri, 2003.

LOBATO, Manuel. **“O caminho do rei de Portugal não é este”**: As Fronteiras de Timor-Leste, dos processos identitários à demarcação territorial. Colóquio Timor: Missões Científicas e Antropologia Colonial. [2011] AHU, 24-25 de maio de 2011. Disponível em: http://www.historyanthropologytimor.org/wp-content/uploads/2012/01/13-LOBATO_M.pdf. Último acesso em: 20 nov. 2017.

LUKÁCS, György. **O romance histórico**. São Paulo: Boitempo, 2011.

LUZ, Ana Cristina. **Timor: histórias com lendas**. Aveiro: Universidade, 2002.

MACIEL, José Luís. **Uma viagem ao Timor profundo**. São Miguel: Publiçor, 2010.

MALATIAN, Teresa. Cartas. LUCA, T. R.; PINSKY, C. B. (Org.) **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2009.

MAGALHÃES, Ana Maria; ALÇADA, Isabel. **Uma aventura na Ilha de Timor**. Alfragide: Caminho, 2011.

MAGALHÃES, António de Barbedo. **Timor na encruzilhada da transição indonésia**. Lisboa: Gradiva, 1999.

MARCOS, Artur. **Timor Timorense com suas línguas, literaturas, lusofonia**. Lisboa: Colibri, 1995.

MARINHO, Maria de Fátima. **A Construção da Memória**. [1999]. Disponível em: http://www.lusitanistasail.net/revista/docs/veredas_separata_07.pdf. Último acesso em: 6 nov. 2011.

MARTINEZ, Paulo. **Os nacionalismos**. São Paulo: Scipione, 1996.

MARTINS, Amândio. **Sangue do crocodilo** : a saga do Timor-Leste. Lisboa : Prefácio, 2008.

MASCARENHAS, José Mario e SILVA, João Elvido Matilde. **Timor Loro Sa'e: o nascimento de uma nação**. Lisboa: Biblioteca Museu República e Resistência, 2000.

MATTOSO, José. **História de Portugal**, vol. 1, Lisboa: Editorial Estampa, 1997.

_____. **A dignidade: Konis Santana e a Resistência Timorense**. 2ª ed. Lisboa: Temas e Debates, 2012.

_____. **Sobre a identidade de Timor Loro Sa'e**. In: Timor Lorosa'e. Camões, Revista de Letras e Culturas Lusófonas, 14, 2001, p. 6-13.

_____. Arquivo, memória e identidade em Timor-Leste. In: SILVA, Kelly Cristiane e SOUSA, Lúcio (orgs.). **Ita Mau Alin...O livro do irmão mais novo**: afinidades antropológicas em torno de Timor-Leste. Lisboa: Colibri, 2011, p.183-190.

MAU LEAR. **Certezas e dúvidas**. [2011] Texto publicado em 16 de abril de 2011. Disponível em: <http://timorlendasprosasenarrativas.blogspot.com.br/2011/04/certezas-e-duvidas.html>. Último acesso em: 20 nov. 2017.

MENDES, Nuno Canas. **A multidimensionalidade da construção identitária em Timor-Leste**. Lisboa: Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, 2005.

MENDES, Pedro Rosa. **Peregrinação de Enmanuel Jhesus**. Alfradige: D. Quixote, 2010.

MENDONÇA, Carlos Vinícius Costa e ALVES, Gabriela Santos. **Os desafios Teóricos da História e da Literatura**. Revista História Hoje, São Paulo, n. 2, 2003. Disponível em: www.anpuh.org/arquivo/download?ID_ARQUIVO=27. Último acesso em: 18 jan. 2014

MENEZES, Francisco Xavier de. **Encontro de Culturas em Timor-Leste**. Díli: Crocodilo Azul, 2006.

METELLO, Alferes António. **Timor: Fantasma do oriente**. Lisboa: Lusitania, 1923.

MIELIETINSKY, E. M. **A poética do mito**. Rio de Janeiro: Forense, 1987.

MONFARDINI, Adriana. **O Mito e a Literatura**. [2005] Terra roxa e outras terras - Revista de Estudos Literários, Volume 5, 2005. Disponível em <http://www.uel.br/ch/pos/letras/terraroxa> Último acesso em: 12 nov. 2011.

MOUTINHO, Isabel. **Despontar do romance em Timor-Leste**. Artigo s/d. Disponível em: http://www.tlstudies.org/pdfs/TLSA%20Conf%202011/chp_11.pdf. Último acesso em: 20 jan. 2014.

NINER, Sara. **Xanana: uma biografia política**. Lisboa: Dom Quixote, 2011.

NUNES, Benedito. Narrativa histórica e narrativa ficcional. In: RIEDEL, Dirce C. **Narrativa: ficção e história**. Rio de Janeiro: Imago, 1988, p. 9-35. Oriente, 2003, p. 519-584.

ORLANDI, Eni. **Terra à Vista**. Campinas: Editora da Unicamp, 1990.

PALOS, José A. Morais. **Timor 45 dias**. Évora: Edição do autor, 2005.

PASCOAL, Ezequiel Enes. **A Alma de Timor vista na sua fantasia**. Braga: Barbosa & Xavier, 1967.

PAULINO, Vicente. **Céu, terra e riqueza na mitologia timorense**, in Revista VERITAS, nº 1 (pp.103-129), Díli: PPGP-UNTL, 2013.

_____. **Identidade e Representação: uma abordagem da cultura timorense**. 2009. 59f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação), Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa (UNL), Lisboa, 2009.

PEDRINHA, Ponte. **Andanças de um timorense**. Lisboa: Colibri, 1998.

PÉLISSIER, René. **Timor em Guerra – a conquista portuguesa 1847-1913**. Lisboa: Estampa, 2007.

PENNA, João Camillo. Este corpo, esta dor, esta fome: notas sobre o testemunho hispano-americano. In: SELIGMANN-SILVA, Márcio (Org.). **História, memória, literatura**. Campinas: Ed. Unicamp, 2003, p. 297-350.

PEREIRA, Claudiany da Costa. **O retorno das caravelas: narrativas moçambicanas e timorenses à luz dos estudos culturais**. 2006. 186f. Tese (Doutorado em Letras), Programa de Pós-Graduação em Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Porto Alegre, 2006.

PERINE, Marcelo. **Mito e Filosofia**. [2002]. Philótophos, 2002. Disponível em: www.iphi.com.br/pdfs/Mito%20e%20filosofia.pdf . Último acesso em: 12 nov. 2011.

PIGAFETTA, Antonio. **A primeira viagem ao redor do mundo**. Porto Alegre: L&PM, 1997.

PIRES, Mario Lemos. **Descolonização de Timor: missão impossível?** Lisboa: Dom Quixote, 1991.

QUEIROZ, Maria José. **Os males da ausência ou a literatura do exílio**. Rio de Janeiro: Topbooks, 1998.

RAMOS, Ana Margarida. **Ao encontro de “O ano em que Pigafetta completou a circum-navegação”**: História e estórias. Texto proferido durante a apresentação do livro " O ano em que Pigafetta completou a circum-navegação", na cidade do Porto, em 16 de novembro de 2013.

_____. **Literatura Timorense: Da emergente à legitimação**. In: Caderno Seminal Digital – Vol. 18 – N. 18 – (Jul / Dez – 2012). Rio de Janeiro: Dialogarts, 2012.

RAMOS-HORTA, José. **Timor-Leste - Amanhã em Díli**. Lisboa: Publicações D. Quixote, 1994.

REIS, Carlos. **O Conhecimento da Literatura. Introdução aos Estudos Literários**. Coimbra: Almedina, 1997.

REMÉDIOS, Maria Luiza Ritzel (Org.). **Literatura confessional: autobiografia e ficcionalidade**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1997.

REVEZ, José. **Timor Leste: rostos de esperança**. Lisboa: Gradiva, 2001. RIBEIRO, Grácio. **Caiúru**. Lisboa: Coleção Amanhã, 1939.

ROCHA, Clara. **Máscaras de Narciso. Estudos sobre a autobiografia em Portugal**. Coimbra: Almedina, 1992.

ROCHA, Everardo. **O que é mito**. São Paulo: Editora Brasiliense, 2006. ROCHA, Nuno. **Timor: o fim do império**. Lisboa: Orbipress, 1999.

RODRIGUES, Helenice e KOHLER, Heliane (orgs.). **Travessias e cruzamentos culturais: a mobilidade em questão**. Rio de Janeiro: FGV, 2008.

ROSÁRIO, Joaquim Lourenço. **A narrativa de expressão oral**. Lisboa: ICLP, 1989.

RUAS, Joana. **A batalha das lágrimas**. Lisboa: Calendário das Letras, 2008.

_____. **Crônicas timorenses**. Lisboa: Calendário das Letras, 2009.

_____. **Aproximar o distante - Do estranho ao familiar, duas experiências: Timor Leste e Guiné-Bissau**. Revista de Cultura. Nº 7. Fortaleza, São Paulo - janeiro/fevereiro de 2009.

_____. **Os Timorenses 1973-1980**. Porto: Sextante Editora, 2015.

SÁ, Artur Basílio de. **Textos em Teto da Literatura Oral Timorense**. Lisboa: Junta de Investigação do Ultramar/Centro de Estudos Políticos e Sociais, 1961.

SAHLINS, Marshall. **Ilhas de história**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.

SAÏD, Edward. **Cultura e Imperialismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

_____. **Orientalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

_____. **Reflexões sobre o exílio e outros ensaios**. São Paulo; Companhia das Letras, 2003.

SALGUEIRO, Wilberth (Org.). **O testemunho na literatura: representações de genocídios, ditaduras e outras violências**. Vitória: EDUFES, 2011.

SALGUEIRO, Wilberth. **Da testemunha ao testemunho: três casos de cárceres no Brasil** (Graciliano Ramos, Alex Polari, André du Rap). Conferência apresentada no XIII Congresso de Estudos Literários – Que autor sou eu?, no dia 5 de outubro de 2011.

SANT'ANNA, Sílvio L (org.). **Timor Leste: este país quer ser livre**. São Paulo: Martin Claret, 1997.

SANTOS, Boaventura de Souza (Org.). **A globalização e as ciências sociais**. São Paulo: Cortez, 2002.

_____. **A Crítica a Razão Indolente: contra o desperdício da experiência**. São Paulo: Cortez, 2002.

_____; MENESES, M. P. (orgs.). **Epistemologias do Sul**. Coimbra: Almedina, 2009.

SANTOS, Milton. **Por uma epistemologia existencial**. In. LEMOS, Amália Inés Geraiges de; SILVEIRA, María Laura; ARROYO Mónica (Orgs.). **Questões territoriais na América Latina**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2006.

SANTOS, José Rodrigues dos. **A ilha das Trevas**. Lisboa: Gradiva, 2007.

SANTOS, Eduardo dos. **Hanoik: mitos e lendas de Timor**. Lisboa: Serviço de Publicações da Mocidade Portuguesa, 1967.

SANTOS, Eloína Prati dos. **Intertextualidade pós-moderna: uma estratégia de descolonização**. In: FIGUEIREDO, Eurídice; SANTOS, Eloína Prati dos (org). Recortes Transculturais. Niterói: Eduff, 1997.

SARLO, Beatriz. **Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva**. Trad. de Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte, Ed. UFMG, 2007.

SEIXAS, Paulo Castro. **Firaku e Kaladi: etnicidades prevalentes nas imaginações unitárias em Timor-Leste**. [2005]. In: Trabalhos de Antropologia e Etnologia, vol. 45(1-2), 2005. Disponível em: <http://homepage.ufp.pt/pseixas/artigospub/timor/Firaku%20e%20Kaladi%20%20Lorosae%20e%20Loromonu.pdf>. Último acesso em: 25 dez. 2016.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. O testemunho: entre a ficção e o real. In: SELIGMANN-SILVA, Márcio (Org.). **História, memória, literatura**. Campinas: Ed. Unicamp, 2003.

_____. Apresentação da questão – a literatura do trauma. In: SELIGMANN-SILVA, Márcio (Org.). **História, memória, literatura**. Campinas: Ed. Unicamp, 2003.

SILVA, Mário Augusto Medeiros da. **Os escritores da guerrilha urbana - literatura de testemunho, ambivalência e transição política (1977-1984)**. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2008.

SILVA, Kelly Cristiane. **Paradoxos da Autodeterminação: a construção do Estado-nação e práticas da ONU em Timor-Leste**. 2004. Tese (Doutorado em Antropologia). Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília (UNB), Brasília, 2004.

_____. e SIMIÃO, Daniel Schroeter (orgs.). **Timor-Leste por detrás do palco**. Belo Horizonte: UFMG, 2007.

_____. e SOUSA, Lúcio (orgs.). **Ita Mau Alin...O livro do irmão mais novo: afinidades antropológicas em torno de Timor-Leste**. Lisboa: Colibri, 2011.

SILVA, Lurdes Marques. **Descolonização, nacionalismo e separatismo no Sudeste Asiático**: Os casos da Indonésia e Timor Leste. Lusotopie, 2000, p.359-374. Disponível em: <http://www.lusotopie.sciencespobordeaux.fr/marques.pdf>. Último acesso em: 20 nov. 2016.

SILVA, Mauricio. **Identidade cultural e consciência nacionalista nas literaturas africanas lusófonas: uma introdução**. [2010]. Artigo publicado em: IPOTESI, Juiz de Fora, v. 14, n. 2, p. 39-43, jul./dez. 2010. Disponível em: <http://www.ufjf.br/revistaipotesi/files/2011/04/03-Identidade-cultural-e-consci%C3%Aancia-nacionalista-nas-literaturas-africanas-lus%C3%B3fonas.pdf>. Último acesso em: 21 out. 2016.

SILVA, Nilce da. **A História da Educação no Timor-Leste e os seus distintos Processos de Alfabetização** - História da Educação, ASPHE/FaE/UFPel, Pelotas, n. 18, p. 145-158, set. 2005. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/index.php/asphe/article/view/29131/pdf>. Último acesso em: 15 set. 2013.

SILVA, Fabio Mario da. **Meu mar- Timor: representações de um sofrimento histórico nas poéticas de Fernando Sylvan e Xanana Gusmão**. In: Revista Athena. Mato Grosso: UNEMAT, 2012.

SIMIÃO, Daniel Schroeter. **As donas da palavra: gênero, justiça e a invenção da violência doméstica em Timor-Leste**. 2005. Tese (Doutorado em Antropologia). Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília (UNB), Brasília, 2005.

SYLVAN, Fernando. O crocodilo que se fez Timor. In: SANT'ANNA, Sílvio L (org.). **Timor Leste: este país quer ser livre**. São Paulo: Martin Claret, 1997, p.230-234.

SOARES, Silvério dos Santos. **Timor-Leste: representações dos estudantes timorenses, no Brasil, sobre o Estado do Timor-Leste**. 2009. 134f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2009.

SOUZA, Ivo Carneiro de. **Timor dos Malai Sira?** In: GUEDES, Armando Marques e MENDES, Nuno Canas (eds). Ensaio sobre nacionalismos em Timor-Leste. Lisboa: Ministérios dos Negócios Estrangeiros, 2005.

SOUZA, Domingos de. **Colibere: um herói timorense...** Lisboa: Lidel, 2007.

SOUZA, Lynn Mario T. Menezes de. Hibridismo e Tradução Cultural em Bhabha. In: ABDALA JÚNIOR, Benjamin (org) **Margens da Cultura: mestiçagem, hibridismo & outras culturas**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2004, p. 113-133.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

STEINER, George. **Extraterritorial: a literatura e a revolução da linguagem**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

STILWELL, Peter. **A condição humana em Ruy Cinatti**. Lisboa: Editorial Presença, 1995.

_____. O Timor de Ruy Cinatti. In: In: **Timor Lorosa'e**. Camões, Revista de Letras e Culturas Lusófonas, 14, 2001, p.152-157.

SYLVAN, Fernando. **A voz fagueira de Oan Timor**. Lisboa: Colibri, 1993. TAYLOR, John G., Timor, a história oculta. Lisboa: Bertrand, 1993.

TEIXEIRA, Felipe Charbel. **Narrativa e fronteira cultural**. Revista Fênix, Abril/maio/junho de 2005, vol. 2, ano II, nº 2. Disponível em: www.revistafenix.pro.br, Último acesso em: 14 jan. 2014.

TEIXEIRA, Leônia Cavalcante. **Escrita autobiográfica e construção subjetiva**. Psicol. USP vol.14 no.1 São Paulo, 2003. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-65642003000100004>. Último acesso em: 14 abril 2013.

THIESSE, Anne-Marie. **A criação das identidades nacionais**. Lisboa: Actividades Editoriais, 2000.

THOMAZ, Luís Filipe. **Pais dos Belos: achegas para a compreensão de Timor-Leste**. Lisboa: Fundação Oriente, 2008.

_____. **A língua portuguesa em Timor**. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1985.

_____. **A nona do Pinto Brás (novela timorense)**. Baucau: Tipografia Diocesana Baucau, 2010.

TODOROV, Todorov. **Introdução à literatura fantástica**. São Paulo: Perspectiva, 1975.

TRAUBE, Elizabeth. **Cosmology and Social Life: Ritual Exchange among the Mambai of East Timor**. Chicago: The University of Chicago Press, 1986.

_____. Mambai Rituals of Black and White. In: **The Flow of Life: Essays on Eastern Indonesia**, (editado por James J. Fox.). Cambridge: Harvard University Press, 1980. p. 290- 314.

_____. **Testemunho sobre Timor-Leste perante o Quarto Comitê das Nações Unidas**. Documentos Resistência Timorense - pasta 06449.006. Disponível em: http://www.amrtimor.org/docs/visualizador.php?bd=Documentos&nome_da_pasta=06449.006&numero_da_pagina=3. Último acesso em: 1 jan. 2014.

TUPINANBÁ, Antoinio Caubi Ribeiro. **Timor do Sol nascente e outras crônicas**. Fortaleza: OMNI, 2004.

TURCHI, Maria Zaira. **Literatura e antropologia do imaginário**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2003.

TURNER, Victor. **O processo ritual: Estrutura e anti-estrutura**. Petrópolis: Vozes, 1974.

TUTIKIAN, Jane. **Entre o nevoeiro, a imobilidade e o sonho: a reconstrução da identidade**. In: II Seminário Internacional em Letras; Memória e escrita, 2002, Santa Maria.

_____. **Velhas identidades novas: o pós-colonialismo e a emergência das nações de língua portuguesa**. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2006.

UNIÃO DOS ESCRITORES ANGOLANOS. **Enterrem o meu coração no Ramelau**. Luanda: Coletânea, 1982.

VANSINA, J. **A tradição oral e sua metodologia**. In: KI-ZERBO, J. (coord.) História Geral da África. I. Metodologia e pré-história da África. São Paulo: Ática, 1982.

VEIGA, Paulo. **O crocodilo timorense**. São Paulo: RG, 1999.

VELADAS, António. **Timor: terra sentida**. Mem Martins: Europa-América, 2001.

VELHO, Álvaro. **Relação da Viagem de Vasco da Gama**. Lisboa: Editorial Escritor, 1990.

VENTURA, Maria Helena. **Mar mulher – Taci Feto**. Lisboa: Editorial Escritor, 1999.

VENTURA, Susana Ramos. **A intertextualidade como base construtiva em** O ano da morte de Ricardo Reis. Nau Literária. Revista eletrônica de crítica e teoria de literaturas. PPG-LET-UFRGS – Porto Alegre – Vol. 02 N. 02 – jul/dez 2006. Disponível em: <http://www.seer.ufrgs.br/index.php/NauLiteraria/article/viewFile/4877/2792>. Último acesso em: 10 nov. 2012.

VERNANT, Jean-Pierre. **Mito e sociedade na Grécia antiga**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1992.

VICH, Victor et ZAVALA, Virgínia. **Oralidad y poder: herramientas metodológicas**. Buenos Aires, Grupo Editorial Norma, 2004.

VIEGAS, Patrícia. **Cinco de Balibó: crime de guerra investigado**. Jornal Diário de Notícias, Lisboa, 10 de setembro de 2009. Disponível em: http://www.dn.pt/inicio/globo/interior.aspx?content_id=1357417&seccao=%C1sia. Último acesso em: 20 set. 2013.

VIÑAR, Maren; VIÑAR, Marcelo. **Exílio e tortura**. Trad. de Wladimir Barreto Lisboa. São Paulo: Escuta, 1992.

VIZENTINI, Paulo Fagundes. Unidade e Pluralidade do Mundo Pós-Moderno: Notas sobre a Transição do Novo Século. In: MASINA, Lea; BITENCOURT, Gilda; SCHMIDT, Rita Terezinha (org.). **Geografias Literárias e Culturais: espaços/temporalidades**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

_____. **História do século XX**. 2 ed. Porto Alegre: Novo Século, 2000.

_____. **A vida após a morte: breve história mundial do presente pós-“fim da história”**. Artigo publicado na revista Tempo, Rio de Janeiro, nº 16, p. 35-57. Disponível em: http://www.historia.uff.br/tempo/artigos_dossie/artg16-3.pdf. Último acesso em: 14 jan. 2013.

WALDMAN, Maurício. **Brava gente de Timor: a saga do povo Maubere**. São Paulo: Xamã, 1997.

WEBER, Max. **Sociologia. A "objetividade" do conhecimento nas Ciências Sociais**. São Paulo: Atlas, 1979.

WHITE, Hayden. **Meta-história: imaginação histórica do século XIX**. São Paulo: EDUSP, 1992.

_____. O texto histórico como artefato literário. In: WHITE, Hayden. **Trópicos do discurso. Ensaios sobre a crítica da cultura**. São Paulo: Edusp, 1994, p. 97-116.

ZUMTHOR, Paul. **A letra e a voz: A Literatura medieval**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

ANEXO A – PREFÁCIO E EPÍGRAFES

Prefácio¹²²**O Verso e o Universo**

O tempo é um ser que engravida antes mesmo de nascer.
Em cada momento, a História sonha o seu próprio futuro.
Na ante-margem do próximo milénio, o nosso tempo parece
ter deixado de sonhar. Todos os dias, o nosso tempo
desperta sem recordar ter sonhado. Depois de tanta
desilusão, o nosso século ainda sonha? Ou sonha apenas
com o seu próprio fim?

Mas não é apenas o milénio que ronda a esquina de sua
extinção. O mundo, ou uma certa ideia de mundo, não
parece igualmente sobreviver. Com desespero de naufrago,
o tempo se abraça ao mundo e, no remoinho, ambos se
afundam. Como se o mundo se quebrasse em mundos e não
houvesse ponte nem viagem para nos acolher entre pedaços.
Tudo, súbito, fica longe, cansaço, crepúsculo.

Neste estilhaçar de tempo e mundo que lugar tem a
solidariedade? Quanto nos pode ocupar a injustiça que
ocorre distante quando, tantas vezes, fechamos os olhos
àquela que tem lugar no nosso próprio lugar?

Timor parece erguer-se como prova contrária a estes sinais
de decadência. Afinal, há alma para sustentar causas,
erguer a voz, recusar alheamentos. Uma nação distante se
reassume como nosso lar, nossa razão, nosso empenho. O
sangue que se perde em Timor escorre de nossas próprias.
As vidas que se perdem em Timor pesam sobre a
nossa própria vida.

Foi assim que li os versos de Xanana. E naquelas páginas
Confirmei: pela mão de um homem se escreve Timor. Um
livro de Xanana Gusmão não poderia ser apenas um livro.
Por via da sua letra se supõe falar todo um povo, uma
nação. Há ali não apenas poesia mas uma epopeia de um
povo, um heroísmo que queremos partilhar, uma utopia que
queremos que seja nossa.

Para roubar o país a este patriota era preciso roubá-lo do
país. Afastá-lo para dentro, para um dentro tão interior que
nenhum fora ali chegasse. Mas a condição de Timor já não
tem dentro nem fora. Adentrado numa cela, Xanana nunca
esteve tanto no mundo. Seu nome nunca ganhou tais ecos,
seu rosto magro nunca se desdobrou em tanto retrato. O
silêncio pede a comparência da solidão. Mas os timorenses

¹²² GUSMÃO, Xanana. Mar Meu: Poemas e Pinturas. Lisboa: Granito, Editores e Livreiros/ Instituto Camões, 2003.

não estão sós: por isso não estão condenados ao silêncio.

Neste território que se define por via de uma lenda – o Crocodilo que caminhou sobre raios de luz – existem hoje monstros que se movem por raios de escuro. Mais que o negar de uma nação, um genocídio está acontecendo. Não basta a nossa indignação. Falta sermos sujeitos, sem esmorecimento. Falta negarmos, a tempo inteiro, a indiferença que pode ser sugerida por este sentimento de fim de milénio. A poesia pode ser uma destas subtis armas que poderá remover montanhas. E fazer com que o crocodilo devore os monstros e, vitorioso, se volte a espriar em luminosas montanhas.

Quando perguntaram a Ho Chi Minh como ele, em regime prisional, tinha produzida tão belos poemas de amor, ele respondeu: «Desvalorizei as paredes». A estratégia da poesia será, afinal, sempre essa: a de desqualificar o escuro.

Numa cela isolada, um homem escreve versos. Reclama o simples direito de ter um mar, um céu que, sem temor, embale Timor. Neste simples acto, este homem de aparência frágil, desqualificou as paredes, convocou a nossa solidariedade e negou o isolamento.

De novo, o tempo se abraça ao mundo e, no espreitar do novo milénio, nos chega um mais pretexto para acreditarmos que a justiça se faz por construção nossa. Afinal, um simples verso refaz o Universo.

Mia Couto
Maputo, 21.06.1998

Hatadan

Dolin fuan no Mundu tomak

Tenpu, buat ida be ko'us molok sei dauk moris. Iha momentu ida, Istoria mehi kona ba nia futuru rasik. Molok tama iha tinan rihun oin, ita nia tenpu lusik tiha mehi. Loro-loron, ita nia tenpu hadér hodi la hanoin mehi tenik. Lia tiha tenpu ho suas Barak, ita nia tinan atus sei hakarak mehi? E mehi de'it ho nia rohan rasik?

Maibé la os tinan rihun de'it, maka buka hale'u nia rohan sikun. Mundu, e lia ruma kona ba mundu, la hatene mos katak buka moris. Ho laran susar un'u ema mout, tenpu hafalak mundo, iha dadorus laran, sira na'in rua mout hamutuk. Hansean mundo nakfera ba sahin ki'ik, la iha karik janbata, la iha viajen atu bele simu ita iha sahin laran. Buat hotu, teki-tekir, hela dook, kole, rai sabutar.

Iha tenpu no munu be nakrahan, neon hodi tulun malu, hela los iha sa fatin? Oin s aita bele tau neon ba inustisa be mosit dook uainhira, dala barak, ita taka matan ba lia ne'e be mosu dadaun iha ita rasik nia fatin?

Timor buka hamrik un'u sasin ida ne'e be la tuir hahalok la buras hodi mosu. Tebes duni, iha klamar atu tahan hahalok, foti lian, la tuir heuuai malu. Nasaun ida be dook mosu mai nu'u ita uma laran, un'u ita neon, un'u ita haka'as-án. Ran ne'e be lakon iha Timor suli hosi ita ual rosik. Moris ne'e be lakon iha Timor monu todan b aita nia moris rasik.

Nune'e maka ha'u haré Xanana nia dadolin. Iha surat tahan hirak ne'e ba ha'u tau lialós: hosi ema ida nia liman hakerek Timor. Xanana nia livru ida la os livru let ida. Hosi nia letra buka ko'alia kona ba povu ida, nasaun ida. Iha ne'e ba, la iha de'it dadolin, maibé iha mos povu ida nia hahalok, asua'in ida be ita hakarak hola, hanoin laek ida ne'e ita hakarak ba ida rosik.

Atu na'ok pais ba rai na'in ne'e, sei na'ok nia hosi rai ne'e. Dudu nia ba dook, ba laran iha los laran kindun atu ema hosi li'ur la bele to'o. Maibé Timor nia hahalok la iha ona laran ka li'ur. Iha uma dadur ida laran, Xanana hela besik liu mundu. Nia naran ema la husik temin, nia oin kuis mosu iha retratu barak. Rai lian laek buka la'o hamutuk h orai fuik. Maibé timoroan sira la hela mesak: tan ne'e, sira la helan susar atu nonók ba nafatin.

Iha rai ne'e be mosu nu'udár ai knanoik ida haktuir – lafaek ida be la'o tuir roman nabilan – ohin iha duruhui Barak ne'e be book-án iha makukun laran. La os la husik de'il moris nasaun ida, maibé ema oho dadaun malu. La bele halerik de'il ho ita laran. Sei hatudu katak ita ema, hodi la hamate neon. Sei buka hatudu, iha tenpu tomak laran, katak ita hakarak fo laran ba malu hodi la tuir hahalok aat ne'e be mosu iha tinan atus be atu mate dadaun. Dadolin bele mosu nu'udár kro'al ida ne'e be fu'a foho tomak. Nune'e, lafaek folan duruhui sira, manán tiha, bele hakfosek Iha fogo naroman.

Uainhira sira husu ba Ho Chi Minh oin sa nia, iha dodur laran, nia bele haskerek dadolin kmo'ok kona ba domin, nia hatán: “Ba ha'u didin la tohan”. Dadolin sei tuir nafatin estarteji ne'e: halakon nakukun.

Iha tabi dadur mesak, ema ida hakerek dadolin. Fo hatene katak nia iha diretu atu iha tasi ida, lalehan ida be, la ho ta'ok, dadoko rai Timor. Ho hahalok ne'e, ema ida ho ilas kuis, la hafolin didin, bolu ita atu tulun malu, hodi halokon moris mesak.

Ohin fali, tenpu hako'ak mundu, molok tau matan ba tinan Rihun foun, lia ida to'o ita atu fia katak justiça sei iha tan Ita hari. Tan ne'e, dolin fuan mesak ida halo hikas Mundu Tomak.

Mia Couto

Maputo, 21.06.1998

COMO SE FOSSE UM PREFÁCIO¹²³

Conheci o Luís Cardoso em 1981, no Instituto Superior de Agronomia. Naquela época, Timor era ainda um lugar fora do mundo. Os guerrilheiros de Xanana Gusmão morriam nas montanhas sem que ninguém soubesse – pior, sem que ninguém quisesse saber. Por vezes o Luís falava do futuro como se houvesse futuro. Aquela espécie de esperança, feroz, determinada, à revelia do mais elementar bom senso, parecia-me uma doença. Ele, porém, defendia as suas posições com a paciente gentileza de um príncipe oriental, de tal maneira que a mim só me restava fingir que acreditava nele. Passaram-se quinze anos e o tempo deu razão àquela esperança. Hoje, Timor ocupa as atenções de uma parte importante do mundo, e quando um guerrilheiro dispara a sua arma, nas montanhas, o eco desse tiro ouve-se em Jacarta.

Ao publicar esta *Crônica de Uma Travessia*, Luís Cardoso acrescenta uma dimensão inédita ao combate pela liberdade de Timor: o resgate da memória. Num país quase sem literatura escrita, o passado é um tempo em combustão, frágil, volátil, que rapidamente se consome. *Crônica de Uma Travessia* combina o registro memorialista – este é um texto assumidamente autobiográfico, portanto realista – com o exuberante universo mágico em que se move o povo timorense e que em grande medida alimenta a sua literatura oral.

Pode parecer, assim, a quem leia este livro, que Luís Cardoso se filia na escola latino-americana do chamado realismo mágico. Não viria mal ao mundo se assim fosse. No entanto, mais do que ser contaminado por propostas literárias oriundas de outros espaços, o que aconteceu a este primeiro romancista de Timor foi nunca se ter deixado vencer pelo exílio. Luís Cardoso escreve como escreve, porque continua habitado por Timor, e no seu país são indefinidas as fronteiras entre mito e realidade, estória e História, entre o sonho e a vida.

Para mim foi ainda surpreendente, ao ler este livro, descobrir um território culturalmente integrador, construído a partir de inúmeros encontros (imigrantes cabo-verdianos, degredados políticos portugueses, ex-militares guineenses e angolanos), espaço refundador da lusofonia, e um suave elogio à mestiçagem.

Timor precisava deste livro.

José Eduardo Agualusa

¹²³ CARDOSO, Luís. *Crônica de uma travessia*. Lisboa: Clube de Editores, 1997.

PREFÁCIO¹²⁴

O meu primeiro e inesquecível encontro com Timor foi aquela madrugada em que, ao chegarmos a casa, depois de não sei que festa, mal abrimos a porta da rua fomos surpreendidos por um barulho de vozes e risos. E quando abrimos a porta da sala vimos os nossos filhos – ainda pequenos – e a queridíssima criada Luísa sentados no chão em roda de Ruy Cinatti que tinha ao seu lado uma mala de onde iam saindo tecidos, objetos de madeira, caixas, pequenas estatuetas, punhais – naquela noite de Lisboa cheirava de repente a sândalo.

Mal nos vimos abraçaram-nos com alvoroçada alegria. Depois também nós nos sentámos no chão. O Ruy contou que o avião dele tinha chegado já de noite e ele não tinha tido coragem para ir àquela hora em busca de hotel. Por isso tinha mandado o táxi seguir para a Travessa das Mónicas e disse que ia dormir ali mesmo no chão porque gostava muito do nosso chão. Mas logo a Luísa partiu a fazer-lhe uma cama e eu fui deitar as crianças tontas de sono e de excitação. E de novo me sentei no chão a ouvir as histórias de Timor, das árvores, das flores, dos búfalos, das fontes, das danças e dos ritos. E enquanto falava o Ruy ia mostrando as suas fotografias de maravilhosa mulher de longos gestos e dos homens vestidos com os belíssimos trajes tradicionais – às vezes levantava-se e fazia alguns passos de danças timorenses.

E assim ficamos até dez horas.

Ao longo dos dias, ao longo dos anos muitas vezes falei de Timor com Ruy. Contou-me como celebrara o pacto de sangue com o chefe de uma família timorense e como por isso, segundo a lei ancestral de Timor, se tornara ele próprio um timorense. De facto para ele Timor era uma verdadeira pátria. Para mim era uma ilha encantada no extremo do Extremo Oriente, mas para ele uma pátria – o lugar onde encontrara o seu destino.

E um dia trouxe-me um poema que ele traduzira da língua tétum – Chamava-se *Consagração de Uma Casa Timorense*.

Era um poema sobre a construção de uma casa – uma construção simultaneamente prática e sagrada pois é a casa onde moram os deuses e os homens, a alam dos antepassados mortos e os seus descendentes vivos. Um lugar onde convivem o presente e o passado e o eterno.

Uma construção que é, nos materiais e formas usadas, uma técnica meticulosa e rigorosa e, simultaneamente, é gesto por gesto, uma poética. E onde o espírito religioso estabelece o carácter sacral do cotidiano.

Uma construção que é simultaneamente trabalho, canto, dança, grito, consagração e festa. Uma ordenação que é poema vivido rente ao quotidiano.

Não posso deixar de citar uma passagem do texto que diz:

«Estão atando, amarrando andam,
Atar pontas só, amarrar as bases só,
Atando bem, peso igual,
Já andam levando, já sustentando aos ombros,
Levantando aos gritos, levando em algazarra,
Dançando o Hou-ló, dançando o Herlele,
Entoando o Sala-makat e o Da 'a-down.
Cão estrangeiro, galo estrangeiro,
Cantar o Kolo-kolo e o Bui-muk.
Levar até vir, trazer até vir,

¹²⁴ APARÍCIO, João. À Janela de Timor. Lisboa: Editorial Caminho, 1999.

*Terra Plana, terra nivelada,
Em terra umbigo, em terra centro.
Em terra meio, em terra eixo,
Junto pedra angular, em pátio sagrado
Colocar plano, pôr ordenadamente,
O cimeiro seguir um ao outro, o pé um ao outro.»*

Um poema que me revelava uma cultura viva, elaborada, refinada, estreitamente uma com o viver quotidiano, um mundo maravilhosamente equilibrado entre o encantamento espiritual e o respeito perante a sacralidade da imanência. Um daqueles raríssimos poemas exemplares que só nascem de uma longa tradição viva e vivida dos mitos, dos símbolos e dos valores de um mundo ancestral.

Mas em 1975, sem declaração de guerra, a Indonésia invade Timor com violência brutal.

Por isso hoje *À Janela de Timor* é um livro de revolta moral e intelectual perante o esmagamento de um povo.

De poema em poema o texto de João Aparício é a crónica dolorosa de um país ocupado e oprimido onde à sombra da bandeira vermelha e branca da Indonésia se sucedem os abusos, os insultos, os ultrajes e onde os direitos humanos são espezinhados e escarnecidos: mulheres violadas, homens na prisão, destruições, massacres.

No poema «O casamento e o rei das ilhas» ressoam ainda o horror do homem castrado e da noiva violada.

*« Hoje os gritos da noiva, violada e humilhada,
Uma voz, forte e clamorosa,
Sem ninguém que oiça e chore...
As dores estranhas do noivo, castrado e torturado,
A sensação, insuportável e divina,
Sem ninguém que as alivie e importe...
.....
Ai dos noivos! Já não são sinónimo
Do grande substantivo Amor...
Tal estão, escarnecidos, sem honra,
Sem futura e sem nobre lar...»*

Mas tão dura como a violência trona-se a arrogância dos invasores que, seguros da própria impunidade, dizem olhando os Timorenses:

*« Afinal não passam de um povo indefeso,
Pacífico e sem voz.»*

Mas pior do que tudo foi, durante muitos anos, a surdez das grandes potências democráticas defensoras dos direitos humanos. De facto, as grandes potências eram como os três macacos da fábula:

« Nada tinham sabido, nada tinham ouvido, nada tinham visto.»

Até que no dia 12 de Novembro de 1991, em Dili, o jornalista inglês Max Stahl, com grande audácia e risco, conseguiu filmar o massacre de Santa Cruz.

A partir deste dia o muro do silêncio foi vencido. a evidência irrefutável das imagens impôs-se nos ecrãs das televisões. As sociedades democráticas foram obrigadas a ver

«claramente visto» o crime da Indonésia em Timor. Um crime do «pecado organizado da nossa época».

Mas mesmo nos piores momentos de encobrimento o povo de Timor nunca perdeu a sua extraordinária coragem, a sua fé e a sua esperança.

A fabulosa guerrilha esgueirando-se entre os labirintos e as brumas da montanhas continuou a enfrentar, quase desarmada, o invasor.

E sempre os Timorenses tiveram a seu lado, amparando o seu sofrimento e defendendo os seus direitos humanos, os admiráveis Bispos e Padres de Timor.

E sempre os Timorenses teve consigo a força viva da sua cultura. Os altos cimos das montanhas sagradas erguidos com imagens tutelares de proteção estão continuamente presentes no olhar e na lembrança de cada resistente. As tradições dos antepassados são tradições de coragem e de honra. E uma coragem de homem que sabem esperar e confiar.

Por isso a guerrilha combate e a população, apesar das ameaças sempre presentes, ocorre pacificamente às manifestações de protesto arriscando a prisão, a tortura e arriscando a própria vida.

E simultaneamente o povo timorense permanece aberto e atento à poética do país onde habita, desde a solenidade das altas montanhas, vivas de mitos, até à beleza da flor, das gentes humanas, das tradições antigas.

É por isso que em *À Janela de Timor* o poeta, apesar da violência e da dor, nunca perde a linha musical do encantamento.

Assim, no livro de João Aparício estão igualmente presentes, lado a lado, os poemas da revolta e os poemas líricos.

O carácter especial deste livro vem-lhe dessas múltiplas vozes que ora falam uma por uma, ora se conjugam, ora se confundem. Aqui ora encontramos a identificação do autor com toda a dor de um povo ora encontramos a sua identificação com a beleza das imagens, com alto cimo de Ramelau, Cabláqui e Matebian, a sua identificação com toda a poética do mundo ancestral.

Por isso o poema «Esta Noite» diz:

*«O meu ser
É uma caverna de memórias,
É o sal, o sol, a flauta melodiosa,
A água, a terra, a roseira mansa e brava,
E o pulsar doloroso
Das vidas do meu Povo.»*

E em «Meu nome»:

*«Timor,
Imagem viva de Ramelau, Cabláqui e Matebian,
Três almas gêmeas, imortais e sagradas,
Loucas no combate e mansas no amor.*

*Timor, ó Terra minha,
És o meu nome!»*

Em muitos destes poemas encontramos, inseridas no texto português, frases em tétum que são pequenas esculturas de coral nítidas e brilhantes.

Em diversas notas o poeta dá-nos a sua tradução e maravilha-nos a riqueza do sentido onde aflora a ritualidade de uma poética antiga. O Poema «Xanana-Mito» diz:

*«És a úma lúlik dos velhos,
O lia na'in dos sábios...»*

*[«És a casa sagrada dos velhos,
O senhor da palavra dos sábios...»]*

E assim João Aparício religa o herói contemporâneo à sapiência dos antepassados.

E assim este pequeno país quase desarmado, quase isolado pelo muro de silêncio dos poderosos, resiste e testemunha a sua confiança no próprio direito.

Pois moralmente Timor é uma fortaleza.

Lisboa, 6 de Fevereiro de 1998.

Sophia de Mello Breyner Andersen

Acerca das “Andanças de um Timorense”¹²⁵

Quando a palavra é o sujeito, a alegria do milagre vivido, a tonalidade encantatória da partitura, a unificação do sonho e do deslumbramento, eis o subtil encontro com o esplendor e com as preciosas vozes subtis do ouro, do diamante, da safira e da pérola. Quando e aonde? No colo da vida. Nas «Andanças de um Timorense».

E se a palavra em si própria se forma vida e beleza, então contorna o seio intenso do tempo e exprime o que é e o que não é mas nos transcende: a magnífica voz do futuro.

Eis, em termos simples, o valor do significado, do Amor e da voz da liberdade. Eis na existência do ser humano a consagração do testemunho, o apogeu da fala, do pensamento que se exprime na afirmação ou se reduz na negação. Mas também aborda o fremente, o ser ou não ser, o drama, o conflito e a angústia a partir da própria consagração do Ser ou do não Ser e da certeza na vitória do futuro.

Do Amor ou da negação da vida; da Angústia ou do desencanto; da euforia ou do Não ser.

Eis o dilema. Eis a sùmula que surge no Sim ou no Não. Vive no encanto do Sim ou no desespero do Não. Mas existe. E o Homem sabe disso. E torna-se o momento do Encanto ou do Desespero. Extremos da vida, acompanhando-se ou chocando-se. Sempre fremente. Sempre urgente. Sempre uma opção. Opção da vida. Opção do Homem. “Andanças de um Timorense” é tudo isso mais o gesto que decide; a voz que faz o som; o som que se torna a Palavra, o silogismo, a Alusão, a Temporalidade e o momento do Vazio ou da Vitória; da Mensagem, da Beleza e da pura respiração. E sem curvar a cabeça ao inspirar o encanto da redescoberta, a negação da letargia e o redescobrir da luz do sol no belo espaço de uma Pátria, a Pátria autêntica.

E a apoteose desde o quando? Desde 1974 transformando-se em ânsia da Pátria. A Pátria autêntica e única. Porquê? Porque renasceu dos beijos e dos abraços. Porque reviveu da força do querer; do desejo de renascer para glorificar-se em Amor. Porque se fez de sangue, sacrifícios e luta.

É só isto o que faz tão belo “Andanças de um Timorense” congeminando por um poeta de nome Ponte Pedrinha, e um homem assinando. “Ponte Pedrinha” nos inspirou. Mágoa imensa tão belo canto ter produzido este frágil texto. Frágil e modesto mas incontestavelmente sincero. Sincero e Grande!

Obrigado, irmão Ponte Pedrinha.

Muito obrigado pelo belíssimo poema “Andanças de um Timorense”.

José Craverinha

¹²⁵ PEDRINHA, Ponte. Andanças de um Timorense. Lisboa: Colibri, 1998.

A Missão da Literatura¹²⁶

«Tudo ressoa logo que o equilíbrio das coisas se rompe. As árvores e as eras são silenciosas: o vento agita-as e ressoam. A água está calada: o ar move-a, e ressoa; as ondas mugem: algo as oprime; a cascata precipita-se: falta-lhe o chão; o lago ferve: algo o aquece. Mudos são os metais e as pedras, mas se algo os golpeia, ressoam. Assim é o homem. Se fala, é porque não pode conter-se, se se emociona, canta; se sofre, lamenta-se. tudo o que sai da sua boca em forma de som deve-se a uma ruptura do seu equilíbrio.

A música serve-nos para soltar os sentimentos comprimidos no nosso foro íntimo. Escolhemos materiais que mais facilmente ressoam e com eles fabricamos instrumentos sonoros: metal e pedra, bambu e seda, cabaças e barro, pele e madeira. O céu não age de outro modo. Também ele escolhe aquele que mais facilmente ressoa: os pássaros na primavera; o trovão no estio; os insectos no outono; o vento no inverno. Uma atrás da outra, as quatro estações perseguem-se numa caçada que não tem fim. E o seu decorrer, não é também a prova de que o equilíbrio cósmico se rompeu?

O mesmo sucede com os homens; o mais perfeito dos sons humanos é a palavra; a literatura, por sua vez, é a forma mais perfeita da palavra. E assim, quando o equilíbrio se rompe, o céu escolhe entre os homens aqueles que são mais sensíveis e fá-los ressoar».

HanyYu, um dos clássicos do período T'na (séc. VIII e IX).

Tradução de Octavio Paz.

¹²⁶ RUAS, Joana. A Batalha das Lágrimas. Lisboa: Calendário das Letras, 2008.

ANEXO B - POESIAS

MINHA MÃE MORREU¹²⁷

Antes de ir prà tropa minha mãe era viva.
Agora já não vive minha mãe.
Minha mãe morreu.

Quando acabou a tropa, cheguei à varanda da minha casa
E meu coração bateu.
Ouvi vozes dentro de casa
Mas nenhuma delas é de minha mãe.

Corro, chamo. Ninguém responde.
Chamo minha mãe. Ninguém responde.
Minha mãe morreu.

Minha mão me deu de mamar.
Minha mãe me embalou.
Agora já sou grande,
Mas estou sozinho.
Minha mãe morreu.

O filho chora ao colo da mãe,
- Porque chorava assim?
- O menino chora de fome.

Minha mãe antes de engolir
Via sempre se o menino chorava,
Porque quando o menino chorava,
Tirava da sua boca.
Dava a mim.
Agora minha mãe morreu.
Ninguém antes de engolir,
Vê se eu choro.

Agora, eu já sou grande,
Mas estou sozinho.
Minha mãe, minha mãe! Ninguém responde.
Minha mãe morreu.

JOÃO BARRETO
Timorense mambae

¹²⁷ CINATI, Ruy. *Um Cancioneiro para Timor*. Lisboa: Editorial Presença, 1996.

Menino de Timor

Menino de Timor, estás triste?!...
Porquê?!... - Não tenho com quem brincar!
Nem com quem!... Já nem posso falar!...
A minha terra correste e viste

Como só há silêncio e tristeza!...
Assim é na palhota que habito!...
Já nem oiço na várzea um só grito!...
Só vejo gente que chora e reza!...

Que saudade que eu tenho dos jogos
Da minha aldeia agora deserta!...
O "La'o-rai", que a memória esperta,
Co'as pocinhas na terra, ora a fogos

Mil sujeita!... O "caleic" também era
jogo apreciado da pequenada:
"Hana-caleic"!... de tudo já nada
Resta agora!... Só vejo essa fera

De garra adunca e dente aguçado
A rugir tão feroz que ninguém
A doma já, pois tem medo não tem
De um povo à fome, sem horta ou gado!...

Menino, sou, mas sofro já tanto
Como se fora de muita idade
E co'a alma cheia só de maldade!...
Jesus, tem pena deste meu pranto!...

Jesus Menino, dá-me alegria!...
Se na minha terra é tudo tão triste!...
Gente tão má neste mundo existe?!...
Coisas assim tão ruins?!... Não sabia!...

Jorge Barros Duarte

ANEXO C – FOTOS DE TIMOR-LESTE, ACERVO PESSOAL

Timorenses jogando bola na praia de Díli

Crianças brincando na praia de Díli

Vendedores de vegetais no caminho para Becora

Aula de ginástica em um sábado, em Díli

Crianças fazendo ginástica

Crianças do *suco* circulando pela escola

Minha amiga timorense Ana em seu casamento

Data de honra do casamento de Ana

Eu, meus colegas brasileiros, Ana e o marido

Recém-chegados à festa de casamento de Ana

Noivos e convidados do lado de fora do salão

No salão, mesa com a comida para os convidados

As aves caramelizadas e romanticamente dispostas

Padrinho e vocalista da banda que animou a festa de casamento

Mesa de comida desfeita e espaço livre para dançar ao som da banda

Eu e meus colegas brasileiros na biblioteca da Embaixada do Brasil

Escola de Becora onde atuei

Professores da escola de Becora, colegas de docência

Alunos timorenses do curso de Língua Portuguesa e Cultura Brasileira

Alunos na entrada do restaurante de comida brasileira

Alunos no restaurante, provando o tempero da comida brasileira

Anúncio do início do ritual da colheita do milho

As oferendas para os antepassados reunidas em frente da *uma lulik*

Os mais velhos do *suco* reunidos junto da oferenda e em frente a *uma lulik*

O milho sendo preparado para o ritual da colheita

As panelas para a preparação da comida do ritual

A limpeza do porco para o ritual da colheita

Feira do Livro de Díli

Sr. João, colega timorense de co-docência, presenteado com livros da Feira

Sr. Calisto, colega timorense de co-docência, presenteado com livros da Feira

Xanana Gusmão presente na Cerimônia de encerramento dos cursos

O embaixador do Brasil, a colega Rosilene, eu e o Xanana Gusmão

Conversa sobre as variantes da Língua Portuguesa

Outra cerimônia de encerramento, homenagem dos alunos às professoras

Entrega de certificados de proficiência aos professores timorenses

Eu e Sra.Augusta, aluna e funcionária do INFORDEPE

Outra cerimônia de encerramento de curso - Turma de alunos (funcionários do INFORDEPE)

Eu e os *tais* que meus alunos me presentearam

Eu e meu aluno Francisco

Visita a um orfanato de Díli no dia das crianças em Timor – sou a palhaça

Animação no orfanato

Brincadeiras com as crianças

Registro da *katupa* sendo feita pelos voluntários do orfanato

A arte do trançado da *katupa*